



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**CRIANÇAS NO CATIVEIRO, AGÊNCIA INFANTIL AFRICANA NOS
OITOCENTOS, NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

CÁTIA REGINA GUTMAN

Sob a Orientação do Professor

Dr. Renato Nogueira

Tese submetida, como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutora em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ

Fevereiro de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G983c Gutman, Cátia Regina, 1966-
Crianças no Cativo, Agência Infantil Africana
nos Oitocentos, na cidade do Rio de Janeiro / Cátia
Regina Gutman. - Seropédica; Nova Iguaçu, 2023.
230 f.: il.

Orientador: Renato Nogueira dos Santos Junior.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2023.

1. Crianças africanas. 2. Escravidão. 3. Século
XIX. 4. Afrocentricidade. 5. Infâncias. I. Junior,
Renato Nogueira dos Santos, 1970-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES



TERMO Nº 1450 / 2023 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.083541/2023-92

Seropédica-RJ, 18 de dezembro de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

CATIA REGINA GUTMAN

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutora**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

TESE APROVADA EM 28/02/2023

Membros da banca:

RENATO NOGUEIRA DOS SANTOS JUNIOR. Dr. UFRRJ (Orientador/Presidente da Banca).

AMILCAR ARAUJO PEREIRA. Dr. UFRJ (Examinador Externo à Instituição).

CARLOS ALBERTO IVANIR DOS SANTOS. Dr. UFRJ (Examinador Externo à Instituição).

ELISABETE NASCIMENTO. Dra. (Examinadora Externa à Instituição).

LUÍS DA SILVA CAZUMBÁ. Dr. (Examinador Externo à Instituição).

(Assinado digitalmente em 19/12/2023 07:31)

RENATO NOGUEIRA DOS SANTOS JUNIOR
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matricula: 1306589

(Assinado digitalmente em 18/12/2023 20:56)

LUÍS DA SILVA CAZUMBÁ
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 973.105.147-34

(Assinado digitalmente em 22/12/2023 12:14)

CARLOS ALBERTO IVANIR DOS SANTOS
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 336.127.067-72

(Assinado digitalmente em 20/02/2024 02:52)

ELISABETE NASCIMENTO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 856.721.307-04

(Assinado digitalmente em 19/12/2023 11:37)

AMILCAR ARAUJO PEREIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 047.909.697-03

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **1450**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **18/12/2023** e o código de verificação: **debaef29d9**

Dedico a todos os santos e orixás que me abraçam, me guiam e me embalam na missão afrodiaspórica!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu bebê eternamente menino Kim.

Ao meu pai Antônio.

À minha mãe Marlene.

À minha mãe de santo Fátima.

Ao orientador Renato Noguera.

Às irmãs, sobrinhas e sobrinhos.

Aos cunhados.

Aos amigos.

Em especial: À minha mãe Iemanjá, que mostrou os caminhos dessa jornada. E as crianças africanas escravizadas, que vieram embalar meus sonhos.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior- Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001”

“This study financed in party by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior- Brasil (CAPES) - Finance Code 001”

RESUMO

GUTMAN, Cátia Regina. **Crianças no Cativo Agência Infantil Africana nos Oitocentos, na Cidade do Rio de Janeiro**. 2023. p.230 Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

Há necessidade de se visibilizar a presença da criança escravizada nos Oitocentos na Cidade do Rio de Janeiro. O objetivo desta tese é discutir a mobilidade das crianças africanas escravizadas como resistência nas fugas trazendo à tona a voz e visibilidade dessa infância. Para isso, catalogo e quantifico anúncios de crianças escravizadas fugidas do Jornal *O Diário do Rio de Janeiro* de 1839 a 1849. Para discutir essa infância africana escravizada, buscou-se uma construção histórica baseada em estudos no Brasil, sobre a criança africana escravizada, (MOTT, 1979; MATTOSO, 1988; DEL PRIORE, 1999; JOVINO, 2010), em contraponto com os Estados Unidos, (KING, 2011; DIPTEE, 2012; VASCONCELOS, 2015), da historiografia da escravidão, (CONRAD, 1975, 1985; REIS, 1989; SILVA, 1989; SOARES, 1998; LOVEJOY, 2006; KLEIN, 2011; SLENES, 2011; KARASCH, 2000). Estudos sobre a Infância, (ARIÉS, 1986; CORSARO, 1997; HEYWOOD, 2004; CUNNINGHAM, 2005; JENKS, 2002; MAYALL, 2002; QVORTRUP, 2010; SARMENTO, 2011; HENICK, 2015) e Infância Africana (VAZ, 1970; VAZ, 1972; MARTINS, 1972; SOMÉ, 1999; GOTTLIEB, 2004; JUNOD, 2009). Utilizo o conceito de Afrocentricidade de e partindo de uma proposta Afrocêntrica de infância, que minha tese cria, pois não existe este termo para infância (GUTMAN, 2022), utilizando os estudos afrocêntricos (ASANTE, 1988; OYABADE, 1990; MAZAMA, 2009; MUNANGA, 2011; MHLONGO, 2013). Procurou-se mostrar a ação de fuga como uma construção de agência, onde a criança africana escravizada é sujeito da sua própria história, mudança e transformação. Realizou-se também um exercício de analisar os anúncios, quantificando nações, idade, gênero e moradias, procurando localizar as culturas infantis africanas, na troca entre seus pares, caminhos de encontros e rotas de fuga, contribuindo para um entendimento e relacionando com a construção de uma agência infantil africana, na Cidade do Rio de Janeiro, nos Oitocentos.

Palavras-chave: Infância Afrocêntrica, Agência Infantil, Criança Africana, Escravizada.

ABSTRACT

GUTMAN, Cátia Regina. **Children in Captivity African Children's Agency in the 19th, in the City of Rio de Janeiro**. 2023. p .230. Thesis. Doctorate in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands. Institute of Educationan /Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/ Nova Iguaçu, Rj, 2023.

There is a need to make visible the presence of enslaved children in the 19th century in city of Rio de Janeiro. The ai of this thesis isto discuss the mobility of enslaved, African chidreen as resistance in their escapes, bringing up the voice and visibility of that childhood. For this, i catalog and quantify advertisements of escaped enslaved children in the newspaper O Diário do Rio de janeiro from 1839 to 1840. To discuss this enslaved African Childhood, we soudht a historical construction based on studies in Barzil, about the enslaved African child, (MOTT, 1979, MATTOSO, 1988, DEL PRIORE, 1999, JOVINO,2010), in opposition to the United States, (KING, 2011, DIPTEE, 2012, VASCONCELLOS, 2015), the historiography of slavery, (CONRAD, 1975, REIS, 1989, SILVA, 1989, SOARES, 1998, KARASCH, 200, LOVEJOY, 2006, KLEIN, 2011, SLENES, 2011). Studies on childhood, (ARIÉS, 1986, CORSARO, 1997, HEYWOOD, 2004, CUNNINGHAM, 2005, JENKS, 2002, MAYALL, 2002, QVORTTRUP, 2010, SARMENTO, 2011, HENICK, 2015), and African Childhood, (VAZ, 1970, VAZ, 1970, MARTINS,1972, SOMÉ,1999, GOTTLIEB, 2004, JUNOD, 2009). I use the conceptt of Afrocentricity from and starting from na Afrocentric proposal of childhood, which my thesis creates, because there is no such term for childhood, (GUTMAN, 2022), using the Afrocentric studies, of (ASANTE, 1988), and the studies of (OYABADE, 1990, MAZAMA, 2009, MUNANGA, 2011, MHOLONGO, 20130, we tried, to show the action of scape as construction of agency, where the slaved African child is the subject of its own history, change and housing, seeking to locate African children's cultures, in the Exchange between their peers, meeting paths and escapes routes, contributing to na understandingrelating to the construction of na african children agency, in the city of Rio de Janeiro, in the 19th century.

Keywords: Afrocentric Childhood, Child Agency, African Child, Enslave.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Anúncio de fuga de criança africana escravizada.	16
Figura 2: Equiano's Worlds.	29
Figura 3: <i>Boy Travelers on the Congo</i> . Thomas W. Knox 1884. Fonte: https://www.gutenberg.org/files/59021/59021-h/59021-h.htm#ILL_046	30
Figura 4: Africanos libertados no convés da casca —Wildfirel (1860).	31
Figura 5: Catherine Zimmermann-Mulgrave, 1873.	34
Figura 6: Gráfico de porcentagens de africanos desembarcados no Brasil de 1811 a 1850. Fonte <i>apud</i> : FLORENTINO; VILLA (2016, p. 6)	36
Figura 7: Lista de pagamentos de correções de escravizados.	53
Figura 8: Quadro com recenseamento do Rio de Janeiro, 1849.	55
Figura 9: Anúncio de Fuga de criança africana escravizada, <i>Jornal O Diário do Rio de Janeiro</i>	56
Figura 10: <i>O jantar</i>	69
Figura 11: Anúncio de venda de uma criança africana escravizada.	81
Figura 12: Anúncio de leilão de escravizados.	83
Figura 13 – Anúncio de amas de leite.	84
Figura 14: Anúncio de Fuga de crianças africanas escravizadas, <i>Jornal O Diário do Rio de Janeiro</i>	84
Figura 15: Tatuagem de mulher africana. Martins (1970, p. 224)	85
Figura 16: Mapa de Regiões da Angola, 1850 (VANSINA, 2010).	87
Figura 17: Mapa das fronteiras dos grupos étnicos, século XX. Fonte: Karasch (2000).	89
Figura 18: Procedência dos Negreiros Atracados no Porto do Rio de Janeiro, 1811-1830. Fonte: Florentino (1997, p. 51).....	90
Figura 19: Gráfico com taxas de mortalidade entre os africanos escravizados no Rio de Janeiro.	90
Figura 20: Desenho de Rugendas 1835.	91
Figura 21: Trecho do livro de Batalha (1890, p. 52).	92
Figura 22: Anúncio de Fuga de criança africana escravizada, <i>Jornal O Diário do Rio de Janeiro</i>	94
Figura 23: Planta da Cidade do Rio de Janeiro.....	96
Figura 24: Mapa das igrejas na cidade do Rio de Janeiro século XIX. Fonte: Halloway (1997).	97
Figura 25: Mapa de ruas A.....	106
Figura 26: Carlos Julião (1767), Vestimentas de escravas pedintes na festa do Rosário, séc. XVIII.....	109
Figura 27: Coroação de uma rainha negra na festa de reis (1776).....	109
Figura 28: Mapa de Ruas B	110
Figura 29: Boutique de Boulanger, Debret (1835).....	111
Figura 30: Código de Posturas 1	112

Figura 31: Mapa de ruas C.....	113
Figura 32: Rua do Ouvidor, chegando ao Largo de São Francisco de Paula. Buvelot, Louis, (1845).....	113
Figura 33: Anúncio de fábrica de tabaco.....	116
Figura 34: Mapa de ruas D.....	117
Figura 35: Anúncio de venda de meninos charuteiros.....	117
Figura 36: Mapa de ruas E.....	120
Figura 37: Código de Posturas 2.....	121
Figura 38: Vista da Gamboa, . Alfred Martinet(1854).....	122
Figura 39: Código de Posturas 3.....	123
Figura 40: Mapa de ruas F.....	124
Figura 41: Escravizados músicos.....	124
Figura 42: Ofício de barbeiro, Debret (1835).....	125
Figura 43: Barbeiros, Debret (1835).....	126
Figura 44: Mapa de ruas G.....	126
Figura 45: Mapa de ruas G	128
Figura 46: o Hotel Pharoux Adolphe D' Hastrel, (1841)	128
Figura 47: Gargalheiras Debret (1835)	131
Figura 48 : Escravidadas de ganho. Hildebrandt (1841)	134
Figura 49: Mapa de ruas H	135
Figura 50: Largo do Paço, Praça do Mercado, 1856, Pietter Gotfred Bertichen	135
Figura 51: Mapa de Ruas I	136
Figura 52: Igreja de São Domingos.....	136
Figura 53: Meninas africanas com tatuagens no ventre.....	137
Figura 54: Mapa de Ruas J.....	138
Figura 55: Largo de Santa Rita, Buvelot, Louis (1845)	138
Figura 56: Mapa de Ruas L.....	139
Figura 57: Panorama Rio de Janeiro. JACOTTET, Louis-Julien 1806-1880.....	139
Figura 58: Meninas Africanas	140
Figura 59: Nação Benguela.....	141
Figura 60: Princesa de Benguela.....	141
Figura 61: Mapa de ruas. M.....	142
Figura 62: Rua do Valongo. Thomas Ender (1818)	142
Figura 63: Planta da Cidade do Rio de Janeiro.....	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quantidade de crianças africanas escravizadas nos navios negreiros de 1826 1850.	37
Quadro 2: As nacionalidades de escravizados enterrados pela Santa Casa de Misericórdia em 1833, 1838 e 1849 (Karasch 2000)	58
Quadro 3: Quantidade de Anúncios de fuga e escravizados anunciados nos jornais <i>Gazeta</i> do Rio de Janeiro, <i>Do Comércio</i> e <i>Diário do Rio de Janeiro</i> de 1808 a 1840.	59
Quadro 4: Quantitativo de crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos, do <i>Jornal O Diário do Rio de Janeiro</i>	67
Quadro 5: Quantitativo de crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos, do <i>Jornal o Diário do Rio de Janeiro</i> , por gênero.	75
Quadro 6: Quantitativo de crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos, do <i>Jornal o Diário do Rio de Janeiro</i> , por idade.	78
Quadro 7: Idades de Meninos e Meninas nos anúncios de fugas.....	79
Quadro 8: Nações das crianças africanas escravizadas nos anúncios de fugas.	86
Quadro 9: Quantitativo de crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos, do <i>Jornal o Diário do Rio de Janeiro</i> , das nações da África Oriental.	87
Quadro 10: Quantitativo de crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos, do <i>Jornal O Diário do Rio de Janeiro</i> , das nações da África Ocidental.....	88
Quadro 11: Quantitativo de crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos, do <i>Jornal O Diário do Rio de Janeiro</i> , das nações do Centro-Oeste Africano.....	88
Quadro 12: População da Cidade do Rio de Janeiro 1849....	98
Quadro 13: Quantitativo de moradias por ruas de 1839 -1849.....	98
Quadro 14: Maior número de Ocorrências de Moradias de 1839-1849, nos anúncios de fugas.....	100
Quadro 15: Moradias das crianças escravizadas, no ano de 1839.....	104
Quadro 16 Moradias das crianças escravizadas, no ano de 1840.....	107
Quadro17: Moradias das crianças escravizadas, no ano de 1841.....	118
Quadro 18: Moradias das crianças escravizadas, no ano de 1842.....	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fugitivos Africanos com doenças infectocontagiosas, no <i>Jornal do Comércio</i> , Rio de Janeiro, 1850.....	70
Tabela 2: Escravizados africanos e brasileiros fugidos no Diário do Rio de Janeiro (1840-1850)	72
Tabela 3: Dados coletados de 1851 a 1875, de escravizados africanos, embarcados nos portos Africanos e desembarcados no Brasil.	76
Tabela 4: Crianças africanas escravizadas desembarcadas nos portos brasileiros de 1791-1860.	77

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Maior Concentração de moradias de 1839-1849.....	105
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I	15
1.1 Crianças e infâncias, historiografia	20
1.2 História das crianças africanas escravizadas, tráfico negreiro, caminhos percorridos	25
1.3 Afrocentricidade, localização e agência africana	44
CAPÍTULO II	52
2.1 A construção de uma agência infantil africana, nos oitocentos. Rio de Janeiro, Cidade africana.....	52
2.2 Análise dos dados: crianças africanas escravizadas nos anúncios do <i>Jornal O Diário do Rio de Janeiro</i> , 1839 a 1849. Anúncios com fonte de pesquisa	63
2.3 Anúncios de crianças africanas escravizadas de 1839 a 1849	73
CAPÍTULO III.....	96
3.1. Caminhando com as crianças africanas escravizadas pelas ruas do Rio de Janeiro, contanto suas histórias.....	96
3.2 Moradias das Crianças africanas escravizadas 1839.....	107
3.3 Moradias das Crianças africanas escravizadas 1840.....	118
3.4 Moradias das Crianças africanas escravizadas 1841.....	127
3.5 Moradias das Crianças africanas escravizadas 1842.....	132
CONCLUSÃO.....	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	146

ANEXO – Tabela das crianças africanas escravizadas encontradas nos anúncios de fuga do Jornal O Diário do Rio de Janeiro	159
ANEXO –Anúncios do Jornal O Diário do Rio de Janeiro de 1839 a 1849.....	170

INTRODUÇÃO

Gostaria de começar esse trabalho afirmando o meu lugar dentro do Candomblé. Muitos podem se perguntar por que falar sobre isso num trabalho com esse título histórico, mas as crianças africanas escravizadas sujeitos dessa minha tese só chegaram até mim através da ancestralidade, que aprendi a ouvir, através do silêncio do Orixá. Volto um pouco mais no tempo e numa aula passeio, promovida pelo Instituto Pretos Novos, conhecia a história da Cidade do Rio de Janeiro, muito através dos livros no curso de História e de andar pela cidade. A aula terminava no instituto e a visão chocante do esqueleto que jazia no chão, através do vidro, me chocou e levei um baque enorme. Comecei a passar mal e sentei-me numa cadeira. Ali eu vi a materialidade da morte, destas pessoas que aqui chegaram. Essa imagem nunca mais saiu da minha mente, ficou lá registrada. Lendo a dissertação —À flor da terra: o cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro (PEREIRA, 2006, p. 57), que trata sobre a história da morte e do sepultamento dos escravos africanos recém-chegados de África no Cemitério dos Pretos Novos, no Rio de Janeiro e o recorte temporal foi definido pelo processo de criação e extinção desse campo-santo, entre 1722 e 1830. A delimitação do cemitério de escravos, descrito no trabalho ficava —antes em 1722, no Largo de Santa Rita e transferido para o Valongo em 1769, que provavelmente extinto em 1830 (PEREIRA, 2006, p. 57). Um pouco adiante no tempo, na minha pesquisa de Mestrado sobre os cadernos iniciáticos do Candomblé (GUTMAN, 2010)¹, acompanho uma festa de Exus, na madrugada de 2 de novembro 2009, finados, no Cemitério de Ricardo de Albuquerque, acompanhando um barracão onde pesquisava. Já tinha participado de festas no Terreiro de Candomblé, mas era primeira vez num cemitério. A experiência me trouxe uma nova visão sobre o lugar dos mortos e dos vivos para o Candomblé, mas principalmente que, os mortos se comunicavam com os vivos através não só da incorporação, mas das suas vozes e imagens que se materializavam para alguns filhos de santo. Essas caminhadas pelo mundo dos vivos e dos mortos e da minha introdução como médium na Umbanda e dois anos depois minha iniciação no Candomblé, me fizeram entender que algumas vozes que eu ouvia desde minha adolescência não eram imaginação. Os tambores que escutava quando criança vinham de algum lugar, esse lugar era dos mortos, dos meus ancestrais.

As crianças sempre fizeram parte da minha trajetória profissional e das minhas pesquisas, mas as africanas escravizadas chegaram através dessas vozes. Comecei a ler sobre a história das crianças no Brasil e começaram a aparecer as crianças escravizadas, mas uma voz me disse onde nós estamos? Eu perguntava quem, as crianças? Não, nós. Esmiucei (GUTMAN,

¹ GUTMAN, Cátia Regina. **Oralidade e escrita no Candomblé**. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Petrópolis. Petrópolis, 2010.

2018)² mais a participação dessas crianças nestas religiões e percebi que se atualmente elas participavam ativamente dos rituais, como seria no passado, quando os africanos trouxeram e ressignificaram os rituais africanos, elas talvez tivessem participado? Mas, se eram as crianças africanas escravizadas, pois na minha pesquisa sobre o Candomblé e sua história, os escravizados africanos adultos apareciam, mas as crianças africanas escravizadas, não. Os artigos sobre a criança escravizada, não delimitava as africanas das crianças nascidas no Brasil, então lendo artigos sobre os adultos africanos escravizados, encontrei uma fonte que se referia a anúncios de jornais da época, e deduzi que se o caminho levava aos adultos, logo me levariam as crianças.

Entrei no site da Hemeroteca, da Biblioteca Nacional e digitei escravos fugidos e comecei a ler os anúncios, delimito os anos e fui abrindo os arquivos. Foram mais de 5 mil páginas de anúncios e lia um por um, separando os que eram sobre as crianças africanas, que apareciam com dados sobre idade, nação, gênero. A leitura foi me levando ao passado, visualizava os cabelos, o tamanho, as roupas que vestiam, suas feridas, seus medos e ouvia por sobre meu ombro, onde estou, você me achou? As vozes iam se avolumando ao meu ombro, eram muitas agora e não mais uma só, a cada anúncio encontrado e separado, seus nomes iam surgindo, suas histórias iam aparecendo e eu ouvi, você me achou.

Passei seis meses catalogando os anúncios, do Jornal *O Diário do Rio de Janeiro*, de 1839 a 1849, o trabalho sugava minhas energias, era uma leitura, pesada espiritualmente. Mas o trabalho não estava concluído, faltava contar essas histórias através dos anúncios, um deles me chamou a atenção, pois tinha muitos detalhes e foi publicado durante vários dias seguidos:

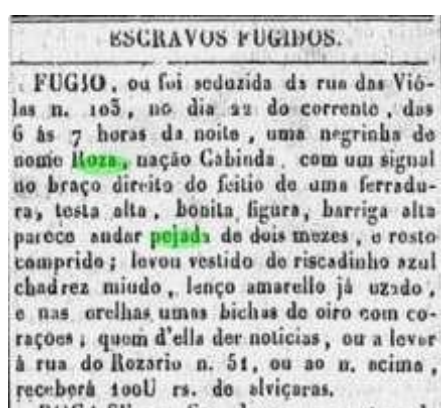


Figura 1: Anúncio de fuga de criança africana escravizada.

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&Pesq=escravos%20fugidos&pagfis=22534

Roza, de nação Cabinda, estava grávida de dois meses e tinha apenas 13 anos, talvez esse detalhe tenha me chamado a atenção também. Segui o ³que os historiadores faziam anteriormente nas análises, catalogando e descrevendo os anúncios, mas sonhei com ela e ela

² GUTMAN, C. R. Pesquisas e relatos das culturas infantis na Umbanda e Candomblé: 2014 a 2016. *Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, v. 2, n. 2, p. 26, 6 dez. 2018.

me disse, você não está contando minha história, eu é que quero contar minha história e não os outros.

O sonho com Roza, mudou a forma de perceber o objeto de pesquisa, que não era apenas o de catalogar e redigir, mas de contar suas histórias, seus sonhos, seus amigos, através dos anúncios de fugas. Um novo caminho estava sendo traçado pelas crianças africanas escravizadas e não mais por mim, pois elas queriam que eu as conhecessem a fundo, conhecesse as histórias para além dos anúncios. Segundo Bachelard (1989), os sonhos noturnos, acontecem quando o pensamento repousa e as imagens que ficaram no nosso inconsciente, aparecem neles. As imagens da Roza, ficaram na minha imaginação e no sonho noturno Bachelard, (*ibid*), a claridade fantástica reina e as cenas parecem tão nítidas, tão reais, como se vivido pelo sonhador. A minha pesquisa mudava o esquema a partir desse sonho, o que para Bachelard (*ibid*), é assim que os escritores de histórias fantásticas trabalham, o sonhador une o que vê com o que viu, une a imaginação com a memória, trazendo à tona na escrita essas imagens. A infância de Roza e de outras crianças africanas escravizadas, me tocaram profundamente e o sonho com a Roza, de acordo com Bachelard (1996, p. 93), a infância nos visita nos sonhos noturnos, nos provocando e nos conscientizando de nossas raízes. Quando sonhamos profundamente, vamos para longe do nosso presente vivido e revivemos os tempos da nossa primeira vida, a infância, e vários rostos de crianças vem a nosso encontro. Se ela era africana de uma nação, eu teria que fazer o caminho inverso, ir a África descobrir como as crianças africanas eram criadas e os rituais por quais elas passavam ao nascer. Literalmente não iria a África, mas através das pesquisas, se o caminho do adulto africano escravizado me levou as crianças, então já conhecia o caminho a seguir.

As fontes sobre as crianças africanas escravizadas e alguns relatos destas, foram publicados fora do Brasil, mas aqui eles não foram encontrados ainda, quem sabe isso no futuro acontecerá. Porque Roza queria sua história contada, a partir da sua vivência e não da minha, então fui buscar os rituais dos nascimentos das crianças africanas, as brincadeiras, os rituais que meninos e meninas passavam nas suas tribos. Talvez não consiga abarcar todas as nações, mas prometi a Roza, que ouviria mais as suas histórias. E através delas, quem sabe trazer a sua voz para além da dor e do sofrimento, pois mesmo algumas vezes buscando a morte, através do suicídio, elas apenas queriam voltar através da morte para os seus ancestrais africanos. A formação de uma agência africana entre as crianças africanas escravizadas, no objetivo de alcançar os seus sonhos de liberdade, através das fugas, poderia fazer parte dessa busca incessante de fugir e fugir. Para Bachelard (1996, p. 94), —a infelicidade das crianças vem dos homens e a dor vivida por essas crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugas, a meu ver, se vislumbravam através de uma busca da solidão, de se refugiar dessa dor.

O recorte dessa pesquisa veio através das leituras sobre a história da infância no Brasil e a invisibilidade das crianças africanas escravizadas, Mott (1979), Mattoso (1988), Del Priori (1999), Jovino (2010), da historiografia da escravidão, Conrad (1975, 1985), Slenes (2011), Karasch (2000), de viajantes que, com sua visão eurocêntrica de criança, infância, os descreviam como seres que passavam sem deixar rastros na sua caminhada pelas ruas da cidade, como nas fazendas visitadas por esses e de estudos sobre as crianças escravizadas nos Estados Unidos e Jamaica, King (2011) e Vasconcelos (2015).

A pesquisa de Mott (1979) tinha como objetivo pesquisar as mulheres na escrita de viajantes de 1800 a 1850, foram utilizadas 80 obras e retiradas deste material a parte que descreviam as crianças escravizadas. As dificuldades de acordo com a autora foram a condição de escrava, pois nem sempre podia-se determinar se o viajante estava se referindo a criança negra livre, se é que havia diferença, pois escravo e negro eram utilizados como sinônimos e a distinção entre africano escravizado e crioulo, denominação dada a crianças negras nascidas no Brasil. A condição de criança escrita na língua inglesa, como *boy*, *girl*, são empregados para uma faixa etária ampla e muitos não se referiam a idade.

Nos trabalhos pesquisados, a escolha do Jornal Diário do Rio de Janeiro, de 1839 a 1849 como fonte escrita, dos anúncios de escravos fugidos, demonstraram uma descrição da idade, das nações, características físicas, gênero e local de moradia. E a distinção entre as crianças africanas escravizadas e as nascidas no Brasil, foram um dos pontos principais para catalogar esses anúncios, e como veremos no segundo capítulo, o quantitativo encontrado foi bem extenso.

No terceiro capítulo partindo das moradias, que aparecem nos anúncios, com as ruas da cidade do Rio de Janeiro, nos oitocentos. Nos fizeram percorrer e vivenciar um pouco suas vidas, encontros e talvez trazer uma realidade, mesmo que imaginativa, a cidade dessas crianças africanas escravizadas, que circulavam e observavam esse mundo desconhecido, em que necessitavam redescobrir e principalmente aprender a sobreviver.

Vários questionamentos foram surgindo nessas leituras tanto nos textos sobre infâncias e crianças no Brasil e a invisibilidade das crianças africanas escravizadas e o apagamento das culturas que vieram com elas nos navios negreiros.

Qual a importância das culturas infantis africanas trazidas para o contexto escravista do Rio do Janeiro do século XIX? Como os anúncios de fugas de crianças africanas escravizadas do Jornal Diário do Rio de Janeiro, podem ajudar na identificação destas? A —cultura infantil africana de resistência foi responsável pela articulação dessas crianças para fuga?

OBJETIVO GERAL

Reconhecer a construção de uma agência infantil africana, utilizando a Afrocentricidade como fundamentação teórica, através do conceito de agência e localização, articulando com os anúncios de fugas das crianças africanas escravizadas, do Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, de 1839 a 1849, no Rio de Janeiro.

O primeiro objetivo é o de verificar na historiografia brasileira e americana, estudos sobre a escravização das crianças africanas, no século XIX, apontando as culturas infantis como base para uma construção da agência infantil africana escravizada.

O segundo o de localizar a cidade do Rio de Janeiro, nos oitocentos, onde a maioria dos seus habitantes eram de africanos escravizados, dos quais muitos que fugiam apareciam nos anúncios de jornais da época, utilizando a Afrocentricidade, como base teórica na análise dessas fugas.

O terceiro objetivo é o de identificar e quantificar as crianças africanas escravizadas fugitivas, através dos anúncios do Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, de 1839 a 1849, no Rio, categorizando em nações, gênero e idade.

O quarto objetivo é o de argumentar sobre a construção de uma agência infantil africana, mapeando locais de encontros e trocas com seus pares, de crianças africanas escravizadas, a partir da localização de moradias e caminhos percorridos, utilizando dos anúncios de fugas, do Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, de 1839 a 1842.

METODOLOGIA

Utilizei inicialmente a pesquisa quantitativa na coleta dos anúncios de crianças africanas fugidas, no site da Biblioteca Nacional, na Hemeroteca, no Jornal *O Diário do Rio de Janeiro*, de 1839 a 1849, catalogando e tabulando os dados: de nomes, idade, nação, gênero e moradia. Após realizei a pesquisa teórica, na fundamentação sobre os dados encontrados na pesquisa quantitativa, sobre os estudos da infância africana escravizada, os conceitos de agência e localização, na perspectiva Afrocêntrica e o uso de anúncios de jornais como fontes primárias de pesquisa histórica.

Na interpretação dos dados obtidos na pesquisa quantitativa, analisei através dos conceitos de agência e localização Afrocêntrica, na construção da agência infantil africana, na cidade do Rio de Janeiro, nos oitocentos.

1 CAPÍTULO I

Na África, entende-se que as crianças possuem o conhecimento e os dons que garantem a sobrevivência da aldeia e da tribo. Em essência, a criança é o rei da aldeia. Quando uma criança caminha no meio de uma multidão, todas as atenções se voltam para ela, como se aplaudissem uma chegada há muito esperada. Crianças completam a comunidade! Sem crianças, o mundo é um beco sem saída e as comunidades não existiriam. As crianças são os doadores de vida, os curandeiros, os mensageiros dos ancestrais.

Sobonfu Somé (1999)

1.1 Crianças e infâncias, historiografia

No século XVI e XVII, Ariés (1986, p.271) afirma que, os adultos e as crianças não eram tratados como seres diferentes. Não havia a segregação das crianças, cada um tinha seu ofício e em toda a parte, as crianças se misturavam aos adultos. A partir do século XV, a frequência escolar muda esse quadro, principalmente para as crianças da classe nobre. A vasta parcela da população ainda seguia os parâmetros de aprendizagem no cotidiano. Henick (2015, p. 25825) analisa que:

Neste período, a única diferença entre o adulto e a criança era o tamanho, a estatura, pois assim que apresentavam certa independência física, já eram inseridas no trabalho, juntamente com os adultos. Os pais contavam com a ajuda de seus filhos para realizar plantações, a produção de alimentos nas próprias terras, pescas, caças, por isso, assim que seus filhos tinham condições de se manterem em pé, já contribuía para o sustento da família.

Isso é o que fez de modo impreciso e incompleto, o historiador Philippe Ariès (1986) quando acompanhou o desenvolvimento da infância em uma época em que isso, supostamente, não fazia parte da consciência das pessoas. Pensar a infância das crianças africanas no contexto escravista oitocentista no Rio de Janeiro é observar o que era pertinente, a economia da época, a questão do trabalho escravo, a mobilidade e a cultura de pares.

Ariés (1986) utilizou fontes imagéticas e escritas para a construção da história infância, esse estudo pioneiro trouxe a visibilidade a novos sujeitos históricos, as crianças, que foram ignorados. Ele partiu de hipóteses sobre a história da infância, e se tornaram referência para novos estudos. Ele partiu das particularidades do presente, comparando-o e contrastando com o passado. Como no seu presente, século XVII a família era prioridade na vida social e as crianças estavam no centro dessa família, num mundo fechado, onde foi construído um muro da vida privada, seu ponto focal foi a infância.

Cuningham (2005, p.16), estudioso da historiografia da infância, reflete que, Ariés (1986), teve como ponto de partida seu desagrado pela opressão em que a família vivia, onde os adultos estavam obcecados pelos problemas físicos, morais e sexuais das crianças. Sua

hipótese principal era de que as mudanças na infância forneceriam os dados para entender a construção da família moderna. As diferentes fontes sobre a história da infância ou da vida das crianças, os dados quantitativos, os objetos, imagens, jornais, manuais escritos e o uso de evidências não escritas, são novas possibilidades de descortinar esse passado invisibilizadas.

Uma das imagens construídas na infância europeia foi a de que a criança era uma categoria formal que de acordo com Jenks (2002, p.192), o seu corpo físico e desenvolvimento vinha em primeiro lugar e o estatuto social de proteção desta ia se desenvolvendo através de programas de assistência e vigilância, onde a educação era necessária. Foram criadas categorias normativas para classificar as crianças como sexo e raça, onde o crescimento físico era um parâmetro, que virou senso comum, de indicadores de transição social, onde o natural e o social se tornaram perpétuos nas suas classificações de infância.

Podemos falar sobre a institucionalização da infância e, mais especificamente, sobre a escolarização da infância como sendo um resultado das demandas provenientes de uma economia e de um sistema de governo em transformação. Esses desenvolvimentos mudaram dramaticamente a discussão sobre a vida das crianças. Embora houvesse agentes que se esforçaram arduamente para promover a educação escolar das crianças, nos perguntamos se isso teria acontecido caso esta não tivesse sido entendida como um interesse indispensável para o comércio, para o desenvolvimento da indústria e da sociedade de forma geral, e assim por diante.

A infância é um conceito moderno, mas podem ser aplicados nos estudos históricos, de acordo com Sarmiento (2011, p.3), pois nessa época elas meros seres biológicos e inseridos na adultez precoce, porque não havia um estatuto próprio ainda para essa categoria social.

No contexto histórico, Qvortrup (2010a, 2014), não havia uma categoria que classificasse e inserisse a criança no mundo. Não havia relação adulto/infância, porque se uma não existia a outra também não, mas isso não impedia que elas fossem tratadas como miniadultos e fossem submetidos a todo tipo de repressão e violência.

Qvortrup (2010b), redefine infância em duas noções, como período de vida e como categoria permanente. Uma ao lado da outra coexistindo, mas com significados diferentes. Em termos estruturais, a infância não tem um começo e um fim temporais, e não pode, portanto, ser compreendida de maneira periódica. É compreendida, mais apropriadamente, como uma categoria permanente de qualquer estrutura geracional. A infância como espaço social, transforma-se constantemente de acordo com o contexto social histórico onde está inserida. A categoria estrutural infância não acaba, ela é permanente, com as crianças entrando e saindo dela, ao nascer e crescer e se tornar adulto, sua infância acaba, mas enquanto categoria ela continua a existir para receber novas gerações de crianças.

Nas novas teorias de estudos da infância, a que se destaca é a da Sociologia da Infância, em que as crianças assim como os adultos, são participantes ativos na construção social da infância, negociando, compartilhando e criando culturas com os adultos e entre seus pares.

Corsaro em 1997, utilizando os conceitos de categoria estrutural e social da infância, de Qvortrup (2010b), percebeu que as crianças se apropriavam, criavam e reproduziam interpretativamente a cultura, que integravam. As culturas de pares na infância são produzidas e compartilhadas por meio principalmente da interação presencial entre as crianças. A partir das culturas locais produzidas pelas crianças e seus pares, contribuem para as culturas mais amplas e dos adultos e no contexto histórico em que estão integradas. Esses processos de produção de culturas entre pares variam ao longo do tempo e entre culturas diferentes.

Corsaro (1997, p. 128) define cultura de pares infantis, como —um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais|. A produção da cultura de pares não é uma imitação do mundo adulto, mas uma transformação criativamente da cultura adulta, a partir das próprias preocupações, medos e ansiedades, encontrando formas de lidar com as informações do mundo adulto e fazer parte deste.

De acordo com Corsaro (1997), dois elementos são primordiais para essa construção da cultura de pares e da reprodução interpretativa, as rotinas culturais e a linguagem. As estratégias discursivas que as crianças utilizam para gerar as culturas de pares, demonstram as negociações que acontecem entre eles para lidar com os problemas e ansiedades que encontram no mundo adulto. As rotinas culturais que executam continuamente e repetitivamente, promovem competências sociais e conhecimento para interagir com os adultos e seus pares. Para isso as crianças se apropriam de certos elementos da vida adulta e lidam com os problemas práticos da cultura de pares local.

Os parâmetros da infância, de acordo com, Qvortrup (2010b, p. 638), tem seus valores alterados constantemente, contudo deve-se observar nos intervalos históricos e culturais, onde ela seja reconhecida e identificável como conceito. A infância como categoria estrutural não se transforma na idade adulta, ou em algo diferente do que é, mas observar que existe várias infâncias de acordo com o período histórico estudado e sua localização. O olhar do pesquisador tem que buscar o universo das crianças ou estruturas em que vivem suas vidas, as mais próximas as mais distantes e principalmente os que são definidos sem sequer levar em consideração as escolhas das crianças.

Mary Del Priore organizou o livro *História das Crianças no Brasil*, (1999), e afirma que diferentemente da história da criança feita fora do Brasil, a nossa não se distingue das dos adultos. Foi a voz dos adultos que também registraram e submeteram a violência, as humilhações, fizeram com que crianças fossem precocemente transformadas em adultos.

Resgatar esse passado a partir das crianças, deve dar voz a documentos históricos, iluminando as lembranças mais apagadas.

Há algo mais a ser dito, afirma Graham (2012, p. 5), porém, porque qualquer que tenha sido a dinâmica da formação cultural, a memória construiu uma ponte crucial entre os passados dessas crianças africanas escravizadas carregavam e o presente para o qual foram levados. O passado lembrado pelos africanos lhes serviu, como ponto de referência, uma âncora para saberem quem eles eram e para se reinventarem em circunstâncias radicalmente alteradas e incertas.

Pelo olhar dos viajantes como relata Mott (1979, p. 59), havia uma faixa etária ampla para determinar se as crianças africanas escravizadas estavam da faixa etária determinada de criança ou como adulto. Esse olhar antropológico sobre as crianças de acordo com, Jenks (2002, p. 189) compara a criança com o bom selvagem, pois foi criado um distanciamento muito parecido com os dois, que provocaram histórias da infância diversas, resultando numa evolução errática da imagem da infância e nos modos como é reconhecida e tratada pelos pesquisadores na atualidade, do século XX.

Os sujeitos opostos das relações sociais: os povos ditos primitivos, os pobres e as crianças foram reduzidos a representantes de um estágio inferior da evolução humana, a serem submetidos à lógica e à cultura superiores, de maneira a superar sua menoridade constitutiva. Tal paradigma referenciou de acordo com Gomes (2011, p. 549), a constituição da ciência antropológica, na tentativa de compreender e de significar a diferença. De início, a chamada antropologia evolucionista tomou as outras culturas como expressão de um momento da história humana, já superada pelas sociedades ocidentais. Entendia-se que os povos ditos primitivos seriam inferiores (cognitiva, afetiva e simbolicamente) em relação às sociedades ocidentais contemporâneas.

De acordo com Heywood (2004, p.23), O pensamento social do século XIX sobre a criança como adulto em miniatura, seguiu os parâmetros do olhar civilizatório do selvagem como diferente de si próprio em termos de evolução. O olhar do adulto sobre a criança necessitava de explicações desenvolvimentistas, para determinar a diferença entre adultos e criança e do vir a ser um adulto completo, quando crescesse. O senso comum desta visão desenvolvimentista de criança-adulto, que não era questionada, ficou como um marco entre o pensamento primitivo e o pensamento racional. De acordo com Jenks (2002, p.192), a criança era vista como um ser diferente do adulto, um ser que não existia até a sua completude, apenas quando se torna um adulto. A diferença entre o ser racional adulto e a criança primitiva que necessitava ser educada e desenvolver as suas habilidades, para finalmente ser completo.

Corsaro (1997, p. 85), importante estudioso da Sociologia da Infância, relata que nos Estados Unidos, as crianças escravizadas foram estudadas a partir de testemunhos,

autobiografias e diários encontrados pelos historiadores, as vozes das crianças africanas escravizadas foram usadas como fontes documentais. Esses estudos são importantes para a Sociologia da Infância, são as contribuições das crianças mais velhas no cuidado com os mais novos e na socialização das mais nova, o que é similar as práticas de cuidado nas sociedades africanas e fornecem ideias de como os jogos e brincadeiras podem trazer momentos de lidar com as ansiedades e medos extremamente difíceis de enfrentar diretamente na compreensão desse passado da criança escravizada contribuiu para nossa compreensão da história das crianças nas sociedades atuais.

Quando estudamos a infância africana nos oitocentos na Cidade do Rio de Janeiro, pretendemos visualizar aquilo que representa a característica central dessa infância especificamente, utilizando dados históricos, acerca dos valores e interações entre os parâmetros e conceitos que levaram a criação da infância no século XX. Como era essa infância africana escravizada, como se relacionavam com seus pares, onde viviam, como eram suas construções de agência infantil no centro urbano para viabilizar suas fugas e construir relações com outros grupos etários de africanos escravizados.

Observando em Munanga (2003) a inexistência de raças biológicas, apontamos que a raça tem existência nominal, efetiva e eficaz apenas no mundo social e, portanto, somente no mundo social pode ter realidade plena. Lembrando que o período estudado compreende um recorte do século XIX no qual a escravatura era realidade, cabe destacar que negros são os também chamados de crioulos, africanos, mulatos, pretos e pardos. A respeito de criança e infância, é importante salientar que estas são noções construídas que mudam ao longo do tempo e se encontram em permanente mudanças. Para Heywood (2004, p. 12), —os termos ‘criança’ e ‘infância’ são compreendidos de formas distintas por sociedades diferentes. A infância tem em si a ideia de tempo, da experiência, da linguagem. Do ponto de vista da sociologia, a criança e a infância são construções sociais produzidas a partir das práticas sociais e desta forma, tanto a criança quanto a infância não podem ser vistas como únicas e universais. São plurais: infâncias e crianças, esta pluralidade, do ponto de vista de alguns autores, deve ser entendida enquanto uma multiplicidade que pode ser cartografada. Afastase, assim, da visão biológica que vê a criança como um corpo único, com características universais. Neste caso temos a passagem de uma visão que pensa a criança para uma visão que vê uma criança. Da criança: única e universal para uma criança: impessoal, singular e múltipla.

1.2 História das crianças africanas escravizadas, tráfico negreiro, caminhos percorridos

- Qual país da África você pertence?
- Sefala
- Como longe da costa?
- Sobre uma quinzena; em cerca de três léguas um dia.
- Sr. Herring. Essas léguas das quais ele fala são léguas brasileiras, de seis quilômetros muito próximas.
- Augustino. Nós sempre viajamos pela noite, porque eles estavam com medo de viajar de dia.
- Por quê?
- Eles estavam com medo em relação aqueles que não foram feitos prisioneiros virem atrás para nos resgatar. Quando fomos colocados no navio, vários tiveram a liberdade de vir ao convés em consequência da sua juventude. Eu era um desses, mas vários foram levados para baixo, mas poderiam vir ao convés, mas vários desses pularam no mar, por medo de que estavam sendo engordados para serem comidos. A maior parte morria de sede.
- Quem colocou na cabeça deles que seriam comidos, eles eram comidos no seu próprio país?
- Eu não sei porque, mas a ideia de serem comidos vinham da cabeça deles, de serem feitos de alimentos. As vezes quando estavam muito doentes, os homens brancos vinham e apertavam seu ouvido para ver se ele sentia dor e quando viam que estava vivo, diziam que um homem vai tomar posse do seu corpo e dar-lhe um bom alinhavo e vai dizer:
- Não é nada, levante-se, levante-se

A fonte desse relato está no Relatório do Comitê Seleccionado da Câmara dos Lordes, Conrad (1983, p. 37) em Londres, em 1849, que foi nomeado para considerar qual o melhor meio de extinguir com a escravidão africana. Os africanos raramente tiveram a oportunidade de colocar suas impressões sobre a escravidão num registro escrito. Este registro foi feito dois dias após o interrogatório do ex-traficante de escravos, Joseph Cliffe, no Comitê Seletor da Câmara dos Lordes questionou a Augustino, um africano que em 1830, ainda criança, 12 anos na época do embarque, na África e incluído em uma carga de escravos transportados para o Brasil. Cliffe, o ex-traficante de escravos, havia dito ao comitê que antes que o tráfico se tornasse ilegal em março de 1830, as condições dos navios negreiros eram comparativamente confortáveis.

As perguntas feitas a Augustino, de acordo com Conrad (1983, p. 37) pretendiam testar se isso era verdade ou não, se os navios negreiros eram confortáveis, as respostas demonstraram que isso não era verdade. Augustino (*ibid*) relata que, quando foi embarcado na África:

- Eu lembro quando cheguei, e eu lembro quando eu fui a bordo do navio. - Os seus compatriotas que estavam com você, foram trazidos a bordo, colocado em cabines, ou de que maneira eles foram tratados a bordo? - Eles foram colocados em conjunto, que não era nem um quarto de espaço que havia entre eles.
- Como menino você podia ficar na plataforma do navio?
- Sim, porque eu era muito jovem.
- Os adultos escravos ficavam também na plataforma do navio?
- Não, eles foram acorrentados e levados para baixo e para os lados do navio.
- Muitos morreram no navio?

- Quando eles foram colocados lá embaixo, eles ficavam muito junto e muitos morreram em um dia, cinco, seis, dez, às vezes até uma dúzia morreu em um dia, em consequência do excessivo calor e da falta de água. Sua comida era duas vezes na semana carne salgada e para as outras refeições na semana, era farinha, um material como serra, poeira, cozido de farinha. Em consequência de ter um abastecimento de água insuficiente, muitos morreram.
- Então, eles não colocaram em camas confortáveis como imigrantes, quando foi isso?
- Não.
- Isso foi em 1830?
- Sim. Como vocês podem chamar de cabines, longe disso, lá era tão espesso, como um porco num chiqueiro.

Esse é um dos poucos relatos encontrados de uma criança africana trazida para o Brasil. Outros relatos foram encontrados de crianças e adultos africanos escravizados, que foram para outros países, como Cuba, Estados Unidos, Jamaica.

Trazer esses relatos e pesquisas consolidadas sobre as vozes dessas crianças africanas escravizadas que vieram para o Brasil, mas também para outros países das Américas, é uma forma de contextualizar o estudo que aqui será pesquisado, pois pouco se escreveu sobre elas, principalmente no Brasil.

A UNESCO em 2008, publicou em conjunto com a Universidade de Indiana um projeto de escolas associadas, o livro com o título —As vozes dos escravizados, o som da liberdade. I, com o objetivo de conhecer os discursos intelectuais e literários dos escravizados, pois apesar da endêmica cultura anti-intelectual alimentada pela escravidão africana, muitos africanos escreveram importantes tratados, relatos autobiográficos, voltados para uma cultura antiescravista. Como de Olaudah Equiano, que foi escravizado quando era pequeno, junto com sua irmã e sobreviveu para contar sua história no século XIX, o que veremos mais adiante.

Nesta coletânea da UNESCO³ (2008, p. 10), o relato de Ayaya, Yorubá, de 13 anos que foi escravizado na África e colocado no navio negreiro Esperança Felix, com mais 180 africanos escravizados, em direção ao Brasil. Os britânicos que policiavam a costa desde 1807, capturaram o navio Esperança Felix, nas costas de Lagos, Nigéria e desembarcaram os africanos em Serra Leoa, para sua liberdade. Ayaya, cresceu e trabalhou como professor em Serra Leoa, publicou em 1846, um estudo sobre a língua Yorubá, se converteu ao cristianismo e se ordenou sacerdote no mesmo ano. Nos anos de 1837 a 1841, escreveu sobre a sua experiência como criança africana escravizada:

Durante vários anos uma guerra se estendeu pelo meu país, foi sangrenta e devastadora. As mulheres e os homens, se rendiam e eram capturados e tomados com seus filhos como cativos. Os inimigos que levavam a cabo essa guerra, eram principalmente mulçumanos e eles eram muitos que se juntaram

³ Fonte: ChurchMissionary Record. N0 8. Oct. 1837. Diários de IReverendo James Frederick Schony de Samuel Crowther (Londres, 1842). Richard Hart, Blacks in Bondage (ISER, UWI, Kingston, 1980) Vol. 1, págs. 36-42. Acesso em <https://nla.gov.au/nla.obj-1350490952/findingaid>.

com os fulas e escravos estrangeiros que haviam escapado e se juntaram e chegaram a constituir vinte mil homens, que hostilizavam todo o país. Eles tinham um outro ofício que era o de vender escravos a espanhóis e portugueses na costa.

Ayaya, UNESCO⁴ (2008, p. 10), narra o dia em foram capturados:

Era manhã, em minha cidade Ochu-Gu, era bela e agradável. A maioria dos moradores estavam em seus afazeres diários. Nós estávamos fazendo o café da manhã tranquilamente, quando cerca de nove horas da manhã, um rumor se propagou por toda a cidade, os inimigos haviam cercado com intenções hostis. Em pouco tempo, cercaram toda a cidade para que não escapássemos. Nossa cidade estava resguardada por uma cerca rudimentar de madeira, de umas quatro milhas de circunferência que protegiam seus doze mil habitantes, desses três mil eram guerreiros. Os habitantes não estavam preparados, alguns não estavam nas suas casas, e os que estavam tinham que proteger seis mil entradas, assim com outros pontos vulneráveis na cerca, os homens foram surpreendidos e um tanto confusos, foram presas fáceis para o inimigo, que penetrou, depois de três a quatro horas de resistência.

Os relatos das crianças africanas escravizadas e outras nascidas no novo mundo foram reunidos também no livro King (2011, p. xvii) reflete que, se sabe que o número de crianças africanas escravizadas que vieram para o novo mundo foi maior que muitos haviam acreditado. O estudo analisa as interações entre as crianças escravizadas e as livres, bem como a extensão do conhecimento de cada grupo sobre a existência de sua contraparte. Incluíram-se dados sobre nativos americanos e afro-americanos que possuíam outros africanos ou afroamericanos, por razões econômicas. O objetivo não foi de perceber a participação das crianças escravizadas na luta abolicionista, mas de observar como as crianças se relacionavam e se tinham conhecimento tanto de seus pares livres como dos escravizados.

Poucos historiadores enfatizaram o estudo de jovens e crianças escravizadas, mesmo que nos Estados Unidos tivesse uma gama enorme de recursos para esse fim, na opinião da autora, as crianças receberam pouca atenção, porque eram silenciosas e invisíveis, e essa enorme população, não escrevia, nem falava por si mesma e era muitas vezes ignorada por outros, os adultos.

Mesmo com toda a gama de fontes sobre a escravidão africana, os registros históricos usados no livro de acordo com King (2011, p. xvii), não distinguem claramente entre adultos e crianças escravizadas. Em 1850, o censo dos Estados Unidos dividiu os escravizados em grupos constituídos por idade inferior aos cinco anos denominada infância, enquanto que a segunda categoria de juventude, inclui as de cinco a vinte anos de idade. O argumento da autora para a

⁴ Fonte: ChurchMissionary Record. N0 8. Oct. 1837. Diários de IReverendo James Frederick Schony de Samuel Crowther (Londres, 1842). Richard Hart, Blacks in Bondage (ISER, UWI, Kingston, 1980) Vol. 1, págs. 36-42. Acesso em <https://nla.gov.au/nla.obj-1350490952/findingaid>

infância roubada é de que as crianças escravizadas não tinham praticamente nenhuma infância, porque entraram no local de trabalho muito cedo e foram submetidas a autoridade arbitrária, punição e separação, assim como os adultos escravizados e envelheceram antes de seu tempo e assim utilizarem o mais cedo possível como mão de obra.

A infância e a idade adulta estiveram segundo a autora intimamente ligadas durante a escravidão, pois as experiências vividas por ambos foram comparáveis aquelas sofridas por pessoas vivendo em uma nação cercada. As crianças escravizadas no século XIX e os jovens não viveram com bombardeios reais de uma guerra ou foram a um campo de concentração, mas suas experiências de separação, terror, miséria e desespero reduziram-nas a crianças sem infância.

Outra narrativa de um africano escravizado, a de Olaudah Equiano (2014) africano escravizado, que escreveu sua autobiografia em 1789, em Londres. No seu livro narra que nasceu em Igboe, que atualmente situa-se no sul da Nigéria, ele tinha 11 anos quando foi sequestrado junto com sua irmã e vendido por traficantes de escravos. No capítulo 1, ele reflete como suas memórias da infância não foram apagadas e principalmente o seu amor ao seu país, mesmo que essa memória venha misturada com tristeza. Na infância ele vivia com seus pais, que tinham muitos escravos e uma família numerosa, era um dos seus sete filhos pequenos, o mais novo dentre eles. Relata que sua mãe o levava para todos os lugares e o adornava com vários emblemas de guerreiros. Um dia os adultos saíram e ele e sua irmã ficaram sozinhos em casa. Chegaram dois homens e uma mulher e os levaram presos e os colocaram em sacos e só os soltavam a noite, quando podiam ficar abraçados, consolando um ao outro.

Foi criado em 2008, o site do projeto de vida de Olaudah Equiano, criança africana escravizada, que ficou conhecido como Gustavus Vassa, por Lovejoy (2008), o retrato abaixo é do frontispício do livro de Equiano (2014), foi pintado por Wiliam Denton e gravado por Daniel Orme e foi retirado do *site*:



Figura 2: Equiano's Worlds.

<http://equianosworld.org/>

Pouco tempo depois eles foram separados e Olaudah Equiano (2014) foi vendido e levado num navio negreiro. Uma das narrativas no seu livro, de quando foi embarcado no navio negreiro foi do medo de ser comido pelos homens brancos:

[...] agora eu estava convencido de que eu tinha entrado em um mundo de maus espíritos, e que eles iam me matar. Suas peles muito diferentes da nossa, e seus cabelos longos, e a linguagem que eles falavam (que era muito diferente de qualquer que eu já tinha ouvido falar), unidos para confirmarme nesta crença. Na verdade, tais foram os horrores de minha opiniões e medos no momento, que se dez mil mundos tivessem sido meus, eu teria livremente se separaram com todos eles para ter trocado minha condição com a do pior escravo do meu país. Quando olhei em volta do navio também vi um grande forno ou cobre fervendo, e uma multidão de negros de todas as descrições acorrentadas cada um dos seus semblantes expressando desânimo e tristeza, eu já não duvidava do meu destino; e, bastante dominado com horror e angústia, eu caí imóvel no convés e desmaiei. Quando me recuperei um pouco, encontrei algumas pessoas negras sobre mim, que eu acreditava serem algumas das que me trouxeram a bordo, e tinham sido pagas. Eles falaram comigo para me animar, mas foi em vão. Perguntei-lhes se não íamos ser comidos por aqueles homens brancos com olhares horríveis, rostos vermelhos e cabelos soltos.

Do mesmo modo, na África Central Ocidental, em Biafra, região da Nigéria, de acordo com Dipitee (2006, p. 3) as crianças geralmente eram vendidas e revendidas várias vezes por escravos africanos antes de serem comprados pelos capitães de navios. Depois se as crianças sobrevivessem à jornada até a costa, depois de descerem pelo rio de canoa, as crianças africanas escravizadas eram levadas para as casas de vários comerciantes onde eram alimentados e preparados para venda para os capitães de navios negreiros.

Essa imagem de 1890 de transporte de africanos escravizados no Congo, Lovejoy (2006) em canoas representa bem os relatos de crianças africanas escravizadas, para chegar à costa e serem vendidas aos navios negreiros:



Figura 3: *Boy Travelers on the Congo*. Thomas W. Knox 1884. Fonte: https://www.gutenberg.org/files/59021/59021-h/59021-h.htm#ILL_046

A mecânica do comércio de escravos diferia de região para região, para que as experiências das crianças escravizadas possam ser bastante variadas. Embora as crianças muitas vezes fossem vendidas separadamente de seus parentes, vários membros da família foram vendidos para o comércio de escravos do Atlântico e, por vezes, colocar no mesmo navio. De acordo com, Alexander Falconbridge (*apud* DIPITEE, 2006, p. 3) um médico que serviu em vários escravos navios, supostamente sabia de um pai e filho que foram capturados durante o plantio de inhame e vendido para o mesmo navio.

E outra história que conta é de uma jovem que foi capturada com sua família na região de Biafra, acabou sendo vendida na Jamaica, mas embora seu pai tivesse sido colocado em um navio diferente, tanto ela como sua mãe foram vendidas para o mesmo navio de escravos.

A autora conclui que, ironicamente, embora estudos demográficos tenham mostrado que a migração forçada de crianças africanas do outro lado do Atlântico tem sido significativa, para a experiência histórica de a escravização dessas crianças permaneceu pouco estudada. Especialistas da escravidão na diáspora africana têm dado cada vez mais atenção às crianças escravizadas, mas esses estudos tendem a se concentrar em crianças nascidas nas Américas e principalmente nos estudos demográficos e quantitativos e não de crianças africanas escravizadas, que foram deportadas para as Américas.

O pesquisador Lovejoy (2006), o número de crianças africanas escravizadas, que entraram no tráfico transatlântico, mudou ao longo do tempo e variou de acordo com as variadas regiões de embarque na costa africano. A partir do século XVIII e XIX, mais crianças foram

compradas, principalmente na baía do Benim, que aumentou a partir de 1820, pois havia um objetivo de encher o máximo possível os navios negreiros. Para entender esse aumento de embarque de crianças africanas escravizadas o pesquisador usou dados quantitativos e relatos biográficos e memórias de africanos, que foram escravizados quando eram crianças, principalmente no golfo do Benim no século XIX.

No começo do tráfico, de acordo com o pesquisador Lovejoy (2006) alguns africanos escravizados, incluindo crianças foram embarcados sem obrigação de pagar tributos, principalmente se eram crias de peito e de pé, apenas com a lei de 1684, definiu-se que cria, de peito não poderia ser tributada. O que importava para o traficante é de quantos escravizados poderia colocar no navio negreiro para obter lucro. As construções dos navios negreiros passaram a se definir de acordo com quanto podia aumentar a capacidade de escravizados embarcados, e aumentando o convés, onde poderiam colocar extras, que eram basicamente as crianças.

A imagem abaixo é uma ilustração publicada na revista Harper Weekly, em 1860, na reportagem sobre a interceptação do navio negreiro Wildfire, que havia partido da África, no Congo, com africanos escravizados, que seriam vendidos em Cuba. O navio foi levado para Flórida e depois para Libéria, na África, podemos ver como o convés ficava tomado por crianças africanas escravizadas:

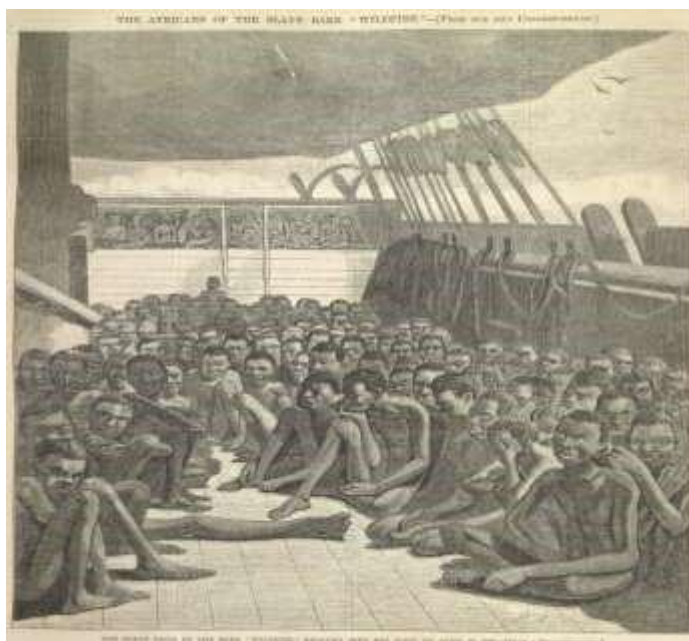


Figura 4: Africanos libertados no convés da casca —Wildfirel (1860).

Fonte: <http://www.loc.gov/pictures/item/98501624/>.

Os capitães de navios negreiros estavam de acordo com a compra de crianças africanas escravizadas e nos seus relatos de viagens, de acordo com Diptee (2016) visavam apenas o quantitativo de carga viva e morta. O capitão John Goodrich, do navio negreiro Júpiter, que saiu da Baía de Biafra, na África e chegou a Jamaica, em 1793, com 359 africanos, relata que um

mês antes da viagem havia cento e trinta jovens, saudáveis a bordo, mas nove morreram ainda quando estavam atracados e outros vinte e dois morreram na travessia. O Júpiter chegou em Martha Brae, Jamaica, com oitenta e três crianças, sessenta e um adolescentes e um bebê, o que reflete um total de 42% por cento da sua carga era de crianças africanas escravizadas, que eram principalmente de Igbo. Esse tráfico da Baía de Biafra a Jamaica de 1701 a 1808, foi intenso, representando 20,5 por cento de todos os cativos africanos transportados a força. A proporção de meninos e meninas africanas escravizadas flutuou ao longo do século XVIII e XIX, mas o número de meninos era um pouco maior e no quantitativo não era contabilizado os adolescentes, pois eram contados como adultos.

Possivelmente para Diptee (2016), não é de surpreender que poucos bebês fossem vendidos, pois na tradição Igbo, matar os bebês gêmeos continuou durante todo o comércio atlântico, embora potencialmente eles poderiam ser vendidos. Ugo Nwokeji (2007⁵ *apud* DIPTÉE, 2016), argumenta que as forças culturais as vezes superavam as econômicas, pois matar uma ou duas crianças Igbo era viável, exatamente pelo lucro que elas trariam na venda. Mas para a pesquisadora (*ibid*), na verdade muitas crianças africanas escravizadas eram mortas por traficantes e muitos não queriam comprar mães com filhos, e os bebês eram mortos e a mãe vendida para os traficantes. As crianças africanas escravizadas que sobreviveram a travessia do Atlântico foram mais do que as que ficaram pelo caminho do meio, por isso a importância de relatar suas experiências, que também tinham suas próprias crenças e expectativas para interpretar e dar sentido a sua vida nas Américas.

Assim a história de Ester, uma jovem Igbo, que chegou a Jamaica, sem dúvida é importante, Diptee (2016), relata que, a idade da menina africana na captura é incerta, mas era bem jovem, pois ainda estava sob a influência paterna e de parentes. Seu pai era um homem que possuía muitos escravizados e tinha uma plantação de milho, inhame e fumo. A aldeia da sua vó era perto da costa e estava lá de visita, quando foram atacados, todas as mulheres foram levadas para a floresta e os mais jovens ficaram para proteger a aldeia, mas não foi suficiente e elas foram descobertas, todos que resistiram e os idosos foram mortos, inclusive sua vó. Ela foi levada para a costa e vendida para um navio negreiro com destino a Jamaica. As marcas no seu peito, eram uma prova de que nascera livre, na opinião de Ester, isso demonstra para a pesquisadora Diptee (2016), de que os escravizados africanos se agarravam com força ao seu senso de identidade africana e é mais uma evidência de que eles não aceitaram a experiência da escravidão como uma morte social.

A contextualização de Ester e outras crianças africanas escravizadas, suas visões de mundo, crenças e as suas memórias de histórias, provérbios, contados por pais, parentes e anciãos da

⁵ NWOKEJI, G. Ugo. **The Slave Trade and Culture in the Bight of Biafra: An African Society in the Atlantic World.** New York: Cambridge University Press, 2007.

comunidade, moldaram suas experiências sob a escravidão. As ênfases das pesquisas devem ser nos esforços da reconstrução de mundo dessas crianças africanas escravizadas baseadas nas suas crenças e práticas culturais.

Lovejoy (2006) afirma que a criança africana escravizada, representava lucro para os navios negreiros, pois podiam carregar o dobro ao invés de adultos, que ocupavam mais espaço no interior do navio negreiro e no convés poderiam amontoar mais e mais no pequeno espaço. A proporção de crianças africanas escravizadas, a partir o século XIX, por causa da demanda de mão de obra na produção de café no Brasil, passaram a ser um bom investimento, pois eram uma fonte barata de trabalho e mais crianças poderiam ser carregadas a bordo dos navios negreiros, e controlar as crianças com punições era mais fácil do que dominar os adultos.

Alguns relatos que estão no artigo do pesquisador Lovejoy (*ibid*) demonstram como as crianças eram tratadas apenas como mercadoria, se teriam lucro ou não com as mesmas. O relato de um cirurgião que esteve no navio negreiro, em 1788, presenciou a compra de nove crianças africanas, em Bimbé, na costa de Camarões e elas ficaram muito abatidas, e uma menina em particular, quando descobriu que fora vendida, se agarrou no pescoço de outra e ao longo da viagem ela ficou abatida e triste. Outro relato de um capitão de navio negreiro, demonstra como os bebês africanos eram descartáveis: uma mulher africana escravizada com seu bebê, foram embarcadas e a criança estava indisposta e chorou e o contramestre perguntou ao capitão se poderia jogá-la no mar, e como motivo disse que ela não viveria mesmo e se vivesse não renderia nada de lucro.

Lovejoy (2006) reconhece que, nas narrativas e relatos dos africanos escravizados ainda crianças, devem ser examinadas e podem ser distorcidas, pois para ele a capacidade do indivíduo para lembrar é particular e específica e as crianças têm obscurecida a sua com uma perspectiva parcial do mundo adulto, mas também é importante pontuar que a criança lembra, mesmo que ela incorpore o que ouviu dos pais, parentes e outros da mesma região e incorporados as memórias posteriores. O impacto dessa migração forçada das crianças africanas escravizadas, vem de encontro com o levantamento de questões sobre a cultura, a língua e sobrevivência da mesma em diversos locais para onde foram levadas e vendidas como mercadorias. É importante salientar o quanto as pesquisas voltadas para essa história da infância africana escravizada são importantes para documentar e trazer as vozes dessas que foram apagadas por anos na historiografia da escravidão.

Outro fator de acordo com o pesquisador Lovejoy (2006) é perceber como, as relações de parentesco são importantes, mesmo destruídas pelo tráfico escravo, elas não foram esquecidas. No relato da terceira viagem do comandante de um navio negreiro, que saiu de Camarões, em Bimbe, uma menina africana, de quinze anos foi comprada e trazida e como era a primeira a embarcar, deram o nome de Eva, e se fosse um menino seria Adão. Eva era uma

menina muito esperta e contou como havia chegado ali: uma cabra apareceu no quintal do seu pai e no dia seguinte, mercadores vieram e acusaram seu pai de ladrão e que ele teria que dar uma filha como escrava, por causa da ofensa., assim, ela foi vendida para o navio negreiro. Os navios negreiros ficavam no porto até completar a carga de escravizado e depois de três meses, ainda em Bimbe, um jovem e uma menina de cerca de oito anos foi trazida e quando avistou Eva, foi abraçar e elas eram muito parecidas e depois contaram que eram irmãs.

Em outro artigo de Lovejoy (2011), relata a história Catherine Mulgrave Zimmermann que, foi sequestrada na praia junto com suas duas irmãs de uns treze anos e outra de sete anos, no início de 1833. Elas caminhavam na praia junto com outras crianças africanas e vindo do mar, um barco, com marinheiros europeus que chamaram as crianças africanas oferecendo doces, algumas crianças fugiram, mas as três irmãs entraram no barco e foram para um navio, que na verdade era de escravizados. O Heroína era um navio negreiro, que estava de partida para Cuba, mas ainda precisava preencher a carga e foram em busca de crianças africanas, que poderiam enganar e sequestrar, na mesma noite, ele partiu. No artigo o autor Lovejoy (*ibid*) conta sua história e afirma que, o relato mais confiável da vida da menina africana escravizada é uma carta enviada pelo seu marido, um suíço, missionário, com data de 18 de novembro de 1852, que foi traduzida para o alemão língua do marido de Catherine.

Abaixo uma foto de Catherine e seu segundo marido, o que escreveu a carta e relata a vida de Catherine, ela é terceira pessoa da esquerda:



Figura 5: Catherine Zimmermann-Mulgrave, 1873.

Fonte: <https://www.slavevoyages.org/resources/images/category/Slaves/9/detail>.

Os pesquisadores Florentino e Villa (2016), avaliam que, o perfil etário dos escravizados que cruzavam o Oceano Atlântico, tinha um padrão de demanda por aquisições de crianças

africanas, pois havia um estrangulamento por parte da Inglaterra desde 1810 até 1850, principalmente voltado ao Brasil. Narram sobre um navio negreiro Vulcano, que permaneceu na ilha de Moçambique, de julho a dezembro de 1826, que zarpou no Natal para o rio de Janeiro, com 185 homens, 66 mulheres, 169 meninos e 104 meninas a bordo, chamando a atenção para o número de crianças, que era mais da metade dos 524 cativos, adquiridos. Fugindo do padrão etário implícito à lógica demográfica da escravidão americana, pautada na aquisição de cativos imediatamente aptos a trabalhar, do que deveriam resultar quantidades apenas residuais de meninos e meninas compradas na África. Para aferir a hipótese de que havia uma grande quantidade de crianças que desembarcavam no Brasil de 1810 a 1850, os pesquisadores utilizaram os registros dos navios negreiros constantes *do The Transatlantic Slave Trade Database: Voyages* (TASTD)⁶ o maior banco de dados sobre o tráfico de africanos para as Américas, o qual consolida informações sobre 35 mil viagens entre 1514 e 1866. Como o tráfico era clandestino, após 1830, os inventários posteriores a essa data tendem a distorcer as idades dos africanos, tal como, aliás, muitas cartas de alforrias e anúncios de vendas de escravos em jornais da época. Os pesquisadores utilizaram O TASTD⁷ (*ibid*), que tem nos seus arquivos os navios negreiros com destino ao Brasil e que foram capturados pelos ingleses, e remetidos para a Comissão Mista de Serra Leoa, os quais oferecem as quantidades de homens, mulheres, meninos e meninas compradas na África durante os últimos 40 anos do tráfico. Analisaram os dados e conseguiram preencher as lacunas relativas à participação de crianças entre os africanos desembarcados no Brasil entre 1810 e 1850, onde das 117 viagens encontradas, 33.836 cativos foram embarcados na África, dos quais 29.543 chegaram vivos em Freetown. Eram 77 navios negreiros que deveriam aportar na Bahia, 28 no Rio de Janeiro, onze em Pernambuco, uma no Pará e outra em Santos.

Observaram os registros de 1791 a 1810 e a participação de crianças de ambos os sexos entre os africanos desembarcados na Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro variou de 0.2% a 4.5%, índices residuais em meio à predominância de adultos em especial do sexo masculino. Observaram o crescimento da participação de meninos africanos. E o número de mulheres ter se mantido estável, o que demonstra a dificuldade em se obter cativas na África. Havia um temor das elites escravocratas do fim do tráfico negreiro e intensificaram, na segunda metade da década de 1820, a compra de escravas adultas, em especial de crioulas.

Esses dados, não abrangem a compra de cativas adultas nascidas no Brasil, depois de 1830, embora o tráfico atlântico continuasse a fazer desembarcar milhares de crianças africanas escravizadas, até 1850. No gráfico baseado no TASTD⁸ (*ibid*), Florentino e Villa (2016),

⁶ <https://slavevoyages.org/assessment/estimates>

⁷ <https://slavevoyages.org/assessment/estimates>

⁸ <https://slavevoyages.org/assessment/estimates>

retiraram as porcentagens de crianças africanas desembarcadas no Brasil, verificando que o número de homens adultos diminuiu ao longo dos anos e o aumento de meninos africanos no tráfico aumentou:

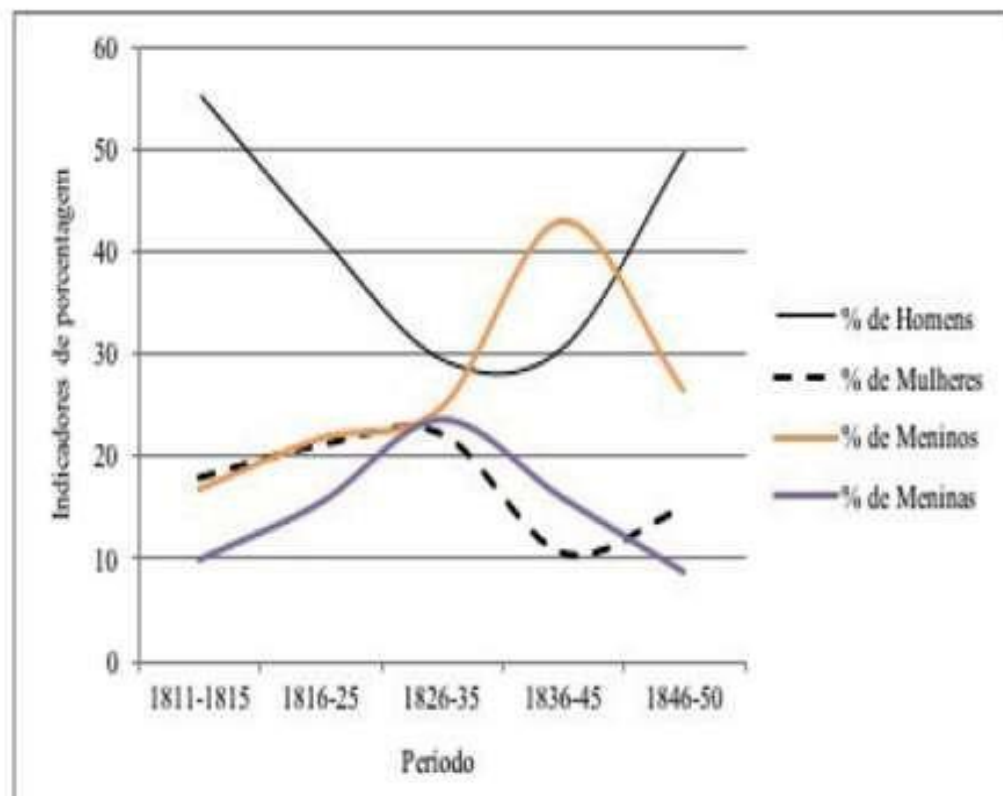


Figura 6: Gráfico de porcentagens de africanos desembarcados no Brasil de 1811 a 1850. Fonte *apud*: FLORENTINO; VILLA (2016, p. 6)

<http://www.slavevoyages.org/voyage/>.

Essa contínua compra de crianças africanas, de acordo com os pesquisadores durou por mais por mais de meio século gerando uma nova categoria, o africano-crioulo, que segundo eles eram as crianças africanas escravizadas, que desembarcavam no Brasil em idades muito tenras, eventualmente conheceram maior facilidade em seu processo de incorporação e recriação cultural. Essas categorias incluíram centenas de milhares de crianças africanas escravizadas, que abarcou mais de duas gerações de escravos, os quais muito provavelmente tiveram mais êxito para sobreviver do que outros africanos, pois constituíram famílias, o acesso à terra e as alforrias.

Realizei a pesquisa no TASTD⁹ (*ibid*) e a quantidade de crianças que vieram nos navios negreiros de 1826 a 1850, continua quase no mesmo fluxo do estudo dos pesquisadores acima, citados:

⁹ <https://slavevoyages.org/voyage/database#tables>

Quadro 1: Quantidade de crianças africanas escravizadas nos navios negreiros de 1826 1850.
<https://slavevoyages.org/voyage/database#tables>.

Comércio Transatlântico de Escravos – Base de Dados		
Faixa de ano	Brazil	Totais
1501-1525	0,0%	0,0%
1526-1550	0,0%	0,0%
1551-1575	0,0%	0,0%
1576-1600	0,0%	0,0%
1601-1625	0,0%	20,7%
1626-1650	18,1%	33,0%
1651-1675	0,0%	11,2%
1676-1700	2,9%	8,4%
1701-1725	6,2%	15,3%
1726-1750	7,4%	17,8%
1751-1775	8,5%	26,6%
1776-1800	10,8%	18,4%
1801-1825	3,4%	17,2%
1826-1850	59,3%	51,0%
1851-1875	5,5%	7,4%

A narrativa de duas crianças africanas escravizadas que foram descritas no início do capítulo, de Augustino e de Olaudah Queniano, utilizaremos a reprodução interpretativa da cultura de pares, para entender como o caldeirão que havia no convés dos navios negreiros, para eles era para cozinhá-los vivos e serem comidos pelos homens brancos. Mattoso (1979, p. 84) na sua pesquisa sobre a escravidão dos séculos XVI ao XIX, descreve o convés, —Os navios negreiros eram equipados com imensos caldeirões, onde era cozida a alimentação dos cativos e grandes barris de água, que ocupavam um espaço importante da embarcação.

As duas crianças africanas escravizadas estavam vivendo o horror da escravidão e de terem sido tiradas da proteção familiar e se deparam com um mundo adulto branco, em que teriam que lidar com suas preocupações e medos em relação ao que aconteceria quando entrasse naquele navio negreiro. Nada lhes era explicado e novas rotinas culturais eram apresentadas e com seus pares traçavam faziam uma reprodução interpretativa em relação ao caldeirão. O caldeirão era enorme, com certeza ele poderia caber dentro dele com facilidade e se as crianças africanas escravizadas eram engordadas e cuidadas antes de serem vendidas para os traficantes. Muitas crianças africanas escravizadas pulavam no mar, mesmo depois de adultos africanos explicarem de que não seriam comidos, o que Augustino relata. A interação entre as crianças e seus pares nos navios acontecia, pois podiam transitar no convés e dormiam juntas, de acordo com os relatos.

As crianças segundo Mattoso (1979, p. 97), eram espremidas no primeiro convés como sardinhas em lata e na hora de dormir caíam uns por cima dos outros. A rotina cultural diária de um navio negreiro, fechados e presos num convés, onde um dependendo do outro para sobreviver, poderia unir e trazer trocas mais dinâmicas entre os pares e os adultos africanos. A força social imposta aos africanos escravizados que tinham que sobreviver num navio negreiro por vários dias, tornava-os companheiros de jornada e de sobrevivência.

Uma narrativa de um clérigo britânico, Walsh, em 1829, quando acompanhava a um grupo britânico de abordagem a navios negreiros, na captura no Atlântico, de *Veloz*, um navio português, que já estava no mar há 17 dias, vindo dos portos da África. Nesse período 55 africanos escravizados já haviam sido atirados ao mar, havia a bordo 336 homens e 226 mulheres, um total de 562 africanos.

O que mais impressionou Walsh (1829, p. 326), foi como era possível carregaram esse número enorme de pessoas, em células tão baixas, com três pés de altura, menos de um metro, sem ar, sem luz, que no termômetro marcava 89 graus. O espaço entre os decks estava dividido em dois, no primeiro estavam as mulheres e meninas, onde muitas estavam grávidas e no de baixo os homens e meninos, o espaço era tão reduzido, que não podiam deitar e estavam sentados entre as pernas uns dos outros. Algumas crianças estavam deitadas nas laterais do navio, nos locais mais afastados da luz e do ar, pareciam moribundos.

Quando chegaram ao navio os africanos gritavam e batiam palmas, alguns com desânimo nem se mexiam, aparentemente demonstravam a falta de esperança, e algumas crianças pareciam estar morrendo. Os oficiais insistiram que todos fossem trazidos para o convés e foi oferecida água para os 517 africanos, que saíam como abelhas de uma abertura de uma colmeia, algumas crianças, adultos, homens velhos e mulheres, em nudez total, e aconteceu uma disputa entre eles para beberem um pouco da água oferecida. Quando os africanos foram ordenados e arrumados no convés, o pavor de voltar para onde estavam, o olhar era de angústia e sofrimento.

No estudo de Vasconcellos (2015), no livro *Slavery Childhood, and abolition in Jamaica 1788 a 1838*, a mudança de valor econômico dado pelos plantadores jamaicanos a mão de obra das crianças escravizadas foi mudando ao longo da escravidão.

A autora examinou a infância escrava antes e depois da abolição do tráfico de escravos e como as crianças escravizadas se desenvolveram física e psicologicamente no complexo de plantações na Jamaica. Sua análise partiu do desenvolvimento de políticas pró-natais durante o final do século XVIII e início do século XIX e o resultado das políticas de melhoria no incentivo no aumento natural da população escravizada, com o fim do tráfico negreiro. As crianças escravizadas tornaram-se mercadorias importantes, já que não haveria um número tão maciço de importação de adultos africanos escravizados.

A autora observa que, até os meados do século XVIII, as crianças escravizadas, que viviam nas plantações não eram bens desejáveis, pois eram contabilizadas como gastos e pouco retorno financeiro. As crianças escravizadas até cinco anos de idade realizavam pequenos trabalhos, mesmo com doze horas de trabalho como os adultos, desde que começavam a andar. Em 1801, essa visão muda com os incentivos da fertilização das mulheres escravizadas para que procriassem e tivessem filhos para trabalhar nas plantações. Nesta época as crianças escravizadas se tornam mais visíveis nos estoques e listagem dos arquivos estudados nas plantações. Uma importante observação do autor é que os historiadores mantiveram o foco no quantitativo dos filhos das mulheres escravizadas e não com as crianças escravizadas e sua história pessoais e sua infância.

O paradigma sobre a infância fluía de acordo com os senhores escravocratas e suas subjetividades, pois para eles a criança escravizada salvaria as plantações de colapso econômico, com a falta de cativos. Os parâmetros que definiam a infância escravizada era o trabalho, a partir de cinco anos já poderia ajudar nos afazeres domésticos. Com as meninas, o que definiam sua infância era fase reprodutiva que começava aos dez anos de idade, e muitas com onze anos já tinham filhos. Mesmo com esse início precoce de reprodutividade entre as meninas escravizadas, muitas morriam antes da idade adulta e outras sequer engravidavam, por falta de alimentação e cuidados.

Um importante dado que recolheu na pesquisa é de que os africanos escravizados que vinham no mesmo navio negreiro, olhavam para seus irmãos e irmãs de flagelo e seus filhos, como se fossem seus próprios e formavam elos de companheirismo, principalmente quando eram comprados para a mesma plantação. E concluiu que, para sobreviver, desenvolviam novas estratégias de enfrentamento, identificando-se com aqueles que compartilhavam experiências semelhantes e recriavam laços de parentescos, a fim de encontrar apoio e força no meio da sua dor e medo e o principal é que a comunidade escrava respeitava essa relação de companheirismo e parentesco. Uma africana escravizada, chamada Philippa, que chegou num hospital em 1816, estava com uma criança africana escravizada, bem pequena, que se chamava Prince, não era seu filho e mesmo assim, o menino africano não desgrudava dela um momento sequer. Isso demonstra que os órfãos da escravidão que perdiam seus pais ou eram separados deles ao chegar nos navios negreiros, buscavam refúgio em outros africanos, formando novos laços de parentesco. As crianças africanas escravizadas que eram mais velhas e já entendiam o que havia acontecido com seus pais e que ficaram órfãs, poderiam ter se juntado a um grupo semelhante de parentes com a esperança de encontrar segurança e aceitação.

Na narrativa de um médico jamaicano que comprou duas crianças africanas, um menino e uma menina, para trabalhar como empregados domésticos em 1808, e a medida que cresciam, tornaram-se cada vez mais próximos e consideravam-se como irmãos. Quando o médico decidiu

vendê-los, as crianças africanas escravizadas, deixaram claro para ele que só iriam se fossem juntas e que nunca seriam separadas, e as crianças foram vendidas juntas para um comprador de uma cidade espanhola.

As crianças africanas escravizadas e as que nasciam na Jamaica e eram abandonadas, separadas de sua mãe, vendidas, recriaram suas redes de parentesco e esses laços proporcionavam estabilidade e uma nova rede de parentesco e esses laços proporcionavam estabilidade e uma nova rede de apoio, bem como seus filhos quando nascessem poderiam ter uma vida mais estável, que as que tinham vivido.

Nas plantações na Jamaica, essa relação de parentesco das crianças, eram mais viáveis, porque viviam em aldeias de escravizados, em pequenas cabanas de palha, formando pequenos bairros de escravizados.

Nas escavações arqueológicas de Higman¹¹ (1977 *apud* VASCONCELLOS, 2015, p. 27) encontrou formações domésticas semelhantes, onde várias casas cercavam um quintal comum, no século XIX, isso sugere que como culturalmente foi estudado, algumas culturas da África Ocidental, organizavam-se da mesma forma em aldeias familiares e de parentesco, o que demonstra que, essa cultura sobreviveu e foram ressignificadas nas plantações na Jamaica.

No Brasil Slenes (2011), no livro *Na Senzala uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava*, afirma que não pretendia refletir sobre a herança cultural africana e sua ressignificação pelos escravizados, mas percebeu que os africanos escravizados eram de determinadas etnias e filhos de africanos que trouxeram consigo determinadas esperanças e recordações a partir do seu eixo cultural.

Slenes (1987), o autor escreveu sobre a vida doméstica dos escravizados e descobriu que os viajantes estrangeiros não eram tão cegos quanto havia pensado, porque lendo nas entrelinhas das escritas desses podíamos identificar grupos de parentesco e de famílias escravizadas e que esses relatos brancos olhados na superfície, podem ser sondados na profundidade e ajudam a retratar uma família escravizada radicalmente diferente daquela

¹¹ HIGMAN, B. W. **Slave Population and Economy in Jamaica, 1807-1834** (English Edition), 1977. Cambridge University Press, Inglaterra, 1977, p. 352.
teorizada a partir de um olhar eurocêntrico.

As pesquisas atuais tem demonstrado que a existência significativa de laços de parentesco simples, mãe, pai e filhos, há também constituição de famílias extensas de escravizados, que incorporavam pessoas não aparentadas, como estratégia de sobrevivência dentro do cativeiro. Importante frisar de acordo com o autor é de que, os novos estudos não reduzem os horrores da escravidão africana, apenas devolvem ao escravismo sua historicidade, com seus principais agentes sociais, os escravizados e os senhores, elucidando a política senhorial de domínio e a resistência dos escravizados.

O argumento do livro do autor é de que a família escravizada, nuclear, numerosa e intergeracional, contribuiu decisivamente para a criação de uma comunidade escravizada, unidas em torno de experiências, valores e memórias compartilhadas, minando a hegemonia dos senhores, criando condições para subversão e rebelião.

As famílias escravizadas não tinham apenas o objetivo de projetos de laços de parentesco de acordo com o autor, ela expressa um mundo mais amplo que os escravizados de criação a partir de suas esperanças e recordações da África, ela é apenas mais uma das instâncias culturais construídas na identidade da senzala. As experiências semelhantes no cativeiro, apesar de virem de origens étnicas diferentes, com suas heranças culturais em comum, que no seu estudo demonstraram que eram de centros-africanos, começaram bem antes dos laços de parentescos. Por causa dessas afinidades os africanos escravizados de diferentes etnias que vieram amontoados nos navios negreiros, já chegavam ao Brasil como malungos ou canoieiros do infortúnio, forjando novas sociabilidades.

Essas trocas culturais não foram estudadas em relação as crianças africanas escravizadas, como mulungos ou canoieiros do infortúnio, talvez pela invisibilidade geracional, com demandas maiores para o estudos dos adultos africanos escravizados e mais capazes da luta e da resistência.

Segundo Duane (2017), durante o comércio de escravizados no Atlântico, a figura da criança criou uma ponte conceitual, que ligava a raça a escravidão, o africano era visto como um ser infantilizado. Uma citação de Thomas Jefferson¹⁰ (1903 *apud* DUANE, 2017), no intuito de fazer uma brincadeira, afirmou que para libertar um escravizado era o mesmo que abandonar uma criança. A qualidade infantil do escravizado americano, era a chave do seu ser. Nas histórias que foram globalmente disseminadas, o escravizado fictício é retratado como simples e infantil. A relação forjada entre infância e negritude era tão poderosa, que tanto apologistas da escravidão quanto abolicionistas muitas vezes, viam os escravizados sob um viés paternalista. A infância foi frequentemente implantada para justificar e explicar a escravidão em massa de pessoas.

¹⁰ LIPSCOMB, Andrew A.; BERGH, Albert Ellery (Eds.). **The Writings of Thomas Jefferson**. Memorial Edition. 20 vols. (Washington, DC, 1903–4), vol. 19, 41.

Diptee (2017), na colonização francesa na África, as autoridades mudaram os conceitos tradicionais de faixa etária, para geracional, assim poderiam escravizar um maior número de crianças. A colonização francesa tornou a infância num indivíduo e não numa fase da vida comum. A busca pela liberdade para os abolicionistas era visto como uma forma de reivindicação de empoderamento adulto e rompimento com a qualidade infantil do escravizado. Mesmo os defensores mais bem intencionados, reafirmam o controle dos adultos e enfatizam a vulnerabilidade infantil, no século XIX, o material anti-escravista, muitas vezes se concentrava em cenas dolorosas de crianças arrancadas de suas famílias, na esperança de despertar instintos protetores. Essa perpetuação de acordo com a autora, perpetuou a idéia de que as crianças precisam ser ajudadas, por apelo emocional, e não como pessoas que podem reivindicar sua auto-posseção. Durante o comércio transatlântico, as crianças africanas eram frequentemente os principais alvos de traficantes de escravizados, eram mais vulneráveis e fáceis de sequestrar da família.

A procura por elas aumentavam, mesmo após os europeus imporem restrições ao tráfico, havia caravanas de crianças africanas escravizadas, de acordo com Klein (*apud* DIPTÉE, 2017), pois eram mais fáceis de intimidar e silenciar. Para Klein (2011), as pesquisas sobre escravidão na África até hoje tem se preocupado mais com o gênero do que com a idade. As fontes de pesquisa se preocupam mais com o trabalho e a reprodução dos adultos e principalmente com a história das mulheres e o reconhecimento de que a disparidade entre homens e mulheres foi em grande parte resultado da preferência africana pelas mulheres. Os africanos estavam dispostos a pagar mais pelas mulheres do que pelos homens da mesma idade, enquanto que os preços das crianças eram geralmente mais baixos, embora as meninas fossem muito procuradas quando atingissem ou mesmo se aproximavam da puberdade, especialmente se fossem bonitas.

Diptee (2017), afirma que para compreender a escravização das crianças africanas no passado ou atualmente é importante contextualizar e historicizar as formas pelas quais a os conceitos de infância e escravidão foram definidos. Compreender que a histórias das crianças e a história dos adultos , fazem parte da mesma história é entender que, a história da criança escravizada é a primeira parte da história do adulto escravizado. Perceber a importância de historicizar a infancia escravizada, trará a completude da história do adulto escravizado, entendendo que as experiências infantis, podem lançar luz sobre as decisões e oportunidades dos adultos escravizados ao longo da sua vida. Para a autora (*ibid*), a história da escravidão no que se refere as crianças nos aproxima da compreensão da totalidade da experiência humana sob a escravidão. Contextualizar sócio-historicamente as experiências das crianças escravizadas, podem determinar melhor os fatores que, afetaram a vida desse escravizado adulto.

Diptee (2006, p. 10) narra as condições em que as crianças africanas escravizadas eram trazidas, mesmo sendo diferente dos adultos, os meninos eram deixados vagando pelo convés, o que já vimos que não era para dar liberdade as crianças africanas escravizadas, mas para poder transportar um número maior e obter mais lucro.

Compreender como afirma Diptee (2017) de que a vida da criança africana escravizada está interligada com a do adulto, que uma faz parte da outra, também é uma forma de entender usando a Sociologia da Infância, onde a cultura de pares, e da representação interpretativa estava presente nos relatos. Como uma brincadeira foi observado por um médico (DIPTÉE 2017), que acompanhava a viagem no navio negreiro, eles jogavam um jogo captura de escravos, em que imitavam todas as ações envolvidas em uma invasão na caça de escravizados. Esse jogo é uma forma de ressignificar com seus pares, uma preocupação constante de captura, uma reprodução interpretativa, usando criativamente o que viram e passaram com os seus. Outra forma de participação na cultura adulta no navio negreiro, por terem mobilidade e poderem vagar pelos espaços, as crianças escravizadas, carregavam mensagens entre homens e mulheres, que eram parentes e foram mantidos separados, formando um elo e também aprendendo e com essas trocas de mensagens.

Portanto o conceito de agência infantil, que é um dos mais importantes estudos sobre a história infantil, de acordo com James (2002, p. 34), essas ações que produzem as culturas de pares, podem alterar e transformar ativamente a sociedade. Localizar essa agência infantil em diferentes contextos históricos, localizando suas culturas de pares e sua capacidade de agir criativamente e ressignificando as culturas dos adultos é dos meios de comprovar como eles participavam ativamente da cultura adulta.

O tempo histórico para Mayall (2000, p. 10), nos ajuda a entender a infância e as relações sociais de agência e estrutura, que exigem das crianças trabalhar com e contra a estrutura social, cujo passado está enraizado, nos eventos, interações e crenças. A infância como estrutura adotam noções de status social, hierárquico, compartilhado com seus pares e com os adultos, em um período específico do tempo histórico numa determinada sociedade. O foco da agência infantil está na contribuição, que as ações dessas crianças, num determinado tempo e ao longo deste, podem trazer uma continuidade de mudanças estruturais.

Observando uma ordem social que James, Jenks e Prout (1998 *apud* MAYALL, 2002), definem como geracional, onde a agência infantil está subordinada socialmente em relação aos adultos. A agência infantil das crianças africanas escravizadas, nos oitocentos na Cidade do Rio de Janeiro, se unirá ao conceito de agência africana, da Afrocêntridade, para ampliar e localizar essas crianças africanas escravizadas num tempo histórico de luta e resistência intelectual ao dogma da dominação.

As vezes a pesquisa pode ser mais fascinante que o resultado.

Carlo Ginzburg

1.3 Afrocentricidade, localização e agência africana

A perspectiva de luta e resistência dessas crianças africanas escravizadas, na perspectiva Afrocêntrica é o de agência africana. Sob a perspectiva de agência africana, de acordo com Asante (1988, p. 41), faz parte do quadro teórico, no qual um conjunto de fatos que descrevem eventos e a ação de pessoas de povos africanos, que emergem na circunstância de opressão. segundo, o assalto é analítico no sentido de exaltar as estruturas conceituais de dominação, lingüísticas, culturais, estética, política, esferas econômicas. A memória dessas crianças africanas escravizadas são o elo essencial entre o passado e o presente vivido na opressão da escravidão. As identidades em construção dessas crianças africanas escravizadas não foram apagadas e muitas camadas e formas de ações foram adicionadas numa reconstrução desse passado africano lembrado e ressignificadas.

Em primeiro lugar cabe localizar os estudos sobre Afrocentricidade no Brasil, que foram alavancados com o lançamento da coleção Sankofas, na década de 1980, organizado por Larkin (2009, p. 17), que assumiu o legado de ampliar o conhecimento sobre as histórias e culturas africanas e afro-brasileiras. O quarto volume acrescentado em 2008, com a reedição da coleção, amplia a discussão com ensaios sobre a Afrocentricidade e dessa forma trazendo a proposta epistemológica de Asante.

A Afrocentricidade de acordo com Asante (2009, p. 1), é um paradigma baseado na agência dos povos africanos, como forma de manter sua sanidade em contextos extremos de opressão.

Na década de 60, um grupo de intelectuais africanos formados nas universidades e que pesquisavam nos departamentos de Estudos Negros, formularam novas maneiras de captar e analisar as informações, sobre uma perspectiva negra e não mais branca, como era aplicado em todos os cursos acadêmicos. Com o objetivo de articular uma nova visão contra hegemônica eurocêntrica. Uma vez que existe uma ética assertiva entre os afrocentrista para deslocar o discurso em direção a uma abordagem mais orientada para a agência para análise, exames, investigações e fenômenos Asante (2016, p. 16).

Colocar as diversas culturas tanto europeias como africanas e tantas outras no mesmo patamar de discussão, uma ao lado das outras, seguindo uma visão de mundo dos africanos e de suas experiências vividas. Asante (2009, p. 4) criou um método afrocêntrico de pesquisa, que estuda os fenômenos a partir da localização, com tempo e espaço determinado, observando as inter-relações entre os africanos, estudando sua ciência, arte, concepção cultural, manutenção das tradições e de geração de novas tradições.

O olhar afrocêntrico deve considerar os fenômenos diversos e não universais como anteriormente eram estudados, pois eles estão em constante movimento. A questão da infância africana nos oitocentos não era uma questão estudada anteriormente, pois talvez por não existir, ela não fosse localizada como tal. Com os novos estudos sobre a infância, podemos localizar no tempo e no espaço essas crianças africanas escravizadas, na sua essência de vida, como seres humanos e atores sociais, que trouxeram em suas memórias também a África, em espírito.

O paradigma eurocêntrico de acordo com Oyabade (1990, p. 3), assumiu muitas vezes a hegemonia universal, colocando a cultura europeia no centro da estrutura social, definindo outras culturas a partir desta, ofuscando outras visões de mundo. Os estudos com base na Afrocentricidade procuram retirar esse monopólio eurocêntrico e validar uma cosmovisão africana válida através da qual a África possa ser estudada objetivamente. Um dos pontos é o de analisar a escravização dos africanos durante séculos que de acordo com Mazama (2009, p. 111) foi um processo físico de pura violência, seguindo um interesse mercantilista europeu, de apropriação da vida africana.

A história da escravidão africana, pelos portos africanos, de acordo com Munanga (2011, p. 1), resulta de um longo processo histórico que começa com o descobrimento no século XV do continente africano e de seus habitantes pelos navegadores portugueses, descobrimento esse que abriu o caminho às relações mercantilistas com a África, ao tráfico negreiro, à escravidão e enfim à colonização do continente africano e de seus povos. Essa história a conhecemos bem: esses povos foram sequestrados, capturados, arrancados de suas raízes e trazidos amarrados aos países do continente americano, o Brasil incluído, sem saber por onde estavam sendo levados e por que motivo estavam sendo levados.

O contexto histórico do sujeito africano vai além dessa história do tráfico atlântico, Asante (2009, p. 2), e afirma que ele tem papel central dentro desse contexto histórico, removendo assim a Europa do centro da realidade africana. A Afrocentricidade, estuda novas ideias e conceitos, eventos, personalidade do ponto de vista do africano e como sujeitos e não como objetos, baseando todo o conhecimento na autêntica interrogação de localização.

Sobre a passagem do meio, o importante é observar de acordo com Asante (2003, p. 43), os seus fatos e sofrimento, mas ver também as pequenas vitórias pessoais das pessoas nessas circunstâncias, como quando uma mãe sorri para seu filho ou um cônjuge pede que se passe de mão num alento para sua esposa, demonstrações de amor, que não são, os tipos de vitórias físicas, mas uma forma de assalto dogma de dominação e conclui que:

Afrocentricidade é um modo de pensamento e ação em que predomina a centralidade dos interesses, valores e perspectivas africanos. Em relação à teoria, é a colocação de pessoas africanas no centro de uma análise de fenômenos. Assim, é possível para qualquer um dominar a disciplina de buscar a localização dos africanos em um determinado fenômeno. Em termos de ação e comportamento, é uma devoção à ideia de que o que é do melhor

interesse da consciência africana está no cerne do comportamento ético. Finalmente, o afrocentrista, busca embasar a ideia de que a negritude em si é um tópico étnico e central. Assim, ser negro é estar sujeito a todas as formas de opressão, racismo, classismo, homofobia, patriarcalismo, abuso infantil, pedofilia e que dominação racial. (ASANTE, 2003, p. 2)

Há necessidade de mudança cultural hegemônica eurocêntrica, Mazama (2009, p.12) afirma que, através de uma pesquisa e redação da perspectiva africana ativa. E vai mais além, visa uma humanização do universo pelo homem negro. Afrocentricidade é uma busca por esses valores que farão o homem branco se relacionar com o homem negro de um outro ponto de vista que não o de imperialista e explorador, mas o de igualdade humana.

Desta maneira Asante (2009, p. 3) afirma que os negros se veem como centrados e centrais em sua própria história, como agentes, atores e participantes, e não como marginais a periferia da experiência política ou econômica. Usando o paradigma Afrocêntrico, os fenômenos serão estudados a partir de um tempo e espaço determinado, com uma análise precisa cronológica tanto do pesquisador quanto do fenômeno a ser estudado. Os dois aspectos da análise são centrais para qualquer compreensão adequada da sociedade, história ou personalidade. Para Asante (2009, p. 5) o valor da etimologia, isto é, a origem dos termos e palavras está em a correta identificação e localização dos conceitos, devendo ser aplicados na fundamentação teórica e sob o ponto de vista do africano. As realidades concretas da experiência histórica vivida é o elemento chave na análise textual Afrocêntrica. Ao examinar atitude, direção e linguagem o afrocêntrico está procurando descobrir a imaginação do autor. O que se procura fazer é criar uma oportunidade para o escritor mostrar onde ele ou ela está em relação com o assunto.

Mhlongo (2013, p. 13), reflete que os objetivos do Afrocentrismo foram identificados como: psicológica, localização ou reposicionamento; autoconsciência e centralização na África. Sem esses objetivos, Afrocentricidade não teria necessidade de existir. Localizar as crianças africanas no contexto escravistas dos oitocentos no Rio de Janeiro, aponta um dos principais objetivos afrocêntrico, determinando sua posição de pessoa africana, o que pensam, dizem, fazem.

Localizando as crianças africanas escravizadas num dado momento histórico, de opressão, mas no centro da sua própria história, com suas ações cotidianas, produzindo mudanças e de resistência A direção do olhar é que muda explica Larkin (2009, p. 182), a abordagem afrocêntrica define —a localização do sujeito, isto é, explicita o lugar de onde o olhar partil. Somente de um lugar centrado na experiência, num contexto social onde o branco era seu senhor, como se fosse natural ser o senhor e a criança africana sua subalterna. O eurocentrismo impôs violentamente, de acordo com Larkin (2009, p. 191) esse domínio universal da branquidão. O olhar afrocentrista constrói bases para o pleno reconhecimento do povo

africano e de sua cultura, criticando os conceitos dominantes da história, que foram deturpados pelo eurocentrismo.

O eurocentrismo é definido como uma interpretação da realidade a partir da perspectiva ocidental, que excluiu e criou uma face negativa sobre os africanos. Mazama (2006) reflete que, o eurocentrismo impõe o ponto de vista ocidental sem levar em conta realidade africana, esta imposição repousa sobre postulados implícitos e explícitos de uma superioridade universal da experiência europeia. A única verdade é do branco europeu que impõe uma única religião, uma única língua, sua epistemologia e ciência universal.

Localizar e reconhecer o elemento comum do papel da criança no contexto africano, muda a perspectiva de olhar a infância sob o prisma eurocêntrico e perceber como a agência infantil é construída na comunidade. Desde antes do nascimento as crianças africanas em diversas culturas, como a Cabinda, Beng, Dagara, e Tsonga, são parte da comunidade e tem um papel primordial na sua constituição como sociedade, utilizarei autores que estudaram e viveram nessas culturas, mas muito mais deve ser estudado sobre o assunto para ampliar essa visão sobre a infância africana.

A agência africana infantil é construída anteriormente a escravidão, ela é ancestral e constituinte do sujeito: criança. Para os Dagara, de acordo com Somé (1999, p. 40), a vida não é concebida no nascimento e nem termina após a morte. O nascimento de uma criança é visto como um contrato entre este mundo e o mundo dos antepassados, onde todos estão de acordo com esse nascimento e festejam a sua chegada. Para a autora, a aldeia apoia e honra o espírito na criança, para tornar-se mestre naquilo que ama, para assim oferecer um grande presente ao seu povo, seguindo o destino que escolheu antes de nascer. Na comunidade Dagara, existe uma relação sólida entre as gerações e as crianças transitam pela aldeia livremente e são cuidadas por todos, sempre há algum para ouvir e testemunhar suas experiências. As crianças Dagara identificam-se com todos da aldeia e não apenas com os pais e podem ter muitos pais e mães que lhe auxiliam e cuidam delas. Não há comunidade sem filhos e não se pode ter filhos sem comunidade e não existiriam sem o espírito. Há um círculo completo, onde cada elemento completa o todo, ao acolher as crianças, acolhemos o espírito. Na aldeia Dagara, como todos são pais e mães, as crianças sentem que pode contar com todo mundo e podem confiar em todos, por isso não há segredos na vida delas, ela é encorajada a falar a sua verdade e todos a escutam.

Na África Ocidental, nas tribos Beng, Gottlieb (2004), também narra na sua pesquisa a mesma relação sólida entre as gerações e as crianças, elas têm liberdade de interagir com todos e será cuidada por todos. Assim como os Dagara, as crianças sabem que tem toda a aldeia para ouvi-los e testemunhar suas experiências, eles se sentem parte da comunidade e são valorizados por todos.

Para os Beng, de acordo com Gottlieb (2004), suas crianças mesmo as mais pequenas de um ou dois anos, são caminhanças competentes e podem vagar pela aldeia, pois haverá sempre um compromisso de cuidado com elas. Para os Beng, as crianças são reencarnações de antepassados, por isso nos primeiros anos de vida, os bebês lembram com saudade de sua existência anterior, na vida após a morte. Os pais Beng, utilizam adivinhos para entender os desejos de seus filhos da sua encarnação anterior e satisfazê-las, tratando-as como agentes da sua vida, com opiniões e impacto na aldeia. Os adivinhos se comunicam com os bebês por intermédio dos espíritos que vivem após a morte, de onde os bebês acabaram de nascer e assim comunicam aos pais seus desejos e eles são obrigados a cumprir, como por exemplo adornando seu corpinho com joias e pinturas.

Junod (2009) etnógrafo suíço que, viveu ao sul de Moçambique em 1889, era um missionário protestante, mesmo com o objetivo principal de fundar as missões, ele escreveu a monografia sobre os Tsongas, com uma linha evolucionista, usa expressões como selvagem, raça superior e inferior no seu texto, mas nosso intuito de trazer essa obra foi de verificar uma importante observação sobre os rituais, as fotos, os contos, os cantares, a língua. De acordo com Junod (2009, p. 51) os Tsongas compõem-se de um grupo de populações Bantu, estabelecidas na costa oriental da África do Sul, suas terras confrontam-se ao sul com os Zulus e os Swasi, a oeste com os Mabi, ao norte com os Venda e a leste com os Tonga, perto de Inhambane. As crianças Tsongas nascem em volta de diversos tabus, que servem para proteger. A mãe na hora do parto não deve ingerir comida e nem beber água, pois se transgredir pode matar o bebê. Um dos rituais é matar uma ave, galinha se é menina e galo se for menino, faz-se um caldo e coloca-se um pó medicinal, a mãe come uma parte da carne e o pai come o resto, serve para que ela se recupere do parto. A criança Tsonga é recebida com muita alegria por toda a família, ela é comparada a uma panela de barro, que foi cozida no forno, depois de experimentar se ela é forte, jogam no chão e a panela não se quebra, ficando intacta. Sendo um primogênito, há um ritual, onde cantam e dançam Kukhana e cantam: —Eu celebro a minha panela que fez ngelevendre...l. Depois da dança pintam a criança, a mãe, o pai e todos os habitantes da aldeia, mata-se uma cabra, e fazem uma festa, pois para eles os pais conquistaram uma aldeia através da criança.

Em 1948 José Martins Vaz iniciou, em Cabinda, seu trabalho missionário e ficou por dez anos, acompanhando os Woyo, coletando suas histórias orais e materiais sobre seus fundamentos religiosos, seus rituais e cerimônias, Vaz (1970) narra uma sobre o nascimento de uma criança, onde se demonstra um grande respeito pelo valor que os filhos representam para a aldeia. No passado as mães que cometiam infanticídio eram queimadas viva. O nascimento de uma criança é comemorado numa festa coletiva, que é representado por um provérbio Cabinda: —a beleza da terra são os homensl. A família Cabinda é o conjunto dos vivos e dos

mortos, vindos por via uterina de uma avó comum, tendo sua função na terra de dar continuidade ao clã. Para eles não há separação entre o passado, o presente e o futuro, pois existe uma intercomunicação e intercomunhão entre os membros. Os mortos são os fundadores do clã e são qualificados da autoridade e exercida por um substituto que os representam. Quando a criança nasce o feiticeiro, o mais velho, sopra no peito e na cabeça dela e coloca um amuleto no pescoço, sobre os rins uma tira, onde penduram amuletos, guizos que fazem barulho quando ela se movimenta. Esses rituais trazem saúde, apetite e ela se desenvolve e o leite da mãe não secará.

Outro missionário, Joaquim Martins (1972), também narra vários rituais, crenças e costumes Cabindas e com detalhes a cerimônia de apresentação da criança, onde a mãe aparece a porta de sua cabana, com seu filho já pintado pelos feiticeiros, e ornamentado com miçangas em diversos fios, presos a barriga, peito e pescoço, na testa se prende uma pena vermelha da cauda de um papagaio e uma outra de galinhado mato. Os feiticeiros saem atrás da mãe em ordem de dignidade, o primeiro lança a criança para trás das costas, segurando-a bem, a mãe bate três vezes as palmas das mãos e toma a criança e passa para o seguinte, cada um repete o que o primeiro fez. Terminada a cerimônia a mãe senta num toco na porta da cabana e há um toco na frente dela com um pano, cada um dos feiticeiros, começando pelos mais velhos, bate a palma três vezes, pega a criança, senta no toco coberto com o pano e coloca a criança nos seus joelhos e faz carinhos nela. A mãe quando pega a criança para passar a outro assistente pergunta, de acordo com Martins (1972) —Sabeis quem és? Não sabemos. (repetia três vezes) e falava o seu nome é... (cada um dos assistentes dava o nome que recebera)». A cerimônia continua com comidas e bebidas e no final os feiticeiros entregam a mãe da criança, o Muana-Kkonde, que era uma pequena cabaça que continha milho, tukula e giz, que a mãe deveria abanar na cabeça da criança quando ela chorasse, e a mesma usava essa cabaça presa a sua cabeça para usar quando fosse preciso.

As crianças africanas são recebidas e vivenciam os rituais já desde o útero da mãe, nosso olhar tem de partir da sua Afrocentricidade, localizando-a no tempo e espaço. A agência infantil africana deve seguir os passos dessas crianças que vivenciaram esses rituais e trocaram com seus pares, suas memórias e ressignificaram seus laços familiares ao se aliarem aos seus, na escravidão urbana na cidade do Rio de Janeiro, nos oitocentos.

A Afrocentricidade como ideia articula uma poderosa visão contra hegemônica que questiona ideias epistemológicas que estão simplesmente enraizadas nas experiências culturais de uma Europa particularista e patriarcal. Existe uma ética assertiva entre os afrocentristas, que Asante (2016, p. 11), no sentido de deslocar o discurso em direção a uma abordagem mais orientada para a agência para análise, exames, investigações e fenômenos. Portanto, para

demonstrar a ideia de culturas ao lado umas das outras, ao invés da ideia de culturas sendo adotadas por uma ideia particular abrangente.

Nos estudos históricos do contexto escravista oitocentista, Oliveira (2014, p. 22) ilustra que, vê-se apenas a presença de grande número de crianças ilegítimas, os altos índices de mortalidade infantil em relação às taxas de natalidade ou a grande quantidade de alforrias concedidas aos velhos e crianças. Ainda assim, vemos que essas citações ligeiras aparecem como dados relacionados a aspectos mais amplos, de cunho econômico, e quase nunca são discutidos em sua especificidade.

A quantificação é importante, mas com uma base teórica referencial africana, girando em torno do eixo da agência afirma, Rabaka (2009, p. 137) que, onde a interpretação histórica e cultural siga princípios básicos de análise: —cosmologia, epistemologia, axiologia e estética. Sob a perspectiva do pensar a vida dessas crianças africanas escravizadas sob o ponto de vista delas, a busca pela liberdade através das fugas e de todo tipo de cultura de libertação e transformação coletiva com seus pares.

Sobre o mesmo ponto de vista Mazama (2009, p. 117) infere que, o foco deve refletir a experiência africana, com base em uma perspectiva africana ou Afrocêntrica. A localização tem destaque nesse paradigma, pois baseia-se na convicção de que a história, a cultura e a ancestralidade determinam nossa identidade, procedem a partir de seu centro.

As crianças africanas escravizadas no contexto escravista, no Rio de Janeiro oitocentista, foram deslocadas fisicamente da África, mas seu centro, de luta e resistência podem demonstrar assim como nos adultos africanos escravizados demonstravam, de acordo com várias pesquisas aqui descritas. As fugas dessas crianças escravizadas ao longo dos oitocentos na cidade do Rio de Janeiro, podem se configurar uma forma de manter-se no seu centro, resistindo e demonstrando com bases epistemológicas tanto na agência infantil quanto na agência Afrocêntrica, pois além de serem crianças eram também africanas.

Um agente na concepção Afrocêntrica deve de acordo com Asante (2013, p. 40), significar um ser humano que é capaz de agir de forma independente e ao mesmo tempo em comunidade reagir e utilizar a capacidade de fornecer recursos psicológicos e culturais para o avanço da liberdade. Em situações como na escravidão dos africanos, onde a não-liberdade, opressão, repressão racial, o conceito de agência assume a posição primária. Ao interrogar as questões de lugar, situação, meio e ocasião que envolvem os povos africanos como participantes, é importante procurar o conceito de agência em oposição a desagência, que reflete como o africano, dentro de seu próprio mundo é retirado do papel de ator social. A discussão intelectual, de acordo com o autor, deve ser baseada no ponto de vista da agência africana, quando ela não aparece, a condição de marginalidade fica posta para os africanos quando ele é colocado como marginal na sua própria história. A orientação para entender a

agência africana é respeitar e dar lugar a dimensão criativa da personalidade africana. Isso não significa de que tudo que os africanos fazem é bom e é certo, mas o que fazem representa a criatividade humana, pois na visão eurocêntrica foi rejeitada as criações africanas nas músicas, arte, dança ou ciência, diferenciando-os do resto da humanidade. O importante nos estudos que usam a afrocêntrica não são os dados encontrados, mas a orientação que o pesquisador dá aos dados coletados. Os dados encontrados nos anúncios de crianças africanas escravizadas poderão demonstrar como as crianças africanas escravizadas utilizaram a fuga como agência infantil e africana, como resistência e luta, contra a escravização dos oitocentos na Cidade do Rio de Janeiro.

2 CAPÍTULO II

Entre os negros de Calabar, que são definitivos em suas opiniões, encontrei duas classes de exceções. O primeiro surge de sua crença em uma alma do mato. Eles acreditam que todo homem tem quatro almas: a, a alma que sobrevive à morte; b, a sombra no caminho; c, a alma do sonho; d, a alma do mato.

Mary Kingsley.
Travels in West Africa.

2.1 A construção de uma agência infantil africana, nos oitocentos. Rio de Janeiro, cidade africana.

No livro de Conrad (1983), *Children of God's Fire*, —Filhos do Fogo de Deus¹, critica a tese de Freyre (1961) de que, os senhores eram benevolentes com os escravizados no Brasil, e isso tornou o fardo menos pesado que os dos cativos na América do Norte. Os estudos de Freyre, influenciaram vários estudiosos que seguiram essa vertente. Como Mattoso (1982, p. 117), no livro classificava os escravizados em adaptados e inadaptados, e as atitudes benevolentes dos senhores eram exaltadas pela autora, que enfatizava que, —o chicote, o tronco, as correntes, as máscaras de ferro, os ferros e o pelourinho², usados na inadaptação do escravizado, como último recurso pelo senhor³. Diversos mitos foram criados pelos estudos de (FREYRE, 1961, p. 60), e foram passados adiante em longos anos de pesquisa sobre a escravidão africana no Brasil. Como na pesquisa sobre os anúncios de Jornais, no século XIX, onde o autor, na sua escrita demonstra como descrevia os fazendeiros e suas ações apenas como algo natural, benevolente:

Os negros se prestavam a tudo. Deixavam-se apertar, apalpar, amolengar por todas as mãos. As negrinhas de peitos de mulher já em formação, quadris já arredondados, coxas quase de mulher feita, e tudo de fora, apenas um trapo tapando, às vezes, as partes mais íntimas, os ciganos faziam que tomassem posições capazes de despertar o interesse do comprador rico, do fazendeiro ou senhor de engenho já enjoado, aliás, de negra nua.
(FREYRE, 1961, p. 60)

Eram africanos escravizados que não se prestavam a tudo, naturalmente, eles se deixavam apertar, ser apalpado e as africanas escravizadas ficavam nuas e mostravam suas partes íntimas, como forma de atrair o comprador, porque eram obrigados a fazer isso, pois eram açoitados e torturados. O autor afirma também que, o senhor de engenho já estava enjoado de ver as africanas escravizadas nuas, colocando o senhor de engenho com sentimentos e os africanos escravizados, sendo objetos e coisas, que podiam ser manipulados. De acordo com Mbembe (2017, p. 11), o tráfico atlântico, transformou homens, mulheres, crianças, em objetos, mercadorias, em lucro e sua cor da pele negra foi unida a raça, numa

única figura. O negro é o único dos seres humano cujo corpo foi transformado em coisa, em mercadoria. Usurparam sua língua, sua vida, seu trabalho, condenados a viver como trabalhador escravizado.

Mbembe (*ibid*) afirma que, foi usado pelos traficantes o alterocídio, que é uma forma de constituir o outro, não como seu semelhante, mas como um objeto, que além de trazer lucro, era também ameaçador de que todos precisavam se proteger, destruindo-o, pois não havia como controlá-lo totalmente. O abuso da violência era infringido como forma de destruir qualquer forma de luta e de rebelião. Henderson (1821, p. 72), narra no livro *History of Brazil*, que na prisão do Calabouço, um cavalheiro obteve uma ordem de flagelação de um escravizado fugitivo, com cem chicotadas. Uma corda foi colocada no seu pescoço e ele foi levado para um grande poste e seus braços e pernas foram presos de forma eu não pudesse se mexer. Foi sendo açoitado e o corte na sua carne e parecia de longe com o barulho de um singular apito. O escravizado apenas pronunciou no primeiro golpe chamando a Jesus, mas após ficou em silêncio e não emitiu uma sílaba sequer.

No Arquivo Nacional (*apud* CONRAD, 1983, p. 302), na lista de pagamentos de correção de escravizados pela polícia em 1825, demonstra que havia um pagamento pelas chibatadas aplicadas:

JANUARY 2, 1826		
1. Received by the Treasurer of the Intendancy Manoel José da Fonseca from Manoel Luis de Castro for 100 lashes for the slave Antonio	[Signed] Gomes	\$160
2. Rcd. from Manoel Luis de Castro for 100 lashes for the slave Geronimo	Gomes	\$160
3. Rcd. from Manoel Luis de Castro for 100 lashes for the slave Joaquim	Gomes	\$160
4. Rcd. from Manoel Luis de Castro for 100 lashes for the slave Manoel	Gomes	\$160
5. Rcd. from Cosme Damião de Caro for 200 lashes for the slave woman Maria	Gomes	\$320

Figura 7: Lista de pagamentos de correções de escravizados.
Fonte: Arquivo Nacional (*apud* CONRAD, 1983 p. 302).

No livro *Codex 385, Receita dos bilhetes de correção de escravos 1826*, do Arquivo Nacional (*apud* CONRAD, 1983, p. 302), demonstra as taxas recordes recebidos pela Intendência de Polícia do Rio de Janeiro, que apenas num único dia recebeu 4.640 réis em pagamento de 2.900 chicotadas, para ser administrado em dezesseis escravizados, incluindo quatro mulheres. No mês de janeiro de 1826, os senhores de escravizados pagaram 50.640 réis,

para infligir 3.165 açoites em 17 homens e 37 mulheres, o número médio de chicotadas ficava entre 200, mas poderiam receber 300.

Havia na Cidade do Rio de Janeiro um lucro obtido com essas formas de abuso e controle sobre os escravizados para manter como objeto o corpo do africano. De acordo com Mbembe (2017, p. 78), na perspectiva da razão mercantilista o escravizado africano é simultaneamente um corpo e uma mercadoria, onde a produção do lucro sobre seu corpo pode ser obtida de várias formas e só a morte pode dar fim a esse valor.

Outro dos mitos é de que Salvador era a principal cidade que preservou costumes e tradições africanas, Karasch (2000, p. 27), refuta e afirma que a Cidade do Rio de Janeiro oferece um estudo de caso igualmente importante da vida dos escravizados no século XIX, porque a cidade era o principal mercado de distribuição dos escravizados vindos da África. No século XIX, mais africanos foram importados para o Rio de Janeiro do que para Salvador, quase um milhão de africanos passou pelo porto do Rio de Janeiro e os escravizados que permaneceram na cidade foram suficientes para influenciar as origens nacionais e a cultura, dos escravizados cariocas.

Os arquivos do censo de 1849, elaborado por Haddock Lobo, foram localizados por Holloway (2008), que escreveu um prefácio para a publicação dos dados no Boletim de História Demográfica, em 2008, a publicação traz os dados e explicações sobre a escolha dos dados estatísticos e da importância do censo.

No censo do Rio de Janeiro de 1849, incluía idade, estado civil e a primeira que se refere a unidade residencial, —fogol (grifo de Holloway, 2008), que se referia a prática da época de todos os membros do mesmo lar comerem e se abrigarem ao redor do mesmo fogo. Nessa contagem poderia haver pessoas sem laços de parentesco com o chefe da família, como também criados e escravos, todos membros de um fogo. Na tabela abaixo há a contagem de escravizados por nacionalidade e sexo:

Recenseamento do Rio de Janeiro, 1849:
Escravos, por Nacionalidade e Sexo

Freguesia	NACIONAIS			ESTRANGEIROS			SOMAS		
	Masc	Fem	Soma	Masc	Fem	Soma	Masc	Fem	Soma
Sacramento	2,437	2,709	5,146	5,566	3,503	9,069	8,003	6,212	14,215
São José	1,707	1,755	3,462	4,261	2,634	6,895	5,968	4,389	10,357
Candelaria	1,149	1,089	2,238	4,772	1,530	6,302	5,921	2,619	8,540
Santa Rita	1,716	1,495	3,211	6,577	2,516	9,093	8,293	4,011	12,304
Santa Ana	2,280	2,653	4,933	4,632	3,275	7,907	6,912	5,928	12,840
Engenho Velho	1,749	1,736	3,485	4,252	2,022	6,274	6,001	3,758	9,759
Gloria	1,239	1,185	2,424	2,788	1,567	4,355	4,027	2,752	6,779
Lagoa	826	789	1,615	1,514	932	2,446	2,340	1,721	4,061
Soma F. Urbanas	13,103	13,411	26,514	34,362	17,979	52,341	47,465	31,390	78,855
Inhaúma	679	583	1,262	1,088	513	1,601	1,767	1,096	2,863
Jacarepaguá	1,795	1,497	3,292	2,080	1,154	3,234	3,875	2,651	6,526
Irajá	1,019	950	1,969	1,025	590	1,615	2,044	1,540	3,584
Campo Grande	2,041	1,983	4,024	1,558	1,075	2,633	3,599	3,058	6,657
Guaratiba	1,882	1,877	3,759	1,706	1,041	2,747	3,588	2,918	6,506
Ilha do Govern.	503	237	740	451	260	711	954	497	1,451
Ilha de Paqueta	166	152	318	633	133	766	799	285	1,084
Santa Cruz	1,274	1,450	2,724	226	126	352	1,500	1,576	3,076
Soma F. Rurais	9,359	8,729	18,088	8,767	4,892	13,659	18,126	13,621	31,747

Figura 8: Quadro com recenseamento do Rio de Janeiro, 1849.

Fonte: http://historia_demografica.tripod.com/bhds/bhd50/bhd50.htm.

Haddock (1850), em seu texto introdutório do recenseamento do Rio de Janeiro de 1849, lastima que, em todas as ruas se veem casas sem números e outras numeradas com letras de alfabeto e ruas sem um número sequer. Um dos exemplos das contagens por freguesias e quarteirões, feitos no censo de 1849:

Figura 2
Recenseamento do Rio de Janeiro, 1849:
Percentagens da População, por Categoria,
Quarteirões 1 e 3, Freguesia da Candelária



Tabela 1
Recenseamento do Rio de Janeiro, 1849:
População, por Categoria
Quarteirões 1 e 3, Freguesia da Candelária

Categoria da população	No.	%
Brasileiros livres	558	18,3
Estrangeiros livres	798	26,2
Libertos	24	0,8
Escravos brasileiros	410	13,5
Escravos africanos	1.252	41,2

Figura 9: Recenseamento do Rio de Janeiro, 1849.

Fonte: http://historia_demografica.tripod.com/bhds/bhd50/bhd50.htm.

O censo de 1849, de acordo com Karasch (2000, p. 28), demonstra que em 1849, foi o ano do maior número de escravizados na Cidade do Rio de Janeiro, sendo uma das maiores populações urbanas de população escravizada nas Américas. E mesmo com o aumento da população a partir de 1850 e com o fim do tráfico atlântico, há três fatores, que diminuíram o número de escravizados africanos, no primeiro a população escravizada não era mais renovada e a importação interna de Salvador para o Rio e de portos nordestinos, mudando a composição étnica, no segundo, o preço dos escravizados aumentou e em terceiro, as atividades antes executadas por africanos escravizados, foram assumidos por imigrantes brancos. A importância de pesquisar essa escravidão urbana nos oitocentos na cidade do Rio de Janeiro, para a autora, vem do desafio do africano escravizado de criar um grupo a partir do caos de diversas culturas, forjando novas famílias, culturas e comunidades. As identidades históricas deixadas na África, devem ser o ponto de partida para estudar a vida e a cultura africana escravizada no Rio de Janeiro. As palavras favoritas dos africanos e seus usos, a constituição das novas nações, formaram uma africanidade central da população escravizada e são formas de compreender as mudanças culturais na cidade.

As nações no tráfico negro, para diversos historiadores como Conrad (1975), Reis (1989), Silva (1989) Soares (1998), Karasch (2000), Gomes (2001), Soares (2001), Slenes (2011), foram uma forma encontrada pelos traficantes de escravizados de forjar uma classificação, tanto como gentio, que de acordo com Soares (1998, p. 4), a palavra nação diz respeito às pessoas de um país ou região, que pertencem a leis e governos paralelos. Sendo ainda um termo aplicado ainda a raça, casta e espécie, cujo reconhecimento se dá pelo uso partilhado de um território, uma tradição ou uma língua comum. Já o termo nação se aplica a qualquer povo, infiel ou cristão, com o qual o Estado português se relaciona. Nação tem uma utilização constante ao longo do tempo desde o século XV até o XIX e é necessário apresentar o universo semântico que recobre o conjunto das procedências. Sua composição engloba desde os nomes de ilhas, portos de embarque, vilas e reinos até pequenos grupos étnicos. Há casos em que não pude identificar a origem da palavra, nem tampouco a localização. Em nenhum caso é possível afirmar com certeza que o termo nação, corresponda a um grupo étnico. O universo empírico, procedência/etnia, se sobrepõe num mesmo universo. Os africanos escravizados ao se estabelecerem na cidade e interagirem em diversas esferas urbanas, criaram formas de sociabilidade com base na procedência que tinham em comum, constituindo grupos sociais de caráter profissional, religioso e de parentesco.

É fundamental abordar as identidades, articulando tanto as construções do tráfico negro e as políticas de domínio, como o movimento histórico de agentes e contextos diversos, no caso as experiências forjadas pelos próprios africanos e seus descendentes na diáspora. Para Gomes (2012, p. 101), todo o universo produzido, para pensar essas identidades é fundamental e principalmente as variações de etnônimos, que poderiam ser motivadas pelas conexões das classificações utilizadas no tráfico com as montagens transétnicas das primeiras experiências na diáspora, no caso, o Rio de Janeiro. Angola, Benguela, Congo, Mina, Cabinda e Moçambique poderiam variar às vezes para Caçanje, Rebolo, Monjolo, Ganguela, Songo, Calabar e Quilimane; e posteriormente para Camundongo, Cabundá, Camundá, Muxicongo, Cabo Verde, São Tomé e Inhambane ou Luanda, Ambuíla, Massangano, Baca, Mofumbe, Nagô, Macua, Sena, são algumas das nações forjadas nessa diáspora.

As origens dos africanos no Rio de Janeiro oitocentista, foi estudado por Karasch¹¹ (2000), que dividiu os africanos escravizados em diversas áreas de concentração, classificando-os em ocidental, centro ocidental, oriental, além de origem africana desconhecida. As nacionalidades de escravizados enterrados pela Santa Casa de Misericórdia em 1833, 1838 e 1849 foram relacionados no Quadro:

¹¹ Karasch (2000) estudou as nações cariocas e origens na África. Aprofundando as fronteiras existentes no século XIX, portos de embarque e de onde vinham para a costa africana.

Ocidental	Oriental	Centro-Oeste
Cabo-Verde, Camarão, Calabar, Mina, Nagô, Ussá	Inhambane, Munhenbane, Lourenço- Marques, Macua, Mougão, Moçambique, Quilimane, Sena	Cabinda, Congo, Monjollo, Norte da Angola (ambaca, angola, cabundá, cacajá, cassange, muxicongo, bangela, cassange, muxicongo, rebolo,
		Luanda, camundongo, quiçamane, songo), Sul da Angola (benguela, gangella)

Quadro 2: As nacionalidades de escravizados enterrados pela Santa Casa de Misericórdia em 1833, 1838 e 1849 (Karasch 2000)

Observando o censo de 1849 e comparando com os arquivos da casa de Misericórdia, Karasch (*ibid*) declara que, a porcentagem africana da população escravizada era maior, pois os senhores escondiam dos realizadores do censo os africanos escravizados importados ilegalmente, depois de 1830. Nos anúncios de jornais dos oitocentos, os senhores descreviam as escarificações étnicas, marcas de propriedade, estilos de cabelos, e deformações físicas, tais como dentes limados, produziam uma identificação africana e quando não conheciam a origem do africano escravizado, apenas colocava a expressão de nação. Outros termos devem ser observados nos anúncios como: negro novo, que significava recém-chegado na cidade, boçal, que se aplicava aos africanos novos, mas também aqueles que não aprenderam os costumes portugueses, nem a língua portuguesa e por outro lado, ladino, era aquele que já tinha assimilado os costumes.

As nações principais eram Mina, Cabinda, Congo, Angola, Caçanje, Benguela, Moçambique e as menos numerosas, que foram incorporadas as outras nações foram: gabão, Anjico, Monjolo,

Moange, Rebola, Cajenje, Cabundá, Quilimane, Inhambane, Mucina e Mombaça. Essas listas são importantes de acordo com a autora, porque revelam de que forma os escravizados africanos e seus descendentes se definiam e se agrupavam como nações no Rio de Janeiro.

Ocidental	Oriental	Centro-Oeste
Cabo-Verde, Camarão, Calabar, Mina, Nagô, Ussá	Inhambane, Munhenbane, Lourenço- Marques, Macua, Mougão, Moçambique, Quilimane, Sena	Cabinda, Congo, Monjollo, Norte da Angola (ambaca, angola, cabundá, cacajá, cassange, muxicongo, bangela, cassange, muxicongo, rebolo,

Quadro 3: Nações no Rio de Janeiro. (Karasch 2000)

Apesar de não existirem pesquisas cujos focos estejam nas fugas e aumento de anúncios de fugas de crianças escravizadas nos oitocentos, iremos utilizar os que abrangem os adultos, seguindo a linha de pensamento de Diptee (2017), mas de forma inversa, neste momento, usaremos as decisões dos africanos adultos escravizados, para entender e lançar luz sobre as experiências infantis, interligando as ações de fuga, principalmente no meio urbano.

O estudo de Algranti (1988), discutiu em seu livro, a escravidão urbana na cidade do Rio de Janeiro, entre os períodos de 1808 e 1822, em sua análise a autora demonstrou que a ausência do feitor nas cidades, este típico aspecto do escravismo rural, não implicou na negação ou descaracterização do sistema escravista, pois o Estado, por meio dos códigos de posturas e licenças, controlava o comportamento da população, principalmente, escrava.

Ao discutir a escravidão urbana na cidade do Rio de Janeiro, Algranti (*ibid*), apresentou um trabalhador escravo sujeito de sua própria história, que usufruiu das oportunidades que o sistema lhe ofereceu para viver no interior do regime de escravidão, uma vez que ele, na maioria das vezes, dispunha provisoriamente de sua força de trabalho. Finalmente, a pesquisadora relatou que os escravos de ganho, que circulavam pelas ruas nas suas tarefas diárias, criavam um universo próprio, padrões de relacionamento e formas de contestação ao cativo

Os relatos de viajantes segundo a autora (*ibid*) enfatizam a presença de escravizados em bares, praças e jardins, principalmente durante o dia e a noite eles escapavam dos proprietários

e das rondas. A historiografia tradicional enfatizava que os escravizados que viviam no ambiente urbano tinham mais chances de fugir, pois havia uma menor fiscalização sobre eles, o que pode ser comprovado pela facilidade de se esconder, pois muitos se misturavam com os libertos, mas eles também eram capturados, pois viviam a margem da sociedade e não conseguiam uma inserção no sistema de produção.

A autora segue a linha da historiografia sobre trabalho escravo, trabalho compulsório, demonstrando contradições no sistema escravista, com o uso da força de trabalho do escravizado, por ele mesmo, para obter lucro, como forma de salário, pelos escravos de ganho. O que nos interessa neste estudo são as fugas e as relações sociais que os mesmos obtinham por ter a —liberdade, de circular pela cidade. Os escravizados libertos, se associavam aos escravizados, por identificação racial e manifestavam sua solidariedade com os mesmos através de dar —coute, enfrentavam as milícias, quando apanhados na capoeiragem e muitas vezes entre eles havia a busca de fuga com seus pares para formarem uma família e criarem seus filhos. Mas nem tudo eram flores nessa aliança, eles também se desentendiam e roubavam uns aos outros, se empregavam como capitães do mato e muitos entregavam os fugitivos e também mantinham seus próprios escravizados. Algranti (1988), reflete que, de acordo com dados de presos na corte do Rio de Janeiro de 1810-1821, eram de 71,9% de africanos e 94,8% de brasileiros, o que demonstra uma rixa entre negros nascidos no Brasil e na África. Penso que, demonstra também uma ruptura com os irmãos da passagem do meio, que não haviam vividos as agruras dos navios negreiros e como os laços de parentesco e de nações.

Seguindo o olhar afrocêntrico de acordo com Asante (2007), nas ações do capitão do mato e de negros ter escravizados, com o olhar africano, pois eles não eram objetos e sim sujeitos, que não eram manipulados, suas escolhas eram individuais e seguiam o que havia vivido em suas comunidades africanas. Ter escravizados e capturar africanos escravizados era uma prática africana, isso não foi criado apenas pelo europeu, que mandava fazer, suas ações faziam também parte da sua agência africana, de se colocar como centro e decidir não ser o oprimido. Certo ou errado não nos cabe julgar suas ações, mas localizá-las na história africana, que viviam num regime escravocrata, onde a sobrevivência era ponto crucial nesta sociedade.

Para Karasch (2001), os escravizados da cidade do Rio de Janeiro, tinham três abordagens básicas para obter a liberdade: deserção, resistência violenta e alforria. A deserção era a fuga e os suicídios, pois se uma fracassasse a outra com certeza daria fim ao controle dos seus algozes e seus espíritos voltariam para a África. A fuga era a forma mais comum e bem-sucedida, na cidade, pois podiam escapar de barco, buscar refúgio na baía de Guanabara, esconder-se na cidade, ou com bandos de fugitivos nas florestas, ou ir para o interior, onde poderia se misturar com libertos. Muitos fugitivos se escondiam nos bairros miseráveis da cidade, como o Beco do Bragança, no Aterrado, um pântano que fora aterrado e a estrada que

levava a São Cristóvão era um local, onde muitos se escondiam no mato, onde dormiam. O Morro do Castelo também era um importante reduto na cidade de esconderijo, onde muitos escravizados alugavam casas, que só mudou em 1860, quando a polícia tentou proibir, pois muitos escravizados escondiam outros fugitivos. Os sapateiros, donos de fábricas, escondiam os fugitivos no meio dos seus escravizados, pois precisavam de mais trabalhadores e estavam dispostos a arriscar sua prisão, pois era proibido acoitar¹² os fugitivos.

Os quilombos também era uma das opções de esconderijo e de acordo com Karasch (*ibid*), eles aumentaram com a chegada de mais e mais africanos no século XIX, mas geralmente quando eram encontrados, prendiam não mais do que cinquenta, e muitos tinham apenas dez ou vinte fugidos. Os locais mais citados de quilombos eram Tijuca, com sua área montanhosa, cavernas e riachos, em Santa Teresa, o morro do Desterro e no morro do Corcovado. Os quilombos, conclui a pesquisadora era uma forma de testemunho do desejo dos escravizados de estabelecer suas próprias comunidades e viver em liberdade.

Olhar a ação de construir quilombos como boa e ser capitão do mato como ruim, demonstra nosso olhar eurocêntrico sobre a escravidão, pois se o olhar for afrocêntrico, para Asante (2007), então os veremos com agentes, atores, participantes, em vez de apenas como oprimidos, na periferia da experiência política ou econômica escravagista.

O olhar sobre as ações dos africanos escravizados e suas participações nas fugas, que Chaloub (2012), descreve sobre a ilegalidade no Brasil oitocentista, onde a fuga era uma das principais e para existir elas dependiam de uma rede ampla de participantes, cada um tinha uma especialidade: os seduzidos, que eram os cativos, que se deixavam ser furtados, os sedutores, que se aproximavam para seduzir o cativo e convencê-los de uma provável fuga, e por fim os receptadores ou passadores, que recebiam os escravizados fugidos e os entregavam aos condutores, que os levavam para fora da corte. A rede se completava, com os fazendeiros que compravam os escravizados furtados dos centros urbanos. A preocupação da polícia de acordo com Chaloub (*ibid*), era sobre essa intensa comunicação entre todos os participantes e os escravizados africanos de várias etnias, pardos, libertos, que iam e vinham da corte para diversas províncias. Estudando os ofícios de registro policial da corte, o pesquisador encontrou muitos indícios a respeito das nações etnias dos africanos, a combinar sobre fugas e ludibriar as autoridades, atribuindo aos —negros forros, como organizadores de furto de cativos, com habilidade de seduzir com um bom futuro num cativeiro menos duro. Havia uma perseguição por parte da polícia sobre os africanos minas, que se reuniam em associações secretas, praticavam ritos suspeitos, o que poderiam reivindicar o fim da escravidão, através dessa associação religiosa.

¹² Esconder os fugitivos.

A troca de nomes também era uma forma de ludibriar e causar dúvidas sobre o escravizado fugido e dificultar sua localização, mas uma importante conclusão do Chaloub (2012, p. 167) é de que, esse apagamento do nome, já fazia parte do processo de redução do africano ao cativo, desde a travessia do Atlântico, onde seu nome africano era apagado e assim pela vida afora, mesmo quando liberto o africano escolhia um sobrenome para si, um nome de família para todo resto da sua vida.

Em uma palestra Mazama (2015), noticiada pelo jornal *The Philadelphia Tribune*, que para os africanos o nome tem um significado espiritual e os colonizadores renomearam exatamente para demonstrar a posse sobre o escravizado. Para os africanos escravizados trocar seu nome na verdade era uma forma de trazer caos para sua vida e na minha conclusão essa troca de nomes pelos que fugiam talvez fosse uma forma não só de ludibriar o seu senhor, mas de trazer novamente o reconectar com seus ancestrais, pois ele escolhia seu nome e não o outro.

Os Cabindas, de acordo com Vaz (1970, p. 192), tinham um nome secreto que os pais escolhiam, ele era fundamentado num acontecimento concreto, ocorrido durante a gestação da criança, poderia ser numa grande tristeza enfrentada, numa enorme alegria, numa desgraça, tudo que fosse relacionado aos pais. Além deste nome secreto receberá outros, um herdado de um antepassado, especialmente dos avós, pois os netos são considerados como reencarnações destes. Que na língua bantu quer dizer, Ku tumana, nkulu, receber o nome de um antepassado, outro nome referente ao clã que pertence e o último com a ligação com seu feitiço protetor, que é escolhido pelos feiticeiros nas cerimônias que tiveram lugar, quando a saída da casa, por parte da mãe e da criança, ou pode ser escolhido de acordo com os feitiços que foram realizados na gestação e no parto. Os meninos também recebem mais um nome que ele recebe quando faz a circuncisão, que liga a todos os companheiros que participaram do ritual.

Para os Tsongas, de acordo com Junod (2009, p. 388), os nomes começam muitas vezes, pelo prefixo Mu ou N'wa, que exprime a ideia de filho de e Mi, filha de, mas todo o homem tem o nome do seu clã ou de família, antepassado que é o xivongo ou o nome pelo qual os glorificam.

O nome segundo Mazama (2015), pode conectar um africano com seus ancestrais, influenciando o destino desta e abençoando sua vida. Havia na imposição de nomes pelos traficantes de escravos, na visão Afrocêntrica de remover dos africanos escravizados da sua órbita espiritual natural, empurrando-os para o psicossocial dos europeus e árabes, trazendo o caos para sua vida.

O nome para os africanos explicou Mazama (*ibid*), tem o poder, significado e a origem, pois tudo é feito com a comunidade, incluindo a família. A identidade da criança africana é construída a partir do seu nome, dentro da família e da comunidade. Nomear-se para Mazama (*ibid*), é o primeiro ato de agência, autodeterminação africana.

Na fuga o primeiro ato do escravizado era nomear-se, isso demonstra uma agência africana, saindo do caos e se reconectando com seus ancestrais, poderia não ser um nome africano, esse ficava em segredo, guardado, mas era uma forma de demonstrar poder sobre si.

2.2 Análise dos dados: crianças africanas escravizadas nos anúncios do *Jornal O Diário do Rio de Janeiro*, 1839 a 1849. Anúncios com fonte de pesquisa

O historiador Conrad (1975), especializado em escravidão brasileira, reflete que, a escravidão estava tão enraizada na vida brasileira nos oitocentos, que diariamente na imprensa eram veiculados anúncios para venda, aluguel e captura de escravizados. O escravizado servia o dono na casa, na rua, como ama de leite dos filhos legítimos e em muitos casos a mãe de seus filhos ilegítimos. As profissões criadas no sistema escravagista, eram o de negociante de escravizados, o importador, o avaliador, o capitão do mato, o capanga que também capturava os fugitivos. Todas as classes podiam e tinham escravizados, padres, frades, imperador e sua família, os ricos, os pobres, os negros, os brancos, os estrangeiros e os nascidos no Brasil.

As fugas demandavam de acordo com o Conrad (1975), ações por parte do senhor, como anúncios, recompensas pela sua captura, pagamentos a caçadores de escravizados, com honorários pelo castigo, alojamento da prisão local, gastos com armas e outros bens que eram furtados por bandos de fugitivos. As prisões também eram locais de reunião de fugitivos capturados, bem como lugares de castigo, onde eram conservados até seus donos irem buscar.

Walsh escreveu Notícias do Brasil de 1828 e 1829, quando esteve no Rio de Janeiro, que os jornais do *Comércio e Diário do Rio de Janeiro*, existiam de dez ou doze anúncios de escravos fugidos e que esses se escondiam no caminho do Corcovado ou nas montanhas e que ficavam armados com lanças e atacavam viajantes e viviam de roubos e a estrada que leva ao aqueduto, estava infestado com esses fugitivos, que viviam na natureza. O capitão do mato ia caçá-los pelo denso matagal, nas cadeias de montanhas atrás do Rio, onde encontraram uma colônia de fugitivos que viviam na miséria. Quando eram encontrados, além do castigo de açoites, eles são marcados com o uso de um colar de ferro, que é firmemente preso em seus pescoços e isso estigmatiza os escravizados em fugitivos e desertores, e dificulta a fuga, pois o ferro bate nos arbustos e serem estrangulados se forem presos. Há uma multidão de escravizados vistos com esse colar de ferro no pescoço, provando o quão intolerável é o estado em que se encontram nessa cidade escravista.

No livro escrito por Freyre, em 1961, no qual utiliza os anúncios como fonte de pesquisa, analisa que, podemos visualizar os mais antigos hábitos dos nossos antepassados. Aqui não teremos o objetivo de analisar Gilberto Freyre e sua escrita, mas de observar os anúncios de jornais sua importância para a pesquisa sobre os africanos escravizados:

Quem tiver a pachorra de folhear a coleção de um dos nossos diários dos princípios ou do meado do século XIX – o que exige um extremo cuidado, porque o papel muitas vezes se desmancha de podre ou velho nos dedos do pesquisador menos cauteloso –, quem tiver essa pachorra e esse cuidado há de acabar concluindo como o diplomata português: mais do que nos livros de história e nos romances, a história do Brasil do século XIX está nos anúncios dos jornais. (FREYRE, 1961, p. 50)

O autor afirma que os anúncios escancaravam como as crianças africanas escravizadas eram escondidas nas fontes, como faturas de carregamento de africanos escravizados, século XIX, sob nomes técnicos de molequinhos, moleques, crias, molecões, escondiam os meninos e adolescentes. Uma das faturas encontradas pelo autor, de 1812, de 40 africanos escravizados, de Bento José da Costa, um poderoso escravocrata pernambucano, só dois eram —negros barbados, os demais eram moleques, crias, molequinhos e molecões, com ainda 16 moleconas. Confirmando os inquéritos que foram realizados em meados do século XIX, pelo Parlamento Inglês, onde foram identificados abusos de importação de moleques moleconas. Os anúncios também demonstravam as doenças e deformações que adivinham do tráfico, o —mal de Luanda, pernas tortas, escorbuto, braços finos, joelhos troncho, cabeças deformadas, raquitismos, pela deficiência do sol.

A linguagem dos anúncios de africano escravizados era franca, exata e as vezes crua, como uma linguagem policial de identificação minuciosa e até brutal. De acordo com Freyre (1961), o excesso de trabalho de africanos escravizados empregados nos serviços de gente pobre, de cuja miséria participavam, nos centros urbanos, sofriam maiores provações. Freyre (1961, p. 65) —É de se supor que os maiores números de escravos fugissem das casas dos senhores pobres e das cidades, daqueles que no afã de fundar Fortuna, de levantar fábrica ou indústria nova, sobrecarregavam de trabalho, seu pequeno capital de gentel. Os donos de africanos escravizados, nos centros urbanos viviam do trabalho destes, e não havia uma troca maciça de novos africanos, pois não havia grande retorno financeiro e investimentos. Com isso os africanos escravizados tinham que trabalhar incessantemente dia após dia, sem descanso, sem alimentação e não havia um local para dormirem, viviam como ratos nos porões das casas. Outras pesquisas mais recentes também utilizaram os anúncios como fonte de pesquisa e analisaram sobre os diversos pontos de vista tanto do senhor que escreviam o anúncio como observavam o cotidiano dos escravizados e as fugas eram uma importante forma de resistência. Na dissertação de Mestrado de Ferrari (2010), intitulada: *A voz do dono: uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornais dos escravos fugidos no oeste paulista entre 1870-1876*. O objetivo do estudo foi sobre o discurso do senhor dos escravizados, nas publicações dos anúncios de jornais, aparece uma imagem pública e individualizada. Nesse discurso foi uma análise da materialidade dos anúncios, como um dispositivo de enunciação que estrutura um

espaço de subjetivação, onde o escravizado é constituído como sujeito singular. De acordo com a pesquisadora, diferente de Freyre (1961), que segundo Ferrari (2001, p. 17):

O autor parte das características particulares dos escravos para poder elaborar hipóteses gerais a seu respeito, seja sobre as nações que havia no Brasil, seja sobre as doenças que sofriam, como, por exemplo, o raquitismo, seja sobre os maus tratos que recebiam. O movimento realizado por Freire é o seguinte: ele parte da descrição de um indivíduo para efetuar generalizações sobre a raça ou estrato social.

A pesquisadora utilizou a estrutura textual dos anúncios, procurando observar o conteúdo, através dos adjetivos, dos verbos e estruturas sintáticas, a fim de ter uma visão mais ampla da imagem do escravizado. Assim como Freyre (1961), a pesquisadora decidiu utilizar os anúncios de fugas de escravizados, pois demonstram mais as suas imagens públicas, passando a ter rostos, pernas, braços, marcas e ofícios, que eram elementos descritos pelo senhor ou feitor, adjetivando-o e denominando linguisticamente. Os nomes próprios dos escravizados fugidos e o nome do seu senhor também era citado nos anúncios, o local de moradia, a citação dos detalhes e marcas próprias, tornavam-no singular. Como sujeito histórico, o escravizado também pode ser constituído, pois havia pequenos relatos da sua vida, família, amigos, espaços de circulação, ofícios e moradias.

Assim, a escrita e descrição vinha do senhor e não do escravizado, essa individualização, de um sujeito, que não era vista e nem percebida por ele na época. Nosso olhar de pesquisadores é que determinam esse olhar sobre os anúncios, o tratamento dado a estes é que vão ou não contar a história desses sujeitos, como capazes de mudar sua condição de escravizado e perceber suas fugas como resistência. De acordo com Ferrari (2010, p. 35), a ação de fugir tinha um significado:

A fuga do escravo se constitui em gesto que se inscreve no simbólico provocando uma escrita. Essa escrita é o anúncio de fuga. O escravo não tem um lugar de enunciação enquanto sujeito público, legítimo da sociedade escravocrata. Sua fala é doméstica, não aparece, não conta e, quando aparece, é traduzida pelo senhor nos atos em que se estabelece uma relação com o Estado. Reduzido ao silêncio político⁹, ele significa através de outros atos simbólicos. A fuga é um desses atos simbólicos, significa enquanto gesto. Enquanto ato simbólico se inscreve no real produzindo sentido e efeitos. O gesto de fuga provoca uma escrita. Uma fala na qual o escravo é dito, e não só dito, pois ganha corpo e figura: o gesto de fuga força processos de singularização que fazem sua entrada no simbólico através da escrita provocada pelo escravo.

Para Algranti (1988), o que importa é o enunciado do anúncio e não a ação de fuga como resistência e luta. E aponta que, o tratamento verbal que o senhor ou feitor utiliza não é o mesmo de que quando utiliza para um animal ou coisa, reflete que o escravo tem vontade, por isso considera que ele é considerado no anúncio como ser humano, isso pode ser visto através do

tratamento verbal, ou seja, os verbos que se utilizam para falar a respeito dele são usados para pessoas e não para animais ou coisas.

Um importante artigo publicado de Gomes (1996), classificou em fugas endêmicas, de curta duração e de fugas permanentes ou fugas-rompimento. Sua análise relaciona o conto de Machado de Assis, *Relíquias da Casa Velha*, com um caçador de escravos fugidos e a escrava fugida Arminda e os fatos históricos, com uso de anúncios de escravos fugidos.

De acordo com o autor, as fugas eram frequentes e podiam ser temporárias, alguns fugiam e voltavam pouco tempo depois, outros fugiam e não voltavam por medo dos castigos que sofreriam e outros planejavam fugas definitivas. Muitos talvez fugissem para reencontrar parentes que haviam ficado para trás. Havia estratégias e lógicas próprias dos cativos nas fugas que demonstravam resistência destes e como poderiam reorganizar suas famílias e ir para os quilombos. A ação da fuga era uma ação que era vivenciada diferentemente para cada escravizado e os anúncios de fugidos nos jornais, onde existe um rico universo social, que muitas vezes fica completamente encoberto para os historiadores.

No estudo de Gomes (*ibid*), as ações de fuga dos escravizados estavam inseridas na experiência cotidiana, constituindo o aspecto revelador dos mecanismos de resistência, destacando-se a constituição de comunidades e culturas negras, tanto nas cidades como nas áreas rurais. As fugas endêmicas de curta duração estudada pelo autor revelaram que os escravizados procuravam se organizar e muitos se acoitavam em lugares eles já tinham sido pegos antes, tentando reatar laços familiares e recuperar alianças com antigos senhores. Outras fugas tinham como destino festas e ajuntamentos, com o objetivo de coesão com grupos étnicos, incluindo africanos, livres, grupos de parentesco e relações simbólicas. O cotidiano encontrado nos anúncios de fuga é revelador, objetos levados por eles, instrumentos de trabalho, roupas, podendo indicar estratégias de mudar de nome, roupa e ocupação, junto a outros senhores ou lugares e outra informação são as marcas de castigos e sinais de nação, maus tratos, hábitos e costumes. As estratégias de fugas foram variadas e complexas, permanecer escondido, longe dos senhores e capturadores era uma arte, tudo tinha que ser pensado, o momento certo da fuga, as direções e caminhos a tomar, as possíveis redes de proteção e solidariedades a serem acionadas, precauções. A fuga poderia ser longa e exaustiva e os anúncios demonstram esse caminho através das estratégias de mudança de lugares, forjando caminhos para longe dos donos, as redes de fuga que apoiavam e estimulavam os cativos, que aparecem com a palavra sedução, que podia ameaçar a propriedade, mas não quebrava necessariamente com a quebra de legitimidade do mundo senhorial, pois havia uma troca de senhores, e esses se apossavam conscientemente de cativos de outros e os ocultavam para usufruir de seus serviços, sem ter que comprar um novo no mercado escravista. Essa ânsia de liberdade que aparece em alguns estudos sobre fugas, pode mascarar uma reinserção no mercado escravista vigente.

Essa sedução de acordo com Soares e Gomes (2001, p. 21), era uma forma de atrair o escravizado com algum artifício e depois enviá-lo para fora do centro urbano, muitas vezes havia a participação do próprio escravizado, que escolhia seguir esse sedutor, para alguma fazenda ou mesmo para quilombos urbanos. Essa sedução diferente do roubo de escravizados, tinha uma participação efetiva do escravizado na fuga, mesmo não representando uma negação do sistema escravista, era uma modalidade diferente do roubo de escravizados, onde eram retirados dos antigos donos, sem consentimento. A sedução era uma atividade marginal, mas com certeza seus serviços eram cobiçados pelos ciganos e até os escravizados, que viviam ansiosos para fugir com apoio de uma rede de fuga.

A rota da fuga, o método e mesmo o momento dependiam do papel ocupado pelos africanos e crioulos na hierarquia ocupacional da escravaria, da idade e também da maior ou menor familiaridade com o mundo dos libertos, entre outros fatores. Podemos assim, de acordo com os autores, Soares e Gomes (2002, p. 7), a desvendar as redes de fugas dos cativos urbanos e como elas apoiavam aqueles que ousassem sair do controle de seus proprietários, as vezes temporariamente e mesmo correndo o risco de violentos castigos. O labirinto urbano da cidade do Rio de Janeiro, com suas casas geminadas, com telhados modestos e longos quintais, facilitava esconderijos, tocaias, redutos, protegidos por metros de muros, árvores, paredes, longe do olhar da rua pública. A ocultação era uma das formas mais seguras de se manter vivo do que trafegar pela cidade.

JORNAL	ANO	QUANTIDADE DE ANÚNCIOS	QUANTIDADE DE ANUNCIADOS
GAZETA DO RIO DE JANEIRO	1808-1821	299	338
JORNAL DO COMMERCIO	1835	678	774
DIARIO DO RIO DE JANEIRO	1845	1186	993
DIARIO DO RIO DE JANEIRO	1849	1276	1056

Quadro 4: Quantidade de Anúncios de fuga e escravizados anunciados nos jornais *Gazeta do Rio de Janeiro, Do Comércio e Diário do Rio de Janeiro* de 1808 a 1840.

Fonte: <https://www.bn.gov.br/producao-intelectual/documentos/experiencias-capturadas-fuga-escravos-rio>.

Segundo Neves (2008, p. 80), a imagem traz a soma da quantidade de anúncios de fugas e o total de escravizados fugidos nos principais jornais que circulava na Cidade do Rio de Janeiro, ressaltando que, a quantidade de anúncios de fuga não é necessariamente igual à quantidade de escravos anunciados, pois além de haver fugas coletivas de escravos, diversos senhores aproveitavam a ocasião de sumiço de um escravo para divulgar num mesmo anúncio escravos que se evadiram em temporalidades diferentes que ainda não foram capturados.

Todavia, o mais importante desta tabela é atentar-se para o fato da popularização dos anúncios de fuga. A utilização da imprensa como forma de auxiliar na reconstituição dos passos fugidios de escravos evadidos, auxiliavam na reconstituição dos passos fugidios de escravos evadidos. Observando a tabela o número de escravos fugidos não poderia estar necessariamente crescendo ao longo da primeira metade do século XIX, mas sim a forma como os senhores encontraram para reaver os escravos fugidos, os anúncios.

Para Florentino e Amantino (2012), os avisos de fugas de escravos publicados em jornais, desvelam outros aspectos, como assumir que o fugitivo podia ser recuperado, seus responsáveis obrigavam-se a detalhar as circunstâncias das escapadas, as origens e os traços físicos dos fugitivos, além das expectativas de captura, os avisos permitem melhor conhecer as ausências temporárias, o humor do cativo ou da natureza do trabalho a ele demandado, aspectos que permitem ao historiador montar perfis sócio demográficos e abordar as percepções dos atores envolvidos nas evasões.

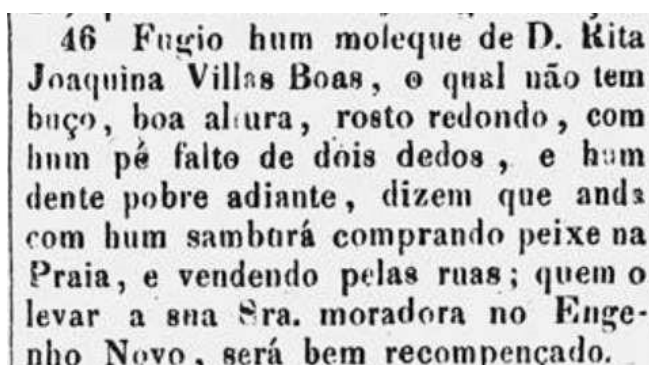
A fuga dos escravizados eram para Reis e Silva (1989, p. 62), a unidade básica de resistência no sistema escravista, era um ataque frontal e deliberado ao direito de propriedade. As fugas não podem ser banalizadas, pois é um ato extremo, de luta e garantia aos escravizados um espaço de negociação no conflito com os senhores. Para o autor existiam dois tipos de fugas: as reivindicatórias e as de rompimento. Nas fugas reivindicatórias, não há um rompimento radical, mas uma cartada, uma forma de luta por melhores condições de trabalho e vida. As buscas por apadrinhamento e acoitamento, eram uma maneira de pressionar os senhores para vendê-los ou voltar para os antigos donos, com os quais já tinham mantido uma forma de trocas e limites de dominação. As fugas para os quilombos, mocambos, coitos, não acabava com o processo de negociação no conflito com o senhor, pois muitos eram localizados nas periferias das cidades e sobreviviam de assaltos as estradas, levando grande instabilidade nas áreas em que atuavam provocando forte reação preventiva.

De acordo com os autores, o grande obstáculo as fugas era a própria sociedade escravista, pois sua forma de ser e estar, a percepção da realidade, seus valores, seu paradigma ideológico colonial, onde havia uma multidão de escravizados pela cidade e aparentemente sem vigilância, exerciam sobre os mesmos uma falsa realidade de liberdade, o que ocasionavam mais fugas eram a quebra e o compromisso de acordos antes demarcados pelos seus senhores e escravizados. A solução mais radical eram as fugas para os quilombos, mocambos, coitos, não estancava o processo de negociação e conflito, principalmente na manutenção desses espaços.

Uma importante observação dos autores é de que o pesquisador não deve confundir seu mundo atual, com o mundo escravizado, pois a questão da liberdade do ponto de vista moral é um e do ponto de vista da instituição escravocrata é outra. Perceber como as ações de fuga aconteciam e tinham objetivos diversos é ampliar esse campo em relação a liberdade. A

vergonha da humanidade sobre a escravização só começou a partir do século XVIII, no Brasil a campanha abolicionista só em 1870 se materializa concretamente. Nos centros urbanos como o Rio de Janeiro, a população escravizada era em maior número e isso facilitava o anonimato dos fugitivos. Os escravizados aproveitavam as distrações como ocasiões festivas e crises da sociedade para fugir e se organizar em quilombos.

No livro de Soares, Gomes e Farias (2005), argumentam que, os anúncios de jornais são talvez a mais volumosa documentação sobre africanos, através deles podemos ter informações, que poderiam ficar esquecidas, como hábitos cotidianos, relações pessoais, que em outras fontes como registro de detenção e outras. Interpretar politicamente as estratégias dos escravizados inscritas nos anúncios, como o relacionamento com outros setores e os pequenos ganhos que faziam muita diferença nos centros urbanos. Nos anúncios de fugas, há uma insistência na sedução, que era a fuga agenciada por alguém interessado em vender o cativo ou de outros escravizados que levavam para suas comunidades e quilombos.



46 Fugio hum moleque de D. Rita Joaquina Villas Boas, o qual não tem buço, boa altura, rosto redondo, com hum pé falto de dois dedos, e hum dente pobre adiante, dizem que anda com hum samburá comprando peixe na Praia, e vendendo pelas ruas; quem o levar a sua Sra. moradora no Engenho Novo, será bem recompçado.

Figura 10: Anúncio de Fuga de criança africana escravizada, *Jornal O Diário do Rio de Janeiro*.

Fonte: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pagfis=45660.

Este anúncio de uma criança africana que fugiu demonstra que o pequeno comércio ambulante de acordo com autores (*ibid*), era uma atividade de fácil entrada para escravizados e fugitivos, podendo fornecer uma renda, que os ajudava a se manter e continuar fugindo.

Os anúncios foram relegados pela historiografia, mas revelam as marcas de nação, que eram variadas que as vezes surgiam para uma mesma nação, que podem provar que uma só nação é reflexo claro da real multiplicidade de povos e procedências que se ocultam por estes etnônimos. E esconder a nação também era uma forma de se ocultar no meio da multidão de uma cidade africana, nos oitocentos.

De acordo com os autores, as fugas de escravizados era um jogo de xadrez, onde havia uma espécie de diálogo entre os senhores querendo mostrar explicitamente aos escravizados fugidos e aos que acobertavam, que dominavam completamente o ambiente urbano e que a fuga estava fadada ao fracasso e os fugidos, gostavam de provar que a fuga era um recurso aberto para todos os impasses e conflitos da relação senhor-escravizado e que contavam com aliados

fora da casa senhorial. Os escravizados não escreviam anúncios de fugas, eles jogavam suas peças, através das suas ações, em geral fugindo para novos abrigos e formando relações de proteção, onde havia outros africanos prontos para acoitá-los.

Amantino (2007) utiliza os anúncios de fugas no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, no ano de 1850, para verificar as condições de saúde e dos corpos esta análise utiliza esse tipo de fonte para verificar as condições de saúde e dos corpos de escravos cuja fuga foi anunciada, seguindo a mesma ideia é, evidentemente, a mesma tida por Freyre (1961) e por todos aqueles que trabalharam com anúncios de jornais com o propósito de conhecer o cotidiano da escravidão. A autora afirma que, os anos que separam as análises pioneiras, utilizando como fonte os anúncios de escravizados fugidos e a nova historiografia brasileira e mundial, podemos enveredar por vários caminhos. Ao utilizar os anúncios, deve-se observar que, trata-se de uma amostragem, e não devem ser olhados como absolutos, mas também é uma tentativa de conhecer um pouco mais o escravizado que aparecia nos anúncios. Mas, são números indicativos de uma parcela da realidade escravista e sua importância vem do fato de que podemos conhecer melhor o universo da escravidão urbana, observando o perfil dos fugitivos, quantos fugiam por ano, quem eram, sua procedência étnica, a prevalência de um gênero, alguns de seus comportamentos culturais, as condições de saúde apresentadas por essa população fugitiva. Uma observação importante que a autora coloca é que, os anúncios não permitem identificar o que os escravizados pensavam, por que fugiam, seus problemas patológicos e outras questões de cunho individual. Analisando o cotidiano da escravidão, a exacerbada violência física e psicológica, poderia provocar problemas de estresse, que causavam doenças. Qualquer ação dos escravizados desencadeavam punições e a alimentação que já era escassa e deficiente, piorava, o repouso não existia para eles e essa direção só demonstra que o escravismo criou seres que viviam no seu limite físico e emocional.

Na tabela de anúncios de fugitivos no *Jornal do Comércio*, Amantino (2007), é importante verificar que o número da população infantil chegava quase à porcentagem da adulta:

Tabela 1 – Fugitivos Africanos com doenças infectocontagiosas, no *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1850.

População	Número de escravos	%
Infantil	19	40,43
Adulta	28	59,57
Total	47	100

Fonte: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 1850.

No seu estudo Amantino (2007, p. 1393) conclui que, negar as condições de agentes ativos dos escravizados, só por utilizar os maus tratos provocados por feitores ou senhores, como objeto de estudo, não significa atribuir a ação apenas a camada dominante, pois havia uma negociação implícita e quando ela não era praticada, havia as fugas, provocadas por quebras de negociação. —Logo, o escravo é um agente ativo de sua história tanto quanto possível, por mais contraditória que soe tal afirmação.

Como agentes das fugas, Ferreira (2020) num dos últimos estudos, sobre os escravizados no centro urbano do Rio de Janeiro, no século XIX, utiliza o conceito de experiência segundo o teórico Thompson¹³, como sendo os fatos, os atos e o sentido a eles atribuídos, analisando o processo social, com suas tradições herdadas, levando em conta a vida material e suas esperanças futuras. Ferreira (2020, p. 406), observou os anúncios de fugas como:

As narrativas de anúncios de fuga não revelam apenas imagens de escravos e suas estratégias de fuga, mas também o convívio de escravos com a sociedade escravista, recriações culturais, o cotidiano do relacionamento entre senhores e escravos e como escravos forjavam uma cidade atlântica a partir de lógicas próprias. Vêm à tona nesses anúncios pequenas biografias expondo faces inusitadas da vida escrava, acopladas com as mudanças sóciopolíticas na cidade do Rio de Janeiro, que vão muito além da mera resistência.

A pesquisadora (*ibid*) afirma que, a maior parte dos estudos procurou abordar como objeto de pesquisa a fuga de escravos, mas limitando apenas a aspiração e pretensão dos escravizados a busca pela liberdade, indo em busca de quilombos e locais onde não poderia ser encontrado, vivendo a margem da sociedade escravista.

Para Ferreira (2020, p. 406), na cidade do Rio de Janeiro, os anúncios de fuga de escravizados se popularizou ao longo do tempo, como consequência da ineficiência da polícia e capitães do mato na captura dos fugidos. A atitude de anunciar a fuga era pensada e planejada, pois eram os de maior circulação que obtinham, mais anúncios, como o *Jornal O Diário do Rio de Janeiro*. E principalmente ao anunciar as fugas senhores de escravizados, tinham que buscar outras alternativas para a captura dos mesmos, utilizando os anúncios como forma de obter a ajuda e compaixão de seus pares, como forma de abreviar o tempo entre a evasão e recondução do escravo ao cativo.

Ferreira (2020) conclui que, os escravizados fugidos anunciados na imprensa, não eram seres anômicos e inadaptados a sociedade, como a historiografia os classificava, principalmente por colocá-los como revoltados. Os escravos novos, estavam mais expostos a investidas de ladrões e se perdiam na cidade, e eram recolhidos por outros senhores. Os escravizados que já estavam socializados com as práticas e costumes da escravidão urbana, na cidade do Rio de

¹³ THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 182.

Janeiro, encontravam brechas dentro do próprio sistema e se reinserir através das fugas, podendo tornar-se quilombola ou numa situação melhor do que a antes vivida. O lucro do trabalho do escravizado era do seu senhor e quanto mais lucro, mais poder tinha esse senhor. Esse senhor para obter mais lucro viabilizava a liberdade de movimentação dos cativos pela cidade, para que obtivessem mais clientes e mais lucro. O escravizado, assim, poderia realizar ações e atitudes à revelia de seus senhores.

Para Ferreira, (2020 p. 406), o escravizado planejava sua fuga e contava com a solidariedade e apoio de escravizados e libertos, que os recebiam em suas casas e acoitavam, como apareciam em diversos anúncios. Quando eram reconhecidos nas ruas da cidade, os fugidos aplicavam sua astúcia para enganar, alegando que não estavam mais fugidos ou que já estavam apadrinhados, mostrando-se ladinos e escorregadios. Existiam também senhores que aliciavam a fuga, prometendo que, o novo senhor supostamente ofereceria melhores condições de vida. Os sequestros de escravizados era comum e seu senhor não verificava isso, apenas anunciava como fuga, as autoridades públicas, capitães do mato que tinham a obrigação ou trabalhavam para a captura, estimulavam a fuga dos mesmos e depois os capturavam, para receber as recompensas.

Ferreira (2020), no seu artigo discutirá as abordagens sobre escravidão, imprensa e fugas escravas, utilizou os anúncios de fugas do Jornal O Diário do Rio de Janeiro, entre 1849 e 1850, analisando com abordagens quantitativas e qualitativas, nas quais de acordo com o levantamento de dados, analisava as motivações que conduziam o escravizado a fuga, para compreender e interpretar determinados comportamentos e expectativas destes em relação aos objetivos a alcançar. O olhar da pesquisadora era sobre a lógica dos escravizados em relação aos universos sociais em que viviam no cotidiano. Na imagem da tabela retirada da pesquisa de Ferreira (2020), ela conclui que, havia uma presença massiva de africanos em relação aos brasileiros e de origens desconhecidas:

Tabela 2: Escravizados africanos e brasileiros fugidos no Diário do Rio de Janeiro (1840-1850)

Naturalidade	Escravos	%
Africana	3317	65,5
Brasileira	1063	21
Desconhecida	679	13,5
Total	5059	100

Fonte: Diário do Rio de Janeiro, 1840-1850

Fonte da Imagem: Ferreira (2020, p. 407).

Ao observar a faixa etária que apareciam nos anúncios de fugas, Ferreira (2020, p. 413) conclui que, para as crianças, enfatizando as crioulas, a fuga era muito complicada, já que era difícil conseguirem sobreviver sozinhas diante das adversidades de uma vida fora dos cativeiros, pois por não terem ainda algum tipo de ocupação especializada, que servia como mecanismo de troca, e circulando pelas ruas da cidade, elas eram facilmente notadas pelas autoridades e pelos transeuntes.

Essa e outras pesquisas anteriormente aqui descritas não enfatizaram os anúncios de crianças africanas escravizadas, mas mesmo assim utilizaremos essas pesquisas, pois não encontramos pesquisas voltadas para elas. A trajetória dessas crianças africanas escravizadas, começou antes da chegada aos portos do da cidade do Rio de Janeiro e a história delas podem nos ajudar a entender e analisar como foi construída uma agência infantil africana, nos oitocentos.

2.3 Anúncios de crianças africanas escravizadas de 1839 a 1849

Foram coletados 420 anúncios de crianças africanas escravizadas, em fugas, no *Jornal Diário do Rio de Janeiro*, nos anos de 1839 a 1849. Este jornal foi usado como fonte, pois o mesmo contém o maior número de anúncios de escravos fugidos. Os anúncios do Jornal O Diário do Rio de Janeiro, trazem textos mais extensos sobre as características, nomes, idades e nações, contando histórias dessas crianças africanas escravizadas nas entrelinhas.

O que conseqüentemente nos anúncios, pode-se verificar uma inconstância na verdadeira idade das crianças africanas escravizadas, pois as mesmas eram medidas por altura, e nos navios negreiros de acordo com Gutierrez (1989, p. 70), o tráfico de crianças africanas escravizadas produziu uma imprecisão e profusão de termos para designar bebês, crianças e adolescentes, que distorce a catalogação de dados e a complicação aumenta já na definição do que fosse uma criança, conceito que não necessariamente era igual na África, no Caribe ou no Brasil, sem contar que não existiam entre os africanos atestados de nascimento, ou coisa parecida, que permitam aos historiadores comparar, rigorosamente, grupos de pessoas de uma mesma faixa etária.

Aqui usaremos a faixa etária de 1 ano a 16 anos para designar como crianças, usando um dos princípios da Afrocentricidade, que é o de localizar o africano no seu contexto histórico, cultural e social. A criança africana escravizada foi pensada no lugar de poder político de escravização, onde a sua faixa etária, não importava como indivíduo, mas como mercadoria, onde classificações e taxações eram sobre o tamanho das crianças africanas escravizadas e não sua faixa etária. Nos portos de embarque, as crianças africanas escravizadas eram dívidas em três grupos, de acordo com Conrad (1975, p. 51), aquelas com altura superior a quatro palmos ou um metro, com menos de um metro que já andavam, classificadas como crias de pé e bebês

de colo, que eram as crias de peito. Elas eram marcadas a fogo, tanto no peito, quanto no braço, para conferir o pagamento da taxa de embarque nos navios negreiros. Essas são algumas marcas encontradas nos anúncios de fugas, de crianças africanas escravizadas, como no braço direito, com o feitio de uma ferradura, que poderia ser do direito de propriedade do traficante de escravizados.

O anúncio do moleque Francisco, criança africana escravizada, que aqui será inserido na categoria de criança, pois até 16 anos de idade, moleque poderia designar crianças africanas escravizadas de qualquer sexo com menos de 12 anos de idade, que de acordo com Villa e Florentino (2016, p. 7), a migração da palavra do quimbundo para o português se fez mediante o alargamento de seu significado original. M'leke em quimbundo, que significa garoto ou filho pequeno; mas a ela se acrescentou um sentido mais amplo, que em português engloba ambos os sexos quando utilizado no plural, de molecões e moleconas parecem designar escravos de ambos os sexos, de 12 a no máximo 18 anos de idade, os escravos novos, recém-chegados da África, nos navios negreiros. Os molequinhos eram possivelmente crianças africanas escravizadas de cinco a doze anos, que era medido por 6 palmos de altura. As crianças africanas escravizadas ao chegar como escravos novos tinham que formar alianças, se adaptar ao seu novo dono, a língua e principalmente formar alianças com seus pares e com adultos africanos, que já haviam chegado a mais tempo.

Neves (2008, p. 87) no bojo disso achava-se inserido o *Diário do Rio de Janeiro*, tendo o seu primeiro número saindo no dia 01/06/1821. Consoante Sodré, esse jornal era um periódico de caráter popular, apelidado de —Diário do Vintém, devido ao seu baixo preço de 40 réis, sendo a assinatura mensal de 640 réis. Para quem procurava veicular anúncios em jornais isso era algo positivo, pois quem anunciava tinha que ter certeza de que o jornal era de circulação constante durante a semana e de preço acessível, para assim alcançar maior êxito em seus negócios privados. Aliás, era principalmente através de anúncios e notícias particulares que o Diário do Rio de Janeiro buscava ocupar suas folhas.

O principal dado que encontrei nos anúncios e que determinou minha busca, não eram só as crianças escravizadas em geral, mas apenas as crianças africanas escravizadas, que nos anúncios, eram identificadas por nações ou termos como negrinhos, moleques, molecões, como vistos acima, o que distinguia de outras crianças que fugiam, como crioulo, pardo, branco. Isso delimitou em um pequeno número, ao longo de dez anos, mas era necessário para entender como as crianças que vieram da África, formaram essa agência infantil africana, de fugas na cidade do Rio de Janeiro.

Os anúncios foram catalogados com nome, idade, nação, moradia, sexo e ano em que foi publicado. Inicialmente fiz arquivos tanto dos anúncios, quanto das tabelas que ia preenchendo num bloco, depois da coleta de anúncios, retirei os que se repetiam, ao longo dos anos, pois por

fugirem mais de uma vez, ou os seus senhores por não conseguirem capturá-los, anunciavam por vários dias, meses ou anos.

Abaixo no Quadro 4 com a totalização dos dados coletados sobre as crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos, de 1839 a 1849, computando um total de uma década:

Quadro 5: Quantitativo de crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos, do Jornal *O Diário do Rio de Janeiro*.

Ano	Quantidade de Anúncios
1839	68
1840	69
1841	49
1843	40
1844	50
1845	25
1846	24
1847	26
1848	27
1849	8
total	420

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados extraídos do *Jornal O Diário do Rio de Janeiro* de 1839 a 1849 (GUTMAN, 2022, p. 43).

No Quadro 5 podemos verificar que, o total de crianças africanas escravizadas encontradas nos anúncios, diminuiu de 1839 a 1849, que pode refletir a hipótese de que havia mais nascimentos de crianças escravizadas brasileiras e outro fator é de que quanto mais perto do ano de 1850, mais o tráfico ilegal de africanos escravizados aumentavam e trazer à tona em anúncios, que crianças africanas escravizadas, ainda fugiam é tornar público uma farsa, de que o Brasil estava diminuindo o tráfico negreiro. Já à partir de 1830, com o fim do comércio legal de africanos escravizados, havia uma pressão britânica para por fim ao tráfico ilegal e de acordo com Klein (1973), os *Jornais do Comércio e Diário do Rio de Janeiro*, suprimiram publicações de listas oficiais de importação de escravizados africanos, desde essa data. Nos dados coletados pelo pesquisador sobre listas oficiais de importação publicadas nesses jornais de 1825 a 1830, havia um consistente registro de crianças e bebês. Uma questão colocada pelo pesquisador é de que nas listas, havia um declínio de número de crianças e bebês, o que chamou a atenção e o fez refletir que poderiam ter falsificado, no intuito de tornar maior o número de crianças africanas escravizadas ou a oferta de adultos africanos eram mais do que suficientes. Já comprovamos através de dados que a primeira hipótese é a mais viável, pela questão lucrativa e pelo espaço utilizado para acomodar as crianças africanas escravizadas, no convés dos navios.

É importante observar de acordo com Florentino (2004), Salles (2018), que o tráfico era bem mais que um deslocamento populacional, era na verdade um negócio e as elites brasileiras, de 1810 a 1850, puderam resistir a pressão britânica pelo seu fim. A elite brasileira, gozava de autonomia internacional, por ter enriquecido como mercadores de almas e isso lhes facultava influenciar decisivamente os destinos do estado e do tráfico atlântico. Esse período foi denominado pelas insurreições escravas, exatamente pela presença maciça de africanos no seio da população e eles foram os protagonistas das resistências, fugas e rebeliões. A ação dos senhores e intervenções do Estado Imperial, foram de utilizar a Lei número 4, de 10 de junho de 1935, que previa a condenação à pena de morte dos escravizados que matassem, ferissem gravemente ou no site <http://www.slavevoyages.org/voyage/search>, os dados coletados sobre africanos escravizados embarcados nos portos africanos e desembarcados nos portos brasileiros, não diminuiu ao longo dos anos, apenas a partir de 1851 a 1875.

Tabela 3: Dados coletados de 1851 a 1875, de escravizados africanos, embarcados nos portos africanos e desembarcados no Brasil.

	Brasil	
	Embarcados	Desembarcados
1501-1525	0	0
1526-1550	0	0
1551-1575	2.928	2.461
1576-1600	31.758	26.814
1601-1625	184.100	156.468
1626-1650	193.549	163.938
1651-1675	237.860	204.575
1676-1700	294.851	259.475
1701-1725	476.813	423.161
1726-1750	535.307	468.690
1751-1775	528.156	476.010
1776-1800	670.655	621.156
1801-1825	1.130.752	1.012.762
1826-1850	1.236.577	1.041.964
1851-1875	8.812	6.899
Totais	5.532.118	4.864.373

Fonte: <http://www.slavevoyages.org/voyage/search>.

Com os dados das crianças africanas escravizadas, que desembarcaram nos portos brasileiros, calculei a porcentagem à partir do total de adultos africanos escravizados.

Do ano de 1831 a 1840, 59,9% do total de africanos escravizados desembarcados no Brasil eram de crianças africanas escravizadas, mais da metade do quantitativo. De 1841 a 1850, foi de 55,5%, correspondendo também acima da metade de adultos africanos escravizados.

Tabela 4: Crianças africanas escravizadas desembarcadas nos portos brasileiros de 1791 1860.

	Brasil				Totais
	Amazônia	Bahia	Pernambuco	Sudeste do Brasil	
1791-1800		0.0%	1.0%	2.3%	1.9%
1801-1810	2.5%	3.3%	3.3%	2.7%	2.9%
1811-1820		3.0%			3.0%
1821-1830				52.0%	52.0%
1831-1840				59.9%	59.9%
1841-1850				55.5%	55.5%
1851-1860				5.0%	5.0%
Totais	2.5%	3.1%	3.2%	13.4%	8.2%

Fonte: <http://www.slavevoyages.org/voyage/search>.

Esses dados demonstram que havia um grande número de crianças africanas escravizadas que chegavam aos portos brasileiros, mas que não apareciam em listas oficiais e muito menos em anúncios de fugidos de jornais. A importância de quantificar, mesmo que, uma pequena parcela de crianças africanas escravizadas nos anúncios de fugidos nos jornais, tem como objetivo trazer essas vozes silenciadas, apagadas das listas oficiais e da historiografia da escravidão brasileira.

Outro fator é pontuado por Florentino (2004), que estudou as cartas de alforrias no Rio de Janeiro, no século XIX, de 1840 a 1850, verificou que as crianças africanas escravizadas, eram raras, e isso não o surpreende, pois havia poucas delas. A maioria das cartas de alforrias, quatro dentre dez, eram para meninos e meninas de até dez anos de idade, mas eram crioulos, nascidos no Rio de Janeiro. E mais da metade dos africanos tinham mais de 40 anos, isso demonstra que, a criança africana escravizada que chegava ao Rio de Janeiro, vivia e morria como escravizado ou na idade adulta comprava sua alforria, se sobrevivesse até lá. Mesmo as crianças alforriadas, 1/3 dos casos, eram obrigadas a servir por mais dez, vinte anos ou até que seu senhor morresse. Ser criança escravizada no Rio de Janeiro, no século XIX, era para toda sua vida.

Essa constatação sobre sua condição de criança escravizada para Jones (2007), determinam que conseqüentemente suas experiências de escravidão são qualitativamente diferentes daqueles de escravizados adultos. Durante a infância e adolescência dessas crianças escravizadas, foram inculcados sobre as ideologias de ordem social, onde foram socializados

para aceitar sua condição de pessoas não-livres e preparados para seus papéis de trabalhadores. Essas experiências de crianças e adolescentes escravizados raramente foram focos de estudos, na verdade há quase uma ausência nas historiografias da escravidão.

Este estudo observa que essas culturas de infância, mudam de acordo com o contexto histórico e social, mas sempre farão parte das formas culturais de cada sociedade e não devem ser invisibilizadas. De acordo com Sirota (2007), a infância necessita ser vista como uma construção social, mas principalmente como um componente estrutural de qualquer sociedade, forma pela qual passam todos os indivíduos, mas cujo membros mudam constantemente, não desaparecendo jamais, mesmo no passado e no presente, elas existem e existiram.

A não escrita historiográfica dessas crianças africanas escravizadas, só denotam como elas eram vistas como apenas crias, moleques, molecas, mercadorias de pouco lucro, descartáveis e insignificantes. Essa socialização da criança africana para uma aceitação da escravidão que Jones (2007), descreve como uma preparação para o trabalho, deve ser vista também como uma transmissão horizontal no nível do grupo de pares, que Sirota (2007), levando a um reconhecimento das formas de sociabilidade próprias às sociedades infantis, reconhecendo a criança como ator coletivo com suas próprias formas culturais, reinterpretando essas trocas não só dos adultos para as crianças, mas de criança para criança. Esse reconhecimento da transmissão entre os pares, e construção de ao longo da infância africana escravizada, de formas de resistência, como as fugas, ampliaram a faixa etária até 16 anos, pois a saída para a rua e encontrar com outros pares no meio urbano, poderiam ser diferentes para meninos e meninas africanas escravizadas e assim a construção da resistência não ser igual para todos.

Do total de anúncios coletados, 420, verificamos que, 18,1% eram de meninas e 81,9% de meninos. O que reflete que os meninos fugiam mais que as meninas, pois talvez tivessem mais acesso as ruas ou as meninas não encontravam apoio para a fuga como os meninos.

Quadro 6: Quantitativo de crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos, do *Jornal o Diário do Rio de Janeiro*, por gênero.

GÊNERO	1839/1849
MENINAS	76
MENINOS	344
TOTAL GERAL	420

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados extraídos do *Jornal o Diário do Rio de Janeiro* de 1839 a 1849 (GUTMAN, 2022, p. 45).

Quadro 7: Quantitativo de crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos, do *Jornal o Diário do Rio de Janeiro*, por idade.

IDADE	MENINOS	MENINAS	TOTAL
5	1		1
6	1		1
7	1		1
8	4		4
9	2	1	3
10	18	4	22
11	4	4	8
12	43	11	54
13	26	8	34
14	58	16	74
15	31	10	41
16	80	16	96
MOLEQUE	61		61
MOLECA		1	1
S\I	3	3	6

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados extraídos do *Jornal O Diário do Rio de Janeiro* de 1839 a 1849. (GUTMAN, 2022, p. 45).

No quadro com idade de meninos e meninas, a maioria das fugas aconteciam a partir dos dez anos de idade, tanto para meninos quanto para meninas. Quanto mais velhos, mais eles apareciam nos anúncios, talvez por terem aprendido desde cedo a fugir, eles iam aprimorando as fugas e criando mais laços entre os seus, ou levavam mais tempo para construir formas de resistências.

Quadro 8: Idades de Meninos e Meninas nos anúncios de fugas.

IDADE	MENINOS	MENINAS	TOTAL
5	1		1
6	1		1
7	1		1
8	4		4
9	2	1	3

10	18	4	22
11	4	4	8
12	43	11	54
13	26	8	34
14	58	16	74
15	31	10	41
16	80	16	96
MOLEQUE	61		61
MOLECA		1	1
S\I	3	3	6

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados extraídos do *Jornal O Diário do Rio de Janeiro* de 1839 a 1849 (GUTMAN, 2022, p. 45).

Como não há estudos sobre meninos e meninas africanos no Rio de Janeiro, no século XIX, apenas Mott (1979), cita o nome crianças africanas no seu estudo e determina como ela vista pelos viajantes, mas não foi além nesse estudo. Usaremos como base os estudos de crianças escravizadas, em geral e adultos africanos, para entender alguns dados aqui revelados nos anúncios de fuga. Temos que observar também que a faixa etária deste estudo não fica fechado como nas pesquisa historiográficas é necessário olhar também como os africanos determinavam a idade dos seus, como os Cabindas, que identificavam a idade das filhas, olhando seu desenvolvimento físico, no qual estendiam um dedo da mão direita, o indicador e o da mão direita, um sobre o outro, indicavam a medida, o desenvolvimento dos seios. Assim concluíam, sobre a idade aproximada, mas a possibilidade para namoro e casamento, que Martins (1972), descreve como: —chi mena mabene; começam a nascer os seios; mana mena mabene: já estão formados os seios; menheka: já está em idade de casar; maboba: já passou a idade de casar, os seios já caeml.

No estudo de Rossini (2019), considerou a criança escravizada até 14 anos de idade e justifica essa escolha por algumas pesquisas anteriores indicarem que entre 12 anos e 14 anos, era o período de passagem dos escravizados a vida adulta, o que não concordo, pois se consideramos que trabalhavam desde os cinco anos, a idade adulta então era bem antes. De acordo com Mott (1979), a idade de cinco a seis anos parece encerrar uma fase na vida da criança escravizada, pois à partir dessa idade, ela aparece desempenhando alguma atividade, no meio rural e no urbano as crianças desempenhavam frequentemente as mesmas tarefas, como, cuidar de afazeres domésticos e descarregar algodão e arrancar ervas daninhas.

Observe o jantar desenhado por Debret (1835):



Figura 11: O jantar.

Fonte: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3802>.

Debret (1835) narra que, no Rio de Janeiro e em todas as outras cidades do Brasil, é costume, durante o jantar, que o marido cuide de seus negócios e a esposa se diverte, com seus filhinhos, que substituí os cachorrinhos pugs da Europa. Esses pequenos são estragados até a idade de cinco ou seis anos e depois são entregues para outros escravizados, que os chicoteiam e os fazem participar de todo o serviço e elas revoltadas, procuram compensar roubando frutas dos quintais ou brigando com outros animais domésticos, pelas sobras da mesa, que antes recebiam das mãos de sua senhora. Pensar como essa criança africana escravizada percebe-se no meio social em que vive, é primordial para entender que, ela não nasceu escravizada, ela foi escravizada e jogada no contexto escravista e levava tempo para perceber qual o seu lugar.

A questão que se coloca era como a criança escravizada era vista por historiadores e viajantes, sempre em termos de classes tradicionais ou de parâmetros de estratificação, o que vem de encontro com o que Qvortrup (2010) afirma de que, havia uma tendência secular entre os adultos em geral, de considerar prioritariamente outros fatores sociais, que não as crianças. Mesmo que a idade apareça como uma referência descritiva, por razões práticas, a infância deve ser observada à partir de outros grupos sociais mais dominantes, para o pesquisador (*ibid*), é crucial olhar as características comuns para as crianças e não confundir suas condições de vida com a do adulto. As crianças africanas escravizadas faziam suas escolhas e tinham metas que poderiam não ser iguais a do adulto africanos escravizado, até porque ela aprendeu a desde cedo a lutar por sua vida.

No meio urbano, meninas e meninos de pouca idade ficavam mais dentro da casa de seus senhores e eram tratados como pequenos trabalhadores domésticos. Nas imagens das

crianças negras nos séculos XIX e XX, Abramowicz, Silveira, Jovino e Simeão (2011), foi observado que as crianças escravizadas se tornavam bilíngues, pois eram detentoras da língua imposta pelo mundo hegemônico dos senhores e acessavam o linguajar falado, nos locais de circulação, como becos, mercados e chafarizes. E nas funções determinadas pelos seus senhores, como de moleques de recados, onde iam e vinham pelo meio urbano, levando e trazendo recados, descritas em várias pesquisas historiográficas, encobrem múltiplas atividades desenvolvidas por eles, que ia além desta função de leva e traz.

As meninas africanas escravizadas que aparecem nos anúncios de fugas correspondem a 18,1%, mas suas tarefas e funções não foram menos importantes na construção da agência infantil africana, pois elas eram atores sociais, que movimentavam e participavam ativamente dessa sociedade escravista, principalmente portas a dentro da casa de seus senhores.

A escravidão produzia uma ruptura radical, mas nem por isso absoluta, nas culturas dos escravizados de primeira geração. Pelo registro de alguns viajantes, pode-se conhecer o fato de que as crianças africanas eram —educadas, ou ao menos apreendiam as regras básicas de uma existência limitada pela origem, num ambiente bilíngue (KARASCH, 2000). Ou seja, as crianças eram normalmente detentoras da língua imposta pelo mundo hegemônico dos senhores enquanto acessavam o linguajar falado nas sanjalias, nos becos, nos mercados, nas bicas, nos lavadouros e nas zonas portuárias.

Essa linguagem do cotidiano não era outra senão as expressas em línguas Quimbundo, Jeje, Iorubá ou qualquer outra do tronco linguístico Níger-Congo e, mais especificamente, do subgrupo designado banto. E está é uma das funções importantes para aqueles que estudam a criança e a infância segundo Silva (2008) a função mediadora que a criança desempenha nas relações sociais, fazendo-a protagonista no espaço social já que ocupa a função de colmatar relações. Sob o manto pálido da categoria de aprendizes de ofício, os meninos negros (e também os pobres) eram utilizados em curtumes, padarias, alfaiatarias, sapatarias, igrejas, carpintarias, etc. Como carregadores de todo tipo de objeto, produtos de pesos variados, os meninos acompanhavam os senhores e as iaiás nas compras ou nas vendas de produtos. Quando não circulavam por espaços que por vezes eram interditados aos negros adultos, eram, entre outras coisas, acompanhantes de cegos, deficientes e idosos. Tais imagens aparecem em menor escala no trabalho de alguns gravuristas da primeira metade do século XIX. Frequentemente, os trabalhos dos meninos se dirigiam para fora da casa, enquanto o das meninas se voltava para dentro, como cuidar das crianças menores. Contudo, em uma das pranchas de Debret, é possível ver um moleque realizando tarefa doméstica, no caso, servindo água para a sinhá na sala de costura. Em outra, nota-se uma menina comprando milho na rua enquanto carrega no colo, encaixada na cintura, uma criança pequena.

A pesquisadora Graham (1992), classificou os trabalhadores domésticos em duas categorias. Na primeira categoria eram as cozinheiras, amas-de-leite, mucamas e costureiras, eram portas à dentro e participavam da vida diária dos seus senhores e senhoras. A segunda categoria eram as lavadeiras, as carregadoras de água e as que faziam compras nos mercados ou vendedores locais, os trabalhadores portas à fora.

Pelo contrário, elas tinham acesso a informações privilegiadas, exatamente por conviver no meio doméstico e de acordo com Graham (*ibid*), essas que eram mantidas portas a dentro, eram mais protegidas e cuidadas. Essas criadas, como a pesquisadora (*ibid*) denomina, realizavam o trabalho de amas-de-leite, mucamas e costureiras, que prestavam serviços pessoais para os senhores.

Nos desenhos de acordo com Graham (1992), fica bem claro que as senhoras, saíam as ruas acompanhadas de uma —empregada|| negra, (grifo meu), que não era mais que uma menina, como forma de mostrar na rua uma aura de proteção da casa. Essas meninas africanas escravizadas, serviam como acompanhantes e com certeza também tinha acesso a informações sobre sua senhora e entravam em contato com outras meninas africanas escravizadas, que acompanhavam outras senhoras, às compras na rua da moda, ao Passeio Público e na casa de amigos.

No anúncio abaixo, uma criança africana era oferecida para venda exatamente por ser própria para mucama:

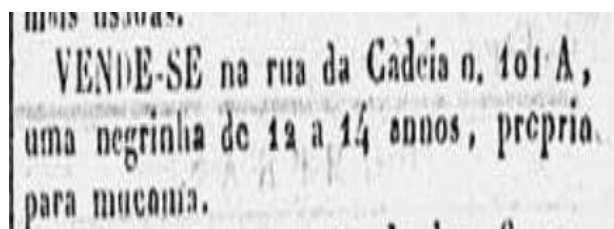


Figura 12: Anúncio de venda de uma criança africana escravizada.

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&Pesq=lavadeiras&pagfis=22703.

Essa denominação, própria para ser mucama, vem da preparação desta menina africana escravizada, desde muito cedo e principalmente para demonstrar que estava protegida da rua. E era preparada para exercer vários ofícios como de mucamas, costureiras, cozinheiras, mas não quer dizer que eram bem tratadas, serviam apenas, como um investimento do senhor, que poderia vendê-la ou alugá-la, quando bem entendesse.

No anúncio abaixo de um leilão, em 1839, no jornal *O Diário do Rio de Janeiro*, onde aparecem vários ofícios, tanto de mulheres, quanto de homens africanos escravizados, que foram preparados para obtenção de lucro, para seu senhor ou quem tivesse herdado seus bens:

FREDERICO GUILHERME fará leilão hoje sabbado ás 11 horas, na sua casa rua d'Ouvidor n. 84, de uma porção de escravos de ambos os sexos, com diversos officios, entre os quaes há 1 preto perfeito cozinheiro, o salquejador, 1 dito bom salquejador, o serrador, cozinheiros de ambos os sexos, lavadeiras, engomadeiras, costureiras, perfitas mucamas, pretos e pretas de roça, moleques e negrinhas, que como de costume serão vendidos com condição de perfeita saúde, e fiança de boas vendas.

Figura 13: Anúncio de leilão de escravizados.

Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_01&pasta=ano%20183&pesq=amas-deleite&pagfis=21287.

Quando era possível, Graham (1992) afirma que, uma família preferia selecionar entre as suas criadas uma que tivesse dado a luz a pouco tempo e usá-la para amamentar as crianças da casa ou então alugava-se uma ama-de-leite, que eram chamadas como mercenárias, depreciando seu trabalho, mas elas amamentaram e mantiveram vivos os mais afortunados, nascidos no século XIX. Na verdade mercenários eram seus senhores que, muitas vezes retiravam seus filhos do seio, para que elas pudessem ter leite e amamentar os filhos das senhoras, que não o faziam na época. O lucro obtido com as amas-de-leite não iam para as mãos das escravizadas, mas de seus senhores, por isso havia tantos anúncios de aluguel e venda de amas-de-leite nos jornais da época.

Vários anúncios de amas-de-leite eram divulgados diariamente no *Jornal O Diário do Rio de Janeiro*:

A M A S D E L E I T E.

ALUGA-SE uma preta moça, com muito bom leite para ama; na rua do Cemiterio n. 7.

NO hêco das Mangueiras n. 22, aluga-se uma Sra. para ama de leite, de boa conducta.

ALUGA-SE uma boa preta ama de leite, com muita abundancia e novo, trata muito de criança; na rua da Valia n. 89.

ALUGA-SE uma ama preta, e faz todo o serviço de portas dentro; na rua das Marrecas n. 4.

ALUGA-SE uma preta ama, com muita abundancia de leite, e bom, parida a 20 dias, e muito carinhosa para crianças; na rua d'Alfandega n. 288.

ALUGA-SE uma muito boa ama de leite, da primeira barriga; na travessa da pedreira da Candellaria n. 1.

VENDE-SE uma mucama, ama, com muito bom leite, parida a 2 mezes, sem cria, não tem molestias, é preñdada; na rua do Condo n. 46.

ALUGA-SE uma preta com bom leite para criar, e alem de ser boa criada, sabe lavar, e cozinhar; na rua

Figura 14 – Anúncio de amas de leite.

Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_01&pasta=ano%20183&pesq=amas-deleite&pagfis=21292.

Voltamos à Roza, criança africana escravizada, que andava pejada de dois meses, o que poderia incentivar seu dono a dar gratificação tanto para quem a prendesse como a quem a descobrisse:

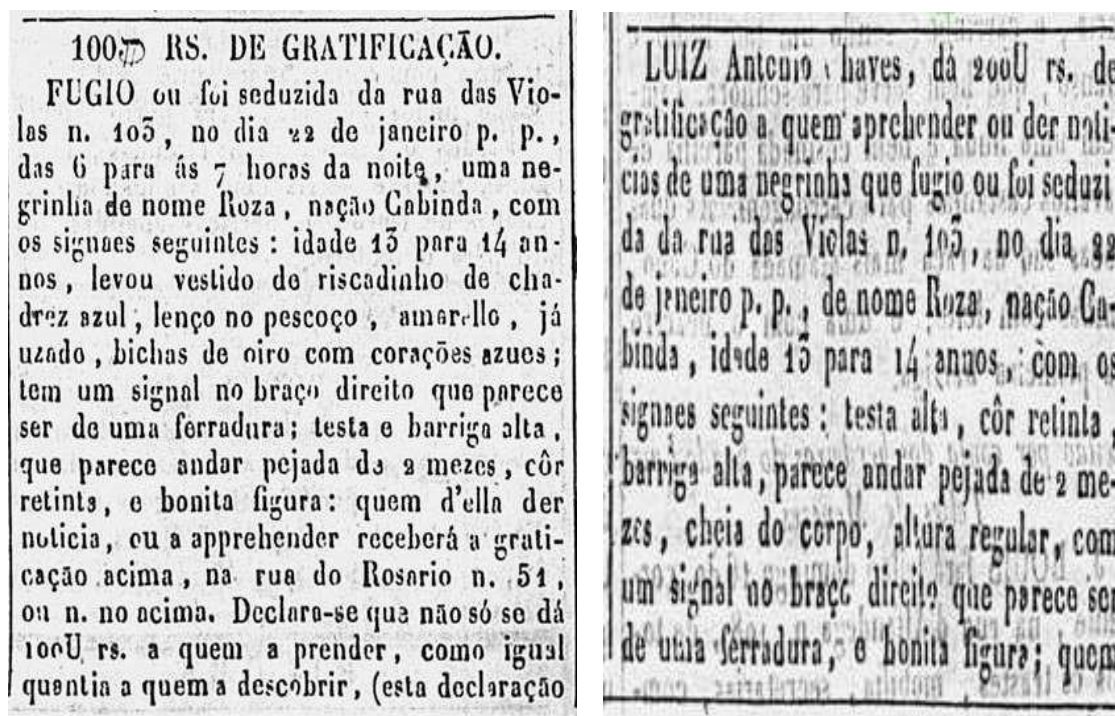


Figura 15: Anúncio de Fuga de crianças africanas escravizadas, Jornal *O Diário do Rio de Janeiro*.
Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&Pesq=lavadeiras&pagfis=22534.

Ela tinha apenas 12 anos, 13 ou 14 anos, pois vários anúncios de fuga foram publicados e utilizamos a idade de 12 anos, pois foi o que apareceu no primeiro anúncio. O valor da recompensa dobrou no último anúncio publicado e podemos inferir que, Roza foi engravidada pelo seu senhor, principalmente pela idade ou ele queria a menina para obter mais lucro, podendo após o parto alugar, como ama-de-leite.

Tanto os meninos quanto as meninas africanas, eram comprados por poucos mil réis, mas ao ter a posse deles, seus senhores não queriam perder essa mão-de-obra, principalmente por perceberem que o tráfico atlântico estava ameaçado e que essas crianças africanas neste momento valiam muito mais do que haviam pago por elas.

As nações das crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugas de 1839 a 1849, no jornal *O Diário do Rio de Janeiro*, foram organizadas em quadros, seguindo o apêndice A, da pesquisa de Karasch (2000), onde há um grande número de grupos étnicos identificados, tanto no século XIX, quanto atualizadas, no nome moderno, por seguirem uma escrita dos anúncios, consegui atualizar os nomes nos quadros:

Quadro 9: Nações das crianças africanas escravizadas nos anúncios de fugas.

NAÇÃO	Total Geral
Ambaca	6
Angola	55
Banto	1
Benguela	44
Bihé	1
Cabinda	52
Cabo Verde	2
Cabundá	1
Camondongo	3
Cassange	16
Congo	32
Crioulo	3
Inhambane	10
Macumbe	1
Mecena	2
Megumbo	2
Mina	9
Mossange	1
Moçambique	58
Monjolo	2
Moquião	3
Muiange	1
Muteca	1
Nagô	6
Quelimane	45
Rebolo	14
Songo	1
São Tomé	1
Sena	2
s/n	45
Total Geral	420

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados extraídos do *Jornal O Diário do Rio de Janeiro* de 1839 a 1849.

Essas nações africanas Oliveira (1996), Karasch (2000), Gomes (2016), suas terminologias e classificações utilizadas no comércio transatlântico para identificar, localizar e indicar as origens dos africanos escravizados, podem ser sugeridas pelos nomes de portos e lugares na África e outros são fornecidos por anúncios de jornais sobre aluguéis, vendas, fugas, registros de paróquias, títulos de venda e listas de inventários, são utilizados por muitos pesquisadores para entender suas identidades e identificações.

No Rio de Janeiro era bem difícil, estabelecer as identidades específicas da maioria dos africanos escravizados, devida a diversidade étnica, Karasch (2000), afirma que, uma das

formas de identificação eram as escarificações, marcas de propriedade, estilos de cabelos e deformações, físicas, tais como os dentes limados, que eram descritos nos anúncios de jornais. Como no anúncio de Roza, que descrevia um sinal no braço direito que parece ser uma ferradura e essas tatuagens eram designadas de acordo com Martins (1970), Martins (1972), de lintala e seu significado variava conforme o desenho que apresentavam, os pequenos traços e pontos eram apenas enfeites, mas alguns indicavam se a tatuagem era de uma determinada tribo e os dentes incisivos superiores eram limados, tanto das mulheres, quanto dos homens.

Abaixo uma das tatuagens retratadas por Martins (1970, p. 224):



Figura 16: Tatuagem de mulher africana.

Fonte: Martins (1970, p. 224)

Na designação das nações nos anúncios de jornais cariocas e em documentações sobre os africanos escravizados no Rio de Janeiro, apareciam como seus sobrenomes, principalmente nas certidões de óbito de africanos escravizados, que Karasch (2000), pesquisou, nos anos de 1833, 1838 e 1849, na qual encontrou 3147, sendo que 822 eram de brasileiros.

Quadro 10: Quantitativo de crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos, do *Jornal o Diário do Rio de Janeiro*, das nações da África Oriental.

ÁFRICA ORIENTAL	TOTAL
BANTU	1
MECENA	2
SENA	2
INHAMBANE	10
QUELIMANE	45
MOÇAMBIQUE	58
TOTAL GERAL	118

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados extraídos do Jornal *O Diário do Rio de Janeiro* de 1839 a 1849.

Quadro11: Quantitativo de crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos, do Jornal *O Diário do Rio de Janeiro*, das nações da África Ocidental.

ÁFRICA OCIDENTAL	TOTAL
CABO VERDE	2
NAGÔ	6
MINA	9
TOTAL GERAL	17

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados extraídos do Jornal *O Diário do Rio de Janeiro* de 1839 a 1849.

Quadro12: Quantitativo de crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos, do Jornal *O Diário do Rio de Janeiro*, das nações do Centro-Oeste Africano.

CENTRO-OESTE AFRICANO	TOTAL
SONGO	1
BANTU	1
MUIANGE	1
MOSSANGE	1
MUTECA	1
CABUNDA	1
BIHÉ	1
MONJOLO	2
CAMONDONGO	3
AMBACA	6
REBOLO	14
CASSANGE	16
CONGO	32
BENGUELA	44
CABINDA	52
ANGOLA	55
TOTAL GERAL	230

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados extraídos do Jornal *O Diário do Rio de Janeiro* de 1839 a 1849.

Podemos perceber pelos quadros 5, 6 e 7, que, o maior número de crianças africanas escravizadas era de nacionalidade do Centro-Oeste Africano, que de acordo com Karasch (2000), era comumente dividida em três regiões: Congo Norte (Cabinda), Angola e Benguela e uma das regiões mais importantes do tráfico negreiro. Conhecidos com o Congos no Rio de Janeiro, muitos eram do Norte de Angola e sul do Zaire. Karasch (*ibid*) aponta que, qualquer africano exportado pelos mercados do Rio Zaire, eram conhecidos como, Congos e os Angolas, correspondiam a região central, controlada pelos portugueses, em especial, Luanda, que vinham do interior, como os Cabundás, Crioulos de Luanda, Caçanjes, Ambacas, Rebolos, Moanjes, Quissamas e Benguelas. Os benguelas vinham também do porto de Benguela, mas muitos dos africanos escravizados, na verdade eram trazidos em caravanas de Ovimbundos, no sul de Angola.

E dentro desse grande mapa de regiões, ainda existiam as diferenças entre os povos e suas línguas, que aparecem no mapa desenhado por Vansina (2010):



Figura 17: Mapa de Regiões da Angola, 1850

Fonte: (VANSINA, 2010).

De acordo com Vansina (2010), a colônia continuou dependendo economicamente do Brasil e 88% de seus rendimentos vinham do tráfico de escravizados, que enviam nos navios negreiros.

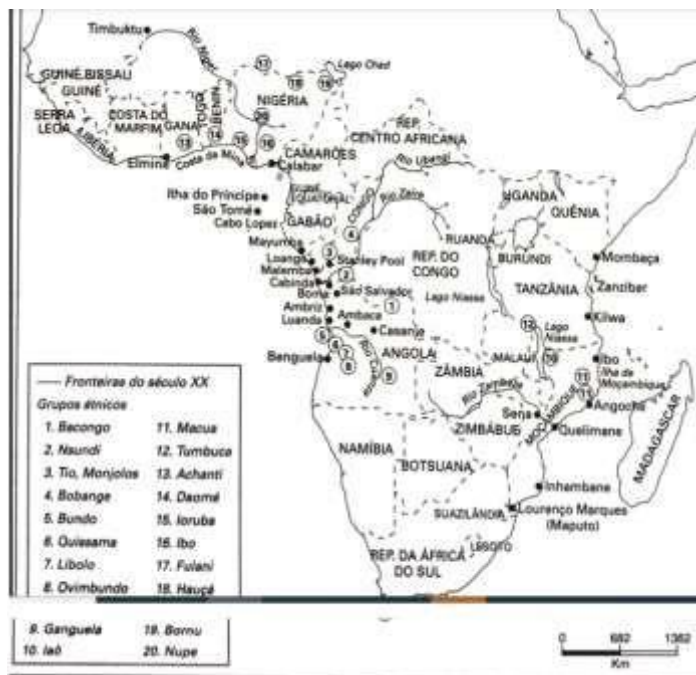


Figura 18: Mapa das fronteiras dos grupos étnicos, século XX.

Fonte: Karasch (2000).

Florentino (1997), reafirma que eram essas três zonas africanas de onde partiam os navios negreiros para o porto do Rio de Janeiro e de 1790 e 1830, de oito entre cada dez africanos que viviam no Rio de Janeiro eram bantos originários do Congo e Angola:

Participação (%) das Grandes Áreas de Procedência dos Negreiros Atracados no Porto do Rio de Janeiro, 1811-1830

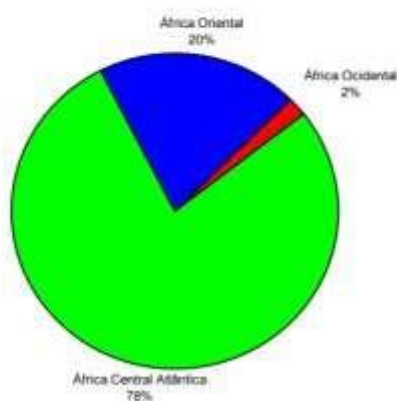
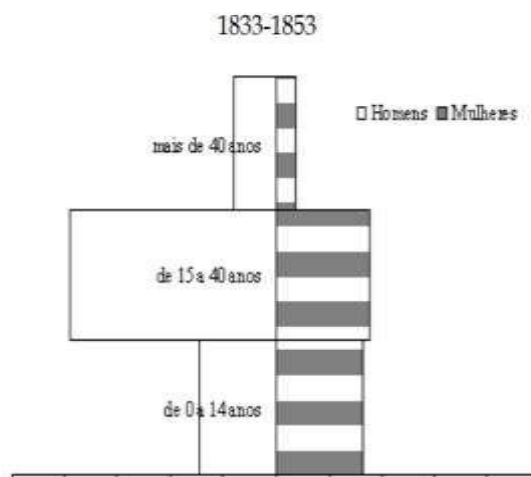


Figura 19: Procedência dos Negreiros Atracados no Porto do Rio de Janeiro, 1811-1830.

Fonte: Florentino (1997, p. 51).

Os anúncios de fugas crianças africanas escravizadas ratificam essa porcentagem da África Central e da África Oriental, com o total de 115, sendo 58 de Moçambique e 45 de Quilimane, que para Florentino (1997), a abertura dos portos brasileiros determinou o crescimento de exportações do litoral do Indico, alcançando um ritmo maior que os da costa atlântica, consolidando a ilha de Moçambique e os portos do Sul, em especial Quilimane.

O autor afirma que, entre a última década do século XVIII até 1850, o tráfico moçambicano, trouxe um pouco mais de 200 mil africanos escravizados, a busca por novos comércios de almas, era devido à alta taxa de mortalidade entre os africanos no Rio de Janeiro, como demonstra o gráfico do autor, onde as crianças africanas escravizadas alcançavam 30% por cento dessa população e de que dentre dez escravizados, seis eram de homens:



Fontes: Inventários *post-mortem* 1789-1853, Arquivo Nacional (Rio de Janeiro).

Figura 20: Gráfico com taxas de mortalidade entre os africanos escravizados no Rio de Janeiro.

Fonte: Florentino (1997)

Outra questão que determinou a grande massa de africanos escravizados afroocidentais, era em função do incremento do tráfico interno do Nordeste para o Rio de Janeiro, que passou de 5% por cento em 1831 a 20% em 1860. Outra informação é a de que havia um enorme desequilíbrio entre mulheres e homens, priorizando o sexo masculino, entre quinze e catorze anos, na primeira metade do século XIX, o que pode demonstrar o maior número de meninos do que de meninas nos anúncios de crianças africanas escravizadas, que fugiam. Mas um dado reforça que, a alta mortalidade das rotas mais longas, desse rio atlântico, como a de Moçambique ao Rio de Janeiro, determinava que, os traficantes adquirissem uma quantidade maior de africanos escravizados e entupiam seus navios, o que reforça a tese de que mais e mais crianças africanas escravizadas, viessem no convés dos navios, aumentando assim o lucro. Os horrores que os africanos escravizados experimentavam na travessia, foi narrado pelo reverendo inglês Pascoe Grenfell Hill (1804-1822) (*apud* FLORENTINO, 1997), numa noite de tempestade em 1843, foram trancafiados quatrocentos, em um porão de onze metros de comprimento por sei metros e meio de altura, no dia seguinte, foram retirados 54 corpos despedaçados pela luta para conseguirem respirar. A invisibilidade historiográfica dessa vinda de tantos afro-orientais, pode ser constatada segundo Florentino (*ibid*), exatamente pela

mortalidade deste tanto na vinda, como sugerem os inventários post-mortem, do século XIX, os afro-orientais, morriam de infecções e traumas advindos dessa passagem do atlântico.

No sul de Moçambique, em 1889, Junod (2009), missionário suíço, fez um estudo etnográfico sobre os Tsongas, que era um grupo de populações Bantu, estabelecidas na costa oriental da África do Sul, com fronteiras ao sul, com os Zulus e os Swasi, a oeste com os Mabi, os Lauti e outros clãs, ao norte com os Venda e a leste com os Tonga, perto de Inhambane e os Copi, ao norte, da foz do Limpopo. Essa vinda nos navios negreiros, de maioria masculina, poderia também representar para eles a invisibilidade, pois para os Bantos, é pela sua mulher ou mulheres, que o homem se torna alguém, então se separar de suas mulheres era estar só, o homem casado é chamado de Ani le kwakwe, —aquele que tem uma casa só sual.

A tatuagem registrada por Rugendas (2019), nos moçambicanos escravizados, que Junod (2009), descreve entre os Tsongas, com essas linhas de botões no meio do rosto, desde a fronte até o queixo. A tatuagem, kuthavela tinhlanga, de acordo com Junod (*ibid*), variava de acordo com os clãs e a moça tatuada ficava escondida durante uma semana, depois mostra ao rapaz, que mata uma galinha em sua honra, para a felicitar. Esse tempo é chamado o tempo da cura, onde é tabu salgar os alimentos ou ir à aldeia comer comida dos outros.



Figura 21: Desenho de Rugendas 1835.

Fonte:

<http://www.caixacultural.com.br/cadastrdownloads1/Rugendas%20%20O%20Cronista%20Viajante.pdf>.

É importante trazer todas essas formas de inscrição dos grupos étnicos, para perceber que a objetificação dos africanos escravizado de acordo com Mbembe (2001), os classificavam como uma massa escravizada, aprisionada na humilhação e no sofrimento, de uma morte social, negando sua dignidade e unificando o desejo do africano de conhecer-se. A criança africana escravizada, mesmo vindo no colo das suas mães, já estavam inseridas desde o nascimento na

cultura da sua etnia, como visto anteriormente no capítulo 2, Gottlieb (2004), na África Ocidental, aos recém-nascidos são atribuídos um tremendo grau de personalidade e conhecimento pelos adultos Beng¹⁴, pois eles vêm do outro mundo, na sua existência anterior e progressivamente se tornam algo como uma tábula rasa, em vez de como começar como alguns modelos ocidentais de infância. Segundo Gottlieb (2009), o dever maior dos pais Beng é o de discernir, por meios de adivinhos, quais os desejos que os bebês supostamente trouxeram de suas encarnações anteriores, para então atendê-los. Nessa perspectiva, os bebês Beng estão longe de ser criaturas indefesas sem opinião ou impacto sobre o mundo. As crianças africanas escravizadas assim como os adultos se viam no outro africano como seu ancestral e com eles reaprendiam os elos culturais africanos.

Muitas crianças africanas escravizadas vinham amparadas no colo das suas mães, que apesar de tudo que passavam na travessia do Atlântico, ainda tinham forças para embalá-las. A Marinha Real Britânica capturou navios negreiros no século XIX e os africanos que eram encontrados eram levados para os portos mais próximos. A marinha britânica, trouxe para o porto do Rio de Janeiro, a fragata Crescent para atendimento desses africanos capturados, que somaram 3000 ao longo desses anos, o médico britânico, Thomas Nelson, que cuidava dos africanos capturados em 1840, descreve segundo Conrad (1983, p. 43 *apud* THOMAS (1846):

Olhando ao redor com mais calma, após o primeiro paroxismo de horror e desgosto ter diminuído, eu observei na popa outro infeliz grupo, composto inteiramente por mulheres. Algumas eram mães com bebês que se esforçavam em vão para sugar algumas gotas de umidade do leite, murcha, e seios magras de suas mães miseráveis; outras eram de todas as idades intermediárias. A maioria deles destituídos até mesmo da decência de um trapo, e todos apresentando um espetáculo de miséria tão lamentável quanto ele é possível para conceber.

As crianças africanas escravizadas na sua maioria chegavam sozinhas, que de acordo com Villa e Florentino (2020), que tentaram compreender a dinâmica de funcionamento e lógica empresarial do tráfico terrestre e marítimo de escravizados a partir da cidade do Rio de Janeiro entre 1809 e 1834, os africanos novos representavam um aumento, alcançando 106 mil, entre 1826 a 1830. Nos registros de despachos de crianças africanas escravizadas, perceberam que na sua maioria era traficada sozinha, como: —a africana recém-aportada que, aos três anos de idade, rumava do Rio de Janeiro para Minas Gerais em 12 de março de 1828| (VILLA; FLORENTINO, 2020, p. 27). Os pesquisadores Villa e Florentino (2020, p. 28) consideram como africanas as crianças que eram classificadas —como boçais e novas e concluíram que a porcentagem de crianças africanas escravizadas aumentou para 22% no pico do tráfico atlântico e 29% em 1831-1834|.

¹⁴ GOTTLIEB, A. **The afterlife is where we come from**: Infants and infant care in West Africa. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

Essas crianças africanas escravizadas tinham que ser amparadas por seus pais tanto na travessia do Atlântico, quanto na chegada nos portos brasileiros. As crianças africanas, de acordo com Gottlieb (2004), Junod (2009), ela é cuidada por todos e não apenas pela mãe. Como nos Beng, onde os pais assumem que sempre haverá adultos, adolescentes ou mesmo meninos e meninas mais velhos, que podem cuidar de seus filhos pequenos que vagam por toda a aldeia, para eles todos fazem parte de uma comunidade moral.

Nos costumes Angolanos, de acordo com Batalha (1890, p. 52), descreve que até antes do casamento pode-se decidir com quem a criança ficará ao nascer:

Reune-se conselho! Está presente a virgem, o pae, a mãe, os irmãos, os vizinhos e amigos, e o *n'ganga* (o grande feiticeiro).
 Ahí se discute a conveniencia ou inconveniencia de entregar a filha, a importancia do requerente, o valor da boda, e o preço do *n'lamba*.
 Dá-se este nome ao preço por que o noivo obterá a sua consorte. Varia desde um insignificante valor (como o de um garrafão de aguardente e quatro macetes de missanga) até a importancia de muitas peças de fazenda, barris de bebida, libras de polvora, armas, fatos e coraes.
 A's vezes pedem-se... (para *tractos licitos*) creanças recém-nascidas, as quaes, quando concedidas, ficam em casa dos paes, ou são entregues aos parentes do noivo, até a idade dos doze annos.

Figura 22: Trecho do livro de Batalha (1890, p. 52).

Fonte: <https://archive.org/details/costumesangolens00bata/page/62/mode/2up>

É importante perceber que a África foi transportada junto com eles nos navios negreiros e entender que uma nova família era construída com esses laços culturais originais, dando um novo sentido a suas vidas e formação de novas identidades.

Slenes (1992), Oliveira (1996), Thornton (2004), trouxeram essa visão de que os primeiros a descobrirem essa África no Brasil foram os próprios africanos, principalmente os falantes da língua bantu, estendendo-se além da linguística, mas em outras áreas culturais e perceberam a existência entre si de elos culturais profundos. Tanto os africanos recém-chegados como aqueles que partiram antes deles usavam a cultura africana para adaptarem-se as Américas. Naturalmente os africanos mantiveram suas línguas nativas e haviam muito mais falantes de línguas africanas, que outras línguas nas Américas e com o tempo desenvolveram a segunda língua, o português. Assim, como muitos africanos, eles pensavam sonhavam e se comunicavam com mais frequência na língua nativa do que na língua colonial. A lealdade linguística, de acordo com Oliveira (1996), formava a primeira ordem de contato e companheirismo e a —nação|| grifo meu, pois essa construção de nação não foi dos africanos, mas dos traficantes, servia de substituto para a família deixada para trás na África. No meio

dos seus, cada africano continuava a ser uma pessoa detentora de um nome que continuava fazendo sentido para o grupo, pertencente a uma família africana, possuidor de uma história que incluía sua captura e sua condução até o Brasil, onde podia ser identificado pelos demais como alguém que veio de tal cidade e era filho, irmão, companheiro ou pai de outros membros da comunidade.

Se para a maior parte dos africanos tornou-se necessário reconstruir integralmente as relações sociais na nova terra, para alguns dentre eles existiu a possibilidade de manter relações com membros de suas famílias que também vieram da África, preservando vínculos pessoais e afetivos anteriores ao cativo. Schlichthorst (2000, p.147), ex-oficial do exército imperial do Rio de Janeiro de 1824 a 1826, que foi recrutado como oficial mercenário, na Europa, escreveu sobre os costumes e relata como os africanos escravizados demonstravam com palavras e atos, como se orgulhavam de terem nascido na África e de que mesmo após longos anos de escravidão no Brasil, suas palavras preferidas são, minha nação, minha terra. De acordo com o autor, os africanos gritavam sua nação, quando eram confrontados e relata um encontro em Cabo Frio, com um pescador africano escravizado, que havia sido capturado em Moçambique.

3 CAPÍTULO III

3.1. Caminhando com as crianças africanas escravizadas pelas ruas do Rio de Janeiro, contando suas histórias.

Era os oitocentos, na Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, as principais ruas do centro dessa cidade estavam apinhadas de africanos que chegaram nos navios negreiros, muitos eram ainda crianças quando chegaram aqui. A cidade era dividida em freguesias, a de Santa Anna, de São José, da Candelária, do Sacramento e de Santa Rita, ficavam no que atualmente chamamos de centro da cidade. Nessas freguesias se localizavam as principais ruas, que aparecem nos anúncios de crianças africanas escravizadas fugidas de 1839 a 1849, no Jornal *O Diário do Rio de Janeiro*.



Figura 23: Planta da Cidade do Rio de Janeiro

Fonte: Biblioteca Nacional Digital – Biblioteca Nacional do Brasil:
http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart326112/cart326112.jpg

Essas freguesias, de acordo com Karasch (2000), eram delimitadas pelas igrejas fundadas pelos senhores de escravizados, mas as que mais visitavam e estimavam eram a de

Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e Nossa Senhora da Lampadosa, que ficavam um pouco mais longe do centro, perto do que hoje é a Praça Tiradentes, antiga Praça da Constituição e Campo de Santa Anna. Mas, no Campo de Santa Anna também se localizava o pelourinho, onde os escravizados fugitivos, recebiam suas punições públicas. As igrejas estão marcadas no mapa de Hallaway (1997), delimitando os espaços das freguesias;

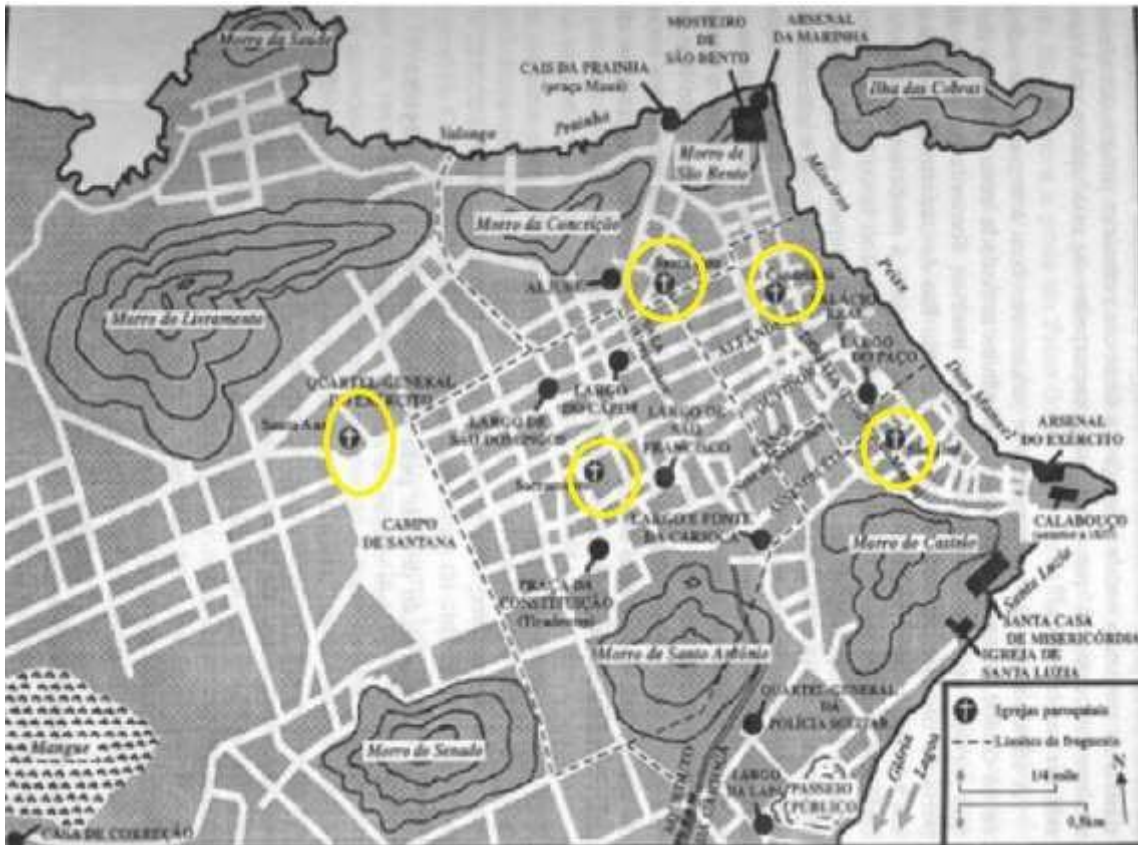


Figura 24: Mapa das igrejas na cidade do Rio de Janeiro século XIX.

Fonte: Hallaway (1997).

Quadro 13: População da Cidade do Rio de Janeiro 1838

Freguesias	Livres	Escravos	Total	Estrangeiros	% Escravos
Sacramento	15.922	8.334	24.256	2.373	34,4
São José	9.326	5.084	14.410	1.312	35,3
Candelária	5.816	4.297	10.113	2.431	42,5
Santa Rita	8.850	5.707	14.557	1.469	39,2
Santa Ana	10.282	5.491	15.773	635	34,8
Engenho Velho	3.876	4.290	8.166	392	52,5
Glória	3.950	2.618	6.568	509	39,9
Lagoa	2.003	1.316	3.319	125	39,7
Total	60.025	37.137	97.162	9.246	38,2

Fonte: Karasch (2000, p.65)

Karasch (2000), através dos censos de 1838 e 1849, elaborou essas tabelas, que concluiu, que o primeiro fracassou pelos números inexatos dos escravizados e o de 1849, demonstram um número grande de estrangeiros que vinham de Lisboa. O que esses dados não demonstram corretamente, é o número correto de escravizados africanos, que chegavam nos navios negreiro, mas trazem pelo menos uma base das moradias, fogos, era o nome das casas na época, pois assim era a feita a contagem da população:

Quadro 14: População da Cidade do Rio de Janeiro 1849**Tabela 5:** População total da cidade do Rio de Janeiro, 1849

Freguesias	Brasileiros	Estrangeiros	Libertos	Escravos	Total	% Escravos
Sacramento	17.193	8.242	2.206	14.215	41.856	34,0
São José	10.352	5.060	1.638	10.357	27.407	37,8
Candelária	4.388	5.561	194	8.540	18.683	45,7
Santa Rita	11.395	6.700	1.413	12.304	31.812	38,7
Santa Ana	18.644	4.546	2.687	12.840	38.717	33,2
Engenho Velho	7.163	2.595	1.367	9.759	20.884	46,7
Glória	5.905	2.263	723	6.779	15.670	43,3
Lagoa	4.959	1.353	504	4.061	10.877	37,3
Total	79.999	36.320	10.732	78.855	205.906	38,3

Fonte: Karasch (2000, p.66)

Outro dado que o censo não demonstra é onde os escravizados moravam, se sozinhos ou junto com seus senhores. Estudando essas moradias, nos oitocentos no Rio de Janeiro, Santos (2006), traz dados sobre as possibilidades de moradia nos centros urbanos, que com o consentimento

de seus senhores, poderiam ter seus próprios fogos, moradias. E essa possibilidade de moradia demonstrava uma forma de resistência, assim como as fugas eram para as crianças africanas escravizadas. E essa possibilidade de moradia sobre si, de acordo com o pesquisador (2006, p.151), demonstrava uma maior autonomia de trânsito dos escravizados pelo centro urbano e ao mesmo tempo incomodava a maioria da população.

Essa possibilidade de o escravo morar em locais distantes de acordo com Santos (2006), da casa senhorial, caracterizou o cativo urbano, viabilizando, inclusive, a maior mobilidade escravizada nas ruas. Era comum que senhores residentes de freguesias suburbanas, longe das freguesias do centro, permitiam que, seus escravizados morassem e trabalhassem na região central e portuária do Rio de Janeiro, tendo em vista a maior probabilidade de encontrarem serviços como carregadores, vendedores ambulantes etc.

A contrapartida para tanto, era a entrega periódica de quantia previamente estipulada. Muitos escravos de proprietários que moravam nas principais ruas e vias da cidade também conseguiram usufruir de tal prática que, em última instância, eximia o senhor em questão das preocupações referentes à vida material de seus cativos, embora também representasse maior dúvida sobre o paradeiro de seu cativo. Era uma faca de dois gumes para ambos os lados, e um problema a mais para as autoridades citadinas, que se viam imbuídas de localizar os possíveis fugitivos. O morar sobre si possibilita segundo Santos (2006), uma forma de entender como a luta pela reconstrução de laços de identidades étnicas, solidariedade entre companheiros de cativo, relações amorosas e familiares, proximidade com os locais de trabalho e, até mesmo, interesses econômicos possibilitaram a instauração de uma dinâmica peculiar à escravidão urbana. Dinâmica esta que fez do ato de morar mais uma ferramenta de luta e resistência escrava.

A localização de moradia das crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugas, pode nos mostrar os caminhos que elas percorriam, onde iam quando fugiam, onde poderiam ter sido vistas e principalmente mapear locais de encontros com seus pares, onde poderiam realizar trocas com seus pares, tanto cultural quanto uma rede de auxílios e esconderijos.

Igualmente Neves (2008), afirma que nem todos que fugiam iam para as matas ou locais distantes da cidade, pois preferiam permanecer dentro da cidade, recebendo acoitamento de outros escravizados. A julgar pela maciça predominância de moradias urbanas declaradas como endereço dos senhores e concentrando-se nos locais de moradia informados nos anúncios de fuga, nota-se que algumas ruas da cidade tendiam a se repetir, indicando não só a fuga como ato disseminado em alguns pontos geográficos da cidade, mas também que senhores de algumas

localidades da cidade acreditavam mais na eficácia dos anúncios de fuga na imprensa do que outros.

Talvez o desaparecimento dos escravizados, fosse facilitado pelo intenso fluxo de transeuntes, como no caso da Rua Direita e da Rua da Alfândega, regiões onde superabundavam atividades ligadas a carregamento e descarregamento de navios, implicando em elevada movimentação de escravos carregadores e estivadores.

Essas ruas foram classificadas como moradias, na coleta dos 420 anúncios de do jornal *O Diário do Rio de Janeiro*, das crianças africanas escravizadas no qual localizamos as ruas que eram anunciadas pelos senhores, tanto para entregar, quanto para receber as gratificações, mesmo que talvez não fossem exatamente o local onde habitavam, ali também poderia ser um ponto de partida para traçar os caminhos percorridos por essas. Percorridos por essas.

Foram construídos quadros e estabelecidos como ponto de referência inicial as ruas, que eram anunciadas como local de entrega e pagamento de recompensas sobre as crianças africanas escravizadas. A organização do quadro abaixo, foi em ordem do maior número de moradias para o menor número, por ruas.

Quadro 15: Quantitativo de moradias por ruas de 1839 -1849

Moradia	Total Geral
Rua da Quitanda	20
Rua do Rosário	17
Rua do Sabão	13
Rua dos Ourives	13
Rua São Pedro	13
Rua da Alfândega	12
Rua Direita	12
Rua São José	12
Rua das Violas	11
Rua do Hospício	11
Rua do Ouvidor	10
Rua da Misericórdia	9
Rua dos Pescadores	8
Rua da Cadeia	6
Engenho Velho	5
Rua da Candelária	5
Rua da Prainha	5
Rua da Vala	5
Rua do Livramento	5

Rua São Clemente	5
Chácara das Laranjeiras	4
Largo da Lapa	4
Rua do Carmo	4
Rua do Conde	4
Rua do Príncipe	4
Rua Senhor dos Passos	4
São Francisco de Paula	4
Praça do Mercado	3
Praia do Valongo	3
Praia dos Mineiros	3
Rua D'ajuda	3
Rua de São Pedro	3
Rua do Cano	3
Rua do Cemitério	3
Rua do Fogo	3
Rua do Piolho	3
Rua do Resende	3
Rua dos Latoeiros	3
Rua Nova do Conde	3
Rua São Joaquim	3
São Francisco da Prainha	3
Travessa do Paço	3
Andarahy Pequeno	2
Beco de Bragança	2
Beco do Suspiro	2
Caminho de São Cristóvão	2
Campo de Santa Anna	2
Dom Manuel	2
Ladeira do Livramento	2
Largo de São Joaquim	2
Praça da Constituição	2
Praia do Flamengo	2
Rua da Ajuda	2
Rua da Imperatriz	2
Rua das Mangueiras	2
Rua de Santa Tereza	2
Rua do Aterrado	2
Rua do Catete	2
Rua do Lavradio	2
Rua do Regente	2

Rua do Sacramento	2
Rua dos Barbonos	2
Rua dos Ciganos	2
Rua Formosa	2
Rua Larga de São Joaquim	2
Rua São Bento	2
Rua São Diogo	2
Rua São Francisco	2
Rua São Francisco da Prainha	2
Rua São Lourenço	2
Saco do Alferes	2
São Cristóvão	2
Rua da Prainha	1
Rua dos Barbonos	1
Rua Fresca	1
Rua Larga São Joaquim	1
Rua Princeza do Valongo	1
Beco da Torre	1
Beco das Cancelas	1
Beco do Carmo	1
Beco do Guindaste	1
Beco do São João Batista	1
Beco dos Cachorros	1
Beco dos Cachos	1
Cais da Glória	1
Campo D'Aclamação	1
Campo de São Cristóvão	1
Cidade Nova	1
Hotel Itália	1
Hotel Pharroux	1
Império	1
Largo da Imperatriz	1
Largo do Machados	1
Largo do Paço	1
Largo São Francisco de Paula	1
Mata Porcos	1
Pedreira da Glória	1
Pirahy	1
Praça do Castelo	1
Praça do Catete	1
Praia da Gamboa	1
Praia da Glória	1

Praia da Saúde	1
Praia de Botafogo	1
Praia do Peixe	1
Praia dos Ministros	1
Praia dos Secos dos Alferes	1
Praia Formosa	1
Prainha	1
Princeza do Valongo	1
Restinga da Tijuca	1
Rio Comprido	1
Rua Bela Princeza do Catete	1
Rua Carmo	1
Rua Conde da Cidade Nova	1
Rua da Guarda Velha	1
Rua da Boa Vista	1
Rua da Constituição	1
Rua da Guarda Velha	1
Rua da Lapa	1
Rua da Lapa do Desterro	1
Rua da Pedreira	1
Rua da Pedreira da Candelaria	1
Rua da Praia dos Peixes	1
Rua da Princesa do Catete	1
Rua da União	1
Rua da Viola	1
Rua das Flores	1
Rua das Laranjeiras	1
Rua das Marrecas	1
Rua de Dom Manuel	1
Rua de São Jose	1
Rua do Brocó	1
Rua do Cotovelo	1
Rua do Parto	1
Rua do Pedregulho	1
Rua do Porto	1
Rua do Príncipe do Catete	1
Rua do Propósito	1
Rua do Saco dos Alferes	1
Rua do Santo Antônio	1
Rua do Senado	1
Rua do Valongo	1

Rua dos Arcos	1
Rua dos Becos	1
Rua Funda	1
Rua Guarda Velha	1
Rua Lapa do Desterro	1
Rua Mata Cavalo	1
Rua Nova de São Bento	1
Rua Nova do Imperador	1
Rua Nova do Livramento	1
Rua Nova do Principe	1
Rua Sabão	1
Rua Santa Luzia	1
Rua Santo Antônio	1
Rua São Cristóvão	1
Rua São Francisco de Paula	1
Rua São Januário	1
Rua Silva Manoel	1
Saco de Mangaratiba	1
São Francisco Xavier	1
Total	420

A maior incidência de moradias de crianças africanas escravizadas dos anúncios de fugas de 1839 a 1849, no Jornal O Diário do Rio de Janeiro, eram nas ruas próximas da freguesia da Candelária, totalizando 167 das 420 discriminadas. As outras 253 moradias, na sua maioria eram de ruas localizadas no centro urbano da Cidade do Rio de Janeiro, apenas duas: Pirahy e Saco de Mangaratiba, situavam-se fora do centro urbano.

Quadro16: Maior número de Ocorrências de Moradias de 1839-1849, nos anúncios de fugas

TOTAL DE OCORRÊNCIAS 1839-1849

Moradia	Total Geral
Rua da Quitanda	20
Rua do Rosário	17
Rua do Sabão	13
Rua dos Ourives	13
Rua São Pedro	13
Rua da Alfândega	12
Rua Direita	12
Rua São José	12
Rua das Violas	11
Rua do Hospício	11
Rua do Ouvidor	10
Rua da Misericórdia	9
Rua dos Pescadores	8

Rua da Cadeia	6
Total	167

No quadro podemos visualizar a incidência de Moradias da Rua da Quitanda até a Travessa do Paço. As freguesias com mais concentração eram da Candelária, Sacramento, Santa Rita e Santa Anna, diminuindo para as mais longe do centro urbano, como São José, Engenho Velho e Glória.

Gráfico 1 Maior Concentração de moradias de 1839-1849.



Fonte Elaborado pela autora a partir do Anúncios de Fugas do Jornal *O Diário do Rio de Janeiro* de 1839 a 1849

No mapa de ruas do Imaginerio, podemos perceber como as ruas que contém o maior número de moradias ao longo dos anos de 1839-1849, ficavam próximas e elas contavam o centro urabno, sendo um caminho de ligação para outras freguesias. Havia uma concentração de fugas nesta aérea, em conformidade com a hipótese de que as ações de fuga eram planejadas, organizadas entre as crianças africanas escravizadas. A fuga de acordo com Neves (2008,p.24), não pode ser analisada como o momento final, , o que deve-se observar elas são ações dignas de elogio, nõ como algo natural, tanto tempo narrado por historiadores, mas como a construção de uma agência, onde os atores são os indivíduos. As crianças africanas escravizadas ao longo de 1839-1849, demonstram pelo quantitativo de ações de fuga e principalmente da localização dssas fugas como parte de uma coletividade infantil, onde havia trocas e ressignificações, entre

tantas diferenças de nações, mas que culminavam para um objetivo comum, que era a sobrevivência no meio urbano. Neves(2008, apud p.28), também afirma que, esses caminhos percorridos até a fuga, era cheio de sutilezas e artimanhas, tanto entre seus pares como com os senhores, demonstrando um nível de socialização, no qual empregavam códigos sociais, que na sua escravização desde a África, os forçaram a dominar e jogar com a ordem social estabelecida, tanto para manipular, negociar e enganar seus senhores e principalmente os seus captores.



Figura 25: Mapa de ruas A

Fonte: <https://legacy.imagerio.org/#pr/1843/16/-22.902094437329904/-43.177556991577156/all/>

A utilização do imagine Rio, nos possibilita caminhar pelas ruas do Rio de Janeiro em várias épocas e um importante projeto realizado com o Story Maps e Rice University, —O cotidiano de Henriqueta nas Ruas do Rio de Janeiro, nos 1850l, cujo texto pertencem Graham¹⁵ (2020) e os mapas criados por Metcalf (2020), cujo o trabalho está à disposição no as fontes documentais estão nas referências das publicações das pesquisadoras e as imagens utilizadas são: da Biblioteca Nacional, Brasileira Iconográfica e Brasileira Fotográfica.

Este projeto nos possibilitou visualizar uma forma de contar e principalmente de acompanhar os caminhos percorridos por essas crianças africanas escravizadas, através das

¹⁵ site: <https://ricegis.maps.arcgis.com/apps/Cascade/index.html?appid=82468bd1e5024198b9119234ddb322bc>

imagens históricas, geolocalizado e georeferenciado, assim como as pesquisadoras Graham (2020) e Metcalf (2020), fizeram no projeto, não com todo aparato instrumental, mas com base nos anúncios de fugas do Jornal O Diário de Rio de Janeiro, de 1839-1849, que nos dá pistas de onde elas poderiam ter morado, trabalhado e principalmente encontrado com os seus pares.

A localização das moradias das crianças africanas escravizadas na cidade do Rio de Janeiro nos oitocentos em conjunto com a cartografia espacial dos caminhos percorridos por elas e locais de encontros, poderão contar a história narrada por essas, que foram invisibilizadas na historiografia e demonstrar como essa agência infantil africana, foi construída, nos encontros possíveis, entre eles durante os quatro anos pesquisados de 1839 e 1842, fazendo um recorte temporal e espacial, no centro da Cidade do Rio de Janeiro. Foram construídos quadros e estabelecidos como ponto de referência inicial as ruas que mais apareciam nos anúncios, como moradia dessas crianças africanas escravizadas. Utilizamos esse recorte temporal, pois nos anos subsequentes há uma diminuição dos anúncios de fugas de crianças africanas escravizadas, mas a totalização dos anúncios encontrados de 1839-1849, também demonstra que, apesar da sua diminuição, o tráfico de crianças africanas não parou de acontecer.

3.2 Moradias das Crianças africanas escravizadas 1839

Quadro17:: Moradias das crianças escravizadas, no ano de 1839.

MORADIA	1839
Rua dos Barbonos	1
Rua Larga de São Joaquim	1
Rua Princesa do Valongo	2
Chácara das Laranjeiras	1
Cidade Nova	1
Engenho Velho	2
Ladeira do Livramento	1
Lapa do Desterro	1
Largo do Paço	1
Matta Porcos	1
Praça da Constituição	2
Praça do Mercado	2
Restinga da Tijuca	1
Rua da Ajuda	1
Rua da Cadeia	2
Rua da Lapa do Desterro	1
Rua da Misericórdia	1
Rua da Quitanda	3
Rua da União	1
Rua da Valla	3
Rua Direita	1

Rua do Conde	1
Rua do Livramento	1
Rua do Ouvidor	4
Rua do Parto	1
Rua do Príncipe	1
Rua do Rosário	7
Rua do Sabão	3
Rua dos Ourives	1
Rua dos Pescadores	2
Rua Guarda Velha	1
Rua São Lourenço	1
Rua São Pedro	4
Rua Senhor dos Passos	2
Rua São Clemente	1
Rua São José	5
São Cristóvão	1
São Francisco da Prainha	2
Total	68

Do total encontrado, separamos as ruas que mais se repetiam nos anúncios de crianças africanas escravizadas que fugiram em 1839: Rua do Rosário com 7, Rua São José com 5, Rua São Pedro com 4 e Rua do Ouvidor com 4.

Observando o mapa de ruas nos oitocentos, podemos perceber que elas eram próximas e assim esses encontros pelas ruas, entre elas, tornava possível a troca de informações sobre os caminhos de fuga. As ruas São Pedro, Alfândega, Rosário e do Ouvidor, cortam a cidade desde a chegada dos africanos escravizados nos portos até os jardins da Praça da República. Um dos pontos importantes de encontro entre os africanos escravizados, localizada na esquina da Rua do Rosário esquina com a Rua Uruguaiana, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, que segundo Ferreira (2016, p.64)¹⁶, funcionava a irmandade desde 1737, que promovia tanto festas para angariar fundos, quanto as alforrias como narra (Moura apud Ferreira ,2016 p.65):

O capítulo 1º sobre os deveres da Irmandade, estabelece como objetivo libertar da escravidão os —irmãos cativosl. Enquanto o capítulo 24 fixa a forma de auxílio para a libertação: era por meio de sorteio, sendo o dinheiro retirado da —caixa da igreja. (Moura, 2004, p. 216-217)

¹⁶ Wolf Ferreira, I. . (2020). Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos (RJ): de Lugar de Luta Pela Abolição da Escravatura a Patrimônio Histórico e Artístico Nacional . *Revista Historiador*, (8).

Na imagem de Julião (1767), além das mulheres escravizadas, há também uma criança, que poderia ser africana e ela está com um instrumento musical, com vestimentas diferentes das senhoras, que usam sapatos e ela está descalça, mas está com enfeites na cabeça. O que já poderia demonstrar sua participação e envolvimento nesta festa e encontros.



Figura 26: Carlos Julião (1767), Vestimentas de escravas pedintes na festa do Rosário, séc. XVIII

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22465/carlos-juliao>



Figura 27: Coroação de uma rainha negra na festa de reis (1776).

Fonte: <http://www.slaveryimages.org/s/slaveryimages/item/980/mirador>

A irmandade do Rosário da cidade do Rio de Janeiro, afirma SOARES (2006, p.63), era dirigida por africanos de Angola. Em seu compromisso de 1759 a Irmandade passa a admitir, em sua mesa, africanos de todas as procedências. Ao longo de toda a primeira metade do século, privados das esferas de poder na Irmandade do Rosário, os minas passam a organizar suas

próprias devoções. De acordo com FERREIRA (2016, p.66), irmandade obteve licença para organizar mais festividades, como a da homenagem a Corte do rei do Congo, onde eram eleitos o rei e a rainha, com um desfile público, onde havia música e danças. Esse poderia ser um lugar de encontro também das crianças africanas escravizadas, pois as festas católicas eram brechas e formas de manifestações de várias nações que aqui circulavam pelo centro urbano.

Mapa das ruas que mais se repetiam nos anúncios de 1839.

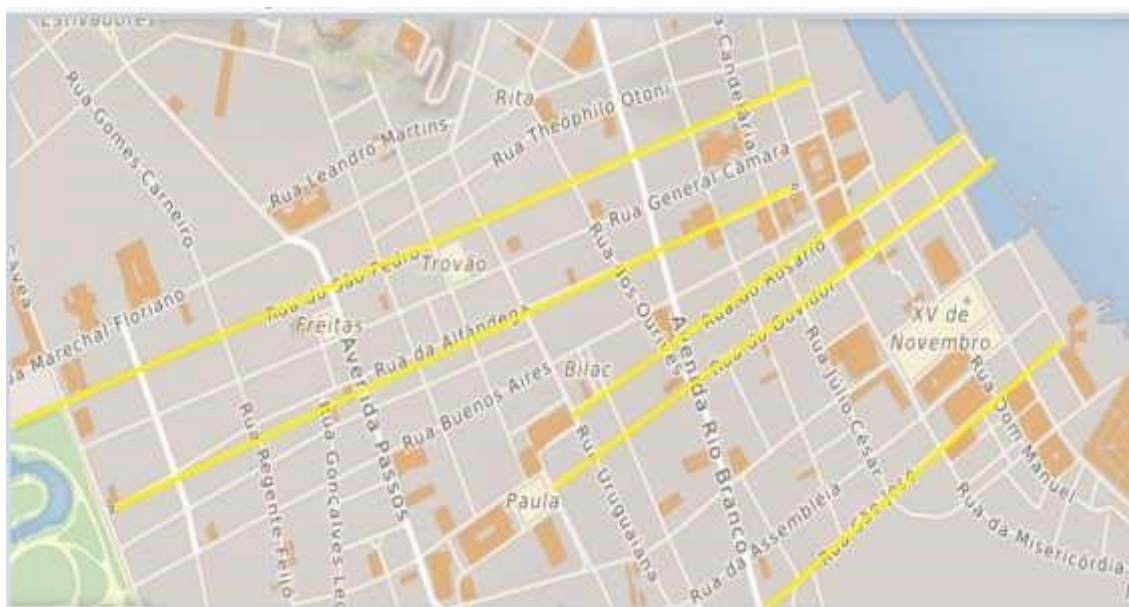


Figura 28: Mapa de ruas B

Fonte: <https://legacy.imagerio.org/#pr/1939/16/-22.902654479004028/-43.180639744241496/all/>

A formação de laços também poderia acontecer tanto pelas ruas da cidade, como por morarem na mesma rua, o que facilitaria essa troca com seus pares, como o menino africano, Domingos, de 16 anos, nação Moçambique, que morava no segundo andar, da Rua São Pedro e Marcos, de 16 anos da nação Angola, que fugiu ou foi desencaminhado, as 10 horas da manhã, nesta rua, cujo endereço era de uma padaria, que poderia ser seu ofício ou poderia trabalhar vendendo os pães, pelas ruas. Conseguindo uma mobilidade maior e assim conhecer outros meninos e fazer amizades.

Essa mobilidade acontecia porque os senhores que viviam nos centros urbanos, não trabalhavam e tinham seus escravizados de ganho, que Soares (2007) no seu estudo afirma que eles eram muito diversificados, os de rua, mais evidentes, pois eram uma multidão que circulava vendendo seus produtos e transportando cargas pesadas. Porém, para o autor havia outras modalidades, como os que ofereciam os serviços de seus oficiais de ofícios diversos, aos proprietários de oficinas e manufaturas, que pagavam salários e estes repassavam aos seus

senhores, a quantia estipulada. Os que trabalhavam em botes e barcos, os que conduziam veículos com passageiros pelas ruas, a prostituição e a mendicância. O autor não coloca como de ganho, as amas de leite, mas elas aparecem nos anúncios dos jornais, que talvez a nossa menina africana escravizada, se fosse capturada, poderia trabalhar para seu senhor, quando tivesse seu bebê. No seu estudo Soares (2007), apenas encontrou dados de 1851 a 1870, sobre os escravizados de ganho e na sua contagem, conclui que a maioria étnica era da África Centro-Ocidental, com o total de 1.011, ocidental com 504, oriental com 294 e 347 de nações desconhecidas.

Observando essa gravura de Debret (1835), podemos visualizar, como eram as padarias da época e como as crianças escravizadas aparecem nela, aprendendo o ofício de padeiro e também comprando pães:



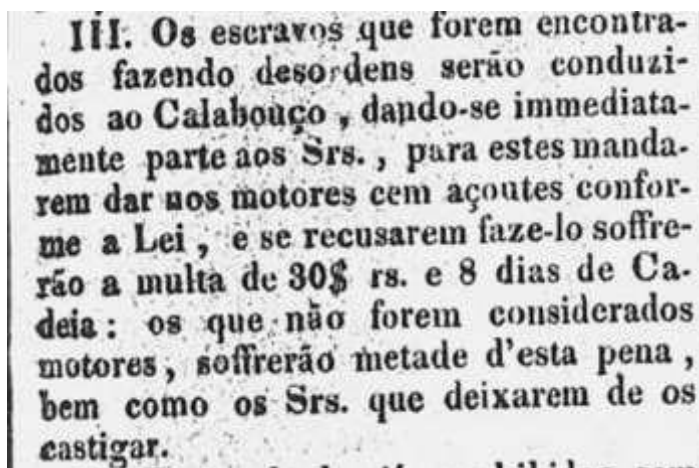
Figura 29: Boutique de Boulanger, Debret (1835) Fonte:

<https://www.brasiliاناiconografica.art.br/obras/17464/colonie-suisse-de-cantagallo>

Já Augusto, de 13 anos, nação Quilimane, morava ou trabalhava numa chácara em Laranjeiras, mas a gratificação também poderia ser paga na Rua São Pedro, o que podemos concluir que seu senhor poderia trabalhar nesse endereço, ou ter ali um local que funcionasse como aluguel de crianças africanas escravizadas. Dois meninos da mesma idade 12 anos, Domingos, nação Ambaca e Manuel, nação Quilimane, fugiram, mas em datas diferentes, o segundo decidiu que a noite era mais fácil de se esconder e saiu a essa hora, seguindo o caminho que muitos utilizavam de se esconder durante a noite e se misturar ao longo do dia pela cidade. As ruas da cidade, a luz do sol era negra, que Neves (2012), descreve com uma gama enorme de oportunidades pra os africanos escravizados fugitivos, que viviam a revelia de seus senhores e autoridades públicas, mas ao por do sol, essas brechas diminuíam e os obstáculos aumentavam. Ter com quem contar para se esconder à noite era primordial, pois o transitar de

escravizados era contido ao máximo. Como podemos ver no Código de Posturas publicado no jornal do *O Diário da Cidade do Rio de Janeiro*, no ano de 1838, que delimitava os espaços e principalmente para diminuir as desordens que aconteciam na época pelos arredores da cidade.

No artigo III, era voltado apenas para os escravizados que provocavam desordens:



III. Os escravos que forem encontrados fazendo desordens serão conduzidos ao Calabouço, dando-se imediatamente parte aos Srs., para estes mandarem dar nos motores cem açoites conforme a Lei, e se recusarem fazer-lo sofrerão a multa de 30\$ rs. e 8 dias de Cadeia: os que não forem considerados motores, sofrerão metade d'esta pena, bem como os Srs. que deixarem de os castigar.

Figura 30: Código de Posturas

Fonte:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_01&pasta=ano%201838&pesq=c%C3%B3digo%20de%20posturas&pagfis=12471

Esses códigos precisavam ser aprendidos pelas crianças africanas escravizadas, que chegavam e os espaços determinados e outorgados pelos códigos, também apontam para Ferrari (2012), como constituintes do sujeito, que o identificavam como escravizado. Esse espaço físico no qual se movimenta o escravizado são permitidos e determinados para ele, assim como a rua, onde frequentava os mercados, os chafarizes e açougues. E não outros como as sacadas das casas, na casa de uma modista, ou sentado no restaurante da cidade, reservado para os senhores.

Outra forma de agência infantil africana, era de junto com seus pares, organizar a ação de fuga, sabe-se lá quanto tempo isso foi planejado e observado, como a hora certa da fuga. Na Rua do Ouvidor, ainda em 1839, Pedro, 12 anos e Jorge também de 12 anos, chamados de moleques, o que os identificam como crianças africanas, fugiram juntos, e o que chama a atenção no anúncio é o de que um deles pareciam um _preto de idade, o rosto já apesar da pouca idade trazia as marcas das agruras do cativo. Já Francisco de Brito, nação Cabinda, 14 anos, veio de longe, pois seu dono morava em Niterói, mas vinha para o centro do Rio de Janeiro, vender doces, quem sabe foi alugado por seu dono, pois a Rua do Ouvidor, era o local do pagamento da gratificação. Outro menino africano Francisco, de 12 anos, de nação, aprendia o ofício de tamanqueiro na Rua da Quitanda, mas a gratificação seria paga na Rua do Ouvidor.



Figura 31: Mapa de ruas C

Fonte: <https://legacy.imagerio.org/#pr/1839/17/-22.904260464525773/-43.17746758482827/all/>



Figura32: Rua do Ouvidor, chegando ao Largo de São Francisco de Paula. Buvelot, Louis, (1845)

Fonte: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon393038i3/icon393038i3.jpg

A Rua do Ouvidor, parece ser um ponto de encontro de crianças africanas escravizadas, que eram alugadas por seus senhores ou investiam em aprendizes de diversos ofícios, que trariam lucro para eles. Mas também era um local, onde poderiam confabular e trocar ideias de fugas, onde poderiam se esconder. A maioria de meninos, como Joaquim, de 10 anos, nação

Cabinda, Manuel, nação Congo, 14 anos, eram açoitados e tinham marcas desses na sua pele, o que os impeliu a fugir e fugir, e assim traçando novas rotas e caminhos, quem sabe assim não seriam encontrados.

A elaboração da fuga e sua ação vitoriosa, necessitava de conhecimento básico das ruas e esconderijos. Escapar sem ter um abrigo, onde dormir e como se alimentar, era na certa a volta ao cativo. Conhecer as ruas dessa cidade labirinto para Gomes, Soares e Farias (2005), vinha de encontro com a percepção de que ela era africana e quando as crianças africanas escravizadas, recém-chegadas, se conscientizassem de que estavam no meio dos seus, talvez isso trouxesse um acalento, uma esperança de não estar só.

A ação da fuga das crianças africanas escravizadas, também ajudaram a construir essa cultura urbana, participantes dessa história, que para Asante (2002), os africanos não eram expectadores como muitos europeus os retratavam, elas estão no centro, no lugar de sujeito.

E a convivência nesse meio urbano, com outros africanos escravizados, que fugiam era uma ponte para construção de caminhos para essa ação. A escolha era individual, mas o coletivo empurrava para esses arranjos sociais, que Gomes, Soares e Farias (2005), afirmam ajudaram a construir os alicerces dessa cultura urbana, onde as articulações se baseavam em trocas, costumes, linguagens e memórias coletivas. A recuperação da agência africana, na fuga, com seus significados, símbolos, narrativas e contextos, podem trazer inúmeros dispositivos de proteção e despistamentos.

Os escravizados que trabalhavam nas ruas, como ganhadores, vendedores, eram tidos como mais capazes de dar conta do desafio das fugas, de acordo com Gomes (ibid.), pois o labirinto da cidade, precisava ser conhecido e as quitadeiras eram exímias conhecedoras desses trajetos e as rotas de fugas, sendo uma das referências de apoio aos que fugiam ou queriam se esconder.

A arquitetura da cidade também propiciava esconderijos para os fugitivos, com longos quintais, árvores, longe do olhar da rua, Gomes (ibid.) afirma, a cidade chamava a fuga. E a rua mais ainda, pois era o local de encontro que Santos (2011), descreve como o local de trabalho, mas também como local de batuques, cantigas, danças e jogos. Nas tabernas da cidade, a comunicação e formação de laços com outros escravizados, forros libertos e homens livres era constante, pois nelas eram planejadas as fugas coletivas e a comercialização de mercadorias produzidas nos quilombos. A cidade necessitava do trabalho escravizado, mas também permitia encontros desses, tanto no momento de trabalho, quanto no de descanso, a vida do escravizado urbano era na rua, afirma Santos (ibid.), e por isso deveria ser vigiada.

As crianças africanas escravizadas poderiam participar ou não desses locais de encontros, o mais provável é de que sim, pois as pesquisas não distinguem entre adultos, adolescentes e crianças. Observemos o anúncio de Merenciana, nação benguela, idade entre 12 a 14 anos, que

já tinha o costume de fugir, por isso havia sido surrada, fazia-se escravizada nova, que tinha chegado a pouco tempo na cidade e diz não saber o nome de seu senhor, e poderia estar acoitada em algum lugar. Todas essas características aqui descritas correspondem a agência africana, que discutimos anteriormente sobre as fugas de africanos adultos escravizados, a leitura ao avesso, das vozes que foram caladas, podemos vislumbrar os caminhos percorridos, as ruas que moravam, os contatos com outras crianças africanas escravizadas para trocas de informações e perceber que o adulto pode ser a criança africana escravizada, que sobreviveu e aprendeu nas ruas a sobreviver

A Rua do Rosário, próxima das Ruas São José e São Pedro, aparece nos anúncios como um local de entrega e pagamentos de recompensas de crianças africanas escravizadas, que eram recuperadas., como Joaquina, que tinha 14 anos, da nação Moçambique, tinha sido alugada para trabalhar numa casa, fugiu, assim como Felipe, de 15 anos, também da nação Moçambique, poderiam ser entregues, nesta rua, nos números, 84 e 55. José, de nação Quilimane, de 16 anos, tinha fugido de Itaguaí e também poderia ser entregue nesta rua, no número 84, o que parece era mais fácil se esconder no meio urbano, que nos pequenos sítios no interior. A menina africana escravizada, Maria, de 14 anos, também da nação Moçambique, fugiu da mesma rua e levou bilhetes de loteria, que poderia estar vendendo, pois valiam 10 e 5 réis, levou seus vestidos, o que demonstra que morava na casa de número 88. Joaquim, de 15 anos, nação Benguela, levava um cavalo para Botafogo, pela Lapa do Desterro, mas abandonou o cavalo e fugiu, mas o local para entregar o menino era na rua do Rosário, 15.

Felippe, de 15 anos, nação Moçambique, ao perceber que poderia se esconder como africano livre, levou um par de sapatos, não estava calçado, os levava nas mãos, quando fugiu. O que identifica, que a fuga não era só uma forma de negar a escravização, mas uma forma de optar por fugir, pois tinha planejado isso, não foi uma fuga por impulso ele tinha a intenção de usar o sapato ou vender, se usasse poderia passar por liberto, pois só usavam sapatos as pessoas livres. A maioria das crianças da Rua do Rosário, eram da nação Moçambique, o que facilitaria tanto na língua utilizada por eles, como a confiança por estar entre os seus.

Conforme Challoub (1989) no seu estudo sobre —As Visões da Liberdade¹¹, cada um tinha a sua, o escravizado e o senhor. Para os escravizados dominar o jogo do cativo, das formas de resistência e luta pela liberdade, na corte, era dominar a mobilidade. A mobilidade, mesmo que dentro do cativo, era uma forma de construção de uma agência, pois os senhores necessitavam que escravizado circulasse pela cidade para suprir seus ganhos e o escravizado sabia dessa necessidade, do seu valor de troca. Os esconderijos pela cidade foram sendo construídos a margem dessa mobilidade, na troca com seus pares e instituindo seu próprio mundo, dentro da violência do cativo.

Na visão dos senhores, o sistema desenvolvido na corte era ideal, conforme Karasch (2000), descreve, na troca de um mínimo de roupas, alimento e abrigo, seus cativos lhes proporcionavam benefícios incalculáveis: riqueza e bens. Na época, um senhor com escravizados, tinha tudo, e quem não os tivesse, era considerado pobre. E quem pagava por esses bens, eram os escravizados, com seu trabalho.

Um dos trabalhos executados pelas crianças africanas escravizadas era o de oficial de charuteiro, como Manuel, de 16 anos, que fugiu da Rua São José. A fábrica de tabaco da Rua Mata Cavalos, vendia e fabricava, em 1839. Outra fábrica que funcionava no Rio de Janeiro, era na Rua do Aljube, ao lado do Morro da Conceição, que funcionou de acordo com Karasch (2000), por 16 anos.

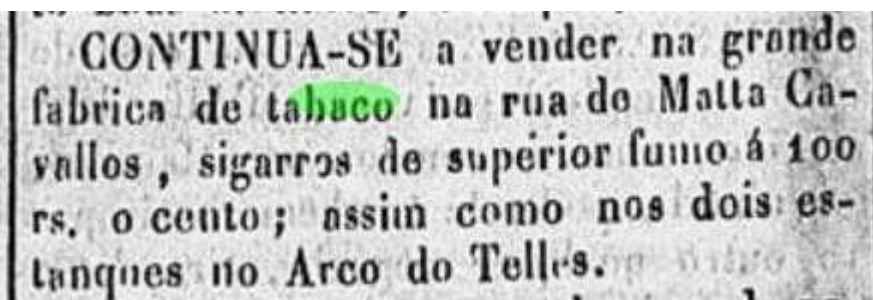


Figura 33; Anúncio de fábrica de tabaco.

Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pesq=charutos&pasta=ano%20183&p_agfis=21343

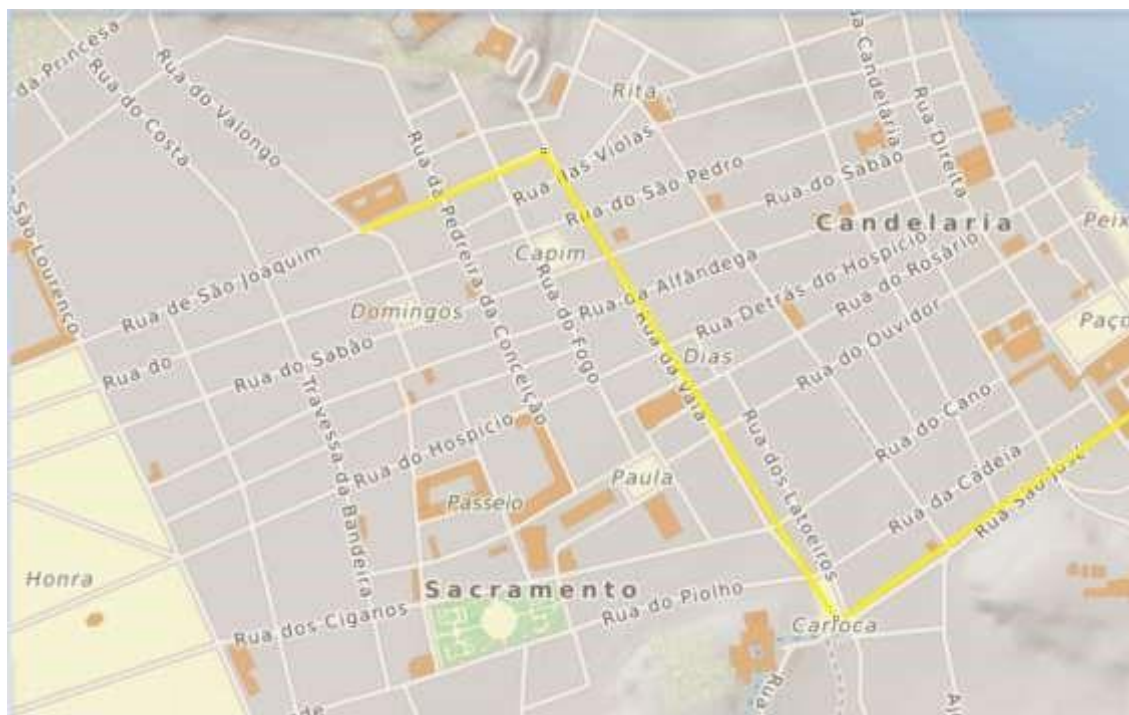


Figura 34: Mapa de ruas D

Fonte: <https://legacy.imagerio.org/#pr/1839/16/-22.90369548859801/-43.18325757893036/all/>

Manuel teria que caminhar bastante para chegar à fábrica, perto do Morro da Conceição, saindo da Rua São José e seguindo pela Rua dos Ourives, talvez indo junto com outros meninos africanos, que trabalhavam no mesmo ofício, como aparece nesse anúncio de venda, o senhor investia no aprendizado destes, para depois obter um lucro maior com a venda ou aluguel, destes. Como aparece no anúncio do Jornal O Diário do Rio de Janeiro, de venda de crianças oficiais de charutaria:

3 Vendem-se 7 moleques todos oficiais perfeitos de Charuteiro, e inteligentes em todas as classes de fumo, sem vícios, nem molestias; quem os pertender dirija-se á rua de S. José n. 108.

Figura 35: Anúncio de venda de meninos charuteiros.

Fonte:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pesq=charutos&pasta=ano%20183&pagfis=13218

3.3 Moradias das Crianças africanas escravizadas 1840

Os anos vão passando e em 1840, as crianças continuavam no seu caminho de fuga pelas ruas da cidade e utilizando a ferramenta do site, ImagineRio, podemos visualizar as ruas, com mais clareza. Podemos observar que, algumas ruas não apareciam nos anúncios do ano anterior, parece que os caminhos de fuga vão se alargando.

Podemos visualizar no mapa das ruas, que as crianças africanas escravizadas, de 1840, transitavam com mais acesso as ruas e conseqüentemente, as fugas aumentaram. A agência infantil africana ia se intensificando, conforme as crianças africanas escravizadas iam crescendo também, suas relações com seus pares e o campo de visualização de ruas, onde há anúncios de fuga também iam se ampliando.

Não havia um número elevado em determinada rua, mas sim uma constante fuga de pelo menos uma criança africana escravizada em cada rua. Se somarmos os anúncios, são 80 crianças, que se organizaram para fugir neste ano. Um número expressivo, pois apenas utilizamos aqui as crianças africanas escravizadas, que para os senhores eram classificados como escravizados novos.

Quadro 18 Moradias das crianças escravizadas, no ano de 1840.

MORADIA	1840
Rua dos Barbonos	1
Rua Fresca	1
Beco das Cancelas	1
Campo de São Cristovão	1
Dom Manuel	1
Rua das Marrecas	1
Rua das Violas	2
Rua de Santa Tereza	1
Rua Direita	2
Rua do Allerado	2
Rua do Carmo	1
Rua do Catete	2
Rua do Cemitério	1
Rua do Conde	1
Rua das Marrecas	1
Rua das Violas	2
Rua de Santa Tereza	1
Praia da Gamboa	1
Praia de Botafogo	1
Praia dos Secos dos Alferes	1
Praia Formosa	1
Prainha	2
Rua do Ouvidor	2
Rua da Alfandega	3
Rua da Cadeia	1

Rua da Candelaria	2
Rua da Guarda Velha	1
Rua da Cadeia	1
Rua da Quitanda	4
Campo de São Cristovão	1
Rua do Hospício	2
Rua do Piolho	2
Rua do livramento	3
Rua do Regente	1
Rua do Rosário	2
Rua do Sabão	4
Rua do Santo Antônio	1
Rua do Senado	1
Rua dos Arcos	1
Rua dos Barbonos	1
Rua dos Latoeiros	1
Rua dos Ourives	3
Rua São Joaquim	2
Rua dos Pescadores	3
Rua Santo Antônio	1
Rua São Bento	1
Rua São Januário	1
Rua São Cristovão	1
Rua São Diogo	1
Rua São José	1
Rua Silva Manoel	1
Rua São Pedro	2
Travessa do Paço	2
TOTAL	80

Marcamos no mapa algumas ruas que aparecem nos anúncios de fugidos, para seguir esses caminhos, como fizemos em 1839. E assim faremos subsequentemente até 1842 Assim poderemos ver as modificações dos espaços e caminhos que as crianças africanas circulavam e pontos de encontro.

Mapa das ruas que mais se repetiam nos anúncios de 1840.

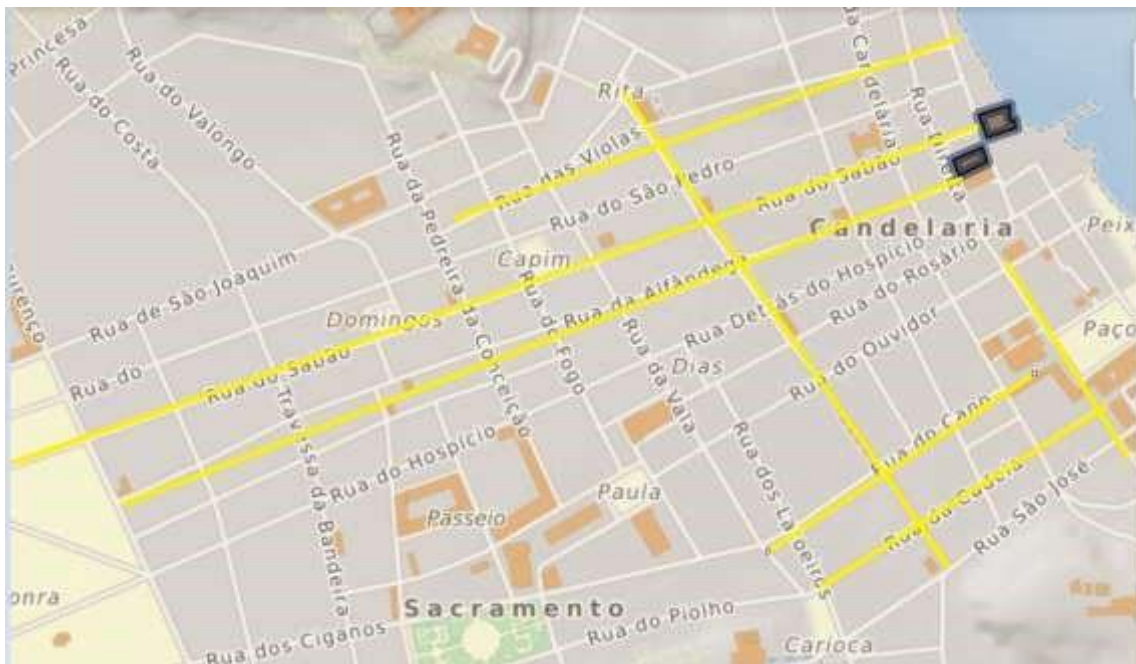


Figura 36: Mapa de ruas E

Fonte: <https://legacy.imagerio.org/#pr/1840/17/-22.90120330850669/-43.18223834146921/all/>

As meninas africanas escravizadas começaram a aparecer com mais frequência nos anúncios de fugidos. Apesar de viver portas a dentro, recolhida, como seu senhor descreve no anúncio, América, 16 anos, nação Benguela, fugiu da rua dos Arcos. Como ela seguiu o caminho de fuga senão ia a rua? Assim como outras meninas africanas escravizadas, era mais difícil seguir esse caminho e a idade que buscavam a fuga, de acordo com os anúncios coletados era mais acima de 14 anos.

A sedução que aparece em vários anúncios de fugidos, era de acordo com Challoub (2012), uma consequência do tráfico ilegal externo, que aumentava o tráfico ilegal interno, aumentando o furto de escravizados na corte. A rede de furto de escravizados, tinha uma ampla gama de especialidades, o sedutor, o seduzido, —que se deixava levarl ou —rogavam para o levarem. A maioria dos furtados em 1840, eram africanos, de diversas procedências, afirma Challoub (2012), e os sedutores poderiam ser negros libertos ou pardos, especialmente os africanos de nação Mina. Os que compravam ilegalmente alegavam, que os mesmos eram africanos novos, chegados a pouco, nos navios negreiros. Eles poderiam alegar isso, por serem africanos de nação. As crianças africanas escravizadas, entravam nesse patamar, exatamente por serem africanos novos.

Aos olhos da polícia da corte, o furto de escravizados era uma prática coletiva, que os africanos de nação Mina empreendiam e as crianças africanas escravizadas, também poderiam ser ludibriadas, achando que poderiam se esconder na casa desses africanos e na verdade serem vendidas para outros senhores. Essa sedução era na verdade um comércio paralelo de compra e venda de escravizados novos.

A sedução era uma ameaça para os proprietários de escravizados, mas também era uma forma de apropriação de cativos de outros e os ocultavam para usufruir de seus serviços sem ter que comprar um novo no mercado. Essa reinserção no mercado também era agenciada pelos escravizados, ao se colocarem a disposição para a troca de senhores e de acoitamento. Isso é demonstrado com a fuga de América, as oito horas da noite, o que evidencia, que tinha onde ficar, pois se era recolhida e não conhecia as ruas, tinha que ter alguém a esperando na rua. Já Roza, nação Moçambique, de 9 anos, também desapareceu ou fugiu pelas sete da noite, da Rua da Cadeia, que era de africanos livres, mas foi vendida para o senhor Inocêncio, mas que ele alega no anúncio, que foi dada para ele, pois não poderia alegar que a havia comprado., de outros que a poderiam ter roubado, por serem sedutores.

As meninas africanas escravizadas, Izabel, e uma sem nome no anúncio de fugidos, tinham 12 anos, nação Congo e também fugiram a noite. como as outras aqui apresentadas, podemos colocar isso como uma forma usual, de horário de fuga, que poderia ser uma forma de planejamento entre elas, pois era necessário conhecer alguém para onde ir e se esconder, pois durante a noite a polícia da corte de acordo com o Código de Posturas, de 1838, publicado no jornal *O Diário do Rio de Janeiro*, estabelecia o horário de sete horas, para recolhimento dos escravizados nas casas de seus senhores, e com certeza ao agenciar suas fugas as crianças africanas escravizadas, tinham conhecimento, deste:

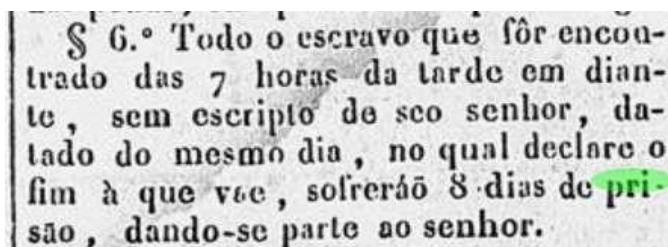


Figura 37:Código de Posturas 2

Fonte:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_01&pasta=ano%20183&pesq=c%C3%B3digo%20de%20posturas&pagfis=21278

Alguns anúncios de fugidos de meninas africanas escravizadas, vinham com a palavra desapareceu, indicando um furto e não uma fuga, na visão do senhor, mas elas também tinham

a escolha de ir ou não com seu sedutor, pois saíam sozinhas de suas moradias, elas não eram retiradas a força, por eles.

Como Maria, 13 anos, nação Cassange, que morava na Rua da Prainha, e fugiu. Alfred Martinet, viajante, retratou, em 1854, a partir da vista da Gamboa, que com certeza, apresentam mais casa, que em 1840, mas podemos visualizar os caminhos que poderiam ser percorridos pela criança africana escravizada:



Figura 38: Vista da Gamboa, .Alfred Martinet(1854)

Fonte: <https://www.brasiliaiconografica.art.br/obras/16815/rio-de-janeiro-a-prainha-tomada-da-saude>

A Rua da Prainha, era uma porta de entrada e saída de pequenas embarcações, como podemos visualizar na gravura. E Halloway (1997) descreve que, os navios, que não podiam atracar, pois as águas eram rasas, utilizavam as barcaças, que traziam de tudo, até o Saco do Alferes e da Gamboa, passando pelo Valongo e a Prainha, que hoje em dia é o Píer da Praça Mauá. A Prainha, se transformou no século XIX, de acordo com Lamarão (2006), o principal entreposto do comércio de madeiras e também desembarcavam: açúcar, cal de mariscos para construções e todo tipo de gêneros agrícolas. Como esse comércio movimentava um número grande de barcaças e faluas, (botes com velas), tornava-o um lugar ideal para fugas e um caminho para se esconder em outras partes da baía da Guanabara. Rugendas (1835) testemunhou a polícia agindo na Praia dos Mineiros, com o que parece uma confusão ou poderia ser a prisão de um fugido.

Dois meninos africanos escravizados trabalhavam no ganho, nessa baía, como esses que Rugendas (ibid.) testemunhou, numa canoa nova, com dois corações na proa e na sobrepopa, duas estrelas de tinta encarnada. Os meninos Vicente, nação Angola, 14 anos e Domingos, nação Quilimane, fugiram ou foram roubados, de acordo com o senhor, das seis para as sete horas da noite. Como o senhor era o dono da embarcação, ele deveria de acordo com o Código de Posturas, retirar uma licença:

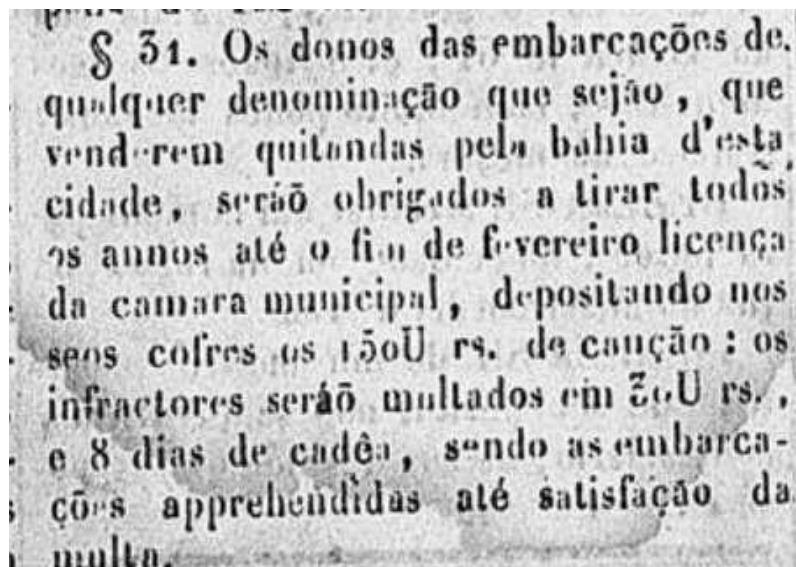


Figura 39: Código de Posturas 3

Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_01&pasta=ano%20183&pesq=c%C3%B3digo%20de%20posturas&pagfis=21275

Talvez os meninos africanos escravizados soubessem que ainda não tinha tirado a licença, pois a canoa era nova e aproveitaram para fugir. O caminho de fuga pelas águas da baía também aparece no anúncio de Candido, de 16 anos, nação Inhambane, cujo senhor pede que não o recebam a bordo dos barcos. Como andava calçado Candido, se passava como forro, livre. Morava perto na praia da Saúde, conhecia bem os caminhos que poderia seguir e ir para a Gamboa, pela rua do Cemitério, do Livramento e do Propósito, ao até mesmo ir de barco pela praia da Saúde.



Figura 40 Mapa de ruas F

Fonte: <https://legacy.imagnerio.org/#pr/1842/17/-22.896052437205917/-43.18974494934083/all/>



Figura 41: Praia dos Mineiros, Rugendas (1835)

Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon92944d3i11.jpg

Podemos perceber até aqui que a noite era o horário escolhido para a fuga, apesar dos escravizados não poderem circular a noite, com exceção de trabalhos de ganho como de músicos, que tinham permissão e com certeza era uma forma de conhecer os locais, que ficavam abertos até mais tarde. O menino africano escravizado Domingos, de 12 anos, sem nação, andava com música e fugiu numa noite de trabalho. Esses músicos foram narrados por Debret

(1949) como de múltiplos talentos, um hábil oficial de barbeiro, um exímio cabeleireiro, um cirurgião familiarizado com o bisturi e um destro aplicador de sanguessugas, durante o dia e a noite e em festas religiosas, sabiam executar no violão ou na clarinete, valsas e contradanças francesas.

Ser um oficial para um menino africano escravizado, poderia trazer mais mobilidade pela cidade e também seguir os passos dos adultos, que fugiam, mesmo que tivesse que viver no ganho para seu senhor, ele tinha um ofício e isso traria uma roupagem identitária, que traria uma nova perspectiva e olhar sobre a sua escravização.

Como retratou Ewbank (1856), numa festa religiosa na arrecadação de esmolas, podemos ver um menino escravizado tocando flauta:

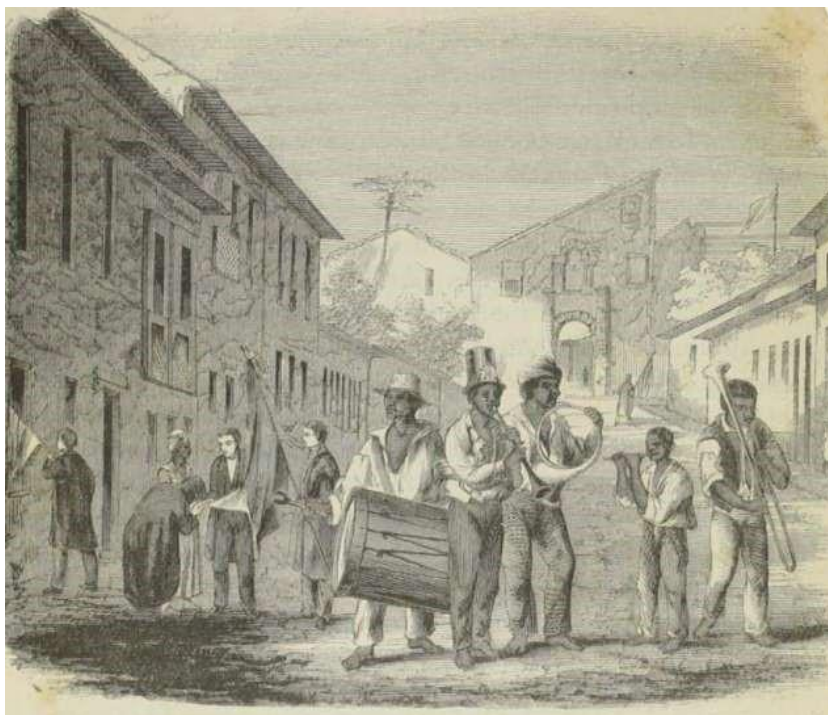


Figura 42: Escravizados músicos.

Fonte: Thomas Ewbank, *Life in Brazil* (New York, 1856), p. 251

Além de formarem meninos africanos escravizados em oficiais de barbeiros-músicoscirurgiões, eles, explica Karasch (2000), trabalhavam nos navios negreiros nos serviços médicos, sendo alugados ou vendidos para os capitães, indo e vindo da África, com os seus. E quando viviam nos centros urbanos, conseguiam realizar suas atividades de curas, com sanguessugas, realizando pequenas cirurgias, nas praças e nas ruas da cidade. Por isso a maioria dos músicos eram de africanos escravizados, que trabalhavam diariamente no ganho, mas a noite ganhavam mais dinheiro dançando, cantando e contando histórias nas ruas.

Podemos ver na imagem de Debret, em 1835, um menino africano escravizado, aprendendo o ofício de barbeiro:



Figura 43: Ofício de barbeiro, Debret (1835)

Fonte: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/18716/les-barbiers-ambulants-boutique-de-barbiers>

E nesta outra imagem de Debret (1835), podemos observar as roupas e chapéus, que usavam tanto como de barbeiros, quanto de músicos:



Figura 44: Barbeiros, Debret (1835)

Fonte: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/18716/les-barbiers-ambulants-boutique-de-barbiers>

O trabalho era para os escravizados africanos, argumenta Graham (2012), como uma nova camada identitária, adicionada aquela que já tinha e assim, adquiriam novos conhecimentos, apropriados a esse novo local, uma língua nova, novas habilidades para empunhar ferramentas desconhecidas. Essa nova camada identitária não apagava a experiência esmagadora e humilhante de ser escravizado, mas necessitavam sobreviver e o trabalho era uma forma de negociar com seu senhor e talvez conseguir comprar sua liberdade.

Para as crianças africanas escravizadas, aprender um ofício, mesmo sem ter escolha, talvez fosse uma forma de sentir-se um pouco mais integrado aos outros africanos que já viviam aqui há mais tempo e conheciam os caminhos para as conquistas de mobilidade pela cidade.

3.4 Moradias das Crianças africanas escravizadas 1841

Quadro 19: Moradias das crianças escravizadas, no ano de 1841.

MORADIA	1841
Rua da Cadeia	2
Rua da Candelária	1
Rua da Misericórdia	1
Rua da Pedreira	1
Rua da Prainha	3
Rua da Quitanda	3
Beco do Carmo	1
Hotel Itália	1
Largo São Francisco de Paula	1
Rua das Violas	1
Rua de Santa Tereza	1
Rua Direita	2
Rua do Cano	1
Rua do Hospício	2
Rua do Livramento	2
Rua do Ouvidor	1
Rua do Carmo	1
Rua do Porto	1
Rua do Príncipe	2
Rua do Resende	1
Rua do Sabão	2
Rua do Saco dos Alferes	1
Rua dos Pescadores	1
Rua Formosa	1
Rua Larga de São Joaquim	1
Rua Mata Cavalo	1
Rua São Bento	1
Rua São José	2
Rua São Pedro	1
Rua Senhor dos Passos	1
Travessa do Paço	1
São Cristóvão	1
Total Geral	42

Em 1841, um total de 42 anúncios de fugas de crianças africanas escravizadas, não havia um quantitativo grande de ruas que se repetiam. fuga pela baía de Guanabara, como Ricardo, de 15 anos, da nação Congo, que fugiu de uma casa onde trabalhava como cozinheiro, com outro menino, que não teve a mesma sorte e foi pego logo depois. Ricardo ficou escondido

assistindo e fingindo não conhecer seu amigo. Outro menino que andava no ganho o viu na Rua Fresca, esse ao contar para o senhor, talvez fosse de propriedade deste, pois pode ter ganho algo ao denunciá-lo.



Figura 45: Mapa de ruas G

Fonte: <https://legacy.imagerio.org/#pr/1841/16/-22.902904848664104/-43.17526102066041/all/>



Figura 46: o Hotel Pharoux Adolphe D' Hastrel, (1841)

Fonte: <https://www.brasiliاناiconografica.art.br/obras/19419/rio-de-janeiro-baie-don-manuel-cale-dedebarquement>

Adolphe D' Hastrel, em 1841, desenhou a praia e podemos ver que era um bom ponto de fuga, a rua Fresca, era na Praia de Dom Manuel, onde havia um grande cais e o Hotel

Pharoux, onde a chegada e saída para a baía era movimentada. Ricardo já conhecia esse caminho, pois até um menino escravizado, o viu por ali e o conhecia, quem sabe pode ter sido o mesmo que contou para onde fugir. Seu objetivo de acordo com o anúncio era ir embora pela baía e até aceitaria trocar de senhor, pois já havia percebido e aprendido, que para sobreviver nessa cidade, era preciso aceitar que ser escravizado, era o único caminho.

As crianças africanas escravizadas perceberam que um futuro melhor trocando de senhor, pois fugir para longe, para o interior, não traria a liberdade, então encontrar caminhos de sobrevivência na cidade, foi a forma encontrada por muitos. Soares (2002) destaca que a sedução que aparece muito nos anúncios de fugidos, podia ser uma ameaça para o senhor, mas para os escravizados era uma forma de fugir e serem acoitados, sabendo que poderia apenas mudar de senhor, mas talvez um senhor que lhe desse mais mobilidade, que não açoitasse dia e noite. O sistema escravista não era rompido com as fugas, mas um agenciamento feito por ambas as partes, as crianças africanas escravizadas e seus sedutores.

Esse aprendizado era passado de criança para criança, criando redes de fugas, tornando-as sujeitos de sua história. Quando mais jovens chegavam da África, mais cedo aprendiam a lutar por sua sobrevivência. Aprender a língua portuguesa para os mais novos, como a menina africana escravizada Joana, que fugiu do campo de São Cristovão, as vezes não as impediam, mesmo com medo e sendo muito nova, talvez quisesse encontrar com os seus, que vieram junto com ela no navio negreiro. O desespero de uma criança pequena, nova, diante de um lugar desconhecido e de tudo que já havia passado na travessia, a impeliam a fugir. Assim como o menino africano, que no anúncio aparecia como livre, mas se era livre, porque fugiu? Marcolino tinha 10 anos, tinha acabado de aportar, vindo de Quilimane, chamado de boçal, pois não falava a língua portuguesa e tinha uma marca na coxa esquerda, um triângulo, com o número 192, tinha sido comprado por uma senhora. Esse número poderia significar a contagem no navio negreiro e uma marca que carregaria até a sua morte, talvez o que aprendera na passagem já teria reforçado sua iniciativa para a fuga. O brigue Asseiceira de onde o menino africano escravizado Marcolino fugiu, era um brigue brasileiro que, trazia escravizados do Quilimane como afirma Capela (2007, p. 208):

25/01/1840 – primeiro armador do brigue brasileiro Asseiceira, que sai nesta data do Rio de Janeiro tendo como capitão A. Mello*. Está em Quilimane em 04/11/1840 de onde sai em 31/12/1840 com 332 escravos, que descarregou na costa sudeste brasileira. Capturado a sul do Rio de Janeiro foi condenado pela comissão mista anglo brasileira em 08/03/1841. O navio era propriedade dos comerciantes na Praça do Rio de Janeiro José Vieira Pimenta* Junior, João Vieira Pimenta* Junior e João Machado Cardoso.

Mas nem todos os meninos africanos escravizados, que eram anunciados no jornal eram classificados como boçais ou de que não entendiam o que era explicado. Como o menino

africano escravizado, Antônio, de 15 anos, nação Mina, que sabia ler, escrever e contar. Suas roupas também poderiam identifica-lo como bem vestido, pois usava calça e camisa de algodão,
/

Morava na rua do Sabão, que cortava o centro da cidade indo do Campo de Santana até a Rua Direita. Bergamini (2017), em seu estudo sobre escravizados que sabiam ler e escrever, identificou que a corte era um dos locais mais privilegiados para aprender a ler e escrever, principalmente porque as oficinas ensinavam além dos ofícios, a leitura e escrita. Nos anúncios que a pesquisadora catalogou, durante as décadas de 1830 e 1840, os escravizados letrados se concentravam em poucos ofícios, de marceneiros, carpinteiros, cozinheiros e calafates. O menino africano escravizado, Antônio, poderia trabalhar como cozinheiro, como o menino Ricardo, tendo mais acesso a aprender a ler e escrever e o auxiliava a tomar conhecimento dos anúncios de fugidos, assim facilitando a sua fuga e a procura de esconderijos. Para Soares e Gomes (2002), a nação Mina compartilhava de um senso de comunidade e de passagem de rituais e conhecimento, o que poderia explicar o menino africanos escravizado Antônio, saber ler e escrever.

Duas crianças africanas escravizadas, que foram anunciadas, uma em 1941, Marciana, 13 anos, que fugiu de uma chácara, próxima do centro da cidade, tinha em comum com Francisco 16 anos anunciado em 1942, os ferros que eram uma marca de fugitivos, que já haviam empreendido essa ação mais de uma vez e mesmo com esses simbolos de fugas, eles não se importavam e fugiam. Marciana, tinha uma corrente que era comprida e estava presa num dos pés e Francisco, tinha um ferro preso no pescoço.

Debret (1949) narra que, o colar de ferro, com vários braços em forma de gancho, que se fosse agarrado de qualquer ângulo poderia ser puxado e o maxilar seria levantado com força, causando uma dor e fazendo com que ele ficasse sem resitência. Outra forma seria colocar no tornozelo uma corrente fixada no tornozelo e na cintura; —Sendo ainda criança o escravo, o peso da corrente é apenas de cinco a seis libras, fixando-se uma das extremidades no pé e outra a um cepo de madeira que ele carrega à cabeça durante o serviço.

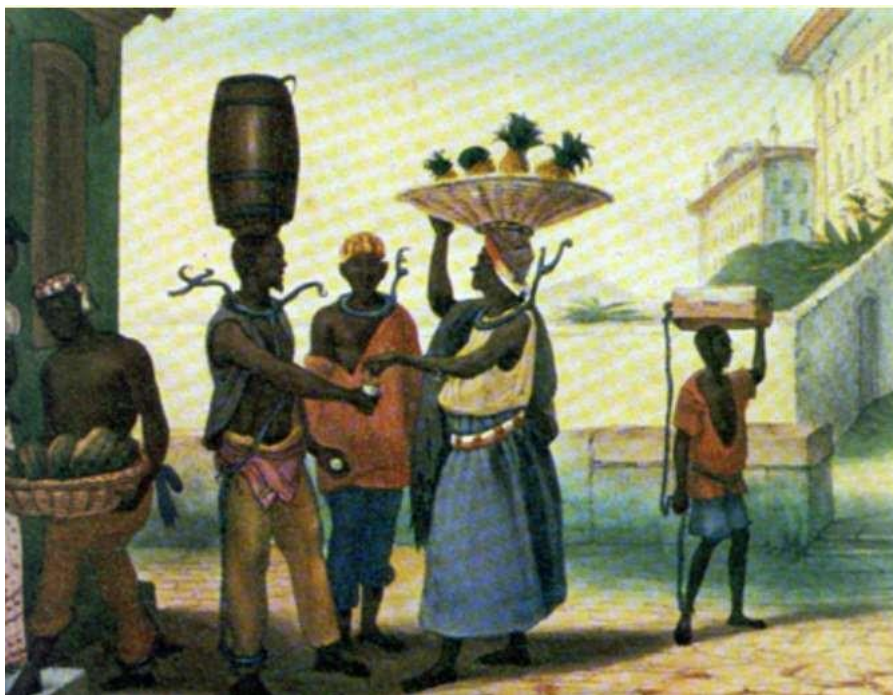


Figura 47: Gargalheiras Debret (1835)

Fonte: https://hosting.iar.unicamp.br/disciplinas/am540_2003/edu/produto/escravidao/repressao3.htm

O que fica claro na narrativa de Debret (1949) é sobre as crianças escravizadas, que utilizavam a corrente de ferro e também compara os escravizados como —crianças crescidas, que tem pouco espaço para pensar sobre o futuro. O que sua visão de viajante e os usos de suas imagens, devem ser aprofundados com Freitas¹⁷, que pesquisou sobre como os livros didáticos utilizam e fez uma ampla análise sobre o assunto.

Outra questão que coloca é que os fabricantes destes ferros eram os próprios escravizados, com várias serralherias, que se situavam na rua da Prainha, que fabricavam: —correntes, colares de todos os tamanhos, algemas de bússola, botas de ferro, polegares, instrumento capaz de achatar os polegares a ponto de interromper a circulação sanguínea.

Essas serralherias foram fundadas em 1840, na rua da Prainha e na Gamboa em 1849, de acordo com Lamarão (2006) que, estes lugares foram escolhidos por estarem próximas aos mercados de escravizados. Precisamos perceber que tantos os caminhos, quanto aos trabalhos executados por essas crianças africanas escravizadas, trazem pontos de referência de uma construção da agência infantil africana, independente da dos adultos escravizados, que poderiam ser auxiliados por estes, mas as trocas entre seus pares foram fundamentais para encontrar uma base de apoio entre eles, o que é demonstrado com suas fugas que observavam e decidiam a melhor hora, lugar e caminhos para seguir e não serem descobertos. O trabalho

¹⁷ FREITAS, Thayane da Rocha Cruz Dias. **As aquarelas de Debret e a construção da Identidade Nacional Brasileira**: uma análise das coleções didáticas de História do PNLD 2015. 2018. 127 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.978>.

que executavam, seus ofícios também demandavam um conhecimento e determinação para enfrentar a labuta diária a que eram expostos na escravização.

3.5 Moradias das Crianças africanas escravizadas 1842

Elaborando os quadros, podemos visualizar como os locais de moradia determinavam os caminhos escolhidos por estes para a fuga e em 1842, de acordo com os anúncios de fugidos catalogados, na tabela abaixo, o quantitativo diminui em relação aos anos anteriores:

Quadro 20: Moradias das crianças escravizadas, no ano de 1842.

MORADIA	1842
Andarahy Pequeno	1
Hotel Pharroux	1
Ladeira do Livramento	1
Largo da Lapa	1
Praça do Mercado	1
Praia da Glória	1
Praia dos Ministros	1
Prainha	1
Rio Comprido	1
Rua da Prainha	1
Rua da Quitanda	3
Rua das Violas	1
Rua do Cano	1
Rua do Hospício	1
Rua do Sabão	2
Rua do Sacramento	1
Rua do Valongo	1
Rua dos Ciganos	1
Rua dos Pescadores	2
Rua Funda	1
Rua Nova do Conde	1
Rua São Clemente	1
rua São Francisco de Paula	1
Rua São Pedro	2
Total Geral	29

Em 1842, foram totalizados 29 anúncios, e desses oito foram de meninas africanas escravizadas, que vamos acompanhar seus caminhos de fuga na cidade e suas moradias de onde saíram. Os caminhos que as meninas escravizadas realizavam também poderia ser o de acompanhar nas tarefas portas a dentro e portas a fora, que Graham (1992), pesquisou sobre as mulheres escravizadas, que trabalhavam porta a dentro e tinham a mobilidade porta a fora.

A mobilidade que conseguiam porta a fora, propiciava a formação de um mundo social, no encontro com os seus. Os caminhos que eram percorridos quando saíam da casa do senhor para comprar, lavar roupa, ou qualquer atividade necessária, os caminhos escolhidos demonstravam os favoritos, os marcos reconhecíveis, que indicavam a orientação ou fixavam a distância de um ponto a outro.

As meninas africanas escravizadas, que aparecem nos anúncios de fugidos, parecem ser de porta a dentro, que tiveram acesso à rua, para acompanhar ou fazer pequenos serviços a mando de seus senhores, pois não afirmam serem do ganho nas ruas, alugadas. As roupas que são descritas nos anúncios de fugidos, demonstram também que elas poderiam ser de portas a dentro, como a menina africana escravizada, Umbelina, de 12 anos, nação Quilimane, que usava um vestido de riscado roxo e um lenço no pescoço. Assim como Rita, de 14 anos, nação Rebolo, que fugiu da Rua dos Ciganos, que também usava um lenço no pescoço.

A relação dos escravizados com suas roupas, eram do dia a dia de trabalho, mas seus senhores começaram a encomendar aos ourives joias e vestimentas que iam além do algodão, com ricos bordados, pois era uma forma de expor suas riquezas e conquistas. Lody (2001) afirma que, as saias compridas, com anáguas, das quitandeiras, também era uma forma de identificação e simbologia, que ia além do que os senhores entendiam, os panos da costa, os turbantes, pertenciam a um universo visual, que era lido apenas pelos que entendiam esse texto de comunicação entre os escravizados, de identificação, de manifestação de suas crenças e valores com relação ao mundo ao seu redor.

Lara (2000) destaca que, sobre seus corpos, panos, cachimbos, amuletos e colares, falavam de um mundo que, mesmo sob a escravidão, servia de ponte entre os dois lados do Atlântico e podemos imaginar se não teriam sido as mulheres a ostentar, sobre seus corpos, em situações festivas ou cotidianas suas memórias africanas.

Na gravura de Hildebrandt (1841), podemos visualizar a diferença entre vestimentas da escravizada que compra e negocia com as quitandeiras. A que compra utiliza o lenço que aparece nos anúncios com frequência, o vestido parece ter uma sobre saia com mais volume e nas orelhas aparecem brincos, mesmo descalça, o que evidencia sua escravização, demonstra, nas vestimentas e ornamentos, uma diferença sobre as quitandeiras.



Figura 48: Escravizadas de ganho. Hildebrandt (1841)

Fonte: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/autor/19089/eduard-hildebrandt>

Na roupa das vendedoras há diferenciação também, talvez sendo determinadas por quem era a dona da quitanda, que parece estar sentada embaixo da sombrinha, num banco, com seu turbante e as que trabalham para ela, negociando e sentadas no chão. Todas aparecem descalças, o que evidência a condição de escravizadas.

Outra menina africana escravizada que fugiu e levou nos seus pertences, um lenço de três pontas bordado, vestido de tecido branco fino e usava um vestido de chita roxo e uma saia branca por baixo. Foi seduzida por um dono de armarinho, no largo, que poderia estar acoitando-a e talvez até a tenha dado esses tecidos dos vestidos. Luiza, de 14 anos, nação Benguela, usava vestido de chita, camisa de algodão e o lenço xadrez, fugiu da Praça do Mercado, que ficava no Largo do Paço, demonstrando que as meninas africanas escravizadas, mesmo vivendo portas a dentro frequentavam o mercado ou moravam próximo a este e assim poderiam entrar em contato com seus sedutores. Às vezes aparecem nos anúncios os pertences que as crianças africanas escravizadas levavam, mas na sua maioria levavam apenas a roupa do corpo.



Figura 49 Mapa de ruas H

Fonte: <https://legacy.imaginerio.org/#pr/1841/16/-22.903425353197424/-43.174316883087165/all/>

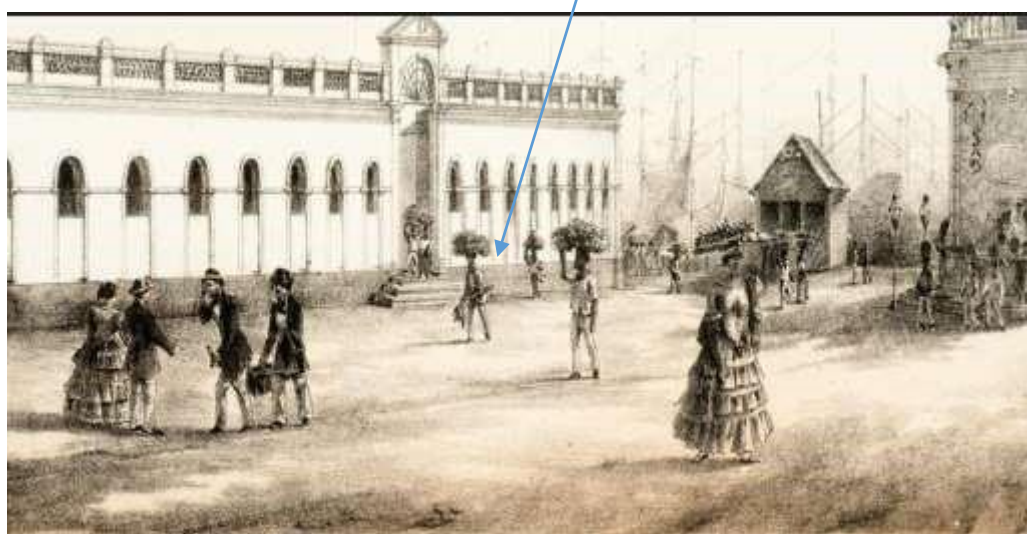


Figura 50: Largo do Paço, Praça do Mercado, 1856, Pietter Gotfred Bertichen

Fonte: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/20083/um-album-de-araujo-porto-alegre>

A menina africana escravizada Urselina, de 13 anos, nação Quilimane também foi seduzida e fugiu da Rua do Livramento e foi para o Largo de São Domingos. Um caminho bem longo, de onde morava, talvez seu sedutor trabalhasse perto de onde ela morava.

No largo, havia a Igreja de São Domingos, que sediou as Irmandades de Santana, do menino Jesus e Santo Elesbão, que os africanos cultuavam. De acordo com Soares (2006, p.64), a Irmandade de Santo Elesbão e Santa Efigênia era constituída basicamente por africanos de língua gbe, vindos da Costa dos Escravos. No ano de 1740 esses santos já são venerados por um grupo de aproximadamente trinta pessoas numa casa particular na Freguesia da Candelária quando seus devotos decidem transferir as imagens para a capela de São Domingos, localizada

na mesma freguesia. Existe nesta igreja outra devoção de pretos minas onde estão reunidos povos de outras áreas que não a Costa dos Escravos.

Por motivos desconhecidos, os dois grupos ditos minas se reúnem no interior da mesma capela mas permanecem separados em suas devoções. Por outro lado, os devotos de Santo Elesbão partilham sua irmandade com africanos procedentes de Moçambique, Cabo Verde e São Tomé, também sem qualquer proximidade linguística ou cultural em relação aos povos de língua gbe, mas após mudarem para a capela de São Domingos, conseguem um terreno e constroem sua própria igreja, na Rua da Alfândega, próxima ao Largo.



Figura 51: Mapa de Ruas I

Fonte: <https://legacy.imagerio.org/#pr/1842/16/-22.90088869443162/-43.186826705932624/all/>



Figura 52: Igreja de São Domingos

Fonte: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliانا/handle/20.500.12156.1/9662>

As nações das meninas africanas que fugiram em 1842, na sua maioria são da África Oriental: Quilimane e Moçambique, como Umbelina, de 16 anos, que tinha marcas por todo ventre da sua nação, que, Junod (2009, p.164), descreve como um dos rituais dos Tsongas, o qual, a menina ao menstruar pela primeira vez, deve ser tatuada no ventre, onde após o que se chama tempo de cura, não se pode salgar os alimentos ou ir a aldeia comer a comida de outras pessoas. Então a menina Umbelina, poderia já ter menstruado, quando foi escravizada na África, por isso já possui as tatuagens. Outro ritual era de limar os dentes (kuhleta) que também aparece em alguns anúncios como sinais de nação.

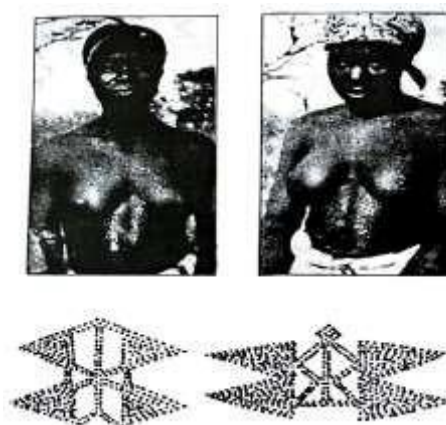


Figura 53: Meninas africanas com tatuagens no ventre.

Fonte: Junod (2009, p.164)

Percebermos que as marcas de nação dos anúncios de crianças escravizadas fugidas, pode também ser um símbolo de diferença para os escravizados, pois por mais que tentassem passar por libertos, essas marcas também os distinguiam dos demais e os tornavam alvo de captura. Umbelina, já havia fugido mais de uma vez e tinha sido capturada, desta vez tentou fugir para bem longe num barco para Porto das Caixas, mas foi novamente capturada e parece que foi apreendida por uma autoridade policial. Carlota, de nação Benguela, também fugiu mais de uma vez, tentou pedir ajuda numa casa na Rua São Clemente, mas foi devolvida para a praia da Glória, de onde fugiu novamente. Os sinais também as tornavam conhecidas entre os seus e entre os que capturavam as crianças africanas escravizadas.

As praias, os locais de venda e determinadas ruas não aparecem nos anúncios ao acaso, pois esses locais eram pontos de encontro e de uma grande movimentação de escravizados. A rua dos Pescadores ia direto para o largo da Igreja de Santa Rita, onde havia um chafariz para pegar água, documentado por Buvelot, Louis (1845), onde podemos deduzir que, por trabalharem nas ruas, essas crianças africanas escravizadas, poderiam frequentar esses locais e trocar informações e formas de fugas.

E todos que frequentassem os mesmos locais, poderiam se conhecer ou pelo menos se viam, pois visualizando a cidade com o olhar das crianças africanas escravizadas, podemos

perceber esses locais como pontos de encontros com outras crianças africanas escravizadas, que poderiam fazer amizade e trocar todo tipo de informação.



Figura 54 Mapa de Ruas J

Fonte: <https://legacy.imagerio.org/#pr/1843/18/-22.89994237595926/-43.17824363692125/all/>



Figura 55: Largo de Santa Rita, Buvelot, Louis (1845)

Fonte: <http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=1398575&viewType=detailView>

Outra menina africana escravizada, Preta, 14 anos, da nação Moçambique, também fugiu da Rua dos Pescadores, número 28, bem cedo, as seis e meia da manhã, indo na direção da Rua

Nova de São Bento e poderia seguir para a Rua da Prainha, passando pelo Quartel de Bragança e chegando a Prainha, onde poderia fugir em alguma embarcação.



Figura 56: Mapa de Ruas L

Fonte: <https://legacy.imagerio.org/#pr/1842/17/-22.89879673781492/-43.18095088048722/all/>



Figura 57: Panorama de Rio de Janeiro. JACOTTET, Louis-Julien (1806-1880)

Fonte: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1463212/icon1463212.jpg

A Rua Nova de São Bento, por onde caminhou a menina africana escravizada, Preta, foi aberta pelo Mosteiro de São Bento em 1743, seguindo pelo quartel e até a Prainha, o que de acordo com Friedman (2013), Macedo (2013, p.5) as ordens religiosas tiveram um papel importante, na manutenção do espaço urbano, abrindo ruas, fornecendo únicas formas para o abastecimento de água da população, os chafarizes, poços e fontes, eram responsáveis pela educação e pela

saúde com os hospitais da Santa Casa de Misericórdia. As ordens religiosas possuíram engenhos, fazendas de gado, olarias, estaleiros, armazéns e propriedades. Além disso, seu patrimônio fundiário e imobiliário, acumulado através de doações de famílias nobres e da Coroa, como também por compra, induziu os caminhos da expansão da cidade. Outra característica apresentada no anúncio sobre a menina africana escravizada, Preta, que foi pela Rua Nova de São Bento, era de que, tinha as orelhas furadas, com grandes buracos, ela poderia ter feito esses furos antes da sua escravização ao África, pois nos estudos de Junod, (2009 p.111), sobre a tribo Tonga, um dos costumes Banto, é o Kutrunya, onde fura-se a orelha com um espinho ou faz-se uma incisão com faca, onde as mulheres penduram uma argola, o que talvez tenham aumentado os furos, das orelhas.



Figura 58: Meninas Africanas

Fonte: Junod (2009, p.112)

Nos anúncios de fugidos era comum encontrar esses detalhes sob o olhar do outro sobre as crianças africanas escravizadas, que ao mesmo tempo as diferenciam, como também as tornam objetos.

Assim como nos olhares dos viajantes, como Rugendas (1835, p.81), nos detalhes desenhados por ele, da nação Benguela. No anúncio da menina africana escravizada Maria, de 11 anos, nação Benguela, é descrita com: olhos grandes e bem parecida, que quer dizer bemapessoada, bonita, que usava um vestido de riscadinho azul e camisa de algodão americano.



Figura 59: Nação Benguela

Fonte: Rugendas (1835, p.81)

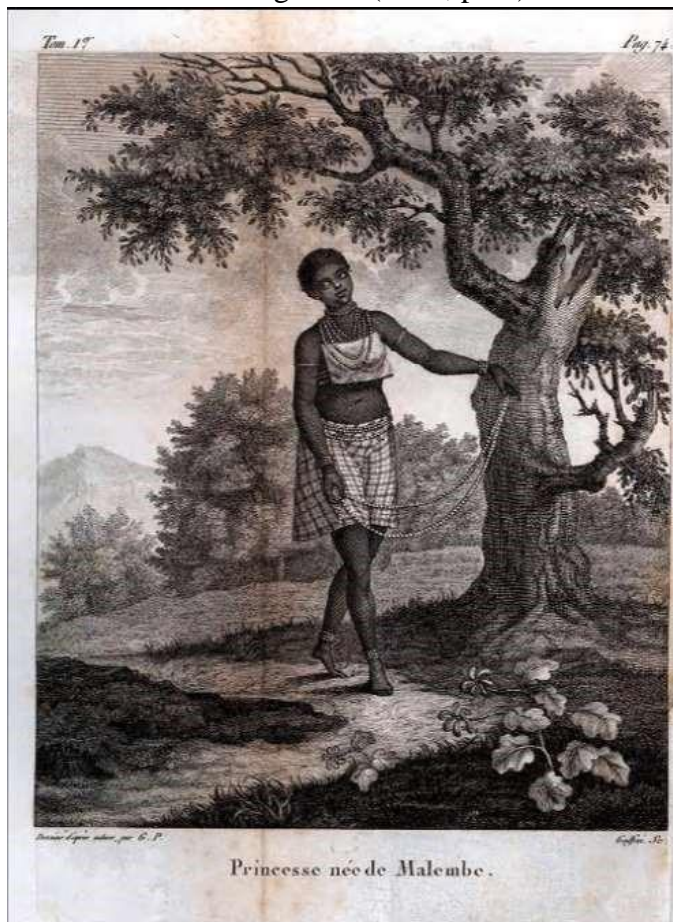


Figura 60: Princesa de Benguela

Fonte:

https://digital.librarycompany.org/islandora/object/Islandora%3A2909?solr_nav%5Bid%5D=51e6915b619aa546485c&solr_nav%5Bpage%5D=0&solr_nav%5Boffset%5D=46

Grandpré (1786) escreveu sobre as vestimentas das mulheres em Benguela e visualizando a imagem feita por ele, vemos as contas de vidro no pescoço da menina africana e narra também sobre o uso do lenço no pescoço e como adoram a cor vermelho coral, chama a atenção e podemos visualizar a menina africana escravizada Maria que, foi retirada de seu lugar de nascimento com tão pouca idade e ao se ver num local que desconhecia, fugindo da Rua Princesa do Valongo, e poderia ter seguido para o Cais do Valongo, com a intenção de voltar e assim encontrar os seus.



Figura 61: Mapa de ruas. M

Fonte: <https://legacy.imagerio.org/#pr/1842/17/-22.89874237916063/-43.18085432096269/all/>



Figura 62: Rua do Valongo. Thomas Ender (1818)

Fonte: http://www.dezenovevinte.net/artistas/thomas_ender_arquivos/fig_5.jpg

Assim como Maria, podemos perceber nesse pequeno estudo de ruas e caminhos escolhidos para as fugas que, a maioria das crianças africanas escravizadas, chegavam as praias da cidade e podemos visualizar no mapa, que a as faixas de areia e cais de embarcações, eram

os locais propícios para se misturar aos que ali circulavam e manter-se pelo menos um tempo em liberdade.



Figura 63: Planta da Cidade do Rio de Janeiro

Fonte: Biblioteca Nacional Digital – Biblioteca Nacional do Brasil:
http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart326112/cart326112.jpg

A Rua do Valongo, da Prainha, dos Pescadores, da Prainha e tantas outras que aparecem nos anúncios levam para o grande litoral, onde essas crianças africanas escravizadas, como tantos outros escravizados que circulavam na cidade, poderiam encontrar refúgio e perder-se livremente pelas praias e caminhar olhando ao longe, a Kalunga que tantos atravessaram e muitos sonhavam em retornar e rever os seus.

4. CONCLUSÃO

Comecei com a menina africana escravizada Roza e termino com ela ao meu lado e com os 419, que estão nessa tese. Infelizmente a história da escravidão no Brasil, não incluiu essas crianças africanas escravizadas e tantas outras que aqui não foram contempladas, mas acredito que este estudo se soma no interesse de incluí-las. O período histórico aqui estudado nos oitocentos, na cidade do Rio de Janeiro e principalmente o sujeito, criança africana escravizada, em vista dos argumentos apresentados, demonstraram que ela era vista como um adulto escravizado em miniatura, como o selvagem, que necessita ser educado e encarcerado.

Verificamos na historiografia brasileira um silenciamento e apagamento da criança africana escravizada, exatamente por ser vista como um adulto escravizado em miniatura. Elas apareciam no quantitativo da contagem de escravizados, na classificação de crias de peito, crias de pé, moleques e molecas, onde o que importavam eram os dados e gráficos de compra e venda, vivos e mortos na passagem do meio, transporte nos tumbeiros e notas de rodapé.

Os estudos sobre a historiografias das crianças africanas escravizadas, nos Estados Unidos, foram utilizados com o fim de embasar teoricamente este estudo e principalmente perceber o olhar desses pesquisadores sobre os seus relacionamentos com seus pares, relatos de experiências, suas crenças, reinterpretação do mundo do adulto escravizado e de sobrevivência. Deste modo, a partir dos estudos da infância africana escravizada estadunidenses, através de suas experiências infantis, suas vozes, trouxe mais entendimento sobre como os africanos ressignificaram suas vidas e afetaram suas decisões ao longo das suas vidas adultas.

Concluimos que, as crianças africanas escravizadas, nesses estudos, não necessitaram de um marco temporal anterior ao século XIX, para incluí-las na categoria infância. O conceito de infância na escravização transformou-se num indivíduo e não numa fase da vida em que todos passam, pois assim poderiam escravizar o maior número de africanos. Infância e escravização andavam lado a lado, portanto ampliando o número de crianças africanas escravizadas, com o objetivo de crescerem escravizados e conseqüentemente tornarem-se adultos escravizados, com todo o aprendizado de obediência através do cárcere e castigos físicos.

Os estudos sobre a infância enquanto categoria é um conceito criado na modernidade, e este estudo foi voltado para quebrar com essa premissa. Criar estatutos próprios sobre a criança africana escravizada no Brasil e conseqüentemente ampliar pesquisas com esse tema. Num estudo histórico, infância como categoria, enfatiza o não-lugar da criança africana escravizada, uma dupla opressão: ser adulto antes do tempo e mercadoria.

Assim de fato, a localização dessas crianças africanas escravizadas, inseridas num momento histórico, como sujeitos no centro da sua própria história, construindo e reinterpretando culturalmente suas memórias ancestrais, conseqüentemente foi necessário utilizar a Sociologia da Infância, não como ponto de partida, mas como base teórica para compreender a infância e suas culturas de pares e reprodução interpretativas, já que temos a premissa de que as crianças africanas escravizadas, estão inseridas na categoria infância.

Da mesma forma que, na Sociologia da Infância os estudos se voltam para a agência infantil em que, as crianças são vistas como atores sociais e suas ações contribuem para a construção da sociedade e no paradigma Afrocêntrico, igualmente tem como base a agência e localização do africano no tempo e no espaço onde está inserido. O paradigma Afrocêntrico em virtude de seus aspectos de funcionalidade, ativa e coloca os africanos como sujeitos da sua história, atores sociais e ativos, na sua consciência coletiva ancestral.

Portanto, a agência infantil e localização da criança africana escravizada é anterior a sua escravização e por isso os anúncios coletados não são um fim, mas um começo desse caminho de retorno as culturas africanas, que embalaram suas memórias e foram ressignificadas por elas no cotidiano dessa cidade oitocentista escravocrata. A catalogação das crianças africanas escravizadas, nos anúncios de fugidos do jornal O Diário do Rio de Janeiro, de 1839 a 1849, seus nomes, idades, gêneros, nações e moradias, explicitam e comprovam que elas estavam sendo traficadas da África, desde a mais tenra idade. O olhar sobre estes foi na centralização da criança africana escravizada, como sujeito e agente infantil daquela fuga, produzindo uma ação de mudança e resistência sobre o cativo em que viviam. Esse olhar afrocêntrico sobre a criança africana escravizada destes anúncios coletados, denotaram como nas entrelinhas do que estava escrito, havia uma escolha por determinados caminhos, vestimentas e ressignificações culturais africanas.

Evidenciamos a agência infantil africana, em situações cotidianas, onde o caminhar com as crianças refletiu escolhas pensadas e planejadas para um objetivo de liberdade, de sair da opressão do cativo. Visualizar a cidade nos oitocentos, com suas igrejas, portos, praias e mercados, sem dúvida, ampliou nosso olhar em como aconteciam as formações de laços e trocas, principalmente por morarem próximos e frequentarem os mesmos lugares. Imaginei Roza, a menina africana escravizada, caminhando com os seus e quem sabe Oxalá tenha lhe mostrado um bom caminho e nos meus sonhos a vejo rindo e me dizendo, cumprimos juntas essa jornada.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, A.; SILVEIRA, Debora de Barros; JOVINO, Ione; SIMEÃO, Lucélio Ferreira. Imagens de crianças e infâncias: a criança na iconografia brasileira dos séculos XIX e XX. **Perspectiva**, v. 29, n. 1 p. 263-293, 2011.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ALGRANTI, Leila Mezan. **O feitor ausente**. Estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 1988.

AMANTINO, Márcia. As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no Jornal do Commercio (RJ) em 1850. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p.1377-1399, out.-dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/9mDtKNWqm5rszyjrhcHKDkN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 de maio de 2020.

AMANTINO, Márcia. As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no Jornal do Commercio (RJ) em 1850. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1377-1399, out.-dez. 2007.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, Segunda Edição 1986. Disponível em

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525040/mod_resource/content/2/ARI%C3%88S.%20Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia_t_ext.pdf Acesso em 18 de outubro de 2019.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. V. 4. p. 96-110.

ASANTE, M. **Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental**: Introdução a uma Ideia. Tradução: Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. Cidade: Editora, 2016.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora, São Paulo, v. 4, p. 96-110. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade**: Uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. 398 p.

ASANTE, Molefi Kete. **The Afrocentric Idea**. Philadelphia: Temple University Press, 1988.

ASANTE, M. K. **Afrocentricity**. Trenton, NJ: Africa World Press, 1988.

ASANTE, Molefi Kete. **The Afrocentric Idea**. Philadelphia: Temple University Press, 2003. ASANTE, M. **Ensaio Filosófico, Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental**: Introdução a uma Ideia. Tradução: Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. Rio de Janeiro, v. 16, p. 6-18, dez. 2016. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/00_Revista_Ensaio_Filosoficos_Volume_XIV.pdf. Acesso em: 5 mar. 2019.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. **Ensaio Filosófico**, Volume XIV – Dezembro/2016. Tradução: Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo.

ASANTE, Molefi Kete. **An Afrocentric Manifesto: Toward an African Renaissance**. Hoboken, NJ: Polity, 2013.

ASANTE, M., Ama Mazama, Marie-José Cérol. *Handbook of Black Studies*. Encyclopedia Black Studies. SAGE Publications, Inc. Dezembro 2005 - 531 páginas Califórnia, USA. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.4135/9781412952538>. Acesso em: 7 maio 2019.

ASSIS, Machado. **Pai contra mãe**. In: Relíquias de Casa Velha. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor. 1906. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4776>. Acesso em: 4 abr. 2021.

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. **A poética do devaneio**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Tradução: J. Américo Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

BAQUAQUA, Mahommah Gardo. **The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African: With linked Table of Contents (English Edition)**. Cidade: Wilder Publications, ano. eBook Kindle.

BATALHA, Ladislau. **Costumes Angoles**. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1890. 62 p.

BERLIN, Ira. **Gerações de cativo**: uma história da escravidão nos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Record, 2006.

CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Serviço Nacional de recenseamento. Divisão do Distrito Federal em Quadros Suburbano e Rural, para fins censitários. **Documentos Censitários Número 4**, Rio de Janeiro, 1951. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv84277.pdf>. Acesso em: 4 maio 2021

COHEN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Ciências Sociais. Passo-a-Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, 2a ed., 60p.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011. 384 p.

CORSARO, William. **The International Journal of Children's Rights 8**: 243–259. © Kluwer Law International. Impresso na Holanda. 2000. 2001.

CONRAD, Robert Edgar. **Os últimos anos da escravatura no Brasil: 1850-1888**. Cidade: Civilização Brasileira, 1975.

CONRAD, Robert Edgar. **Os últimos anos da escravatura no Brasil: 1850-1888**. Coleção Retratos do Brasil, volume 90. Cidade: Editora Civilização Brasileira, 1975.

CONRAD, Robert Edgar. **Os últimos anos da escravatura no Brasil: 1850-1888**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 394 p.

CONRAD, Robert E. **Children of God's Fire: a Documentary History of Black Slavery in Brazil**. Princeton, USA: Editora Penn State University Press, 1983. 516 p.

- CONRAD, Robert Edgar. **Tumbeiros** — O tráfico escravista para a Brasil. Tradução de Elvira Serápicos. São Paulo: Brasiliense, 1985. 220 p.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHALHOUB, Sidney. **A força da escravidão: Ilegalidade e costume no Brasil oitocentista**. São Paulo: Companhia das Letras. 2012. 351 p.
- CORSARO, W. **The sociology of childhood**. Califórnia: Pine Forge, 1997.
- CORSARO, William A. **The International Journal of Children's Rights** 8: 243–259, 2000. © 2001 Kluwer Law International. Impresso na Holanda.
- CUNHA, Antônio Geraldo da (Ed.) **Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986-1994. Disponível em: <http://www.medieval.rb.gov.br/#>. Acesso em: 4 abr. 2021.
- CUNNINGHAM, Hugh. —**The decline of child labour: labour markets and family economies in Europe and North America since 1830**l. *Economic History Review*, v. LIII, n. 3, p. 409-428, 2005.
- CURTO, José C. **Resistência à escravidão na África: o caso dos escravos fugitivos recapturados em Angola. 1846-1876**, *Afro-Ásia*, n. 33, p. 67-86, 2005.
- DEBRET, J. Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Belo Horizonte, Itatiaia: São Paulo, EDUSP, 1970.
- DIPTEE, Audra A. African Children in the British Slave Trade during the Late Eighteenth Century. **Slavery & Abolition**, v. 27, n. 2, p. 183-196, August 2006.
- DIPTEE, Audra A.; David V. **Atlantic childhood and youth in global context: reflections on the Global South**, *Atlantic Studies* Trotman (2014). Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14788810.2014.972246?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 23 mar. 2020.
- DIPTEE, Audra A. A Great Many Boys and Girls: Igbo Children in the British Slave Trade, 1700-1808. *In*: FALOLA, Toyin; NKOJU, Raphael (Eds.). **The Igbo in the Atlantic World: African Origins and Diasporic Destinations**. Publisher: Indiana University Press, 2016.
- DIPTEE, Audra A. From Africa to Jamaica: The Making of an Atlantic Slave Society, 1775–1807. University Press of Florida, 2012. **Project MUSE**, muse.jhu.edu/book/26329.
- DIPTEE, A. (2017). Notions of African Childhood in Abolitionist Discourses: Colonial and Postcolonial Humanitarianism in the Fight Against Child Slavery. *In*: DUANE, A. (Ed.). **Child Slavery before and after**. *Emancipation: An Argument for Child-Centered Slavery Studies (Slavery since Emancipation)*, pp. 208-230). Cambridge: Cambridge University Press Fight Against Child Slavery.
- DUANE, Anna Mae. **Child Slavery Before and After Emancipation: An Argument for Child-Centered Slavery Studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- ELTIS, David, and Stanley L. Engerman. Fluctuations in Sex and Age Ratios in the Transatlantic Slave Trade, 1663-1864. **The Economic History Review**, v. 46, n. 2, 1993, p. 308–323. JSTOR, www.jstor.org/stable/2598019. Acesso em: 25 mar. 2020.

ELTIS David, RICHARDSON David. **Os mercados de escravos africanos recém-chegados às Américas: padrões de preços, 1673-1865**. Topoi, Revista de História, v. 4, n. 6, p. 9-46, Rio de Janeiro, março 2003.

EQUIANO. Olaudah. **The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa**. Editora: Createspace Independent Publishing Platform 2014 Formato Kindle.

FERRARI, Ana Josefina. **A voz do dono: uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornais dos escravos fugidos no oeste paulista entre 1870-1876**. 2001. 154 p.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas São Paulo, 2001. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/271068>. Acesso em: 23 jan. 2020.

FERRARI, A. J. **Memória e descrição: Uma análise do funcionamento discursivo da descrição em anúncios de fuga de escravos**. Línguas & Letras Unioeste, v.11, p.3782-15164 p., 2010

FERREIRA, Fernanda Cristina Puchinelli. **Decifrando as fugas escravas: narrativas, senhores e fujões na cidade do Rio de Janeiro (1840-1850)**. Em Tempo de Histórias.

Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB, Brasília-DF, v. 1, n. 36, p. 402-422, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/31768>. Acesso em: 22 set. 2022.

FLORENTINO, Manolo. Em Costas Negras – uma História do Tráfico de Escravos Entre a África. São Paulo: [Companhia das Letras](http://www.companhiadasletras.com.br), 1997.

FLORENTINO, Manolo. Tráfico Atlântico, Mercado Colonial e famílias escravas no Rio de Janeiro, Brasil. c. 1790-c.1830. **História: Questões & Debates**, Curitiba: Editora UFPR, v. 51, n. 2, p. 69-119, jul./dez. 2009.

FLORENTINO, Manolo; AMANTINO, Márcia. **Uma morfologia dos quilombos nas Américas, séculos XVI-XIX**. Hist. Ciênc. Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 1, p. 259-297, dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/h6G4NL5f4f5Pcn9xjZRPjDf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jan. 2020.

FLORENTINO, M.; RIBEIRO, A. V.; SILVA, D. D. da. **Aspectos comparativos do tráfico de africanos para o Brasil (séculos XVIII e XIX)**. Salvador: Bahia, Afro-Ásia, [S. l.], n. 31, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21072>. Acesso em: 22 ago. 2021.

FRAGOSO, João Luis Ribeiro, FLORENTINO, Manolo. **Marcelino filho de Inocência Crioula, neto de Joana Cabinda: um estudo sobre famílias escravas em Paraíba do Sul (1835-1872)**. Estudos Econômicos, v. 17, n. 2, p. 151-173. maio/ago., 1987.

FRANKLIN, Bob. Children's rights and media wrongs Changing representations of children and the developing rights agenda. **The New Handbook of Children's Rights: Comparative Policy and Practice**. Londres: Routledge, 2001. 448p.

FREYRE, G. **O escravo nos anúncios de jornal do século XIX**. São Paulo: Global, 1961. Edição digital. 2012

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 1a. ed. aum. São Paulo: Ed. Nacional; 79-0374 [Recife]: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas

Sociais, 1961. (Brasiliense; v.370) (Série estudos e pesquisas - Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; 14.

FREYRE, G. *O escravo nos anúncios de jornal do século XIX*. São Paulo, SP: Global, 2012. (Edição digital).

GOUVÊA, M. C. S.; SARMENTO, Manuel (Orgs.) **Estudos da Infância: Educação Práticas Sociais**. 1ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 274 p.

GRAHAM, MEKADA J. —The African-Centred Worldview: Developing a Paradigm for Social Work. *The British Journal of Social Work*, v. 29, n. 2, 1999, p. 251–67. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/23714959>. Acesso em: 13 maio 2019.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Ser mina no Rio de Janeiro do século XIX**. Afro-Ásia, n. 45 Salvador, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21249>. Acesso em: 21 maio 2019.

GRAHAM, Sandra Lauderdale, METCALF, Alida C. **Henriqueta Day on the Streets, Rio de Janeiro, 1850**. Rice University Houston, Texas. 2020. Site <https://ricegis.maps.arcgis.com/apps/Cascade/index.html?appid=82468bd1e5024198b9119234ddb322bc>. Acesso em maio de 2020.

GÓES, José Roberto de; FLORENTINO, Manolo. Crianças escravas, crianças dos escravos. *In: PRIORE, Mary del (Org.). História das crianças no Brasil*. 7a ed. São Paulo: Contexto, 2015.

GOMES F. S. **Jogando a rede, revendo as malhas: fugas e fugitivos no Brasil**. Revista Tempo, v. 1, p. 67-93, 1996.

GOMES, Flávio dos Santos. **Experiências negras e Brasil escravista: questões e debates**. *In: XX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALADAA*, Rio de Janeiro, Anais Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia face à Globalização 2001.

GOMES, Flávio. **A demografia atlântica dos africanos no Rio de Janeiro, séculos XVII, XVIII e XIX: algumas configurações a partir dos registros eclesiásticos**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 19, supl., p. 81-106, dez. 2012.

GOMES, Flávio. **Africans and Petit Marronage in Rio De Janeiro**, Ca. 1800-1840. *LusoBrazilian Review*, v. 47, n. 2, 2010, p. 74–99. Disponível em: www.jstor.org/stable/40985096. Acesso em: 23 fev. 2021.

GOMES, F. S. **Atlantic Nations and the Origins of Africans in Late-colonial Rio de Janeiro: New Evidence**. *Colonial Latin American Historical Review*, v. 20, p. 213-231, 2011a

GOMES, F. S. **Africanos, 'naciones' y cofradías en Rio de Janeiro, siglos XVIII y XIX**. *Boletín Americanista*, v. 63, p. 167-188, 2011b

GOTTLIEB, Alma. **A vida após a morte é de onde viemos. A cultura da infância na África Ocidental**. Chicago: University of Chicago Press, p.404, 2004.

GOTTLIEB, Alma. **Para onde foram os bebês? Em busca de uma Antropologia de bebês (e de seus cuidadores)**. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 313-336, set. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642009000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 abr. 2021.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e Obediência: criadas e patrões, no Rio de Janeiro-1860-1910**. São Paulo: Cia das letras, 1992.

GRANDPÉ, L. de. *Voyage dans l'Inde, au Travers du Grand Désert, par Alep, Antioche et Bassora*. Boston, Printed by David Carlisle, For W. Pelham, and W. P. & L. Blake, 1803. Acesso em <https://archive.org/details/voyageinindianoc00gran/>

GUTTIERREZ, Horácio. **O tráfico de crianças escravas para o Brasil durante o século XVIII**. R. História: São Paulo, n. 120, p. 59-72. jan/jul. 1989.

GUTMAN, Cátia Regina. **Oralidade e escrita no Candomblé**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis. Petrópolis, 2010. 139p.

GUTMAN, C. R. **Crianças africanas escravizadas nos anúncios de fugidos, nos oitocentos, na cidade do Rio de Janeiro**. Sankofa (São Paulo), [S. l.], v. 15, n. 26, p. 27-55, 2022. DOI: 10.11606/issn.1983-6023.sank.2022.194847. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/194847>. Acesso em: 3 fev. 2022.

GUTMAN, C. R. **Pesquisas e relatos das culturas infantis na Umbanda e Candomblé: 2014 a 2016**. Revista Calundu, v. 2, n. 2, p.26, 2018.

HENDERSON, James. **A History of the Brazil: comprising its geography commerce, colonization, aboriginal, inhabitants**. London: Longman, 1821.

HENICK, A.C. Faria, P.M.F. **História da Infância no Brasil**. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XII Educere Paraná, Brasil Puc-Paraná, 2015.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade média a época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 284p.

HOLLOWAY, Thomas H. **Prefácio Haddock Lobo e o recenseamento do Rio de Janeiro de 1849**. Disponível em: http://historia_demografica.tripod.com/bhds/bhd50/bhd50.htm. Acesso em: 3 maio 2019.

HOLLOWAY, Thomas. **Polícia no Rio de Janeiro: Repressão e resistência numa cidade do Século XIX**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1997.

IMAGINE RIO. Disponível em: <https://imagerio.org/#pr/1831/14/-22.906577993385557/43.18850040435791/all/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

ITURRA, Raul. **O Imaginário das crianças: o silêncio da cultura oral**. Lisboa: Fim do Século, 1997. 176 p.

JAMES, Allison. **The Palgrave handbook of childhood studies**. Edited by Jens Qvortrup, William A. Corsaro, Michael-Sebastian Honig. New York: Palgrave Macmillan, 2009. Kindle.

JENKS, Chris. **Constituindo a criança**. Revista Educação, Sociedade e Culturas, n. 17, p. 13-32, 2002. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC17/17-arquivo.pdf>. Acesso em: 26 set. 2014.

JOVINO, Ione da Silva. **Entre o sentimento da Infância e a invisibilidade das crianças negras: Ambiguidades no século XIX**. UEPG GT-21: Afro-Brasileiros e Educação Agência Financiadora: Ação Educativa. 2008. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/entre-o-sentimento-da-infancia-e-invisibilidade-dascriancas-negras-ambiguidade-no>. Acesso em: 20 jun. 2019.

JOVINO, Ione da Silva. **Crianças negras na história: Fontes e discursos sobre a breve infância permitida pelo escravismo oitocentista brasileiro.** Revista Eletrônica de Educação, v. 9, n. 2, p. 189-225, 2015. ISSN 1982-7199 | DOI: <http://dx.doi.org/10.14244/198271991167>.

JONES, Adam. **Recaptive nations: Evidence concerning the demographic impact of the Atlantic slave trade in the early nineteenth century.** Slavery & Abolition, v. 11:1, p. 42-57, 1990. DOI: [10.1080/01440399008574999](https://doi.org/10.1080/01440399008574999)

JUNOD, Henri. **Usos e Costumes dos Bantu.** Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas: São Paulo, 2009. 438 p.

HIGMAN. B. W. **Slave Population and Economy in Jamaica, 1807-1834.** (English Edition). Inglaterra: Cambridge University Press, 1977.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808 1850.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 422 p.

KLEIN, Herbert S. O Tráfico de Escravos Africanos para o Porto do Rio de Janeiro, 1825-1830. **Anais de História**, v. V, p. 85-101, Assis, São Paulo, 1973.

KLEIN, Herbert S. **The Atlantic Slave Trade.** 2nd edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. xx, 242 p.

KING, Wilma. **Stolen Childhood: Slave Youth in Nineteenth-Century America (Blacks in the Diaspora) (English Edition) 2nd Ed.** Bloomington: Indiana University Press, 2011. Formato: *eBook Kindle*.

KINGSLEY, Mary. **Travels in West Africa.** E-Bookarama. Edição do Kindle. Penguin; UK ed. edição (27 agosto 2015). 693 p.

KNOX, Thomas W. **The Boy Travellers in the Far East, Part Fifth.** Adventures of Two Youths in a Journey through Africa. March 6, 2019 [EBook #59021]. Disponível em: https://www.gutenberg.org/files/59021/59021-h/59021-h.htm#ILL_046. Acesso em: 30 de junho de 2020.

LACERDA, T. de C. (2019). **Tereza de Benguela: Identidade e Representatividade Negra.** Revista De Estudos Acadêmicos De Letras, n.12 89–96p Acesso em 22 12 2022. Disponível em <https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/article/view/4113>

LOVEJOY, Paul. **Identidade e a Miragem da Etnicidade: a jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas.** Afro-Asia, v. 27, p. 9-31, 2002.

LOVEJOY, Paul. **The children of slavery: the transatlantic phase.** Slavery & Abolition, Abingdon: Inglaterra v. 7, n. 2, p. 197-217, 2006.

LOVEJOY, Paul. **Les origines de Catherine Mulgrave Zimmermann: considérations méthodologiques.** Cahiers des Anneaux de la Mémoire, v. 14, p. 247-263, 2011.

LOVEJOY, Paul. **Transformations in Slavery: A History of Slavery in Africa (3rd ed., African Studies).** Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

MARTINS. (Pe. Joaquim). **CABINDAS. História – Crenças – Usos e Costumes.** Comissão de Turismo da Câmara Municipal de Cabinda. Angola, Santa Maria de Lamas: Rios e Irmãos. Porto: Imprensa Portuguesa, 1972. p. 367.

MATTOSO, Kátia M. Queirós de. **Ser escravo no Brasil: Séculos XVI – XIX**. 1ª ed., Cidade: Petrópolis: Vozes, 1979. 337 p.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **O Filho da Escrava (Em torno da Lei do Ventre- Livre)**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 37-55, mar. 88/ago. 88.

MATTOSO, Kátia de Queiroz. O filho da escrava. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991. p. 76-98.

MAZAMA, Ama. **O Paradigma Afrocêntrico**. Trenton: Africa World Press, 2003.

MAZAMA, Ama. A Afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. 398 p.

MAZAMA, Ama. Arlene Edmonds Tribune Correspondent. **Entrevista Jornal Tribune**. 2015. Disponível em: https://www.phillytrib.com/religion/ama-mazama-believes-that-nameshave-meaning/article_b38aee69-7c57-5495-a79d-d07ce8564ed9.html. Acesso em: 23 maio 2020.

MAZAMA, Ama. **Educação domiciliar como protecionismo racial nos Estados Unidos**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE, n. 31, mai.-out./2019, p. 34-52. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28255>

MAYAL, Berry. **A sociologia da infância em relação aos direitos da criança**. Instituto de Educação da Universidade de Londres. (2002). Towards a Sociology for Childhood. Tinking from children's lives. Buckingham: Open University Press.

MAYALL, Berry. **The sociology of Childhood in Relation to children's Rights march**. The international Journal of Children, v.8, (3):243-259, 2000. DOI: 10.1163/15718180020494640

MEDEIROS, Júlio César. À flor da Terra: O Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro. Pereira, Júlio César Medeiros da Silva À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro / Júlio César Medeiros da Silva Pereira. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2007. 208p. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/34/teses/JulioCesarMedeirosDaSilvaPereira.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2018.

MHLONGO, Thobani kaMajwabana. **Africanity: An Assessment of an African Agency**, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/2605420/Africanity_An_Assessment_of_an_African_Agency. Acesso em:

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **A Criança Escrava na Literatura de Viagens**. Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 31, p. 57-68, 1979.

MBEMBE, Achille. **Formas Africanas de Auto inscrição**. Tradução de Patrícia Farias. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, n. 1, p. 172-209, 2001.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2017.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n. 5, p. 15-34, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Afrocêntrica: reavaliação de uma agência africana** DIVERSIDADE, IDENTIDADE, ETNICIDADE E CIDADANIA, PALESTRA, MovimentoRevista de Educação, Dossiê Temático (n.12). 2013.

NASCIMENTO, *Elisa Larkin* (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NEVES, Maria de Fatima Rodrigues das. **Infância de faces negras: a criança escrava brasileira no século XIX**. Dissertação de Mestrado – Pós-Graduação em História. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

NEVES, Raphael. Bolsista UFRJ. **Experiências capturadas: A fuga de escravos no Rio de Janeiro**. Relatório Final de Pesquisa. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Ministério da Cultura. 2008. p. 99. Disponível em: https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/experienciascapturadas-fuga-escravos-rio-janeiro/raphael_neves.pdf. Acesso em: 23 jan. 2020.

NEVES, Raphael. **Experiências capturadas: em torno da escravidão urbana, imprensa e fugas escravas no Rio de Janeiro, 1809-1821**. 2012. 154f. Dissertação de Mestrado – Curso de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes de. **Viver e morrer no meio dos seus: Nações e comunidades africanas na Bahia do século XIX**. Revista USP. São Paulo: Vol.28, 1996, p.175-193.

OLIVEIRA, Saulo Veiga; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 371-388, abr.-jun. 2008.

OLIVEIRA, Saulo Veiga. Dissertação de Mestrado **O Suicídio de escravos em Campinas e na província de São Paulo (1870-1888)**. Pós-Graduação na Faculdade de Ciências Médicas, Área de concentração Ciências Biomédicas Campinas, SP, 2007.

OLIVEIRA, Saulo Veiga; GALDINI, Ana Maria Raimundo Oda. **O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 15, n. 2, abril, p. 371-388, 2008. Fundação Oswaldo Cruz Rio de Janeiro, Brasil.

OLIVEIRA, Domingos. **A criança negra escravizada no Brasil: Aproximações teóricas e tramas historiográficas**. Revista Outras Fronteiras, Cuiabá, v. 1, n. 2, p. 4-24, jul-dez., 2014.

OLIVEIRA MENDES, Luís Antônio de. **Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a costa d'África e o Brasil (1812)**. Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 362-76, jun. 2007.

OYEBADE, B. 1990. **African Studies and the Afrocentric Paradigm: A critique**. *Journal of Black Studies*. *Journal of Black Studies*, v. 21, n. 2, *Afrocentricity (Dec., 1990)*, p. 233-238 (6 pages). Published By: Sage Publications, Inc. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2784476>

PEREIRA, Júlio César Medeiros da S. **À flor da terra: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade

Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <http://objdig.ufrj.br/34/teses/JulioCesarMedeirosDaSilvaPereira.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das crianças no Brasil**. 7a ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

QVORTRUP, Jens. **Nove teses sobre a infância como um fenômeno social**. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 01 (64), p. 199-211 jan./abr/, 2011.

QVORTRUP, Jens. **A infância enquanto categoria estrutural**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 02, maio/ago., p. 631-643, 2010a.

QVORTRUP, Jens. **A tentação da diversidade – e seus riscos**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1121-1136, out./dez., 2010b.

RABAKA, R. Teoria crítica africana. In: Nascimento, EL (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p.129-146.

RIBEIRO, Monike Garcia. BANDEIRA, Júlio e WAGNER, Robert. **Viagem nas aquarelas de Thomas Ender: 1817-1818**. Vol. III. Rio de Janeiro: Kapa, 1 ed., 2000. Disponível em http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_te.htm. Acesso em 23 de dezembro de 2022

ROSSINI, G. A. A. **A comercialização de crias de peito e pé, meninos e meninas, moleques e molecas no oeste paulista, 1861-1869**. In: 45 ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA - ANPEC, 2017, Natal.

ROSSINI, G. A. A. **A Importância da Criança Escravizada e seu Comércio no Oeste Paulista, 1861-1869, Estudos Econômicos** (São Paulo) 49, 777-806, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-41614946gaar>. Acesso em: 17 de maio de 2019.

RUGENDAS, Johan Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Tradução de Sérgio Milliet. Nota biográfica de Rubens Borba de Moraes. 7a ed. São Paulo: Editora Martins; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976.

RUGENDAS, Johan Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

RUGENDAS, Joahan Moritz. **Catálogo da exposição: Rugendas um Cronista Viajante**. Cidade: São Paulo: Caixa Cultural São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.caixacultural.com.br/cadastrdownloads1/Rugendas%20%20O%20Cronista%20Viajante.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2020.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito: A Resistência Negra no Brasil Escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 143 p.

SARMENTO, MANUEL JACINTO. **Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância**. Educação e Sociedade, Campinas: São Paulo, v. 26, n. 91, p. 361378, mai./ago. 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **A reinvenção do ofício de criança e de aluno. Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 6, n. 3, p. 581-602, dez. 2011.

SALLES, Ricardo. Resistência escrava e abolição na província do Rio de Janeiro. O Partido do Abolicionismo. **Instituições nefandas: o fim da escravidão e da servidão no Brasil, nos Estados Unidos e na Rússia.** In: LIMA, Ivana Stolze; GRINBERG, Keila; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018. 1 e-book em formato pdf (392 p.).

SCHLICHTHORSTS C. O. **Rio de Janeiro como é (1824-1826): uma vez e nunca mais: contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil.** Tradução de Emmy Dodt e Gustavo Barroso, apresentada, anotada e comentada por este. – Brasília: Senado Federal, 2000. VIII + 326 p. – (Coleção O Brasil visto por estrangeiros) Disponível: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1043/575415.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Acesso em: 12 maio 2020.

SILVA, Rafael Domingos **Oliveira da. “Negrinhas” e “negrinhos”: visões sobre a criança escrava nas narrativas de viajantes (Brasil, século XIX).** Revista de História, Bahia, v. 5, n. 1-2, p. 107-134, 2013.

SILVA, Robson Roberto da. **A Infância no cativeiro: Estudos das condições sociais e familiares das crianças escravas e libertas na cidade de São Paulo (1825-1888).** Tese de Doutorado em História – Faculdade de Ciências e Letras, Area de História e Sociedade, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Paulo, 2018. 486 p.

SILVA, Alexandra Lima da. **O saber que se anuncia: o poder da palavra em tempos de escravidão (Rio de Janeiro, 1830 a 1888).** Rev. Bras. Hist. Educ., Maringá, v. 18, 02-29 p., 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223800942018000100201&lng=en&rm=iso <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v18.2018.e002>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SIGAUD, J.F.X. **Du Climat et des maladies du Brésil ou statistique médicale.** Paris: Chez Fortin, Masson et C^a, Libraires. 1844. 591 p.

SIROTA, R. **A indeterminação das fronteiras da idade.** Perspectiva, v. 25, n. 1, 41-56, 2007.

SLENES, Robert W. **"Malungu, ngoma vem!"** África coberta e descoberta do Brasil. Revista USP, São Paulo, (12), 48-67, 1992.

SLENES, Roberto W. **Escravidão e família: padrões de casamento e estabilidade familiar numa comunidade escrava (campinas, século XIX).** Revista estudos econômicos, v. 17, n. 2 (1987): DEMOGRAFIA DA ESCRAVIDÃO.

SLENES, Robert Wayne. Histórias da família escrava. In: _____. **Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava (Brasil Sudeste, século XIX).** 2a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

SOMÉ, Sobofun E. **Welcoming Spirit Home: Ancient African Teachings to Celebrate Children and Community: Ancient Teachings for Pregnancy, Children and Family.** Califórnia: New World Library, 1999. 141 p.

SOARES, Carlos Eugênio L.; GOMES, Flávio. **Identidades escravas e narrativas: fugitivos, africanos e arranjos sociais no Rio de Janeiro, século XIX.** Vassouras. In: X ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH-RJ. Histórias e Biografias. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em

<https://anpuh.org.br/index.php/encontros-regionais/encontros-anpuh-rio/x-encontro-regionalde-historia-2002> Acesso em: 8 jun. 2019.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio dos Santos. *No labirinto das nações: africanos e identidades no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 336 p.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio. **Com o Pé sobre um Vulcão: Africanos Minas, Identidades e a Repressão Antiafricana no Rio de Janeiro (1830-1840)**. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 1-44, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101546X2001000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jan. 2020.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio. “Em Busca De Um „risonho futuro“: Seduções, Identidades E Comunidades Em Fugas No Rio De Janeiro Escravista (séc. XIX)”. **Locus: Revista De História** 7 (2), 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20540>. Acesso em:

SOARES, Mariza de Carvalho. **Rotas Atlânticas da Diáspora africana: da Baía do Benin ao Rio de Janeiro**. Niterói: EDUFF, 2011.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **Zungú: rumor de muitas vozes**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro, 1808–1850**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, pp. 608, pb., Volume 34

SLENES, Robert W. "Malungu, ngoma vem! “África coberta e descoberta do Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 12. p. 48-67, 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25575> Acesso em: 12 out. 2018.

SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor – esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX**. 2a ed. corrigida. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. 302 p.

THOMAS Nelson. **Remarks on the Slavery and Slave Trade of the Brazils**. Londres; J. Halchard and Son, 1846. Disponível em: <https://faculty.chass.ncsu.edu/slatta/hi216/documents/slavery/midpassage.htm> Acesso em: 14 maio 2020.

THORNTON, John K. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)**. Tradução Marisa Rocha Morta; Coordenação editorial Mary del Priore; Revisão técnica, Márcio Scalercio. Rio de Janeiro: Editora Campus / Elsevier, 2004, 436 p.

UNESCO. **Relatório de monitoramento de Educação para Todos Brasil 2008: BR/2008/PI/H/20**, 67 p., illus, 2008. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000159294>. Acesso em:

VALÊNCIA, Carlos Villa; FLORENTINO, Manolo. **Abolicionismo inglês e o tráfico de Crianças Escravizadas para o Brasil, 1810-1850**. História, Franca, v. 35, p. 1-20 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010190742016000100504&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 jan. 2020.

VANSINA, Jan. O Reino do Congo e seus vizinhos. *In*: OGOT, Bethwell A (Ed.). **História geral da África, vol. V: África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 667.

VASCONCELOS, Colleen A. **Slavery, Childhood, and Abolition in Jamaica, 1788–1838 (Early American Places Ser. Book 9)**. (English Edition) eBook Kindle. University of Georgia Press (15 maio 2015), 2015.

VENANCIO, Renato Pinto Castro. **O Suicídio na capital federal, estatística de 1870 a 1890**. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1894.

VAZ, José Martins. **No mundo dos Cabindas**: estudo etnográfico. Vol. I, Lisboa: Editorial L. I. A. M., 1972. 354 p.

VAZ, José Martins. **No mundo dos cabindas** (volume II): estudo etnográfico. Lisboa: Editorial L.I.A.M.1970, 218p.

VENÂNCIO, Renato Pinto; SOUSA, Maria José Ferro de; Pereira, Maria Teresa Gonçalves. **O Compadre Governador: redes de compadrio em Vila Rica de fins do século XVIII**. Revista Brasileira de História, v. 26, n. 52, p. 273-294, dezembro, 2006. Associação Nacional de História São Paulo, Brasil.

WALSH, Robert. 1772-1852

WALSH, Robert.London: F. Westley and A. H. Davis Data de publicação: 1829. Descrição física: 2 v. (xv, 528; xii, 541) Disponível em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/518704>. Acesso em:12 de maio de 2019

6 ANEXO – Tabela das crianças africanas escravizadas encontradas nos anúncios de fuga do Jornal O Diário do Rio de Janeiro

Nome	Idade	Nação	Moradia	Sexo	Ano
José	10	Ambaca	Rua São Francisco da Prainha	Masculino	1839
Domingos	10	Moçambique	Rua Lapa do Desterro	Masculino	1839
Domingos	16	Moçambique	Rua São Pedro	Masculino	1839
Joaquim	10	s/n	Rua da Cadeia	Masculino	1839
Mathias	14	Ambaca	Rua São José	Masculino	1839
Antônio	14	Songo	Praça do Mercado	Masculino	1839
Marcos	16	Angola	Rua São Pedro	Masculino	1839
Pedro	12	s/n	Rua do Ouvidor	Masculino	1839
Jorge	15	s/n	Rua do Ouvidor	Masculino	1839
Luciano	14	Cassange	Rua do Parto	Masculino	1839
Miguel	15	Rebolo	Rua do Sabão	Masculino	1839
Francisco	Moleque	Inhambane	Rua São Lourenço	Masculino	1839
José	16	Quilimane	Rua do Rosário	Masculino	1839
Firmino	14	Congo	Rua da Constituição	Masculino	1839
João	16	Moçambique	Rua do Rosário	Masculino	1839
Felippe	15	Moçambique	Rua do Rosário	Masculino	1839
José	16	Cabinda	Rua Senhor dos Passos	Masculino	1839
Francisco	14	Cabinda	Rua da Quitanda	Masculino	1839
Joaquim	16	Rebolo	Rua São José	Masculino	1839
Miguel	7	s/n	Rua da Quitanda	Masculino	1839
Manuel	15	Benguela	Praia do Vallongo	Masculino	1839
Augusto	13	Quilimane	Chácara das Laranjeiras	Masculino	1839
Joaquim	8	Mina	Rua dos Pescadores	Masculino	1839
Domingos	12	Ambaca	Rua São Pedro	Masculino	1839
Romão	14	Cabinda	Rua da Ajuda	Masculino	1839
Agostinho	16	Inhambane	Cidade Nova	Masculino	1839
Joaquim	14	Inhambane	Rua do Príncipe	Masculino	1839
Manoel	12	Quilimane	Rua São Pedro	Masculino	1839
Vicente	Moleque	Sena	São Francisco da Prainha	Masculino	1839
Francisco	12	s/n	Rua da Quitanda	Masculino	1839
Joaquim	14	Rebolo	Rua São José	Masculino	1839
Antonio	16	Quilimane	Largo do Paço	Masculino	1839
Adão	14	Cabinda	Rua São Clemente	Masculino	1839
Alexandre	12	Rebolo	Rua da Vala	Masculino	1839
João	Moleque	Moçambique	Rua Direita	Masculino	1839
Joaquim	5	Benguela	Rua do Rosário	Masculino	1839

Manoel	16	Quilimane	Rua São José	Masculino	1839
Antonio	12	Moçambique	Rua da Vala	Masculino	1839
S/n	10	s/n	São Cristóvão	Masculino	1839
Joaquim	10	Cabinda	Rua do Ouvidor	Masculino	1839
Caetano	s/i	Moçambique	Mata Porcos	Masculino	1839
Antonio	10	Cabinda	Praça da Constituição	Masculino	1839
Manuel	15	Congo	Rua do Sabão	Masculino	1839
Manuel	14	Moçambique	Rua do Livramento	Masculino	1839
Jorge	12	Angola	Rua Senhor dos Passos	Masculino	1839
José	16	Quilimane	Rua do Rosário	Masculino	1839
Clemente	Moleque	Angola	Restinga da Tijuca	Masculino	1839
Caetano	15	Angola	Rua da Misericórdia	Masculino	1839
João	Moleque	Camundongo	Rua do Conde	Masculino	1839
Manuel	14	Congo	Rua do Ouvidor	Masculino	1839
João	12	s/n	Princeza do Valongo	Masculino	1839
Florentino	14	Angola	Rua dos Pescadores	Masculino	1839
Cezar	14	Moçambique	Praça da Constituição	Masculino	1839
Joaquim	16	Cabinda	Engenho Velho	Masculino	1839
Felizario	14	s/n	Engenho Velho	Masculino	1839
Maria	12	Angola	Rua da Cadeia	Feminino	1839
Maria	16	Cassange	Rua dos Ourives	Feminino	1839
Luiza	14	Ambaca	Rua São José	Feminino	1839
Joaquina	14	Moçambique	Rua do Rosário	Feminino	1839
Maria	10	Benguela	Ladeira do Livramento	Feminino	1839
Maria	14	Moçambique	Rua do Rosário	Feminino	1839
Maria	14	Moçambique	Rua da Vala	Feminino	1839
Isabel	16	Moçambique	Rua da União	Feminino	1839
Preta	16	Ambaca	Rua Larga São Joaquim	Feminino	1839
Perlicia	11	Cabinda	Rua Guarda Velha	Feminino	1839
Theodora	15	s/n	Rua Sabão	Feminino	1839
Ignez	12	Moçambique	Rua da Lapa do Desterro	Feminino	1839
Maria	11	Benguela	Rua Princeza do Valongo	Feminino	1839
s/n	s/i	s/n	Rua dos Barbonos	Masculino	1840
Orácio	8	Sena	Prainha	Masculino	1840
Antonio	8	s/n	Praia dos Secos dos Alferes	Masculino	1840
Martinho	10	Moçambique	Rua Fresca	Masculino	1840
Jorge	10	s/n	Rua São Bento	Masculino	1840
Marcolino	10	Quilimane	Rua São Pedro	Masculino	1840
Caetano	11	s/n	Rua Silva Manoel	Masculino	1840
Diogo	12	Angola	Rua do Senado	Masculino	1840
Domingos	12	s/n	Rua dos Barbonos	Masculino	1840
Antônio	12	s/n	Dom Manuel	Masculino	1840

Francisco	12	Rebolo	Rua do Rosário	Masculino	1840
João	12	Cabinda	Rua do Livramento	Masculino	1840
Simão	13	Angola	Rua do Hospício	Masculino	1840
José	13	Moçambique	Rua dos Ourives	Masculino	1840
Sabino	14	Angola	Rua das Marrecas	Masculino	1840
Antonio	14	Moçambique	Rua dos Pescadores	Masculino	1840
Francisco	14	Cassange	Rua do Hospício	Masculino	1840
Vicente	14	Quilimane	Rua dos Ourives	Masculino	1840
Eduardo	14	Quilimane	Travessa do Paço	Masculino	1840
Matheus	14	Moçambique	Rua São Joaquim	Masculino	1840
Luiz	14	Cabinda	Rua da Quitanda	Masculino	1840
João	14	Angola	Rua do Santo Antônio	Masculino	1840
Fellipe	15	s/n	Rua do Catete	Masculino	1840
Antônio	s/i	Cassange	Rua São Cristóvão	Masculino	1840
Serafim	14	Congo	Rua do Aterrado	Masculino	1840
Antônio	15	Mina	Rua do Sabão	Masculino	1840
Joaquim	16	Congo	Rua Direita	Masculino	1840
Adão	16	Angola	Rua do Carmo	Masculino	1840
João	16	Moçambique	Rua Direita	Masculino	1840
Francisco	16	Mina	Rua São José	Masculino	1840
Candido	16	Inhambane	Rua da Alfândega	Masculino	1840
Paulino	16	Cabinda	Praia de Botafogo	Masculino	1840
Candido	16	Quilimane	Rua dos Ourives	Masculino	1840
Ignácio	16	Congo	Rua do Conde	Masculino	1840
Francisco	16	Quilimane	Rua do Cemitério	Masculino	1840
José	16	Benguela	Rua da Alfândega	Masculino	1840
João	16	Angola	Rua da Quitanda	Masculino	1840
Pedro	16	Angola	Rua da Alfândega	Masculino	1840
s/n	16	Angola	São Francisco de Paula	Masculino	1840
Adão	Moleque	Moçambique	Rua dos Ourives	Masculino	1840
Papieciano	16	Moquião	Rua da Candelária	Masculino	1840
José	16	Angola	Rua do Ouvidor	Masculino	1840
José	13	Angola	Rua do Piolho	Masculino	1840
s/n	Moleque	Moçambique	Rua São Joaquim	Masculino	1840
Carlos	Moleque	Cabinda	Praia da Gamboa	Masculino	1840
s/n	16	Angola	São Francisco de Paula	Masculino	1840
Luiz	14	Cabinda	Rua da Quitanda	Masculino	1840
Adão	16	Moçambique	Rua dos Ourives	Masculino	1840
Serafim	14	Congo	Rua do Aterrado	Masculino	1840
Marcolino	10	Quilimane	Rua São Pedro	Masculino	1840
Dapieciano	16	Moquião	Rua da Candelária	Masculino	1840

Antônio	15	Mina	Rua do Sabão	Masculino	1840
João	16	Angola	Rua Santo Antônio	Masculino	1840
João	12	Cabinda	Rua do Livramento	Masculino	1840
José	16	Angola	Rua do Ouvidor	Masculino	1840

Cypriano	12	Moçambique	Rua São Diogo	Masculino	1840
Felix	14	Cabinda	Rua dos Pescadores	Masculino	1840
José	15	Moçambique	Rua dos Pescadores	Masculino	1840
Domingos	16	Rebolo	Rua da Quitanda	Masculino	1840
Caetano	Moleque	Moçambique	Rua de Santa Tereza	Masculino	1840
José	13	Moçambique	Rua dos Ourives	Feminino	1840
Negrinha	13	Cabinda	Rua do Rosário	Feminino	1840
Maria	13	Cassange	Rua da Prainha	Feminino	1840
Roza	13	Cabinda	Rua das Violas	Feminino	1840
América	16	Benguela	Rua dos Arcos	Feminino	1840
Negrinha	12	Congo	Rua da Guarda Velha	Feminino	1840
Izabel	14	Congo	Beco das Cancelas	Feminino	1840
Liberalda	9	Crioulo	Praia Formosa	Feminino	1840
Roza	9	Moçambique	Rua da Cadeia	Feminino	1840
Joanna	Moleca	Bibe	Campo de São Cristóvão	Feminino	1841
Izabel	11	Rebolo	Rua São Januário	Feminino	1841
Merciana	12	Benguela	Rua do Sabão	Feminino	1841
Rita	s/i	Benguela	Rua das Violas	Feminino	1841
Perpétua	10	Benguela	Rua do Piolho	Feminino	1841
Carlota	16	s/n	Rua do Regente	Feminino	1841
Leonarda	14	Congo	Rua dos Latoeiros	Feminino	1841
Ignez	15	Cabinda	Rua do Catete	Feminino	1841
Candida	12	Benguela	Travessa do Paço	Feminino	1841
Felicidade	16	Mecena	Rua do Livramento	Feminino	1841
Marciana	13	s/n	Rua do Sabão	Feminino	1841
José	12	Quilimane	Beco do Carmo	Masculino	1841
Adão	13	Cabinda	Rua das Violas	Masculino	1841
Francisco	16	Benguela	Rua do Sabão	Masculino	1841
Ricardo	15	Congo	Rua São Pedro	Masculino	1841
José	14	Congo	Rua do Cano	Masculino	1841
Luiz	13	Quilimane	Rua do Saco dos Alferes	Masculino	1841
Castigo	16	Quilimane	Rua da Quitanda	Masculino	1841
s/n	14	Muange	Rua do Sabão	Masculino	1841
s/n	10	Congo	Rua da Prainha	Masculino	1841
Augusto	16	Quilimane	Rua dos Pescadores	Masculino	1841
Antônio	Moleque	Moçambique	Rua da Quitanda	Masculino	1841
José	10	s/n	Rua da Prainha	Masculino	1841

Simão	14	Angola	Rua do Hospício	Masculino	1841
Antônio	15	Macumbe	Rua da Prainha	Masculino	1841
José	16	Angola	Rua do Porto	Masculino	1841
Eleutério	Moleque	Moçambique	Rua da Cadeia	Masculino	1841
Adão	Moleque	Moçambique	Hotel Itália	Masculino	1841
José	16	Angola	Rua Senhor dos Passos	Masculino	1841

Eduardo	14	Quilimane	Travessa do Paço	Masculino	1841
Matheus	14	Moçambique	Rua Larga de São Joaquim	Masculino	1841
Benedicto	Moleque	Angola	Rua do Carmo	Masculino	1841
Bento	Moleque	Cassange	Rua da Cadeia	Masculino	1841
Liberato	15	São Tomé	Rua Direita	Masculino	1841
João	16	Angola	Largo São Francisco de Paula	Masculino	1841
João	16	Quilimane	Rua do Resende	Masculino	1841
Luiz	14	Cabinda	Rua da Quitanda	Masculino	1841
Luiz	14	Moçambique	Rua da Pedreira	Masculino	1841
Valeriano	13	Benguela	Rua de Santa Tereza	Masculino	1841
Thomaz	Moleque	Inhambane	Rua da Misericórdia	Masculino	1841
Papeciano	16	Moquião	Rua da Candelária	Masculino	1841
Cândido	Moleque	Angola	Rua Direita	Masculino	1841
José	16	Moçambique	Rua Mata Cavalo	Masculino	1841
Manuel	Moleque	Rebolo	Rua São José	Masculino	1841
João	12	Cabinda	Rua São Bento	Masculino	1841
Bernardo	14	Benguela	Rua do Príncipe	Masculino	1841
Antônio	13	Benguela	Rua do Príncipe	Masculino	1841
s/n	14	Benguela	Rua do Ouvidor	Masculino	1841
Guilherme	14	s/n	Rua do Livramento	Masculino	1841
Matheus	16	Moçambique	Rua das Violas	Masculino	1842
Joaquim	12	Benguela	Rua do Valongo	Masculino	1842
Afonso	12	Cabinda	Rua do Cano	Masculino	1842
José	14	Moçambique	Rua da Quitanda	Masculino	1842
Jacob	13	Cabinda	Rua Nova do Conde	Masculino	1842
Germano	10	Crioulo	Rua São Clemente	Masculino	1842
s/n	Moleque	Cassange	Andarahy Pequeno	Masculino	1842
Francisco	16	Angola	Rua do Hospício	Masculino	1842
Luiz	12	Crioulo	Hotel Pharroux	Masculino	1842
Domingos	16	Quilimane	Rua do Sacramento	Masculino	1842
César	12	Rebolo	Rua do Sabão	Masculino	1842
Antônio	11	s/n	Rua da Prainha	Masculino	1842
João	16	Angola	rua São Francisco de Paula	Masculino	1842
José	Moleque	Congo	Praia dos Ministros	Masculino	1842
Pedro	16	Cabinda	Rio Comprido	Masculino	1842

Vicente	15	Angola	Rua da Prainha	Masculino	1842
Virgílio	13	Congo	Rua da Quitanda	Masculino	1842
Francisco	11	Cassange	Rua do Sabão	Masculino	1842
Joaquim	10	Quilimane	Rua Funda	Masculino	1842
Lucianno	14	Moçambique	Rua dos Pescadores	Masculino	1842
Pedro	14	Rebolo	Rua São Pedro	Masculino	1842
Elias	12	Ambaca	São Pedro	Masculino	1842
Antônio	12	Angola	Largo da Lapa	Masculino	1842

Rofino	Moleque	Moçambique	Rua da Quitanda	Masculino	1842
s/n	6	s/n	Ladeira do Livramento	Masculino	1842
Carlota	s/i	Benguela	Praia da Glória	Feminino	1842
Rita	14	Rebolo	Rua dos Ciganos	Feminino	1842
Luiza	14	Benguela	Praça do Mercado	Feminino	1842
Preta	14	Moçambique	Rua dos Pescadores	Feminino	1842
Maria	13	Rebolo	Rua do Hospício	Feminino	1842
Urselina	12	Quilimane	Rua Nova do Livramento	Feminino	1842
Marcelina	14	Cassange	Rua Formosa	Feminino	1842
Umbelina	16	Quilimane	Rua São José	Feminino	1842
Negrinha	15	Quilimane	Rua das Violas	Feminino	1842
Jacinto	13	Quilimane	Engenho Velho	Masculino	1843
Antônio	15	Quilimane	Rua do Rosário	Masculino	1843
Pedro	16	Angola	Rua São José	Masculino	1843
Joaquim	14	Benguela	Rua do Ouvidor	Masculino	1843
Elias	15	Angola	Rua do Hospício	Masculino	1843
Vicente	Moleque	Moçambique	Largo de São Joaquim	Masculino	1843
José	12	Nagô	Rua dos Ourives	Masculino	1843
Miguel	13	Quilimane	Beco do Suspiro	Masculino	1843
Antônio	14	Angola	Largo da Lapa	Masculino	1843
José	14	Moçambique	Rua dos Ourives	Masculino	1843
Antônio	16	Benguela	Rua São Pedro	Masculino	1843
Ambrósio	16	Benguela	Rua da Quitanda	Masculino	1843
Antônio	13	Quilimane	São Francisco da Prainha	Masculino	1843
Caetano	Moleque	Quilimane	Saco do Alferes	Masculino	1843
Jacinto	13	Quilimane	Engenho Velho	Masculino	1843
Antônio	15	Quilimane	Rua do Rosário	Masculino	1843
Pedro	16	Angola	Rua São José	Masculino	1843
Joaquim	14	Benguela	Rua do Ouvidor	Masculino	1843
Elias	15	Angola	Rua do Hospício	Masculino	1843
Vicente	Moleque	Moçambique	Largo de São Joaquim	Masculino	1843
José	12	Nagô	Rua dos Ourives	Masculino	1843

Miguel	13	Quilimane	Beco do Suspiro	Masculino	1843
Antônio	14	Angola	Largo da Lapa	Masculino	1843
José	14	Moçambique	Rua dos Ourives	Masculino	1843
Antônio	16	Benguela	Rua da Quitanda	Masculino	1843
Ambrosio	16	Benguela	Rua São Pedro	Masculino	1843
Antônio	13	Quilimane	São Francisco da Prainha	Masculino	1843
Caetano	Moleque	Quilimane	Saco do Alferes	Masculino	1843
João	12	Moçambique	Rua do Cano	Masculino	1843
João	Moleque	Cabundá	Praia do Peixe	Masculino	1843
Joaquim	14	Cabinda	Praia da Saúde	Masculino	1843
Fellipe	16	Mecena	Rua Nova de São Bento	Masculino	1843

Joaquim	12	Quilimane	Rua das Violas	Masculino	1843
Gregório	10	s/n	Rua da Guarda Velha	Masculino	1843
Francisco	15	Mina	Rua Nova do Conde	Masculino	1843
José	15	Quilimane	Rua do Resende	Masculino	1843
Joaquim	16	Benguela	Praça do Mercado	Masculino	1843
Catharina	10	Benguela	Praça do Castelo	Feminino	1843
Maria	11	Angola	Rua da Misericórdia	Feminino	1843
Felicidade	12	Moçambique	Beco do Guindaste	Feminino	1843
Joaquim	Moleque	Cabinda	Rua do Sabão	Masculino	1844
João	16	Angola	Travessa São Francisco de Pula	Masculino	1844
João	14	Benguela	Beco dos Cachos	Masculino	1844
Antônio	Moleque	s/n	Rua da Princesa do Catete	Masculino	1844
Paulo	Moleque	Mina	Rua da Alfândega	Masculino	1844
Antônio	Moleque	Mina	Rua da Alfândega	Masculino	1844
Francisco	Moleque	Nagô	Rua São Pedro	Masculino	1844
Bruno	16	Congo	Andarahy Pequeno	Masculino	1844
César	Moleque	Inhambane	Rua Nova do Imperador	Masculino	1844
Faustino	16	Moçambique	Rua do Cotovelo	Masculino	1844
João	14	Quilimane	Rua Bela Princeza do Catete	Masculino	1844
Cândido	15	Angola	Rua D'ajuda	Masculino	1844
Custódio	16	Quilimane	Rua da Candelária	Masculino	1844
Tito	12	Angola	Rua da Quitanda	Masculino	1844
João	14	Cabinda	Praia do Flamengo	Masculino	1844
Simplício	Moleque	Cabinda	Rua do Cemitério	Masculino	1844
Antônio	16	Moçambique	Rua São Joaquim	Masculino	1844
José	12	Cassange	Rua da Praia dos Peixes	Masculino	1844
João Catumba	16	Benguela	Rua Direita	Masculino	1844
Justino	12	Cabinda	Rua Direita	Masculino	1844
João	Moleque	Cabinda	Rua do Ouvidor	Masculino	1844

Epifanio	11	s/n	Rua da Imperatriz	Masculino	1844
João	16	Benguela	Rua Carmo	Masculino	1844
Joaquim	12	Quilimane	Rua dos Becos	Masculino	1844
Marcelino	Moleque	s/n	Dom Manuel	Masculino	1844
Joaquim	12	Moçambique	Rua das Violas	Masculino	1844
Francisco	16	Cabinda	Rua São Clemente	Masculino	1844
José	Moleque	Congo	Rua dos Ourives	Masculino	1844
Manuel	14	Moçambique	Saco de Mangaratiba	Masculino	1844
Pedro	12	s/n	Rua da Alfândega	Masculino	1844
Antônio	15	Angola	Rua da Quitanda	Masculino	1844
s/n	16	Inhambane	Rua da Misericórdia	Masculino	1844
Pedro	12	Benguela	Rua do Brocô	Masculino	1844
Elias	16	Angola	Praia do Valongo	Masculino	1844

Augusto	16	Angola	Rua Nova do Conde	Masculino	1844
Felício	14	Nagô	Rua São Pedro	Masculino	1844
Roberto	Moleque	Quilimane	Beco do São João Batista	Masculino	1844
João	Moleque	Cassange	Rua da Vala	Masculino	1844
Martinho	15	Quilimane	Rua São José	Masculino	1844
João	14	Cabinda	Praia do Flamengo	Masculino	1844
Virginia	12	Benguela	Rua do Príncipe do Catete	Feminino	1844
Maria	14	Cabinda	Rua da Alfândega	Feminino	1844
Joaquina	15	Cabinda	Rua da Alfândega	Feminino	1844
Sofia	16	Quilimane	Rua da Candelária	Feminino	1844
Carlota	16	Congo	Praça do Catete	Feminino	1844
Florença	13	Benguela	Rua da Alfândega	Feminino	1844
Catharina	16	Angola	Praia do Valongo	Feminino	1844
Luiza	15	Angola	Rua do Regente	Feminino	1844
Umbelina	14	s/n	Rua de José	Feminino	1844
s/n	10	s/n	Rua do Hospício	Feminino	1844
Joaquim	Moleque	Cabinda	Rua da Misericórdia	Masculino	1845
Manuel	Moleque	Congo	Rua de São Pedro	Masculino	1845
Antonio	16	Congo	Rua da Cadeia	Masculino	1845
Miguel	14	s/n	Rua da Misericórdia	Masculino	1845
Jose	15	Cassange	Rua do Cemitério	Masculino	1845
Jacinto	13	Moçambique	Rua Direita	Masculino	1845
Antonio	16	Angola	Rua da Lapa	Masculino	1845
Francisco	Moleque	s/n	Rua das Mangueiras	Masculino	1845
Manuel	16	Angola	Campo de Santa Anna	Masculino	1845
Fellipe	Moleque	Rebolo	Rua São Clemente	Masculino	1845
Joaquim	Moleque	Cabinda	Rua das Laranjeiras	Masculino	1845

Carlos	14	Angola	Rua do Resende	Masculino	1845
José	Moleque	Congo	Praia dos Mineiros	Masculino	1845
Antônio	Moleque	Angola	Praia dos Mineiros	Masculino	1845
Clemente	Moleque	Angola	Rua das Violas	Masculino	1845
Salomão	Moleque	Angola	Rua das Violas	Masculino	1845
Paulo	14	s/n	Rua Senhor dos Passos	Masculino	1845
Matheus	16	Congo	Pirahy	Masculino	1845
Fortunato	12	Inhambane	Rua das Violas	Masculino	1845
Guilherme	16	Quilimane	Pedreira da Glória	Masculino	1845
João	13	Moçambique	Rua do Carmo	Masculino	1845
Domingos	15	Angola	Rua da Quitanda	Masculino	1845
Leonor	16	Cabinda	Rua do Pedregulho	Feminino	1845
Justina	13	Cabo Verde	Rua Direita	Feminino	1845
Maria	16	Nagô	Rua Santa Luzia	Feminino	1845
João	14	Angola	Rua Larga São Joaquim	Masculino	1846
Ramiro	13	Cabinda	Rua de São Pedro	Masculino	1846

Paulo	15	s/n	Rua da Ajuda	Masculino	1846
João	13	Moçambique	Rua do Carmo	Masculino	1846
Juvêncio	14	Congo	Rua do Piolho	Masculino	1846
Antonio	14	Benguela	Rua da Quitanda	Masculino	1846
Pedro	10	s/n	Rua dos Ourives	Masculino	1846
Antonio	Moleque	Cabinda	Rua das Flores	Masculino	1846
Francisco	Moleque	Quilimane	Rua da Imperatriz	Masculino	1846
Pedro	13	Congo	Rua São Lourenço	Masculino	1846
Graciano	14	Muteka	Rua da Misericórdia	Masculino	1846
Antonio	Moleque	Moçambique	Rua de São Pedro	Masculino	1846
Joaquim	12	Angola	Rua de Dom Manuel	Masculino	1846
s/n	9	Moçambique	Rua D'ajuda	Masculino	1846
Justino	Moleque	Congo	Rua da Alfândega	Masculino	1846
s/n	8	Cabinda	Rua da Alfândega	Masculino	1846
Jacinto	14	Cabinda	Largo da Imperatriz	Masculino	1846
Joaquim	12	Cabinda	Rua da Boa Vista	Masculino	1846
Antonio	10	s/n	Rua de São Jose	Masculino	1846
Julião	Moleque	Benguela	Rua Direita	Masculino	1846
João	Moleque	Rebolo	Rua Direita	Masculino	1846
Africano	16	Monjolo	São Cristovão	Masculino	1846
Maria	16	Nagô	Rua Conde da Cidade Nova	Feminino	1846
Carolina	15	Benguela	Rua da Pedreira da Candelaria	Feminino	1846
Manuel	14	Megumbo	Rua do Rosário	Masculino	1847
Antonio	Moleque	Moçambique	Rua do Fogo	Masculino	1847

Sabino	Moleque	Moçambique	Rua São Francisco da Prainha	Masculino	1847
Thomaz	15	Benguela	Rua do Fogo	Masculino	1847
Ventura	14	Camundongo	Travessa São Francisco de Paula	Masculino	1847
João	16	Quilimane	Rua da Vala	Masculino	1847
s/n	13	s/n	Rua Formoza	Masculino	1847
Matheus	14	Angola	Rua dos Latoeiros	Masculino	1847
Joaquim	15	Congo	Rua das Violas	Masculino	1847
Odorico	12	Cabinda	Rua da Misericórdia	Masculino	1847
Roberto	10	Cabinda	Beco de Bragança	Masculino	1847
Gaspar	14	Camundongo	Beco dos Cachorros	Masculino	1847
Francisco	Moleque	Cabinda	Rua do Hospício	Masculino	1847
Roldão	15	Cabo Verde	Campo de Santa Anna	Masculino	1847
Miguel	Moleque	Benguela	Rua do Sacramento	Masculino	1847
Mariano	12	Banto	Rua dos Barbonos	Masculino	1847
Manuel	16	Angola	Rua da Misericórdia	Masculino	1847
Manuel	14	Megumbo	Rua do Rosário	Masculino	1847
Benedicto	12	s/n	Rua do Príncipe	Masculino	1847
Custódio	Moleque	Cabinda	Rua D'ajuda	Masculino	1847
Isabel	9	s/n	Rua da Viola	Feminino	1847
Maria	16	Cassange	Rua dos Ciganos	Feminino	1847
Rita	14	Congo	Campo D'Aclamação	Feminino	1847
Joaquina	15	Benguela	Rua do Conde	Feminino	1847
Marcelina	12	Benguela	Rua dos Latoeiros	Feminino	1847
Augusta	14	Mina	Beco do Bragança	Feminino	1847
Antônio	12	Benguela	Rua do Rosário	Masculino	1848
Irineo	12	s/n	Largo do Machados	Masculino	1848
s/n	Moleque	Cassange	Caminho de São Cristóvão	Masculino	1848
s/n	Moleque	Cassange	Caminho de São Cristóvão	Masculino	1848
Cassiano	14	Congo	Império	Masculino	1848
Domingos	16	Cabinda	Rua do Fogo	Masculino	1848
João	16	Benguela	Rua do Lavradio	Masculino	1848
Caciano	13	Cabinda	Rua do Sabão	Masculino	1848
s/n	16	Inhambane	Rua do Propósito	Masculino	1848
s/n	13	Moçambique	Beco da Torre	Masculino	1848
Luiz	14	Quilimane	Praia dos Mineiros	Masculino	1848
João	14	Moçambique	Largo da Lapa	Masculino	1848
Pocidário	16	Cabinda	Rua do Rosário	Masculino	1848
Sipião	14	Cabinda	Rua São Clemente	Masculino	1848
Augusto	16	Congo	Rua do Hospício	Masculino	1848
s/n	13	Benguela	Rua São Francisco	Masculino	1848
Jorge	16	Congo	Rua Nova do Principe	Masculino	1848
Frederico	13	Moçambique	Rua das Mangueiras	Masculino	1848

Thomaz	15	Moange	Rua São Diogo	Masculino	1848
Cristina	12	s/n	Chácara das Laranjeiras	Feminino	1848
Rachel	15	s/n	Chácara das Laranjeiras	Feminino	1848
Honória	15	s/n	Chácara das Laranjeiras	Feminino	1848
Emília	14	s/n	São Francisco Xavier	Feminino	1848
Maria	16	Cabinda	Rua do Rosário	Feminino	1848
Branca	s/i	Benguela	Engenho Velho	Feminino	1848
Maria	12	Congo	Rua do Sabão	Feminino	1848
Belisa	15	Mina	Rua São Francisco	Feminino	1848
Jorge	12	Cabinda	Rua da Quitanda	Masculino	1849
Jorge	14	Monjolo	Rua da Alfândega	Masculino	1849
Germano	16	Cassange	Cais da Glória	Masculino	1849
s/n	Moleque	Inhambane	Rua Direita	Masculino	1849
Caetano	15	s/n	Rua do Rosário	Masculino	1849
Victorino	Moleque	Congo	Rua do Lavradio	Masculino	1849
Marcelina	16	Benguela	Rua do Conde	Feminino	1849
Izabel	14	s	Rua do Hospício	Feminino	1849

7 ANEXO –Anúncios do Jornal O Diário do Rio de Janeiro de 1839 a 1849

1839

DESAPPARECEO na noite de 26 de dezembro às 9 horas, um moleque de nome José, nação Ambaca, terá 10 annos, fala bem, foi seduzido por um preto Mina; roga-se a quem d'elle denuncie ou dirigir-se a rua nova de S. Francisco da Prainha n. 4, que se gratificará.

PRECISA-SE de uma menina até 12 annos, mais que seja bem pobre, a quem se dará todo necessario, e bom tratamento, prefere-se a que não tiver pae, nem mãe, é só para estar o pé de uma Sra. para companhia della; na rua da Cadêa sobrado n. 54.

DESAPPARECEO no dia 12 do corrente, as 11 horas da manhã, da rua da Lapa do Desterro n. 70, um moleque de nome Domingos, nação Moçambique, idade 10 a 12 annos, cheio de corpo, e com signal da nação no rosto, ou na testa; quem o agarrar leve-o á casa acima, que será gratificado.

FUGIO o Domingos de Barros Cathalão, morador na rua da Cadêa n. 4, uma negrinha de nação Angóla, de nome Maria, terá 12 annos, com o pescoço torto para um lado, pés pequenos, e com a marca de ter levado bichas, no hombro direito, levou vestido de riscado azul; quem a levar ao n. acima será bem gratificado.

FUGIO uma preta de nação Caçange, de nome Maria, idade 16 annos, de estatura regular, rosto redondo, olhos pequenos, beiços grossos, levou vestido de riscado azul com grandes babados; quem a levar á rua dos Ourives n. 8, será gratificado.

FUGIO no dia 8 do corrente, da rua de S. Pedro n. 82, segundo andar, um moleque de nome Domingos, nação Moçambique, de 16 a 18 annos, com os signaes seguintes: estatura regular, reforçado de corpo, e sem barba, levou vestido calça de sarapilheira, já muito velha, e rota, e camisa de riscado escuro; quem o levar ao n. acima, será bem recompensado.

NO dia 9 do corrente, desapareceu da chacara n. 10 do Rio Comprido, um moleque de nome Joaquim, muito retinto, olhos vivos e enfumassados, tem duas cicatrizes de causticos nas fontes, uma marca de fogo em uma perna, e de idade 10 a 11 annos; levou no corpo calça e camisa de algodão de Minas; quem o apprehender pôde levar á dita chacara, ou á rua da Cadêa n. 14, que será gratificado.

FUGIO da casa n. 5 da rua do S. José, no dia 4 do corrente, pelas ave-marias, um moleque de nome Mathias, nação Ambaca, idade 14 a 16 annos pouco mais ou menos, levou calça de algodão azul, de Minas, e camisa branca, e uma perna de suspensorio muito curta; quem do mesmo souber, ou der noticia na casa acima, receberá alyc. ras.

FUGIO no dia 5o de janeiro p. p., uma escrava de nome Luiza, nação Moçambique, idade 14 a 16 annos, alta, magra, tem os signaes da nação na testa, e foi com vestido encarnado, e avental preto; quem a levar á Praia de D. Manuel, bôco dos Ferreiros, n. 27, será bem gratificado.

DESAPARECEO na madrugada do dia de entrado, um moleque de nome Antãoio, nação Songó, idade 14 a 15 annos, baixo, reforçado, rosto redondo, e relinto, com duas cicatrizes uma na testa, e outra debaixo do olho direito; levou vestido camisa azul, calça branca, camisola de baeta azul, e barrete encarnado; quem o apprehender, ou d'elle der noticias, queira dirigir-se à Praça do Mercado fabrica de charutos

onde será bem gratificado.
NO dia 21 de janeiro p. p., ás 10 horas da manhã, fugio, ou foi desencaminhado um moleque de nome Marcos, nação Angóla, terá 16 a 20 annos de idade, e estatura ordinaria; levou caniza, e calça de algodão; quem d'elle der noticia, ou o entregar na padaria da rua de S. Pedro n. 51, se lhe gratificará.

FUGIO no dia 6 do corrente, da rua de S. Pedro, a cidade nova, junto ao Campo, aonde estava alugada, uma negrinha de nome Joaquina, nação Moçambique, de idade 14 annos, ainda sem peitos, tem os beiços firodos, e uma grande costura de queimadura no queixo esquerdo, e parte da facio; julga-se ter sido sedusida, e protesta-se contra quem a liver acotada; quem a levar a seo senhor José Antonio Vaz da Rocha Guimarães, na rua do Rosario n. 118, será gratificado.

FUGIO da ladeira do Livramento n. 5, no dia 8 do corrente, uma negrinha de nome Maria, nação Benguella, de 10 a 12 annos, levou vestido uma camisola de algodão de Minas; quem a levar ao n. acima receberá alviçarias.

FUGIRÃO da casa da rua d'Ouviders n. 55, dois moleques, ambos de 12 a 15 annos, um de nome Pedro, e outro Jorge, o primeiro levou calça de briui de riscas desbotada, e camiza de celarinho amarrado com dois cadarços em lugar de botões; e o segundo levou calça e camiza branca, e colete preto, é mais baixo que o outro, e tem fisionomia de preto de idade; quem os agarrar, e levar a casa acima será gratificado.

DESAPPARECEO no dia 7 do corrente, pelas 10 horas do dia, um moleque de nome Luciano, de 14 ou 16 annos, de nação Gaçange, vestido de jaqueta cor de rapé, camiza e calça branca, e chapéo de palha, supõe-se que foi seduzido, e seo Sr. protesta proceder judicialmente contra quem o tiver acoitado; quem d'elle der noticia na rua do Parto n. 97, ou na rua Direita n. 26, lojas, será bem recompensado.

FUGIO no dia 20 do corrente da rua do Sabão n. 236, um moleque de nação Rebollo, de nome Miguel, levou vestido calça de riscado azul, camiza de algodão americano, terá 15 annos, com um pé inchado, e com uma ferida; quem d'elle der noticia, ou levar a dita casa, será gratificado.

FUGIO no dia 4 de abril, da rua de S. Lourenço n. 54, um moleque do nome Francisco, nação Inhambane, alto, meio fulla, com uma ferida em uma perna, e signaes da nação meios apagados: julga-se estar acoitado; quem o levar á casa acima, receberá alvitas.

DESAPPARECEO no dia 27 de março p. p., da villa de Itagoahi, a Joaquim Baptista Torres, um moleque de nome José, de 16 a 18 annos de idade, nação Quilimano, com os signaes seguintes: baixo, e grosso, relinto, sem barba, feio bastante, boca, e beiços grandes, tem falta de um dente na frente de cima, no alto da cabeça uma cicatriz com falta de cabellos, que affecta uma corôa sobre o comprido, n'um dos hombros, e em um dos joelhos tem varias cicatrizes em forma de estrellas, resultado de ventosas sarjadas, e quando falla gagueja alguma cousa, sobre tudo quando é surprehendido; quem d'elle souber queira participar a seu senhor na dita villa, ou n'esta côrte na rua do Rozario n. 84, que será generosamente recompensado.

FUGIO no dia 4 do corrente, da praça da Constituição n. 74, um moleque de nome Fermino, de nação Congo, levou camisa de riscado azul, e calção côr alvadio, com lista de seda, há desconfiança ter sido sedusido, e se protesta contra o sedutor, com o rigor da lei.

FUGIO da rua do Rozario n. 88, 2.º andar, uma negrinha de 14 a 15 annos, baixa, e ch'ia do corpo, chama-se Maria, é de nação Moçambique, sem signaes no rosto, levou um vestido de riscado novo com mangas curtas, e largas, e outro com assento de salpicos, e flores rochas, mais não se sabe qual d'elles levou no corpo; tambem furtou dois bilhetes um de 10U, e outro de 5U rs.; quem d'ella der noticia, será bem recompensado.

FUGIO da rua de S. Lourenço n. 58, no dia 7 do corrente, ás 6 horas da tarde, um moleque de nome João, de nação Moçambique, idade 15 a 17 annos, de 7 palmos de altura pouco mais ou menos, tem os dentes limados, orelhas furadas em baixo e em cima, bonitas feições, mas um pouco tristonho; quando anda inclina o corpo um pouco para o lado direito, e tem o pé d'este lado um pouco torto para fóra; estava doente dos ouvidos, e das orinas; levou vestido camisa de algodão americano, calça de brim de linho trassado, e jaqueta de panno preto; quem o levar á casa acima receberá 500 rs. pela gratificação.

FUGIO no dia 17 do corrente, pelas 5 horas da manhã, uma negrinha de 14 annos, de nome Maria, nação Benguella, com os signaes seguintes: bonita figura, e um signal de queimadura no braço esquerdo: foi de camisa de algodão, e não levou vestido; quem d'ella souber, ou a levar á rua da Valla n. 14, será gratificado, e desde já se protesta contra quem a tiver acoitada.

DESAPPAREGEO um moleque de nome Felippe, idade 15 annos pouco mais ou menos, nação Moçambique, o qual foi vestido com calça preta, camiza branca, e levou na mão um par de sapatos, e é dos pertencentes aos africanos livres; quem der noticias; na rua do Rozario 55, receberá boas alviças.

NO dia 16 do corrente, desapareceo da casa n. 5 da rua da Uinão, que vae da Gambôa para o Saco do Alferes, uma preta de nome Isabel, nação Moçambi-

que, idade 16 a 20 annos, com principios de peitos; levou vestido de chita encarnada, e camiza de algodão americano; esta preta veio ha pouco da rôça, e não sabe as ruas d'esta cidade, e como se desconfia que fosse sedusida, porisso se protesta contra quem a tiver em seu poder, e não vier entregar na casa acima; ficando certo que tambem se gratificará a quem a trouxer.

NO dia 30 de maio p. p., fugio da casa da rua do Sr. dos Passos n. 44, um moleque de nação Gabinda, de nome José, terá de idade 16 annos, pés largos, cabellos vermelhos, e pronuncia como crioulo, vestido com calça de linhagem, e camisa de algodão americano, já rota; quem d'elle scuber dirija-se ao n. indicado, que será gratificado; assim como protesta-se contra quem o tiver acoitado.

FUGIO na tarde de 12 do corrente, um moleque de nome Francisco de Brito, nação Gabinda, por cujo nome dá, levou vestido calças de castor, de pello azul, jaqueta de brim escuro, é bem retinto e torto das pernas do Joelho para baixo, andava vendendo doce, e terá 14 a 16 annos: consta que divaga pelas ruas da cidade. Quem o pegar e levar á rua da Quitanda, canto da do Ovidor n. 75, receberá gratificação: protesta-se contra quem o tiver acoitado, por haver d'isso desconfiança; o Sr. do moleque mora em Nicthercy.

FUGIO da rua de S. José n. 5, na noite de 17 do corrente, um moleque de nome Joaquim, nação Rebollo, e de 16 annos de idade; foi vestido com calça e camisa brancas, e um avental azul: quem o agarrar e levar á casa acima, receberá boas alviças.

FUGIO, ou furtarão no dia 18 do corrente pelas 6 horas da manhã, da rua da Quitanda n. 68, um moleque de nome Miguel, idade 7 a 8 annos, com os signaes seguintes: olhos papados, dentes largos, e a cabeça com lepra, com uma marca no peito, algumas cicatrizes de ferida nas canellas, os e leanhares meios arrebitados; foi vestido com calça de bím escuro de lista, e camisa de brim branco; quem d'elle souber, annuncie por este Diario, ou leval-o ao numero acima, ou na loja n. 67, que que será recompensado.

NO dia 10 de maio de 1858, fugio da praia do Vallongo n. 17, um escravo de nome Manuel, nação Benguella, idade 15 annos, alto, magro, bonito de rosto, tem uma cicatriz no tornozello esquerdo, e é vesgo de um olho do mesmo lado; quem o trouxer ao n. acima receberá 500 rs. Da mesma casa fugio no dia 27 do passado, um preto de nome Matheos, nação Caçange, levou calça branca, jaqueta de ganga azul velha, e boné de panno azul com copa larga, é de estatura baixa, e quando anda puxa do quarto esquerdo, e tem falla de mulher; quem o trouxer à dita casa será gratificado.

FUGIO no dia 26 de junho d'esto anno, um moleque de nome Augusto, de nação Quilimane, de idade 15 a 14 annos, com os signaes seguintes: muito retinto, magro, tem a cabeça, boca, e olhos grandes, dentes puchados para fora e grandes, levou calça de picote trançado, camisa de riscado dita por cima da de bacta azul; quem o achar e levar na chacara das Lorangeiras, ou na rua de S. Pedro n. 15, será gratificado com 200 rs.

DESAPARECERAÕ na madrugada do dia 5 do corrente, da casa em que reside Pedro José Pereira Vinha, na rua nova de Silva Manoel, dois moleques livres, do patacho *Especulador*, de nomes Maximiano, e Gregorio, o primeiro terá 16 annos, de nação Cunchaba, marcado no peito esquerdo com 8; e o segundo de 14 annos, muito retinto, de nação Samba, e marcado no peito esquerdo com 5, ambos serão vestidos de camisas de basta azul, e calças escuras, e levarão mais coberta escura, calça e camisa de algodão americano; por isso julga-se que fossem desencaminhados por algum vendedor d'esto genero; quem dos mesmos der noticia dirija-se á rua da Quitanda n. 137, que receberá boas alviças.

FUGIO no dia 4 do passado, um preto de nome Joaquim, nação Mina, com uma pèga em um pé, e de idade 8 annos; quem o levar á rua dos Pescadores n. 64, receberá alviças.

DESAPARECEO no dia 2 do passado, da rua de S. Pedro n. 41, um moleque de nome Domingos, nação Amboca, idade 12 a 13 annos, e é muito esperto; quem o levar ao n. acima, receberá alviças.

DESAPARECEO no dia 2 do corrente, um moleque de nação Gabinda, de nome Romão, idade 14 a 16 annos; foi vestido de calça e camisa de algodão; quem d'elle souber, ou leval-o á rua da Ajuda n. 179, será gratificado; protestando-se ao mesmo tempo contra quem o tirar occulto.

FUGIO no dia 10 do corrente, um moleque de nome Agostinho, nação Inhambano, e com signaes na testa, idade 16 a 18 annos, tem officio de sapateiro, levou vestido camisa de riscado roxo, e outra de baeta por cima, calça de picote azul atada com um suspensorio branco na cintura; é baixo, cheio do corpo, tem andar de capocira, e uma bicha roxa na orelha; quem o levar a casa da sua senhora no Alterrado da cidade nova n. 10, será bem recompensado.

FUGIO um escravo de nome Joaquim, nação Inhambano, idade 14 a 15 annos, tem os dentes de cima mettidos para dentro, levou calça de panno alvadio, velha, e camisa de riscado escuro, remendadas com panno branco; quem o levar á rua do Principe aos Cajueiros n. 10, será gratificado.

NA noite de segunda para terça feira da semana corrente, desapareceo um moleque de nação Quilimano, de nome Manuel, terá pouco mais ou menos 12 annos, tem algumas sarnas, e um signal de ter levado um caustico na nuca; levou vestido camisa de baeta azul, e calça de baeta; quem der noticia d'elle na rua de S. Pedro n. 2 D, receberá alviçaras.

DESAPPARECEO da rua larga de S. Joaquim n. 158, no dia 17 do corrente, uma preta de 16 a 18 annos, nação Ambaca, meia buçal, bastante retinta, e levou vestido de riscado de chadrez azul; quem d'ella der noticia no n. acima, receberá alviçaras.

FUGIO no dia 19 do corrente, pela
uma hora da tarde, um moleque de na-
ção Seaa, de nome Vicente, baixo,
grosso, e com alguns signaes na cara;
levou vestido camiza de morim, calça
de panno azul, e jaqueta de riscado es-
curo, nova, quem o levar á rua nova
de S. Francisco da Praia n. 4., pri-
meiro andar, receberá alviçasas.

FUGIO no dia 27 do corrente, es-
tando a aprender o officio de tamanquei-
ro, na rua da Quitanda, um moleque
de nome Francisco, de nação, idade
12 a 15 annos, vestido de calça de al-
godão, e camisa de riscado, e tem os

dedos dos pés e mãos muito curtos; quem
o levar á rua do Ouridor n. 26, re-
ceberá alviçasas.

FUGIO no dia 21 de julho p. p.
da rua da Guarda Velha n. 1, pelas 7
e meia horas da manhã, uma africa-
na livre de nome Perlicia, nação Ca-
binda, idade 11 annos, sem marca da
nação, tem os pés, e mãos bem fei-
tos, um pouco fulla, e bonita, magra,
e tem algumas sarnas; levou vestido
de riscado azul, um pouco curta, ca-
miza de algodão americano, e um len-
ço de seda usado no pescoço; protes-
ta-se contra quem lhe der coito, e se
gratificará com generosidade a quem a
apresentar.

FUGIO na noite de 19 para 20 do
corrente, um moleque de nação Rebol-
lo, de nome Joaquim, idade 14 a 16
annos, boa figura, rosto redondo, e le-
vou vestido calça de cassineta azul, e
camiza de picote tambem azul; quem
d'elle der noticias, ou o levar á rua de
S. José n. 3, será gratificado.

FUGIO da rua do Sabão n. 154, uma preta de nação, de nome Theodora, de 15 a 16 annos, com um signal de queimadura em um dos braços, e outro no calcapnar de um dos pés; quem a levar ao n. acima se lhe gratificará de seu trabalho.

FUGIO do largo do Paço n. 8, 2.º andar, um moleque de nome Antonio, nação Quilimane, idade 16 a 18 annos, baixo, tem as pernas um tanto arquias, levou vestido calça e camisa de algodão, e outra de baêta azul; quem o pegar e levar á dita casa será bem recompensado.

FUGIO no dia 10 corrente, da Praia Vermelha, um moleque por nome Adão, idade 14 annos, nação Cabinda, picado de bexigas, e barrigudo; levou vestido camisa branca, e calça de riscado; quem o levar á rua de S. Clemente n. 55, receberá alviçaras.

á Carioca, que receberá boas alviçaras.

NA noite do dia 25 de setembro desaparecco da casa do sobrado da rua da Valla n. 114, um moleque ladino, de nação Rehollo, porem costuma a dizer que é crioulo, terá 12 annos de idade, delgado de corpo, dentes claros, veio com calça de riscado azul, de nome Alexandre; quem o levar a casa indicada será bem gratificado; assim como se protesta punir com todo o rigor da lei todo aquelle que o tiver acoitado em sua casa.

FUGIRÃO da casa n. 99 da rua Direita, um moleque, e duas pretas, aquelle das 8 para ás 9 horas da noite de 25 do corrente, e estas na manhã seguinte: o moleque é de nome Joao, e de nação Moçambique, tem os olhos grandes, rosto redondo, retinto, e tem falta de um dente, e no dedo grande do pé direito signal de ferida; levou vestido uma calça de casemira escura, e camisa de algodão; uma das pretas é

de nome Miquilina, crioula baixa, com signaes de impingou pelo corpo, falta de dentes, cabeça rapada, e está grávida; a outra chama-se Claudina, de nação Moçambique, mais alta que a primeira, bastante magra, por molestia de que não está completamente curada, rosto comprido, olhos e cabellos grandes; levarão ambas vestido de riscado escuro, e diversos lenços, entre elles um de cassa bordado de branco, e outro também de cassa bordado de vermelho: ha toda a presumpção de terem sido seduzidos, e desconfia-se que se passem para o districto da cidade de Nicteroy, especialmente para Icarahy, onde a escrava Miquilina tem parentes: recommenda-se aos Srs. pedestres, e capitães do matto, e a quizesquer pessoas que d'elles tenham noticia, a captura ou informações, que conduzão á esta, e prometem-se boas alviçaras, que se darão na sobredita casa, ou na de n. 105 da mesma rua.

NO dia 7 do corrente, de manhã, deappareceu um moleque de nome Joaquim, nação Benguella, que ia pela Lapa do Desterro para Botafogo puchando um cavallo, o qual largou; levou

vestido calça e camisa de algodão, e chapéo de palha, é de estatura ordinaria, magro, picado de bexigas, e tem os pés tortos; quem d'elle souber, ou o levar á rua do Rozario n. 15 A, receberá alviçaras.

DA'-SE 20U rs. de gratificação a quem levar á casa da rua de S. José n. 59, um moleque que fugio no dia 15 do corrente, de nome Manuel, nação Cabinda, idade 16 a 18 annos, official de charuteiro, estatura regular, reforçado de corpo, e tem uma pequena verruga na ponta do nariz; levou vestido uma camiza de chita com pintas miudas, outra por cima de baêta encarnada, e calça de algodão de Minas.

FUGIO no dia 21 do corrente uma negrinha de nação Moçambique, de nome Ignez, idade 12 a 14 annos, cara larga, beijo de cima furado, deita um pé mais para fóra do que o outro quando anda, tem uns signaes de mordadura de cachorro, em um dos braços, e levou um vestido de chita; quem d'ella souber, ou a levar á rua da Lapa do Desterro n. 70, receberá boas alviças.

FUGIO no dia 27 do corrente, pelas 8 horas da noite, um moleque do nome Antonio, nação Moçambique, idade 12 annos, com 5 surcos em cada uma das orelhas, e dentes limados; levou calça branca de brim liso, e camiza de algodão riscado de azul; roga-se a quem d'elle souber de o apprehender e levar á rua da Valla n. 14, que será bem gratificado; e desde já se protesta contra quem o tiver acoitado.

DA'-SE 50U rs. de gratificação a quem levar á casa do mestre ferrador José

dos Reis, na ponte de Manuel Gaetano em S. Christovão, uma negrinha perdida na noite de 2 do corrente n'aquella proximidade, terá 10 annos, falla quasi nada, e tem algumas sarnas pelo pescoço, e pernas; levava saia de riscado, velha, e camiza de algodão americano.

FUGIO no dia 3 do corrente, uma negrinha do nome Maria, de nação Benguella, de idade 11 a 12 annos, tem os olhos grandes, é bom parecida, levou vestido de riscadinho azul escuro, e camiza de algodão americano; quem a levar á rua da Princeza em Vallongo n. 44, receberá alviçasas.

FUGIO um moleque de nome Joa-

quim, nação Cabinda, idade 10 a 11 annos; levou vestido camiza de riscado azul, e calça de ganga amarella, já velha; quem d'elle souber, ou o levar á rua de Ouvidor n. 52, segundo andar, receberá alviçasas.

Desterro n. 70, receberá boas alviçasas.

FUGIO, ou foi seduzido no dia 5 do corrente, do morro do Saco do Alferes n. 19, um moleque de nome Gaetano, nação Moçambique, baixo, gordo, e côr muito folla; foi escravo do Illm.º Sr. Xavier Schmidvou Bellilha, morador em Motta Porcos n. 46; a pessoa que d'elle der noticias, ou leval-o ao n. acima, será gratificado generosamente.

DESAPPARECEO no dia 22 do corrente, da praça da Constituição n. 38, um moleque de nome Antonio, idade 10 a 12 annos, nação Cabinda, com os signaes seguintes: meio folla, com a cara maxucada, levou vestido camisa de riscado, com mangas brancas, calça parda, com um sambará; quem d'elle souber, e levar ao n. acima, será bem gratificado, e desde já se protesta contra quem o tiver acoitado, pelos prejuizes e damnos.

FUGIO no dia 22 do corrente,

FUGIO da rua do Sabão n. 51, no dia 1.º do corrente, um moleque de nome Manuel, nação Congo, idade 14 a 15 annos, tem dois dentes da parte de cima podres, e o cabello cortado do meio para traz; levou calça de ganga azul, e camiza de algodão americano; quem o levar a mesma casa, será gratificado.

uerosamente.
FUGIO no dia 15 do corrente da casa da rua do Sr. dos Passos n. 177.

um moleque de nome Jorgo, nação Angóla, de 11 a 12 annos, com os signaes seguintes, côr fulla, beiços grossos, olhos grandes, com uma cicatriz no alto da cabeça; levou vestido camiza côr de roza um tanto desbotada, calça de riscado azul e branco bastante suja; roga-se aos Srs. pedestes, ou outra qualquer pessoa que o pegar, levar a dita casa, que será gratificado.

FUGIO no dia 22 de março do corrente anno, da villa de Itagohy, a Joaquim Baptista Torres, um moleque de nome José, nação Quilimane, idade 16 a 18 annos, com os signaes seguintes: baixo, grosso, retinto, sem barba, feio bastante, boca e beiços grandes, tem falta de um dente na frente de cima, no alto da cabeça tem uma cicatriz com falta do cabello, que affecta uma corda sobre o comprido, em um dos hombros, e em um dos joelhos tem varias cicatrizes em forma de estrellas resultado de ventozas sarjadas, e finalmente quando falla gagueija alguma coisa, sobre tudo quando é surprehendido; quem d'elle souber queira participar á seo senhor na dita villa, ou no Rio de Janeiro, na

rua do Rozario n. 84, que será generosamente recompensado.

FUGIO da Restinga da Tyjuca, no dia 25 do corrente, um molecote de nome Clemente, nação Angóla, ou Caxange, alto, pernas um tanto arqueadas, côr retinta, unhas pretas, e com alguns signaes de ventozas no corpo; desconfia-se que passasse para o lado da Praia Grande, e Pertinanga; quem do mesmo souber, ou o levar ao dito lugar, receberá boas alvicaras.

NO dia 20 do corrente, fugio da casa da rua da Misericordia n. 126, um moleque de nome Gaetano, nação Angóla, idade 15 a 16 annos pouco mais ou menos, com uma belide no olho direito, do qual nada vê, e por cima da sobrancelha tem um signal de golpe, rosto redondo, beiços grossos, e é fulla; anda de calça de brim desbotado, e camiza de riscado azul e branco em quadrinhos, já velho.

DA-SE 600 rs. de gratificação a quem apresentar a sec senior na rua do Condo n. 45, ou ao administrador da situação do defunto João Ignacio da Silva, na Tijuca, trez pretos que fugiram juntos no dia 6 do corrente; um de nome Alexandre, nação Quiçama, alto, corpo e pernas delgadas, beiços grossos, dentes claros, faltando-lhe um do

lado direito junto aos queixaes; outro Vicente, da mesma nação, muito largo nos hombros, e reforçado, estatura ordinaria, e dentes muito unidos; e outro Joaquim, nação Camondongo, sendo moleque, pernas delgadas, dedos das mãos compridos, cabellos pouco encarpilhados, e pelle fina; todos tem uma marca que se parece com um B grande sobre o peito direito, e levarão vestido camiza e calça de algodão de Minas.

FUGIO no dia 14 do corrente, um moleque de nome Manuel, nação Congo, idade 14 a 15 annos, tem dois dentes podres da parte de cima, com signaes de castigo de pouco tempo, e levou calça de ganga azul, e camiza de algodão americano; quem o levar a rua nova do Oavidor n. 5, pagar se-lhá o seu trabalho.

FUGIO no dia 16 do novembro corrente, um moleque de nome João, de 12 a 15 annos, levou vestido calça azul clara, esquadrejada de branco, cami-

sa çuja e rota, jaqueta azul de panno ordinario, baixo, e reforçado, rosto redondo, olhos grandes, testa pequena, tem alguns signaes de arranhão na face esquerda, tem o dedo minimo da mão esquerda tolhido, escravo de José Maria de Carvalho, empregado no thesouro nacional; quem o levar á rua da Princesa em Vallongo n. 46, receberá alviças.

FUGIO um moleque de 15 a 14 annos de idade, de nação Angóla, de nome Florentino, levou calça de panno preto, e camiza de algodão branco; roga-se a quem o apprehender, de o entregar na rua dos Pescadores n. 55.

DESAPPARECEO no dia 15 do corrente, um moleque de nome Cezar, de nação moçambique, estatura regular, idade 14 a 15 annos, e meio capenga das pernas; quem d'elle der noticias ou o levar á Praça da Constituição n. 21, receberá alviças.

DA'-SE 100U rs. de gratificação a quem apprehender ou der noticias certas de 2 moleques que foram seduzidos da villa de Iguassú, 1 a 10 de junho, e o outro a 7 de dezembro do corrente, o primeiro chama-se Joaquim, de nação Cabinda, idade 16 annos pouco mais ou menos, é alto, magro, algum tanto barrigudo, tem o rosto comprido, pequeno e muito liso, o labio inferior avermelhado, e anda muito direito; e o outro chama-se Felizardo, de idade 14 annos, muito fulla, parecendo pardo escuro, muito picado de boxigas, tem o rosto redondo, as glandulas inguinaes bastante ingurgetadas principalmente as do lado esquerdo, cicatrizado de bexigas, e ambos tem principio de alfaia-le; quem d'elles souber pôde participar em Iguassú no caso de José Gonçalves Bastos, ou n'esta cidade, a Pedro Gaspar Ferreira Cardozo.

Repro depro u. di' laccpeta vialceta
 qo no bicio u. rca sorlago' on vo pu-
 hede rca' o brenqelew o jcaul q' lna
 hoga-re q' dncw o vcpul' on vos qra'
 co' cpeio qe corbo' o faw calu leqouqa

1843

FUGIO da rua de S. José n. 3, um moleque de nome Pedro, nação Angola, idade 16 annos pouco mais ou menos, levou vestido calça de panno preto e camisa branca; quem d'elle der noticias ou o levar ao numero acima, será gratificado.

FUGIO no domingo 5 do corrente, da praça do Castello n. 16, uma negrinha de nação Benguella, de nome Catharina, com os signaes seguintes: tem um dedo do pé mais pequeno que os outros, as orelhas porfurar, cor preta, cabellos pouco encrespados, levou vestido de riscado azul já usado, e lenço de chita escuro, a qual terá de idade 10 a 12 annos pouco mais ou menos; quem a levar ao numero acima será gratificado.

o levar ao numero acima será gratificado.

FUGIO em 21 do corrente da chacara n. 94 de Andarahy Pequeno, um moleque de nome Elias, nação Angóla, idade 15 annos, rosto redondo, com signaes de bexigas de freco, e algumas feridas provenientes das mesmas: levou vestido roupa de brim muito çija e um avental de cozinheiro, é mui ladino, ha suspeitas de que com o nome mudado foi desencaminhado por alguém, contra quem se protesta desde já haver os jornaes etc; quem do mesmo der noticias na rua do Hospicio n. 24, será recompensado.

FUGIO no dia 24 de janeiro, da rua do Ouvidor n. 92, um moleque de nome Joaquim, nação Guenguella, idade 14 annos, magro, com um signal de ferida no peito do pé direito; quem o levar ao n. acima será recompensado; declara-se que foi visto no dia 12 do corrente na ladeira do Castello.

NO dia 15 do corrente, fugio um moleque de nome Vicente, nação Moçambique, estatura regular, levou vestido calça de riscado azul e camiza de algodao americano, para maior signal tem o dedo polegar da mão direita muito pequeno; consta que anda pela praça do Mercado em bancas de peixe; roga-se aos Srs. capitães de barcos não lhe quem coito, pois protesta-se com todo o rigor da lei a quem lho der; quem o pegar leve-o á rua Larga de S. Joaquim n. 74. n. 42, receberá alviçaras.

DESAPPARECEU no dia 18 do corrente, um moleque de nome José, nação Nagô, com os signaes seguintes: levou vestido camisa de riscado azul, calça de lona, tudo muito sujo; terá de idade 12 a 13 annos, as pernas com um geito para dentro no lugar dos joelhos, é bastante preto, tem signaes de bexigas, olhos grandes, e atrapalha-se no fallar; quem d'elle der noticias na rua dos Ourives n. 160, ou na rua Estreita de S. Joaquim n. 14, receberá alviçaras; assim como se suppõe que fosse seduzido, o que se protesta contra quem o tiver acoitado.

FUGIO no dia 19 do corrente, um moleque de nome Miguel, nação Quilimano, idade 13 a 14 annos, com os signaes seguintes: pescoço curto, orelha esquerda trincada, levou calça de gança azul e camisa de riscado roxo; quem do mesmo der noticia ou leval-o ao bêco do Suspiro n. 10, se gratificará; e tambem se protesta a qual-quer pessoa que o oculte em sua casa.

FUGIO no dia 2 do corrente ás 9 horas da noite, um moleque de nome Antonio, nação Angola, com os signaes seguintes, idade 14 a 16 annos, tem um signal no lado esquerdo da cabeça parecendo uma brexa, e os dois dentes da frente aguçados; levou vestido calça de picote azul, remendada no joelho, e camisa de riscado azul; quem do mesmo der noticias ou o levar ao largo da Lapa n. 11, será recompensado.

NO dia 2 de abril corrente fugio da casa de Sr. Manuel Ribeiro Guimarães, um escravo de nome José, nação Moçambique, fulla, idade 14 a 15 annos, bem fallante, levou vestido calça de riscado e camisa de algodão; julga-se que fora seduzido, e protesta-se contra quem o tiver acoitado com todo o rigor da lei; quem do mesmo souber ou der noticias na rua dos Ourives n. 97, receberá alviças.

FUGIO no dia 8 do corrente, uma negri- nha de idade 11 a 13 annos, de nome Ma- ria, nação Angola, levou vestido de riscado azul; protesta-se contra quem a tiver recolhida, pois está na matricula; quem a apprehender pôde leval-a á rua da Misericordia n. 42, que terá alviças.

NO dia 18 do corrente fugio da casa de seu Sr. Manuel Ribeiro Guimarães, um escravo de nome José, nação Moçambique, fulla, ida- de 14 a 15 annos, bem fallante, levou ves- tido calça de riscado e camisa de algodão; julga-se que fora seduzido, e protesta-se con- tra quem o tiver acoitado com todo o rigor da lei; quem do mesmo souber ou der no- ticias na rua dos Ourives n. 97, receberá alviças.

FUGIO no dia 12 do corrente à noite, um

moleque de nome Antonio, idade 16 a 18 annos, nação Benguella, baixo, reforçado do corpo, ainda moleque, sem barba, retinto, levou vestido camisa de morim fino, calça de algodão azul mesclado, já desbotado, com um remendo no juelho, e outro na coxa, jaqueta de riscadinho roxo, chapéo de pello preto, é bem fallante, fugio indo levar um recado a casa do Sr. Custodio José de Sousa no Atterrado; quem o apprehender e levar á rua da Quitanda n. 85, se lhe dará boas alviças, assim como por este se protesta contra quem o tiver seduzido ou occulto.

FUGIO no dia 22 do corrente, um moleque de nome Ambrosio, nação Benguella, de 16 a 17 annos de idade, meio fulla e de

estatura regular; foi vestido de preto e levou uma pequena trouxa de roupa; quem o apprehender e levar á rua de S. Pedro n. 21, ou á mesma rua, na cidade nova n. 30, será bem gratificado.

NO dia 25 do corrente, fugio da rua Velha de S. Francisco da Praia n. 17, um moleque de nome Antonio, nação Quillimano, idade 13 annos pouco mais ou menos, estatura baixo e muito barrigudo; levou vestido calça e camisa de algodão sujo; quem do mesmo der noticia ou o levar ao numero acima, será bem gratificado.

FOI fugida ou seduzida no dia 3 do corrente ás 11 horas da manhaa, do bécio do Guindaste casa sem n. canto da da Misericordia, uma negrinha de 12 annos, de nação Moçambique, de nome Felicidade, com os seguintes signaes: muito retinta e bonjta, olhos grandes, e no beijo tem signal de furo, levou vestido de chita preta, uma baeta azul e um brinco branco e outro preto; quem apprehender ou a levar a casa acima ou na rua d'Alfandega n. 5, será bem gratificado, protesta-se contra quem a tiver siduzido e acoitado.

150,000 RS. DE GRATIFICAÇÃO.

Desappareceu da rua do Cano n. 31, um moleque de nome João, nação Moçambique, representa ter 12 annos, estatura proporcionada e robusta, tem a marca da nação na testa, e ainda tem alguma sarna; este moleque veio de Pirahy haverá tres mezes, e desconfia-se ter sido seduzido pa a lá; quem o levar ao n. acima, ou à rua do Ouvidor n. 75, receberá 150,000 rs. de gratificação.

FUGIO no dia 24 do corrente ás 8 hora da noite, de casa de seu senhor, um moleque de nome Joao, nação Cabundá, estatura regular, magro, retinto, tem um pequeno signal preto no rosto, e quando se falla com elle nao responde logo; levou calça e camisa de algodão riscado azul: desconfia-se que fôsse seduzido, e protesta-se contra quem lhe der coito por perdas e damnos, e tudo mais que possa prevenir desde a fuga; e quem o pegar ou d'elle der noticias na rua da Praia do Peixe n. 15, receberá alviçasas.

FUGIO no dia 22 do corrente, um moleque de nome Joaquim, nação Cabinda, idade de 14 a 16 annos, tem um dente da frente quebrado, e uma impigem por cima da sobrancelha; quem o apprehender ou d'elle der noticias na Praia da Saude n. 89, será bem gratificado.

FUGIO ou furtarão na noite de 29 de outubro p. p., um moleque de nome Felippe, nação Mocena, de 16 a 17 annos de idade, muito retinto e bem parecido; falla muito brando e macioso, tem um D no peito direito e corôa no alto da cabeça; levou calça e camisa de algodão de Minas, e camisa de baêta azul por cima; quem o apprehender e levar á rua Nova de S. Bento n. 17, será generosamente gratificado; bem como se procederá contra quem o acoitar.

FUGIO no dia 29 de outubro, um molecote de 12 a 14 annos de idade, nação Quilimane, com os signaes seguintes: rosto redondo, meio fulla e bem feito do corpo, o qual tem uma ferida em uma das canellas das pernas, e levou vestido camiza de riscado azul, calça de linho grosso, e jaqueta de panno azul debruada com fita preta, e com um buraco nas costas; quem o apprehender e levar á casa de seu senhor na rua das Viollas n. 86, ou na Pedra do Sal, travessa do bêco de João Ignacio n. 9, receberá 20⁰⁰ rs. de gratificação.

DÁ rua da Guarda Velha n. 28, fugio no dia 30 de outubro, um moleque de nome Gregorio, de idade 10 annos, levou vestido calça e camiza de brim branco com punhos e collarinho asues claros, é fulla e muito vivo; se dará boa gratificação a quem d'elle der noticias.

FUGIO ou furtarão no dia 29 de outubro, um molecote de 12 a 14 annos, de nome Joaquim, nação Quilimane, com os signaes seguintes: rosto redondo, meio fulla e bem feito do corpo, o qual tem uma ferida em uma das canellas das pernas, e levou vestido camiza de riscado azul, calça de linho grosso e jaqueta de panno azul debruada com fita preta, e com um buraco nas costas; quem o apprehender e levar á casa de seu senhor Antonio Pinto Monteiro, na rua das Viollas n. 68, ou na Pedra do Sal, travessa do bêco de João Ignacio n. 9, será generosamente gra-

NO dia 17 do corrente mez de novembro, depois de anoitecer, de appareceu um moleque, que se supõe ser seduzido, de nome Francisco, Mina Nagô, idade 15 a 16 annos, magro bastante por causa de uma molestia que acabava de ter, pelo que ficou apatetado, e que parece novo; levou vestido calça de algodao branco americano fino, camiza de riscado de chita, jaqueta de metim cor de laranja, desbotada e boné de panno; trabalhava de servente de obras; pertence a casa da rua nova do Conde n. 169.

DESAPARECEO da Praça do Mercado, no dia 24 do corrente, um moleque de nome Joaquim, de 16 a 17 annos, de nação Benguella, tem o peito marcado com um triangulo, magro e falla claro, foi vestido com camiza e duas calças de algodao americano; quem d'elle der noticia ou levar á barraca da dita praça n. 64, se gratificará

NO dia 5 de fevereiro do corrente anno, fugio da casa n. 43 da rua do Principe do Cattete, uma negrinha de nação Benguella, idade 12 a 14 annos, de nome Virginia, cara redonda, meia fulla, olhos grandes e avermelhados, vestida com camisa de algodão americano, vestido de riscado azul ainda novo, e um lenço ao pescoço branco com quadros amarellos. Julga-se que está acoitada em alguma casa, por nao saber ainda dizer o nome de seu senhor, pelo que o mesmo protesta contra quem a tiver retida em seu poder, e quem d'ella tiver noticia ou apprehender, dirija-se á mencionada casa, ou á rua da Alfandega n. 34, loja, que será bem recompensado.

DESAPPARECEU no dia 10 do corrente, mandando-se á praia, um moleque de 16 annos, de nome Joao, nação Angola, com officio de pintor, estatura baixa, reforçado, tem uma orelha machucada, e um dedo da mão direita aleijado; levou dois pratos com comida embrulhados em um guardanapo com as letras F. L., e uma garrafa de vinho; foi vestido de calça nova de linhagem grossa, camisa de riscado azul, jaqueta branca, e chapéo de Chili alto; quem d'elle der noticia, ou o levar á travessa de S. Francisco de Paula n. 16, será bem gratificado.

NO dia 18 do corrente, do bôo dos Cachorros n. 48, de casa de Manuel dos Santos, desapareceo um moleque de nome Joao, nação Benguella, idade 14 a 15 annos, levou vestido calça de riscado azul e camisa de algodão americano, de mangas curtas, e tem dois signaes de cicatriz no peito esquerdo; protesta-se contra quem o tiver occulto, assim como se dará alviçaras a quem o levar ou d'elle der noticias.

CINCOENTA MIL REIS DE GRATIFICAÇÃO.

Fugio no dia 20 do corrente, um moleque

de nome Joaquim, nação Benguella, idade 16 a 17 annos, tem um triangulo no peito, e levou vestido calça e camisa de algodão americano, roubou 40000 rs., e ha de andar de trage mudado por ser muito ladino; quem o apprehender ou der noticia certa na Praça do Mercado n. 64, ou na Praça da Constituição n. 22, receberá a gratificação acima.

DA casa da rua d'Alfandega n. 5, desapparecerão no dia 28 do corrente, às 8 horas da noite, dois moleques pequenos, de nomes Paulo e Antonio, «quelle maior algdma cousa do que este, ambos de nação Miã Nagô; forão vestidos com calça e camisa de riscado; o maior de nome Paulo, muito retinto, cara bastante cheia, com signaes da nação nas faces e testa, e a pele muito lisa; o de nome Antonio, mais pequeno, pouco se lhe percebem os signaes da cara, mas tem os de bexigas e bastantes, especialmente no nariz e circumferencia, e tem um riscô pelo peito; roga-se a quem o ach-sse ou forem offerecidos, de os levar ou participar no n. acima, que se dará boa gratificação: ha todadas as probabilidades de que forão seduzidas, e desde já se protesta contra quem os possuir incompetentemente, ou os tiver acoitado.

DESAPPARECEO da rua de S. Pedro n. 19, indo a mostra, um moleque de nome Francisco, nação Nagô, o qual não tem signaes no rosto de sua nação, foi vestido com camisa e calça da algodão transado americano, e suspensorios de algodão, é retinto e muito alegre; quem do mesmo der noticias no n. acima será hum gratificado

FUGIRÃO ou forão furtadas segunda feira 4 do corrente, duas negrinhas de 14 a 15 annos, de nomes Maria e Joaquina, de nação Cabinda, Maria é retinta, boa altura, tem os dentes trepados uns por cima dos outros; e Joaquina é beijuda, olhos grandes e vivos, retinta e boa altura, e ambas forão com vestido de riscado encarnado; protesta se contra

quem as tiver acoitado, e quem os pezar e levar á rua da Alfandega n. 136, se gratificará com 50⁰⁰ rs.

FUGIO da chacara de Andarahy Pequeno n. 94, no dia 16 do corrente, um moleque de nome Bruno, nação Congo, magro, terá de idade 16 annos, levou vestido calça de algodão de inlar e camisa de dito; quem do mesmo der noticia na chacara acima, ou na rua do Hospicio n. 24, será recompensado.

FUGIO no dia 19 do corrente, um moleque de nome Cezar, nação Inhamane, com os signaes na testa, cara descarnada, côr retinta, magro, estatura regular, mãos compridas e pés malleitos, com uma cicatriz bastante visível na perna esquerda: foi vestido de algodão americano; quem o levar á rua nova do Imperador n. 21, será recompensado.

semente gravado.

FUGIO no dia 20 do corrente, um moleque de nome Faustino, de idade pouco mais ou menos 16 annos, estatura e corpo regular, nação Moçambique, tem um signal na testa, e o cabello meio ruivo, empregava-se em cozinha; quem d'elle souber dirija-se à rua do Cotovello n. 10.

FUGIO da rua Bella da Princeza do Catete n. 52, um moleque de nome João, de nação Quillimane, o qual falla hespanhol e portuguez, cheio de corpo, e de idade 14 annos pouco mais ou menos; levou vestido calça preta e camisa de linho grosso;

FUGIO da rua d'Ajuda n. 195, a João da Cruz Alves Romano, no dia 8 do corrente, indo com toboleiro vender polvilho e banha, um moleque de nome Candido, nação Angola, idade 15 a 16 annos pouco mais ou menos, gago, com uma cicatriz no lado do olho esquerdo, curada a pouco tempo, e picado de bechigas; levou vestido jaqueta de ganga azul, camisa de riscado tambem azul e calça de riscadinho roxo; quem o descobrir terá boas alviças.

tiver uso como.

FUGIO na tarde do dia 10 do corrente, um moleque de nome Custodio, nação Benguella, idade 16 annos, que andava no ganho, com os signaes seguintes: uma belide em cada olho, mas mui disfarçadas, vestido com calça de baêta azul e jaqueta azul de algodão transado; quem o levar à rua Fresca de D. Manuel n. 14, loja de fazendas, será bem recompensado.

boas alviças.

DA casa do alto do morro do Nhêco n. 1, fugio no dia 11 de abril, uma escrava de nome Sofia, nação Quillimane, (ella diz ser da Ilha do S. Thomé), idade 16 a 18 annos, bastante retinta, estatura regular e reforçada de corpo, cara comprida e do lado esquerdo tem n'ella um pequeno risco; levou vestido de chita preta, já usado, a saia e o corpinho de outra côr; quem a encontrar e levar à casa acima indicada ou à rua da Candellaria n. 53, receberá boa gratificação.

FUGIO no dia 4 do corrente, um moleque de nome Tito, nação Angola, tem uma grande cicatriz na coxa direita, de queimadura, idade 12 annos, e levou camisa branca e calça de enfiar de riscado escuro; quem o pegar e levar á rua da Quitanda n. 10, será gratificado.

30.000 DE GRATIFICAÇÃO.

Fugio da Praia do Flamengo n. 68, em o dia 6 do corrente, um moleque de nome Joao, nação Cabinda, terá 14 annos, grosso, sem signaes no rosto, olhos grandes, bem feito e muito esperto, tarda algumas vezes a falla, levou calça de setineta sinzenta e camiza de chadrez azul; quem o agarrar e levar ao n. acima, receberá a referida gratificação.

FUGIO no dia 5 do corrente, da rua do Semiterio n. 31, um moleque alfaiate, de nome Simplicio, nação Cabinda, estatura alta, magro, retinto, de feições miudas e beiços grossos; quem o levar ao numero acima será gratificado.

leque de nome Antonio, nação Moçambique, idade cerca de 16 annos, bem parecido, retinto, cabellos muito crespos, dentes çujos, tem as orelhas furadas, e falta de unha no dedo maior do pé direito; levou vestido calça de algodão americano, velha, camisa do mesmo algodão, porém azul transado, e jaqueta de seda escura muito çuja; quem o apprehender ou d'elle der noticia na rua larga de S. Joaquim n. 78, receberá alviçaras.

FUGIO da rua da Misericordia n. 72, um moleque que terá 12 annos, de nome Amaro, o qual gagueijá um pouco quando falla, foi vestido de calça de riscado já desbotado e camiza de algodão americano com mangas curcudas; ia a compras, e suppõe-se que jogou o dinheiro n'essas rodas de casquinhas que fazem os escravos bem á vontade; quem o apprehender receberá boas alviçaras.

FUGIO da rua da Praia do Peixe n. 14 A, um moleque de nome José, nação Caçango, idade 12 a 13 annos, levou calça e camisa de algodão americano, com os signaes seguintes: rosto redondo, gordo e meio cambeta das pernas; quem a levar ao n. acima será bem gratificado.

NO dia 28 do corrente pelas 9 horas da noite, fugio um moleque de nome João Caltumba, de nação Benguella, com 16 annos de idade, mais ou menos; recommenda-se aos Srs. pedrestes de o apprehenderem e levarem á rua Direita n. 99.

NO dia 6 do corrente, de manhã, fugio

andando vendendo leite pelas ruas d'esta cidade, com uma folha de dez garrafas, com funil e medidas de dois e um tostão, e uma de vintem, um moleque de nome Justino, nação Cabinda, de 12 a 14 annos de idade, rosto redondo, beiços grossos e muito vermelhos, cabeça muito grande, pernas arcadas, altura 5 palmos e meio, levou camisa de algodão trançado de mangas curtas, e calça de brim da Russia; quem o pegar e levar a seu senhor na rua Direita, sobrado n. 29, será bem recompensado: assim como se protesta perseguir com todo o rigor das leis contra quem lhe der apoio e occulte.

263. Será bem gratificado.

FUGIO da rua do Ouvidor n. 55, canto da Quitanda, no dia 6 do corrente, um moleque de nome João, nação Cabinda, muito bonita figura, pés grandes, e estatura regular; quem o levar ao n. acima ou der noticias d'elle será mui bem gratificado.

FUGIO no dia 21 do corrente, um moleque de nome Epifanio, idade 11 a 12 annos, com uma cicatriz de quelmadura na cabeça, e com falta de cabellos na mesma por effeito de carregar; levou vestido calça

de riscado azul desbotado, camisa de algodão americano branco com mangas, sem punhos, com abertura embainhada, e com a marca K; quem o levar á rua da Imperatriz n. 133, será gratificado; e desde já se protesta contra quem o tiver acoitado.

DESAPPARECEO no dia 30 de setembro, às 5 horas da tarde, um preto fulla, de nome João, nação Benguella, idade 16 a 17 annos, estatura regular, reforçado de corpo e muito desembaraçado: foi vestido com camisa e calça branca, com um lenço azul amarrado na cintura: levava um samborã com alguma louça dentro: costuma ter nos dedos alguns anéis de cobre, e sabe fallar alguma cousa francez; quem o apprehender e levar à rua do Carmo n. 55, receberá uma boa gratificação.

DESAPPARECEO da Praça do Cattete chacara n. 2; uma preta de nome Carlota, de nação Conga, idade 16 annos pouco mais ou menos, altura regular, bem retinta, rosto redondo, nariz chato, cabellos cortados, levou vestido de chita escuro e lenço ao pescoço azul com cruces amarellas, tem as orelhas furadas de pouco tempo, não tem por ora boa pronuncia, e foi deseneaminhada no dia 26 do corrente pelas 8 horas da noite; quem a levar à casa de seu senhor ou d'ella souber, dando noticias certas, será bem recompensado.

DA praia de Botafogo n. 90, fugio um moleque que terá 14 a 15 annos, tem um signal que parece queimadura na face esquerda, e signaes de ventosas no peito e espadua do mesmo lado, levando vestido camisa e calça de picote azul, e uma jaqueta de panno grosso azul: quem o levar à casa acima declarada, será bem gratificado.

FUGIO no dia 7 do corrente, um negro sua casa.

FUGIO no dia 16 do corrente, uma negrinha de nação Benguella, de nome Florença, idade 13 a 14 annos, fulla, pontas de peito, cabello cortado rente, dentes largos e afastados; levou vestido de riscado azul escuro de lista, e lenço encarnado com uma estampa no meio; quem a apprehender e levar à rua da Alfandega n. 210, será gratificado; protesta-se contra quem a tiver acoidada com todo o rigor da lei.

200U000 RS.**DE GRATIFICAÇÃO, ALEM DAS DESPESAS QUE SE FIZER.**

A quem apprehender ou descobrir um moleque de nome Joaquim, nação Quillmane, e as vezes diz ser Moçambique, de idade 12 a 14 annos pouco mais ou menos, o qual fugio ou roubarão na occasião em que ia fazer compras, no dia 29 de outubro de 1843, com os signaes seguintes: meio fulla, baixo e reforçado, rosto redondo, com os signaes da nação na testa e nariz, mas muito pouco visiveis, e uma cicatriz em uma canella das pernas; é de bonita figura, e falla muito desembaraçado, tendo principio do officio de pedreiro, e foi escravo de Luiz do Souto, mestre pedreiro que acabou as casas do falecido Felipe Nery de Carvalho, e hoje de Antonio Pinto Monteiro, morador na rua das Violas n. 86, ou na Pedra do Sal, travessa do bôco de João Ignacio n. 9, onde se pagará a gratificação acima.

FUGIO da rua de D. Manuel n. 38, um moleque de nome Marcellino, bechigoso, tem seis dedos em cada mão, e levou vestido calça de algodão americano e camisa de baêta, tudo azul; dá-se alviçarás a quem o apprehender.

2000 DE GRATIFICAÇÃO, ALEM DAS DESPESAS QUE SE FIZER.

A quem apprehender ou descobrir um moleque de nome Joaquim, nação Quillmane, e as vezes diz ser Moçambique, de idade 12 a 14 annos pouco mais ou menos, o qual fugio ou roubarão na occasião em que ia fazer compras, no dia 29 de outubro de 1843, com os signaes seguintes: meio fulla, baixo

e reforçado, rosto redondo, com os signaes da nação na testa e nariz, mas muito pouco visivel, e uma cicatriz em uma canella das pernas; é de bonita figura, e falla muito desembaraçado, tendo principio do officio do pedreiro, e foi escravo de Luiz do Souto, mestre pedreiro que acabou as casas do falecido Felipe Nery de Carvalho, e hoje de Antonio Pinto Monteiro, morador na rua das Violas n. 86, ou na Pedra do Sal, travessa do bôco de João Ignacio n. 9, onde se pagará a gratificação acima.

ANDA fugido desde segunda feira 9 do corrente, um moleque de nação Cabinda, de nome Francisco, dando pelo de Xico, baixo, reforçado de corpo, tem as pernas um pouco arqueadas, e é de 16 a 17 annos de idade; tem sido visto pelo caminho velho do Botafogo, praia d'este nome e Brocô; quem o pegar e levar a S. Clemente n. 131, ou à rua da Alfandega n. 24, será recompensado.

FUGIO no dia 2 do corrente, às 7 horas da noite, um moleque de nome José, nação Congo, um tanto magro, com cara affilada para diante, falla um tanto assustado e muito vagaroso, por ser meio pateta, levou vestido camisa de riscado de linho com as listas largas, e mangas curtas de listas mais miudas, e calças do mesmo riscado, irmão das mangas da camisa; desconfla-se ser seduzido ou furtado por nunca ter fugido; quem o levar à rua dos Ourives n. 84, ou der noticias d'elle receberá alviças

o levar a dita casa sera bem gratificado.

FUGIO em meado do mez de abril p. p., do logar do Batatal, districto de Mangaratiba, da casa de Joao Pedro, um moleque de nome Manuel, idade 14 annos, nação Moçambique, côr meio fulla, um tanto cambaio das pernas; desconfla-se ter sido seduzido e levado para serra acima; quem d'elle der noticias ou levar a casa do seu senhor, ou no Saco de Mangaratiba, em casa dos Srs. Mattos e comp., receberá 5000 rs. de gratifi-

ças

50000 RS. DE GRATIFICAÇÃO.

Desappareceu da casa da rua d'Alfandega n. 48, um moleque de 12 a 14 annos, de nome Pedro, estatura regular, dentes limados, fallando bastante mal; levou camisa de riscado desbotado, calça de dito azul e suspensorios velhos

FUGIO no dia 13 do corrente, de S. Domingos de Nietheroy, do lugar denominado Cabaceiro, n. 3, um moleque de nome Antonio, nação Angola, idade 15 annos pouco mais ou menos, baixo, côr fulla, beiços grossos, olhar de porco e mal encarado; levou vestido camisa de riscado encarnado de lista larga e calça de algodao azul, muito velha; tem sarnas nas orelhas e nos braços, e os pés muito bichentos; quem o levar á casa acima, ou n'esta côrte, á rua da Quitanda n. 47, 2.º andar, será bem recompensado.

FUGIO no dia 21 de julho do corrente, um moleque de 16 a 18 annos, de nação Inhambane, tem os signaes de nação pelo nariz, fulla, tem uma esfoladella recente na cara, aopé do olho, quando anda mete os pés um pouco para dentro, e é derriado de um hombro; quem o levar á rua da Misericordia n. 47, será recompensado.

20.º SERÁ GRATIFICADO.

FUGIO no dia 20 do corrente, de noite, da praia do Vallongo n. 43, uma preta de nome Catharina, nação Angola, de 16 a 18 annos, com os signaes seguintes: levou um vestido de chita branco, com saia roxa por cima, e tem somente uma orelha furada; quem a levar ao n. acima será generosamente gratificado.

FUGIO da chacara da rua do Brocô n. 1, um moleque de nome Pedro, idade 12 annos pouco mais ou menos, nação Benguella, porém parece crioulo, porque falla muito bem; levou vestido camisa de algodão americano, já usada, e calça de riscado azul e branco; quem o levar á dita chacara, será gratificado.

FUGIO no dia 7 do corrente, um moleque de nação Angola, de nome Elias, idade 16 annos, reforçado do corpo, rosto redondo, com um lobinho sobre a sobrancelha direita; levou vestido calça e camisa de algodão; quem do mesmo der noticia na rua do Hospicio n. 24, será gratificado.

FUGIO no dia 8 do corrente, uma negri-
nha de nação Angola, de idade 16 a 18 an-
nos, estatura regular, magra, falla como
crioula, beiços grossos, rosto comprido, olhar
carregado, levou vestido de chita arroxado,
com alguns buracos de queimadura, e um
panno de riscado velho, fingndo panno da
Costa, sem brincos nas orelhas, com flos de
missanga no pescoço, costuma a dizer ter-se
perdido, tem usos e costumes da Bahia, por
de lá ter vindo; roga-se aos Srs. pedestres
de a capturarem e a levarem a seu senhor,
na rua do Regente n. 46, que serão gratifi-
cados, e protesta-se com todo o rigor da lei
a quem a tiver acoitada

gratificado.

NA noite de 6 do corrente mez de junho,
fugio um moleque de nome Augusto, na-
ção Angóla, idade 16 a 17 annos pouco mais
ou menos, baixo e reforçado, parece criou-
lo, e é muito retinto, levou vestido calça
de ganga azul encorpada e trançada, jaque-
ta de riscado branco trançado com listas asues,
camisa de algodao americano fino e toda a
a roupa suja, e é official de calceteiro, o
qual pertence a casa n. 169, na rua Nova
do Conde.

FUGIO ao doutor Queiroz da rua do Cano
n. 23, um escravo comprado no dia 17 de
abril, a Manuel Machado Guimarães, na rua
de S. Pedro n. 19, é de nação Mina Nagó,
com muitos lanhos na cara, grandes beiços,
terà 14 annos de idade, bem feito de corpo,
de nome Felicio; foi vestido de calça de algo-
dão trançado, de listas asues, jaqueta tambem
de algodao trançado, azul, já desbotada, e
camisa de algodao americano e chapéo de
palha; quem o levar á dita casa, ou a Santa
Theresa, receberá alviçasas, e como é vindo
da Bahia, póde ser que esteja a bordo de al-
gum barco; quem o acoitar, recebel-o ou se-
duzil-o, póde contar que ha de ser encommo-
dado sem se lhe dar quartel.

FUGIO no dia 8 do corrente, uma negri-
nha de nome Luiza, nação Angola, idade
15 a 16 annos, levou vestido de chita rôxa,
com alguns boracos de quelmadura e um panno
de riscado de chadrez, velho, fingindo da cos-
ta, sem brincos nas orelhas, sómente uns
fios de missanga no pescoço, é alta, magra,
belços grossos, falla como crioula e costuma
a dizer que se perdeu; roga-se aos pedestres
hajão de a capturar que serão gratificados de

seu trabalho, levando a seu senhor na rua
do Regente n. 46, e protesta com todo o ri-
gor da lei contra quem a tiver acoitada em casa.

FUGIO do bôco de João Baptista n. 1,
um moleque por nome Roberto, nação Qui-
limane, com os signaes seguintes: quando fal-
la depressa é gago, e tem as pernas um pou-
co arcadas, ha toda a desconfiança que foi
seduzido, e porisso protesta-se contra quem
o tiver acoitado, e dá-se gratificação a quem
o levar á casa de sua senhora.

DESAPPARECEO no dia 17 do corrente pe-
las 3 horas da tarde, um moleque de na-
ção Caçange, de nome João, levou calças de
riscado de pregas em roda do cox e camiza
de riscado differente, cabello cortado atraz
de alto adiante, olhos grandes, côr retin-
ta e baixo; quem o achar dirija-se á rua da
Valla n. 178, que receberá alviçaras.

FUGIO no dia 22 do corrente, pelas 7 ho-
ras da manhã, um moleque de nome Mar-
tinho, nação Quilimane, idade 15 a 16 an-
nos, cara retinta, olhos grandes e encar-
nicados, reforçado do corpo, pés e mãos po-
quenas, falla um pouco atrapalhado por ter
vindo da roça: levou calça de casimira, de
côr, suja por ser cozinheiro, e camiza de ba-
ta azul quasi nova; quem o levar á rua do
S. José n. 77, receberá alviçaras: e pro-
testa-se contra quem o tiver acoitado.

DESAPPARECEO da casa n. 215 da rua do Hospicio, uma negrinha de 10 annos de idade, com os signaes seguintes: os pés virados para fóra, levando em si um vestido de algodão riscado e camisa de algodão americano, nas orelhas bichinhas lisas, e nas mãos um cesto de compras com uma toalha dentro; quem a tiver recolhida ou d'ella souber, po-

DA rua de José n. 2, ha perto de um mez, fugio uma preta de 14 a 16 annos de idade, de nome Umbelina, com bixos nos pés, e uma costura na perna direita, procedida de uma ferida: suppõe-se estar acoitada em alguma casa de pretos; quem a apprehender e levar á casa acima, receberá alviçaras.

30.000 DE GRATIFICAÇÃO.

Fugio da Praia do Flamengo n. 68, em o dia 6 do corrente, um moleque de nome Joao, nação Cabinda, terá 14 annos, grosso, sem signaes no rosto, olhos grandes, bem feito e muito espeito, tarda algumas vezes a falla, levou calça de setineta sinzenta e camisa de chadrez azul; quem o agarrar e levar ao n. acima, receberá a referida gratificação.

1845

FUGIO no dia 26 do passado, um moleque de nome Joaquim, nação Cabinda, estatura alta, falla bem e passa por crioulo, tem uma ferida na canella da perna direita, levou vestido calça de riscado azul, e camisa de algodão americano; quem achar ou der noticias na rua da Mizericoreia n. 82, será recompensado.

DESAPARECEU no dia 29 do corrente, um moleque Congo, de nome Manuel, com os signaes seguintes: um pouco cambaio das pernas, pés de macaco, bastante feio, sobancelhas grossas, baixo e grosso, tem um buraco na perna, á direita do tornozello, procedido de se tocar quando anda; levou vestido calça de brim branco, e camiza de chita desbotada; protesta-se contra quem lhe der coito, e quem o apprehender pôde levar á rua de S. Pedro da cidade nova n. 88, que receberá boas alviças.

FUGIO no dia 10 do corrente, pelas 8 horas da manhã, da rua da Cadeia n. 93, um moleque de nome Antonio, appellido Con-

go, por ser esta a sua nação, levou vestido calça e camiza de algodão americano, branco e trançado, côr fulla, tem a perna esquerda torta, com uma cicatriz pequena em baixo de um dos olhos, é surdo, falla baixo e um pouco atrapalhado, tendo de idade 16 a 17 annos, e estava trabalhando em fundidor de typos; quem d'elle der noticias ou leval-o ao n. acima, será gratificado.

200.º DE GRATIFICAÇÃO.

NA noite do dia 24 de dezembro p. p., fugio ou foi seduzido da chacara da rua do Pedregulho n. 61 B, um moleque de nação Cabinda, estatura regular, cheio e bem feito de corpo, cara alegre, olhos grandes, muito retinto, terá de idade 18 a 20 annos, tem os dois dentes da frente de cima muito separados por estarem limados, foi vestido de calça de algodão riscado miudo, azul claro, e camisa da mesma fazenda, de listas largas de azul escuro: acode pelo nome de Jorge, e falla pouco portuguez. Da mesma chacara tambem foi seduzida na noite do dia 24 do corrente, uma moleca da mesma nação, de nome Leonor, terá de idade 16 a 18 annos, de altura regular, magrinha de corpo e bem feita, muito retinta, tem os dentes da frente de cima limados, feitio de arco, e as gengivas muito pretas; ainda se conhecem alguns signaes de sarnas no corpo, e sobretudo no pescoço e braços; foi vestida de vestido de chita desbotado, sendo a saia de uma côr e o corpinho de outra, sabe bem dizer o nome do seu senhor, que protesta perseguir com todo o rigor das leis a quem os tenha acoltados, e offerece a gratificação acima a quem d'elles der noticia certa ou levar á dita chacara, ou á rua nova do Conde n. 50.

n. acima será gratificado

DESAPPARECEO no dia 25 do corrente, às 6 horas da tarde, do largo de Moura onde trabalhava de servente, um moleque de nome Miguel, vestido com camisa e calça de algodão americano, com chapéu de palha tendo a copa pintada de verde, bonito, tem as pernas um pouco arcadas, alguns signaes de feridas nas mesmas, nariz chato, idade 14 a 15 annos, tem presentemente uma ingoa na verilha direita, e está um pouco inflamada, foi trabalhador na roça e porisso sabe pouco da cidade e é bastante acanhado: consta que foi visto já com outra calça branca por cima da azul que levou, acompanhando a um individuo bem conhecido do annunciante, e porisso suspeita-se que foi seduzido; quem o levar á rua da Misericordia n. 92, será bem gratificado.

GRATIFICADO

FUGIO no dia 4 do corrente, ás 10 1/2 horas da manhã, da casa da rua do Cemiterio n. 32, um moleque de nome José, nação Caçange, idade 15 annos pouco mais ou menos, com os signaes seguintes: baixo, grosso, pés compridos, nariz chato, olhos pequenos, muito ladino e astuciozo; levou vestido camisa de algodão de Minas, calça de brim da Russia rota nos joelhos, tem sido visto nos logares de embarque querendo embarcar em canôas para ir a bordo de algum navio pedir logar, do que tem bastante pratica, e sabe governar por ter navegado para Pernambuco, Rio Grande e Porto Alegre, tambem andou em bote e canôas do ganho,

porisso quasi todos os pretos d'este trafico o conhecem pelo nome de José Catraio; quem o apprehender e levar ao n. acima receberá alviçaras.

FUGIO um moleque de nome Jezuino, nação Cabinda, magro, orelhas abertas, levou calça e camisa de riscado azul grosso, mas de differente padrão; quem o levar á rua Formosa n. 83, ou das Violas n. 73, receberá boas alviçaras.

FUGIO da rua Direita n. 80, um moleque de nome Jacintho, de 13 a 14 annos, nação Moçambique, não tem signaes de nação, é reforçado do corpo, de côr bastante preta, sem ser retinto, tem os pés mal feitos; levou vestido calça de brim transado, já velha e bastante suja, e camisa de algodão transado branco, também suja, e tinha o cabello crescido; quem o apprehender e levar à casa acima será gratificado.

FUGIO no dia 4 de abril, nm moleque de nome Antonio, nação Angola, com os signaes seguintes: tem falta de cabello na cabeça do lado esquerdo, os dentes da frente abertos, terá 16 a 18 annos, é meio corcovado por ser alfaiate, levou vestido calça de algodão riscado, remendadas no acento, e camisa de lagodão americano; quem do mesmo der noticia no largo da Lapa n. 11, será recompensado.

FUGIO no mez de março do corrente anno, um molecote de nome Francisco, baixo, corpo regular, com barba debaixo do queixo e buça, costuma andar pelo Cattete e praia do Flamengo, tem atado na testa um lenço preto por causa de um signal, e quando anda bate uma coxa na outra, levou vestida calça de casemira escura, jaqueta de panno, às vezes traz lenço preto ao pescoço, e boné de marujo, de baêta preta; quem o apprehender dirija-se à rua das Mangueiras n. 28.

FUGIO no dia 24 de abril p. p., um moleque de nação Angola, de nome Manuel, de idade 16 a 18 annos, levando vestido camisa e calça de brim, o qual apesar de ter principios de alfaiate, occupava-se actualmente em vender café torrado; quem d'elle der noticias ou o levar ao Campo de Santa Anna, sobrado n. 107, receberá alviçaras.

FUGIO na madrugada do dia 13 do corrente, um moleque de nome Felipe, de nação Rebollo, levou calça de picote azul e camisa de algodão americano, vestido, e levou uma coberta de lã escura com uma calça branca e camisa suja, em uma trouxa e chapéo de pello preto; quem o levar à Praça da Constituição n. 85, ou à rua de S. Clemente n. 57, receberá alviçaras.

NO dia 14 de maio de 1845 fugiu um co

FUGIO no dia 17 do corrente, da rua das Laranjeiras n. 6, um moleque Cabinda, de nome Joaquim, de estatura baixa, reforçado, com signaes de bexigas no rosto; e pernas um pouco arqueadas; levou vestido calça branca de metim e camisa de riscadinho côr de ganga; quem o levar á casa acima, ou á rua do Sabão n. 51, receberá alviçasas. Foi avistado no fogo artificial de Matta Porcos.

contra quem os tiver relido.

FUGIO no dia 1.º do corrente, um moleque de nome Carlos, de nação Angola, que terá 14 annos de idade, levou calça de cazemira parda, já velha e jaqueta de merinó preto, rosto comprido, nariz chato, pés grandes e mal feitos; quem o apprehender pode levá-lo á rua do Rezende n. 53.

FUGIO no dia 17 do corrente,

FUGIRÃO da Praia dos Mineiros n. 33, dois muleques, um chama-se Antonio Catraio, nação Angola, côr bastante preta, tem um pequeno signal na testa ao pé de um olho e falla bastante de zembaração; o outro chama-se José, Congo, estatura regular, quasi que tem os mesmos signaes do primeiro, menos o do olho; quem dos mesmos souber e participar ou levar á casa do n. acima, se gratificará, se o exigir.

FUGIO da rua da Prainha n. 8, no dia 12 de setembro, uma negrinha que se desconfia ter sido seduzida, e protesta-se contra qualquer pessoa que a tiver acoitada em casa; tem a mesma os signaes seguintes: idade 13 a 14 annos, estatura baixa e reforçada, chama-se Justina nação Cabos Correntes, levou vestido de riscado azul já sujo, um samburá e saço de riscado pequeno, um par de bixas de ouro nas orelhas, tendo a mesma no centro do peito um signal á simelhança de verruga; roga se a qualquer pessoa que da mesma tiver noticia de participar no n. acima, ou na rua Direita n. 30, que será bem gratificado.

FUGIO da Restinga da Tijuca um molecote Angola, de nome Clemente, retinto, com C no peito direito; foi visto em Camorim; aprompta cangalhas, e arretos; fugiu mais um africano molecote de nome Salomão, alto, delgado, retinto e cara pequena; dão-se alviçasas na rua das Violas n. 132

ou a elle der exactas noticias.

FUGIO no dia 8 de outubro corrente, um moleque de idade 14 a 15 annos, de nome Paulo, de nação, com os signaes seguintes: cara redonda, beiços grossos, olhos pequenos, mal feito de corpo, pés grossos com os dedos desiguaes. signaes de feridas nos peitos dos pés, e uma ferida na canella esquerda ainda aberta; levou vestido calça branca de listas bastante suja, e camisa de riscadinho azul desbotada; quem o apprehender e levar á rua do Senhor dos Passos n. 110, será gratificado.

50,000 RS. DE GRATIFICAÇÃO

a quem trazer á rua de Santa Luzia n. 69, uma preta que fugio no dia 6 de setembro d'este anno, de nome Maria, nação Nagô, idade 16 annos, com os signaes seguintes: baixa, magra, fulla, com largos signaes da nação nas bochechas, falla fanhosa e atrapalhada, e tem leves signaes de bexigas no rosto; levou vestido de chita com flores encarnadas, e panno da costa de riscado azul, as orelhas não são furadas, e tem os dedos das mãos e pés compridos; se alguma pessoa a tiver acoitada pôde trazel-a no praso de 8 dias contados d'este, que nada se fará contra quem a trazer, e findo o praso se protesta contra qualquer pessoa que a tiver seduzida ou acoitada.

30,000 RS. DE GRATIFICAÇÃO

a quem levar á villa de Pirahy, a Theotônio José Ferreira da Silva, um moleque de nome Matheus, nação Congo, idade 16 annos pouco mais ou menos, altura regular, rosto comprido e carrancudo, testa bastante enrugada, principalmente quando falla com alguém, falla meia atrapalhada e cançada, e tem signaes de bobas nas pernas; levou calça de linhagem e camisa de algodão de Minas, e desconfia-se que foi para as partes da cidade de Angra.

ATENÇÃO

Fugio no dia 14 do corrente, da rua das Violas n. 95, ao doutor Miguel Eugenio Nogueira, um moleque de nome Fortunato, Inhambane, de 12 a 14 annos de idade, algum tanto fulla, de beiços avermelhados, e tendo um signal de brexa logo em cima da cabeça: levou camiza de riscado azul e calça de brim trançado bastante encorpado, presume-se ter-se perdido, por ser pouco traquejado na cidade; roga-se á quem o tiver achado, ou recolhido e quizer entregal-o, dirigir-se á casa acima que se satisfará qualquer despesa, e se gratificará bem.

1846

NO dia 28 do corrente, desapareceu um moleque de nome Guilherme, nação Quilimane, idade 16 a 17 annos, bonita figura, muito retinto, beiços grossos e olhos papudos; foi vestido de calça branca de estopinha, a qual tinha um buraco pequeno na perna esquerda, no lugar do joelho, e camisa de algodão americano já velha; supõe-se ser seduzido; quem d'elle der noticias na rua da Pedreira da Gloria n. 19, receberá alviçasas.

contra quem o tiver acoitado.

FUGIO no dia 2 do corrente, pelas 9 horas da noite, um moleque de nome Joao, nação Moçambique, idade 13 a 14 annos, com alguns signaes de sarnas, levou camisa branca, calça azul ferrete e suspensorios de algodão branco; quem o apprehender e levar á rua do Carmo, loja de calçado n. 2 A, ou n. 5, será gratificado; assim como se protesta contra quem o tiver acoitado.

que sera bem recompensado.

FUGIO no dia 19 do corrente, da rua da Quitanda n. 29, um moleque de nome Domingos, nação Angola, idade 15 a 16 annos, de bonita figura, levando vestido camisa de algodão e calça de brim escuro; protesta-se na fôrma das leis contra quem o tiver acoitado; quem o levar ao numero acima, será bem gratificado.

FUGIO no dia 30 de dezembro, um moleque de nome João, nação Angola, de idade de 14 annos, bastante esperto; e com signaes de bichigas, levou vestido calça de riscadinho e camiza de morim fino; quem o apprehender e levar á rua larga de S. Joaquim n. 12 receberá alvicasas.

20,000 rs

de gratificação a quem apanhar e levar á rua de S. Pedro n. 52, ou da Quitanda n. 132, um moleque de nome Ramiro, de nação Cabinda, o qual fugio do jardim das Laranjeiras, idade 13 a 14 annos, pernas arcadas, rosto comprido, baixo, gordo, olhos grandes, muito retinto dedos da mão muito curtos, dentes claros e beiços roxos, levou camisa e calça de algodão de Minas, sujas de carvão.

FUGIO no dia 15 do corrente, um moleque de nação, de nome Paulo, idade 15 a 16 annos mais ou menos, estatura e cara regulares tem na testa do lado direito um signal de arranhão já sêco; levou calça e camiza de brim já bastante velha, e rota em varios lugares, e um barril meio usado; quem o apprehender e levar á rua da Ajuda n. 61, será bem gratificado: consta que elle anda pelas casas fazendo compras e carregando agua, e as noites pelas vendas a dançar, n'uma venda da Carioca, canto da rua de Santo Antonio, como bem já foi visto: emfim protesta-se desde já contra quem o tiver acoitado com todo o rigor da lei.

FUGIO no dia 2 de novembro de 1845, um moleque de nome João, nação Moçambique, idade 13 a 14 annos, levava camiza branca, calça azul escuro, suspensorios de algodão branco, ainda com alguns signaes de sarna; quem o apprehender e levar á rua do Carmo n. 5, 2.º andar, será generosamente gratificado; assim como se protesta contra quem o tiver acoitado

DESAPARECEU no dia 26 do corrente, pelas 11 horas da manhã, indo buscar agua na Carioca, um moleque de idade 14 a 15 annos, de nome Juvencio, nação Congo, retinto, pés chatos, mãos pequenas, o braço esquerdo mais curto que o direito e ambos encolhidos, e no cotovello direito tem um signal de empigem; levou calça de ganga azul, já usada e camiza de algodão de picote: desconfia-se que esteja acoitado, e por isso se protesta onde fôr encontrado com o rigor da lei: este escravo veio de Macahe ha perto de 2 mezes, remettido pelo Illm.º Sr. Francisco Manuel de Figueiredo; quem o levar á rua do Piolho n. 72, receberá alvicasas.

será gratificado.

NO dia 6 do corrente, fugio da rua do Rozario n. 133, um moleque de nome Antonio, nação Ben-guella, idade 15 annos, espigado, fino do corpo, pouco retinto, cara comprida, olhos vivos e espantados, nariz grosso e ventas largas, pés grandes e varias cicatrizes de castigo nas costas; levou vestido camisa de chita azul de chadrez miúdo e calça de algodão de listas azues, já desmerecidas; quem o agarrar e levar ao n. acima, será bem pago.

DESAPPARECEU da rua dos Ourives n. 33, no dia 23 do corrente à tarde, um moleque de nome Pedro, de 10 a 12 annos de idade, levou calça e camisa de riscado azul bastante fujas, e julga-se que foi seduzido; protesta-se contra quem o tenha acoitado, e a pessoa que o levar ao numero acima, receberá boas alviças.

NO dia 30 do mez passado fugio um moleque de nome Antonio, nação Cabinda; quem d'elle der noticia ou o levar á rua das Flores n. 37 D, receberá gratificação

DESAPPARECEU no dia 19 do corrente, um moleque de nome Francisco, nação Qui-limane, côr fula, baixo e reforçado, sem o beicho de cima, levou calça e camisa de riscado; quem o levar á rua da Imperatriz n. 128, será gratificado.

FUGIO no dia 22 do corrente, um moleque de nação Congo, idade 13 annos, de nome Pedro, foi vestido de calça de algodão riscado azul e camisa de algodão americano nova, tem os signaes seguintes: nas espaduas dois SS, a cabeça rapada somente em circulo e bem retinto, os pés cambaios de bi-hos; roga-se aos Srs. pedestres de o agarrarem e leval-o á rua de S. Lourenço n. 20, que serão gratificados do seu trabalho

FUGIO um moleque no dia 21 de abril de nome Gracianno, magro, retinto, terá 14 annos, olhos grandes, nariz grosso, gago, de nação Muteca, e tem no braço direito feito a ferro a marca — 7 —; quem o levar á rua da Misericordia n. 47, será gratificado.

10000 RS. DE GRATIFICAÇÃO

Fugio da rua de S. Pedro n. 68, cidade nova, um moleque de nome Antonio, Moçambique, baixo, reforçado, tendo uma orelha furada: foi vestido de azul, e andava vendendo fazendas.

100000 RS.

de gratificação a quem levar á rua do Condo da cidade nova n. 77, uma negrinha de nome Maria, nação Mina, idade 16 annos, com os signaes seguintes: baixa, fulla bastante, com largos signaes da nação nas boxexas, alguns de bexigas no rosto, falla fankosa e atrapalhada; está fugida desde 6 de setembro do anno p. p., e consta que ella existe acoitada na Copa Cabana; roga-se a todas as autoridades d'esse logar de fazerem toda a diligencia de a capturar; ella diz que sua senhora a vendeu, o que é falso, e além da gratificação se pagará as despesas que fizerem para a trazerem.

FUGIO no dia 10 do corrente, um moleque de nome Joaquim, nação crioulo, mas elle diz ser Angola, de bonita figura, relinto e reforçado, mostra ter 12 a 14 annos; levou calça escura e camisa branca muito suja, costuma quando foge andar pelas praias a pescar; quem o levar á rua de D. Manuel n. 21, será bem recompensado.

FUGIO no dia 1 de junho, pelas 5 horas e meia da manhã, da rua da Pedreira da Candellaria n. 11, uma negrinha de nação Benguella, de nome Carolina, idade 15 a 16 annos, beiços caídos, orelhas pequenas, e tem na cara sobre do olho direito uma pequena ferida; levou vestido azul já usado e lenço ao pescoço de ramagem em fundo branco; quem a levar á dita casa será bem recompensado.

DESAPPARECEU a João da Cruz Alves Romano, morador na rua da Ajuda n. 195, um moleque de nação Moçambique, idade 9 a 10 annos, falla como crioulo, e levou vestido jaqueta de chita pintada de flores azues, calça de panno azul e camiza de algodão branco; quem o pegar e levar á casa acima, será bem recompensado.

FUGIO da fazenda do Jacaré, situada no districto de S. Gonsalo, (Campo dos Frades), na madrugada do dia 15 do corrente, um moleque de nome Justino, nação Congo, altura 6 a 7 palmos, rosto redondo, beiços grossos e muito vermelhos, pernas arcadas, levou calça de brim escuro e camiza de algodão americano, de mangas curtas, é muito ladino, e levou um argolão no pé direito por ser acostumado a fugir; protesta-se com todo o rigor das leis contra quem lhe der coito, assim como se gratificará muito bem a quem o pegar e levar á rua da Alfandega n. 3.

FUGIO um moleque de nação Cabinda, de idade 8 para 9 annos, tem olhos vivos, e é muito coberto de cabellos, boca grande e beiços grossos, tem os dedos dos pés muito seperados uns dos outros, uma verruga em cima do peito de um d'elles; levou vestido uma camiza e calça de algodão americano com lista azul; quem o apprehender e levar á rua d'Alfandega n. 238, será recompensado.

TENDO desaparecido no dia 23 de maio do corrente, da casa n. 121 do largo da Imperatriz, um moleque de nome Jacintho, nação Cabinda, idade 14 annos, com os signaes exarados no *Jornal do Commercio* de 24 do dito mez, cujo moleque no dia 23 do presente foi encontrado á venda entre outros em uma casa, com o nome de Manuel, vestido com camiza

e calça de picote azul, differente d'aquelle com
que tinha desaparecido, e sendo reconhecido
ser o proprio do annunciante foi como tal con-
duzido por aquelle que o tinha levado á ven-
da, e pelo mesmo que o tinha reconhecido,
e antes de chegar á presença do annunciante,
seu senhor, desapareceu na rua Direita canto
da dos Pescadores; portanto protesta o an-
nunciante contra quem o tiver em sua casa,
e proceder com todo o rigor da lei

NO dia 20 de junho de 1850

FUGIO da rua da Boa Vista, praia da Sau-
de n. 1, no dia 22 do corrente, um mo-
leque de nome Joaquim, nação Cabinda, ida-
de 12 annos, tem a perna direita no joelho
metida para dentro um pouco, levou vestido
camisa de algodão americano azul entrança-
do, calça do mesmo e uma camisa de lã com
varias cores; quem do mesmo der noticias ou
levar o ao numero acima será gratificado.

NO dia 30 de junho á noite, desapare-
ceu da casa n. 6 da rua de S. José, um
moleque de nome Antonio, de 10 annos,
de nação, levou camisa de riscado, queimada
na manga esquerda e calça azul, tem uma
belida no olho esquerdo, e os dois dedos gran-
des dos pés aberto para dentro; quem o le-
var á dita casa, será bem recompensado.

FUGIO no dia 23 do corrente, fugio
da rua Direita n. 29, um moleque de nome
Juliao, nação Benguella, tem o cabello cor-
tado curto, é de 6 1/2 palmos de altura, rosto
um pouco arredondado menos que comprido,
allegre e bonito, muito vivo, falla bem claro
e levou camisa e calça de algodão americano
traçado, sendo aquella de mangas curtas;
quem o pegar e levar á casa acima receberá
1200 rs. de gratificação

AOS SRS. PEDESTRES.

Ha quinze dias para mais que anda fugido
da chacara n. 50, do Areal das Lorangeiras,
um escravo ainda moleque, alto e bem pa-
recido, cabeça grande, de nome João e
nação Rebollo; consta que anda vendendo cha-
péos de palha, e já foi encontrado no lar-
go da Catioca; recommenda-se a sua cap-
tura, e que o levem á casa de seu senhor
na rua Direita n. 95

ANDA fugido desde 24 de novembro, um preto Africano, idade 16 annos, nação Monjollo, alto, magro, pés grandes e cara riscada, vestido de calça e camisa de riscado; quem o apprehender pô-lo levar-o á segunda cancella de S. Christovão n. 23.

1847

FUGIO no dia 30 de setembro do corrente anno, um moleque de nome Manuel, de nação Megumbe, idade 14 annos pouco mais ou menos, muito magro de todo o corpo e cara, com camisa de algodão de Minas e calça do mesmo, muito bem fallante, e costuma a meter-se com os mendigos fazendo-se de pobre; quem o prender e levar á rua do Rozario n. 117, será bem recompensado

FUGIO no 1.º do corrente; da rua do Fogo n. 61, um moleque de nome Antonio, Moçambique, beiço furado, e na orelha esquerda dois furos, baixo, gordo, careca por ter andado com taboleiro de fazendas, cabello cortado de pouco atraz, calcanhares rachados levou calça velha muito apertada, e camisa branca suja; e tambem um pequeno barril de agua, um pouco usado.

FUGIO no dia 18 de setembro, da chacara das Aguas Fereas, de Antonio José Leite Guimarães, uma negrinha de nome Izabel, de 9 annos mais ou menos, muito retinta, com vestido de chita e lenço de seda no pescoço: desconfia-se que esteja acobertada por aquelles logares; recommenda-se aos Srs. pedestres, guardas dos canos, e outros quaesquer que a pegarem, ou saibão positivamente aonde existe, e que possa obter, o entreguem na mesma chacara, ou na rua das Violas n. 30, que receberão 100.000 rs de gratificação

n. 24, será gratificado

FUGIO um moleque de nome Sabino, nação Moçambique, de pouca idade, retinto, com o signal da sua nação na testa, e uma sarna na cabeça: levou vestido camisa de algodão branco, e calça de brim suja de carvão; quem apprehender dirija-se á rua velha de S. Francisco da Praia n. 39, que receberá alviçaras.

FUI seduzida: uma escrava de nome Maria, nação Caçango, de 16 annos de idade, retinta, com um signal preto perto do olho direlto, dentes abertos, e olhos grandes: levou vestido de riscado azul, lenço e avental de chita. Recommenda-se aos Srs. pedestres que apprehenderem ou outra qualquer pessoa de participarem na casa n. 12 da rua dos Signos, que receberão 200⁰⁰ rs. de gratificação.

FUGIO um moleque de nome Thomaz nação Benzuello, idade 15 a 16 annos, rosto redondo, olhos grandes, muito esperto, bastante risonho, e tem um pé algum cousa inchado, pertence a Pedro Cordes, rua do Fogo n. 19, cocheira; desconfia-se que anda por Nictetroy; quem o apprehender e levar ao n. acima será gratificado.

FUGIO na manhã do dia 10 do corrente, um moleque de nome Ventura, de nação Camondongo, terá 14 a 15 annos, espigado de corpo, magro, meio fulla, mete os joelhos para dentro quando anda, vestido de calça e jaqueta de ganga azul, levou um sambará que ia a compras; roga-se aos Srs. pedestres de o apprehender levá-lo á travessa de S. Francisco de Paula n. 10, que será generosamente gratificado; protesta-se contra quem lho der coito.

der coito.

FUGIO no dia 10 do corrente, da casa n. 7 do Campo d'Acclamação, uma negrinha de nação Conga, bastante ladina, idade de 14 a 15 annos, e de nome Rita, levando vestido de babados de chita escura riscada: quem a levar á mencionada casa, ou d'ella der noticias certas será gratificado.

1000 RS. DE GRATIFICAÇÃO,

a quem levar á rua da Valla n. 124, um moleque que fugio no 1.º de outubro. p. p. de nome João, nação Quilimane, idade 16 a 17 annos, estatura regular, bonito de cara: levou vestido calça e camiza de riscado azul, e avental de algodão de enfiar nos braços, tem sobre o peito direlto a marca A R, e por detraz de uma orelha um signal que parece ser de queimadura; quem o levar ao n. acima receberá a gratificação indicada.

DESAPARECÍU da casa de commissão da rua dos Ourivos n. 13, um moleque de 13 a 14 annos, retinto dentes muito claros, grosso de corpo, nunca fugio, nem sabe as ruas d'esta cidade por ter vindo do Maranhão; é escravo de Antonio Raimundo Teixeira Vieira, Bedford, morador na rua Formosa n. 68

FUGIO da rua do Conde n. 43, uma negrinha de

nome Joaquina, nação Benguela, de idade 15 a 16 annos, delgada de corpo um tanto fulla a qual desapareceu na tarde do dia 18 do corrente; quem a apprehender e levar a sua senhora na rua indicada será gratificado.

30,000 DE GRATIFICAÇÃO

a quem levar um moleque á rua dos Latorios n. 66, de nação Angola, de nome Matheus, e tambem responde pelo de Monteiro, de idade 14 a 15 annos, fulla, tem orelha furada, elle é lustrador e tambem empolha cadeiras; e se procederá com todo o rigor da lei contra quem o tiver acollado

FUGIO da rua das Viólas n. 85, um moleque

de nome Joaquim, nação Congo, estatura regular; levou vestido calça de algodão e camisa de linh-grossa; quem o pegar e o levar ao n. anima, será gratificado.

ta se contra quem o tiver acollado; quem o levar á rua da Misericórdia n. 53, receberá alvissaras.

DESAPARECÍO no dia 27 do corrente, de tarde indo buscar remedio á botica, um moleque de nome Osório, nação Cabinda, idade 12 annos pouco mais ou menos, é um tanto fulla, com principio de Luço e suissa, tem as orelhas muito inclinadas para diante, e não falla bem o portuguez; levou vestido calça de algodão tancado azul e com suspensorios brancos, e camisa de riscado escuro com listras encarnadas; desconhe-se que alguem o seduzis-e porque ainda não estava bem pretico nas ruas da cidade, e protes-



DESAPARECIMENTO no dia 30 de junho, e julga-se ser seduzido o moleque de nome Roberto, nação Cabinda Mossund, tendo 10 annos mais ou menos magro, meio fulla; olhos grandes, e espantados, cabello folhado, pés pequenos: levou calça branca de brim e camisa de algodão riscado; quem o levar ao bôco de Bragança n. 32, receberá alviçaras.

FUGIO hontem, ou foi seduzida, uma negrinha de nome Marcellina, nação Benguella, idade 12 annos pouco mais ou menos, altura regular, magra de corpo e rosto, com uma pequena porção de cabellos brancos de um lado da cabeça, levou vestido de algodão riscado de azul: protesta-se contra quem a tiver acoitada: e roga-se a

quem a apprehender o favor de lev-la á rua dos Latoeiros n. 87, que será gratificado

SEJA DEUS PROTECTOR.

40^{rs} DE GRATIFICAÇÃO.

Fugio no dia 7 do corrente, do bôco dos Cachorros n. 4, um moleque de nome Gaspar, nação Mondongo, idade de 14 a 15 annos, estatura regular, fino de corpo, com signaes de bexigas no rosto, bem parecido e falla bem: levou vestido japona de baetao muito larga, calça de algodão azul, tambem larga e comprida, amarrada na cintura, e camisa de morim fino; quem o levar ao n. acima receberá 40^{rs} de gratificação.

100^{rs} de gratificação.

Fugio no dia 22 de junho do corrente anno, um moleque de nome Joaquim, nação Congo, idade 15 a 16 annos: fulla: levou vestido calça de algodão de Minas e camisa de linho grosso; protesta-se contra quem o tiver acoitada, e roga-se a quem o apprehender de lev-lo á rua das Violas n. 85, que receberá a gratificação acima.

FUGIO na manhã do domingo 24 do corrente, um moleque pedreiro, de nome Francisco, nação Cabinda; levou vestido calça de algodão de Minas, camisa do morim e jaqueta de algodão trançado cor azul; quem o apprehender e levar á rua do Hospício n. 24, será bem gratificado.



DESCONHEVEU SE do Campo de Santa Anna n. 20, em 25 do corrente um moleque de nome Soldão, nação Entre Rios; levou vestido camisa e calça de riscado americano, muito retinto, ao fallar parece estremecer, altura regular em relação a 15 ou 16 annos; quem o apprehender ou indicar onde se acha será gratificado.

FUGIO da rua de S. Clemente n. 78 uma preta de nome Augusta, nação Mina, de idade 14 a 15 annos, altura regular, tem os signaes seguintes: fallas um pouco espalhadas, tem tres riscas em cada face da cara, signal da nação poucos vivos; levou vestido de picote, camisa de algodão branco e lenço de chadrez desbotado; desconfia se que esteja por aquellos logares vizinhos, porque elle não sabe as ruas da cidade; quem a levar ao n. acima, ou ao bôo de BragANÇA n. 6 será bem gratificado.

FUGIO no dia 12 do corrente, da travessa de S. Domingos n. 4, um moleque de nome Miguel, nação Benguella estatura alta, magro, levou vestido calça de brim branco lavrado, camisa cor de roza emendada com mais retalhos da mesma cor, tem de um lado um signal de chicotada, sobre a testa outro signal tambem de chicotada ao pé do olho direito e falla muito bem; roga-se aos Srs. capitães de barcos e mestres de obras de não darem passagem nem coito, e aos Srs. porteiros a captura d'elle, e o levarem á rua do Sacramento n. 11, loja, que receberão a gratificação de 20\$ rs, e se pagará as despezas que fizer, assim como se protesta com todo o rigor da lei contra quem o acobitar.

FUGIO no dia 11 do corrente, um moleque Africano, de nome Marianno nação Nibambo, idade 12 annos, baixo, reforçado, e côr retinto; esteve trabalhando como aprendiz de calceiteiro na rua dos Barbons, e ultimamente na ladeira da Gloria, o'nde fugio; levou vestido camisa de riscadinho azul, calça de panno preto e palitô côr d'cinza; quem o apprehender e levar ao quartel de permanentes será gratificado; e protesta-se contra quem o tiver acobardado.



DA rua da Misericordia n. 42, fugio no dia 16 do corrente, um moleque de nome Manuel Pequeno, de idade 16 annos pouco mais ou menos, de nação Angola, tem as pernas tortas; levou vestido calça e camisa de picote azul; quem d'elle der noticias ou o levar á casa acima, será bem gratificado

FUGIO uma crioula de nome Angelica, idade 14 annos, magra, fulta, olhos grandes e muito vivos, e levou vestido de quarto azul; quem a levar á rua do Hospicio n. 134, receberá boa paga. Adverte-se que ella tem fugido outras vezes e costuma acoutar-se pelo Arco do Telles e em outras casas que desgraçadamente existem n'esta côrte, a que intitulaõ zun. á.

FUGIO no dia 30 de setembro do corrente anno, um moleque de nome Manuel, de nação Megumbe, idade 14 annos pouco mais ou menos, muito magro de todo o corpo e cara, com camisa de algodão de Minas e calça do mesmo, muito bem fallante, e costuma a meter-se com os mendigos fazendo se de pobre; quem o prender e levar á rua do Rozario n. 117, será bem recompensado

FUGIO no dia 28 de novembro, um moleque charuteiro de nome Benedicto, idade 12 annos, baixo, pernas um pouco arcadas, olhos grandes e de fraca figura; quem o levar á rua do Principe n. 166, será gratificado.

DESAPARECRO no dia 29 de novembro, ás 9 1/2 horas da noite, um moleque de nome Custodio, nação Cabinda, com os signaes seguintes: barriga grande, vacinado segunda vez de novo e acanhado no fallar; levou vestido calça de riscado curta e camisa de algodão; desconfia se que se guisse para Batafogo, e desde já se protesta contra quem o tiver acobardado; quem o levar a seu senhor na rua d'Ajuda n. 2, será bem gratificado.

DESAPARECEU da casa de commissão da rua dos Ourivos n. 13, um moleque de 13 a 14 annos, retido dentes muito claros, grosso de corpo, nunca fugio, nem sabe as ruas d'esta cidade por ter vindo do Maranhão; é escravo de Antonio Raimundo Teixeira Vieira, Bedford, morador na rua Formosa n. 68

1948



DESAPARECEU na tarde de 12 do corrente, da casa de F. Southworth, rua do Rosario n. 79, um moleque de nome Antonio, de nação Benguella, idade 12 a 14 annos, baixo e reforçado, levou vestido calça e camiza sómente. Suppõe-se que foi furtado ou seduzido: dá-se 20 R rs. de gratificação a quem o levar ao n. acima.

FUGIO do largo do Machado n. 2, um moleque de nome Irineo, de idade 12 a 14 annos, é bastante feio, tem o rosto comprido, beijos grandes, olhos regulares, magro, e tem uma das pernas com o joelho um pouco molido para dentro, levou calça de picote azul e camiza de algodão fino de Minas.



FUGIO na noite 17 do corrente, das 9 1/2 às 10 horas, um moleque pequeno, com calça de riscado de chadrez, camiza de riscadinho azul e jaqueta de riscado, e com um signal no corpo; não sabe dizer a morada de seu senhor nem tão pouco as ruas d'esta cidade; por isso a pessoa que o encontrar queira dirigir se à rua Direita n. 67, que será bem gratificado

NA madrugada do dia 22 do corrente, fugirão da chacara n. 83 caminho de S. Christovão, dois moleques de nação Cassange, de nomes Joaquim e Justino, ambos de altura seis palmos pouco mais ou menos, aquelle rosto redondo e alegre, e olhos vivos, e este rosto igualmente redondo, olhos grandes e beijos grandes e vermelhos, forão ambos com calças de algodão riscado escuro e camiza de algodão de mangas curtas, levando o Justino um argolão de ferro na perna direita por ser accustomedo a fugir; quem os pegar e levar á mesma chacara ou á rua da Alfandega n. 3, será gratificado; assim como se protesta contra quem os tiver acuitados com todo o rigor da lei.

DESAPARECERÃO ou forão desencaminhadas, no dia 24 de janeiro, tres pretas de nação, da chacara da rua das Laranjeiras n. 49; uma de nome Christina, de 12 a 14 annos, côr fulla, dentes limados, bem parecida, e baixa, levou vestido de chita amarella; as outras duas mais altas, de 15 a 16 annos, de nome Rachel, côr mui retinta, dentes muito claros e iguaes, olhos grandes, semblante alegre; a outra de nome Honoria, côr preta, dentes limados, semblante carregado, ambas com vestido de riscado escuro; quem d'ellas der noticias, ou levá-las á casa acima receberá 200\$ rs. de gratificação.

FUGIO de Niteroy, no dia 11 da corrente, um molço de nome Cassiano que terá 14 annos de idade, e levou vestido e lç. de gongo azul e camisa de algodão americano com mangas curtas, na cor Cinza; no braço direito se vê a marca de um olho direito do corpo, bonito, e os olhos e bellas vermellas na frente. Dele sabe-se que se fugiu do no dia 13 a noite por um p. d. tre e no dia 11 f. i. e. r. que a um irmão de sentença e não se mesm. de. as 8 horas da noite foi no a fugir pelos muros que h. tao para a rua de S. A. Theres.; quem o prender ou achar pôte entreg. ou no L. O. do Imperio n. 12, ou no log. de M. u. a. na casa do commandante de artilheria.

FUGIO na noite de 26 para 27 de fevereiro p. p., doengenho Velho, uma negrinha de nação, do nome Emilia, que terá 14 para 15 annos de idade, é alta, magra, e bem retinta; levou vestido um roupão côr de cinza com listras róxas, já usado, saia e camisa de morim branco, e uma trouxa com um par de sapatos de couro rôxo, uma saia de morim novo, e um pente grande, branco, tem no peito direito um — 5 — marca de ferro. Pr. o. sta. se com o rigor da lei contra quem a tiver acollida; quem da mesma der noticia ou levá-la aoengenho Velho, rua de S. Francisco Xavier n. 13, receberá muito boas alviçaras.

FUGIO doengenho Velho, na manhã de 3 do corrente, uma negrinha de nome Blanca, baixa, gorda, com o peito e barriga um tanto salientes, é de nação Binguella, e tem no peito direito marca de ferro um signal de salamão ou estrella, levou vestido camisa e saia branca de algodão; quem a levar noengenho Velho, rua de S. Francisco Xavier n. 13, será mul. bem recompensado.

FUGIO do Engenho Velho, no dia 20 de fevereiro p. p., ás 8 da tarde, uma negrinha, de nome Branca, baixa, gorda, com o peito e barriga bastante salientes, tem no peito direito uma estrella de marca de ferro; levou vestido de riscado francez encarnado, camisa e saia de algodão trançado branco. Protesta-se com todo o rigor da lei contra quem a tiver acoitada. Quem da mesma der noticias ou levar a ao Engenho Velho, rua de S. Francisco Xavier n. 13 ou á rua d'Alfandega n. 59, será mui bem recompensado.

FUGIO no dia 6 do corrente, um moleque de nome Domingos, nação Cabinda, estatura regular, com signaes de bexigas no rosto que pouco se divulção, mete os dedos grandes dos pés alguma couza para dentro, o que se conhece reparando bem; levou vestido calça e camisa de picote de algodão riscado, bastante sujas, foi com um taboleiro com que foi buscar velas no canto da rua do hospicio de Piedo Segundo, e de volta ao chegar á ponte da barca no Botafogo deu-se por falta d'elle: o taboleiro tem na cabeça o letreiro em lóma oval — J. J. Cordeiro. Rua do Fogo n. 50. — Quem o levar á dita casa receberá 2000 rs. de gratificação.

ROGA-SK aos Srs. pedestres que fação toda a diligencia para prender um moleque de nome João, nação Benguela, idade 16 annos, pernas fiavelas, alguma coisa barrigudo e sizudo, não é muito retinto, nem se expressa bem na falla: a qual é fina; levou camisa de algodão azul e calça usada, de riscadinho tambem azul, e um cinto de couro, julga se que foi seluzido, e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoitado. Falta desde o dia 31 do passado, e é da rua do Livramento n. 1, onde quem o levar receberá boas alviçasas.

FUGIO no dia 3 do corrente, da rua do Arco do Telles n. 18, uma preta de nome Maria, nação Cabinda, idade 16 annos, e na mão esquerda tem um lombinho com uma pinta branca; quem a apprehender e levar á rua n. acima, ou á rua do Rozario n. 15 B, será gratificado

NO dia 31 de março do corrente anno, fugio da rua do Sabão n. 16, sobrado, esquina da travessa da Candellaria, um moleque de nome Caciann, de nação Cabinda, idade 13 a 14 annos, delgado de corpo, bonito de cara, muito esperto, levou vestido jaqueta de chita encarnada, calça branca e camisa de morim; foi comprado no mesmo mez á Sra D Alexandrina Carlota Pereira do Lago, moradora em Nictheroy, largo de Santo Alexandre n 70; quem o apprehender queira fazer o favor de o levar á rua do Rozario n 100, que é onde mora o senhor do dito moleque, o que se gratificará generosamente; e protesta-se contra quem o tiver acoitado.

FUGIO no dia 2 de maio, uma negrinha de nome Maria, de nação Conga, idade 12 a 14 annos, levou vestido branco, sujo, avental pardo, lenço no pescoço de riscado, tem um dente de menos na frente; desconfia se que esteja acoitada em alguma parte e protesta se contra quem a liver, e quem a levar á rua do Sabão n. 269, será bem gratificado.

FUGIO no dia 2 do corrente, um moleque de nação Inhambano, levou vestido uma calça de casimira cinzenta muito suja e camisa branca de algodão; terá 16 annos, quando falla gagueja muito, é muito vivo, tem o rosto meio inclinado para o lado, e marcas por todo o nariz até á testa, quem o apprehender e der noticia d'elle na rua do Propozito casa sem numero, com portão e grades de ferro na frente, será gratificado.

NO dia 7 do corrente, fugio da rua de S. Francisco Xavier n 12, no Engenho Velho, uma preta de nome B lisa, nação Mina Nazô, terá 15 a 16 annos de idade, anda vendendo quinquilharias em um tableiro pintado de branco, já sujo; levou vestido de plote riscado azul e um lenço tambem azul, quem a levar ao n acima será recompensado.

GRATIFICA SE generosamente a quem levar em casa de seu senhor no Ló: da Torre n. 5, uma preta que desapareceu no dia 24 do corrente, de idade 13 annos pouco mais ou menos, nação Moçambique, com pequenos signaes da mesma nação, e tem a testa rapada de novo, levou vestido de riscado azul e branco transado; levando consigo uma menina branca, de 3 annos de idade, tem a menina uma belida no olho esquerdo, e foi vestida com uma camisola de riscado encarnado e branco com flores miudas.

3040 RS. DE GRATIFICAÇÃO.

Fugio no dia 22 do corrente, da praia dos Mineiros n. 45, um moleque de nome Luiz, nação Quilimane, idade 14 a 15 annos, altura regular, alguma cousa falla, magro, olhos grandes; levou vestido calça de linho velha e camiza de algodão americano, que está alguma cousa suja da cozinha, e falla muito atrapalhado que pouco se entende; quem o levar ao numero acima ou der parte na mesma casa, receberá a gratificação acima.

3041 RS. DE GRATIFICAÇÃO.

FUGIO no dia 2 corrente, um moleque de nome João que dá pelo nome de Manuel João, de nação Moçambique, estatura regular, de 14 a 15 annos de idade, com o competente signal da sua nação na testa, dentes da frente limados, pés grandes; quem do mesmo souber dirija se ao largo da Lapa n. 66, que se á gratificado.
casa acima será gratificado.

FUGIO na manhã do dia 4 do corrente, um moleque de nome Pociório, de nação Cabinda, idade pouco mais ou menos 16 annos, e na orelha da parte de cima falta-lhe um pedacinho; quem o apprehender e levar á rua dos Invallidos n. 90 ou na rua do Rozario n. 15 B, receberá alvi caras.

3042 RS. DE GRATIFICAÇÃO.
FUGIO no dia 8 do corrente, vindo de S. Clemente para a cidade vender quitanda, um preto de nome Sibino, nação Cabinda, baixo e grosso, levou vestido camiza e calça de algodão de Minas; e um moleque da mesma nação, de nome Sipião, idade 14 a 15 annos, reforçado, levou vestido calça de algodão e camiza de baeta; quem dos mesmos der noticias ou os levar á chacara da Olaria, ou á rua de S. Pedro n. 2 D, será bem gratificado.

2000 RS. DE GRATIFICAÇÃO.

Desencaminharam-se na noite de 13 do mez proximo passado, das 9 para ás 10 horas da noite, da rua de Bemfica casa n. 4, dois moleques de nação Congo, fallão bastante atrapalhados, com os dentes limados no centro. levarão vestidos calças e camizas de riscado de algodão trançado e cobertores tambem de algodão, um terá 16 annos, e o outro 18 aquelle chama-se Augusto, mais pequeno e mais esperto; e este chama-se Belizario, mais alto e mais sarnoso; dá-se a gratificação acima a quem levá-los ao n. acim ou der exactas noticias na rua do Hospicio n. 241

DESAPARECER U um moleque no dia 13 do corrente, de nação Beaguella, terá de idade pouco mais ou menos de 13 a 14 annos, com os signaes seguintes: calça preta de lã e camiza de morim branco, cara redonda, e tem um signal no peito; quem o levar á rua nova de S. Francisco da Prainha n. 43 B, em casa do Sr. Joaquim do Principe e Silva, será bem recompensado.

FUGIU em 2 do corrente, um moleque de 16 annos, de nome Jorge, nação Congo, vestido de calça preta e camiza de riscado; quem o levar á rua nova do Principe defronte da subida para o Matto Grosso será gratificado

NO dia 28 de novembro, pelas 4 horas da tarde, desapareceu da rua das Mangueiras, um moleque de nome Frederico, de nação Moçambique, idade 13 annos pouco mais ou menos, rosto e cabeça comprida, com um meio circulo bem visivel na testa, corpo delgado, e um pouco barrigudo, muito delligente, levou camiza de algodão americano e calça de riscado azul; quem o levar ou der noticias certas será generosamente gratificado.

FUGIU no noite de 27 do passado, um moleque

AOS SRS. PEDESTRES.

Desappareceu na tarde de 7 do corrente, um moleque de nome Thomaz, nação Moange, idade 15 a 16 annos, tem um pequeno signal de queimadura antiga em uma das maçãs do rosto, levou vestido calça e camiza de riscadinho azul e uma caixa de folha quadrada contendo alguma louça branca etc. Gratifica-se bem a quem o levar á casa de seu senhor na rua de S. Diogo n. 6.

1849

de para avarias.

FUGIO no dia 5 de janeiro, pelas 5 horas da manhã, da rua nova do Conde n. 202, e julga-se ser seduzido, a mucama recolhida de nome Marcelina, idade 16 annos, estatura regular, magra, bonita de cara, tem um signal de quebradura na testa e na cabeça um molho de cabellos brancos, de nação Benguella: levou vestido de chita azul com pingos brancos e amarellos; juntamente sua caixa e um embrulho com roupa molhada, cabellos cortados atraz, e adiante meio crescidos; quem a achar leve á rua acima que se gratificará; e protesta-se contra quem a tiver acoitada.

FUGIO no dia 12 do corrente, pelas 9 horas da noite, do Hospicio de Pedro 2.º, uma negrinha de nação, de nome Izabel, idade 14 annos pouco mais ou menos, com peitos, bonita de cara e um pouco falla, levou vestido de chita com ramos encarnados e roupão de baeta azul, julga-se ter sido seduzida, falla pouco portuguez; quem der noticia da mesma no dito Hospicio, será gratificado.

FUGIO no dia 18 do corrente, da rua da Quitanda n. 113, um moleque de nação Cabinda, de nome Jorge, idade 12 annos: ha já alguns esclarecimentos onde se acha acoitado, no entanto está se procedendo ás exactas averiguações para se proceder com todo o rigor da lei contra quem o desencaminhou.

FUGIO no dia 12 do corrente, ás 9 horas da noite, um moleque de nome Jorge, nação Monjollo, official de colchoeiro, idade 14 a 16 annos, altura regular, rosto comprido, orelhas e boca grandes, beiços grossos, tem signaes de ter tido bichos nos pés, falla um tanto atrapalhado, anda muito depressa e desembaraçado; levou vestido calça de riscado de colção e camiza de dito desbotado; quem o levar a seu senhor na rua d'Alfandega n. 56, receberá 20\$ rs. de gratificação.

FUGIO o moleque de nome Germano, de nação Caçange, baixote, reforçado, e refinto, terá 16 annos, levou calça e camiza de algodão de Minas, e tem sido visto nas proximidades da chacara do Sr. João Joaquim de Castro, nos Canos da Carioca; quem o levar a seu senhor no cães da Gloria n. 90, será bem recompensado.

AOS SRS. PEDESTRES.

Fugio sabbado, 29 do corrente, pelas 4 horas da tarde, um moleque nação Inhambane, hexigozo, alto e franzino de corpo, de nome Ignacio; quem o levar á rua Direita n. 44, será bem gratificado.

FUGIO um moleque da rua do Rozario n. 114, de nome Caetano, idade 15 annos, de nação, levou vestido calça de algodão azul e camiza de algodão americano; quem o levar ao n. acima será gratificado.

AVISO AOS SRS. PEDESTRES.

FUGIO no dia 7 do corrente, da rua do Lavradio n. 88, um moleque de nome Victorino, nação Congo, alto, magro, todo desdentado em cima, com um nó na frente do pescoço bastante sahido para fóra, com a nuca tosquiada, fingindo cabelleira: levou calça azul e camiza de algodão americano bastante suja, consta por varias pessoas que tem visto pela cidade com uma capoeira vendendo eriação, e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoltado; quem o trouxer no numero acima se lhe promette dar boa gratificação.

AOS SRS. PEDESTRES.

Fugio sabbado, 29 do corrente, pelas 4 horas da tarde, um moleque nação Inhambane, hexigozo, alto e franzino de corpo, de nome Ignacio; quem o levar á rua Direita n. 44, será bem gratificado.